

# ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE COIMBRA



100

anos de história

Volume II







**ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL  
DE COIMBRA**

**100**  
anos de história

**Volume II**

## **Abreviaturas**

AF	Associação de Futebol
AFC	Associação de Futebol de Coimbra
CM	Câmara Municipal
FPF	Federação Portuguesa de Futebol
f.c.	Falta de comparência
a.p.	Após prolongamento

## **Título**

Associação de Futebol de Coimbra | 100 anos de história – Volume II

## **Edição**

Associação de Futebol de Coimbra

## **Autoria e Investigação**

Prof. Dr. Francisco Pinheiro

Dr. José Calado

## **Capa**

1972 | Vista geral da sala de reuniões da AFC, durante as comemorações dos 50 anos da instituição.

Fonte: Arquivo AFC.

## **Design e Paginação**

João C. Caeiro

## **Agradecimentos**

Arquivo Histórico do Ginásio Clube Figueirense (Sr. Sopas)

Dr. João Pinho (pesquisa fotográfica)

Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Casa Municipal da Cultura de Coimbra

**Depósito Legal:** 522176/23

**ISBN:** 978-989-54246-6-5

## **Impressão e Acabamentos**

Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Outubro de 2023

# ÍNDICE

	<b>Prefácio, Professor Doutor Amílcar Falcão</b> .....	7
	<b>Abertura, Prof. Horácio André Antunes</b> .....	9
	<b>Preâmbulo</b> .....	11
<b>1.</b>	<b>Estruturação – 1951-1960</b> .....	12
	Época 1950-51 .....	16
	Época 1951-52 .....	26
	Época 1952-53 .....	36
	Época 1953-54 .....	46
	Época 1954-55 .....	56
	Época 1955-56 .....	68
	Época 1956-57 .....	78
	Época 1957-58 .....	88
	Época 1958-59 .....	98
	Época 1959-60 .....	108
<b>2.</b>	<b>Diversificação – 1961-1970</b> .....	118
	Época 1960-61 .....	122
	Época 1961-62 .....	132
	Época 1962-63 .....	142
	Época 1963-64 .....	152
	Época 1964-65 .....	162
	Época 1965-66 .....	172
	Época 1966-67 .....	182
	Época 1967-68 .....	192
	Época 1968-69 .....	202
	Época 1969-70 .....	212

	Seleções Nacionais   Internacionais por Coimbra .....	222
<b>3.</b>	<b>Popularização – 1971-1980 .....</b>	<b>224</b>
	Época 1970-71 .....	228
	Época 1971-72 .....	238
	Época 1972-73 .....	248
	Época 1973-74 .....	260
	Época 1974-75 .....	270
	Época 1975-76 .....	282
	Época 1976-77 .....	292
	Época 1977-78 .....	302
	Época 1978-79 .....	312
	Época 1979-80 .....	322
<b>4.</b>	<b>Modernização – 1981-1990 .....</b>	<b>332</b>
	Época 1980-81 .....	336
	Época 1981-82 .....	348
	Época 1982-83 .....	360
	Época 1983-84 .....	372
	Época 1984-85 .....	382
	Época 1985-86 .....	392
	Época 1986-87 .....	402
	Época 1987-88 .....	412
	Época 1988-89 .....	422
	Época 1989-90 .....	434
	<b>Epílogo .....</b>	<b>445</b>
	<b>Bibliografia .....</b>	<b>447</b>

# O efeito educativo do futebol

**A** comemoração de um centenário de existência é um momento sempre marcante para uma instituição. Neste sentido, e só por esta razão, a Associação de Futebol de Coimbra (AFC) já estaria de parabéns. No entanto, 100 anos de existência implicam, inevitavelmente, um percurso trilhado e sujeito às mais variadas vicissitudes contextuais em que a capacidade de resposta às mesmas se constitui como a forja daquilo em que a AFC se transformou e aquilo que hoje representa no panorama regional, mas também local e nacional.

Ao celebrar-se um século pode ser fácil e tentador para as pessoas fazer uma analogia com uma instituição envelhecida, com uma postura retrógrada, que se deixou cristalizar no tempo. No entanto, uma entidade que pulsa desde 1922 até aos nossos dias, só o consegue fazer através de uma constante capacidade de reinvenção e de aproximação às necessidades das comunidades que servem. Esta tem sido, também, a máxima que tem norteado os 733 anos da Universidade de Coimbra e que a tem colocado, de forma crescente, num patamar de elevado reconhecimento internacional. No panorama desportivo nacional, o futebol sempre assumiu, e continua a assumir, uma dominância mediática que faz dele permanente notícia. Se isto tem, em determinadas situações, um efeito perverso, também é verdade que a sua exposição e

mediatismo podem ser fatores catalisadores de um contágio positivo para todos, mas, particularmente, para as gerações mais novas. O efeito educativo que o futebol, enquanto modalidade desportiva, tem, sempre foi apregoado pelas mais elevadas instâncias decisórias ao ponto de, no início do século XXI, mais propriamente em 2004, a União Europeia ter consagrado esse ano como o Ano Europeu da Educação pelo Desporto. Neste conspecto, a AFC tem desempenhado um papel central já que congrega, na sua área de jurisdição, um conjunto de atuações que atravessam os planos organizativo, educativo, competitivo ou de formação técnica de agentes desportivos (treinadores, árbitros, pais).

No cumprimento da sua missão, a AFC tem sabido construir a sua intervenção através da sua relação com a comunidade. Assim, não é difícil entender a proximidade que existe à Universidade de Coimbra, em particular à sua Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Esta relação é muito apreciada pela UC já que é para a comunidade que estamos permanentemente virados. De nada serve a produção de conhecimento se não formos capazes de o colocar ao serviço das pessoas que servimos e que se constituem, simultaneamente, como as pessoas para que existimos.

Ficam os sinceros parabéns da UC à AFC pelo cumprimento do seu primeiro centenário e pela edição desta obra histórica sobre o seu passado.



# Desígnio(s) de um tempo novo

**A** edição do segundo volume (1951-1990) da história da Associação de Futebol de Coimbra reforça as boas expectativas que alimentámos com o lançamento do primeiro volume (1922-1950), enquadrando-se ambos nas Comemorações do Centenário. Estes volumes, a que corresponderá um terceiro e último (1991-2023), eleva-nos a ambição e desafia-nos para novos projetos.

Entre 1951 e 1990, a Associação de Futebol de Coimbra viveu momentos marcantes, por ação dos seus clubes filiados e, também, pelo impulso de entidades públicas e privadas, com relevância para as autarquias, no desenvolvimento do futebol e nos primeiros passos do futsal (então futebol de cinco). As comemorações do nosso Cinquentenário em 1972, a histórica participação do CF União de Coimbra no Campeonato Nacional da I Divisão de 1972-73, as constantes presenças da Associação Académica de Coimbra na I Divisão, as brilhantes prestações do futebol feminino de Coimbra, assim como das seleções distritais de futebol juvenil, a que devemos acrescentar o enorme esforço feito na modernização dos campos de futebol e dos pisos de jogo (que transitaram dos pelados para relvados), bem como as funções de relevo nos Órgãos Sociais da FPF, incluindo a presidência do nosso Lopes da Silva, são alguns dos factos memoráveis incluídos neste volume.

Porém, e porque tudo aquilo a que nos entregamos exige de nós a capacidade de fazer mais e melhor e, principalmente, de cumprir, enquadrámos o projeto comemorativo do Centenário e os dois volumes publicados (e o terceiro em preparação), em alguns dos objetivos desta obra: informar, documentar e fazer refletir. Este último objetivo – refletir – leva-nos à certeza de que nada do que construímos foi obra do acaso; assumimos que o esforço, o planeamento e o sonho ombreiam com a dedicação, o rumo e a ambição na estratégia que defendemos e que continuamos a defender para a afirmação dos clubes filiados, da Associação de Futebol de Coimbra no contexto nacional, o desenvolvimento das modalidades (futebol, futsal e futebol de praia) e, por consequência, o aumento da qualidade de vida na comunidade através da prática desportiva.

Consideramos que a vida só deve ser vivida olhando para a frente, mas é necessário recordar o passado para a compreendermos. Não é um balanço, mero exercício que seria uma perda de tempo, mas antes, com orgulho no caminho percorrido, o alicerçar de futuras conquistas em áreas tão diversas como o apoio aos clubes, número de praticantes, promoção da atividade física, transição digital, ambiente e responsabilidade social, sempre em crescendo.

Servir é, assim, ‘palavra de ordem’ para a AF Coimbra que aprecia títulos e outros resultados

desportivos relevantes, pela mesma medida das solicitações da comunidade em que se insere, constituída por 17 concelhos, num total de 408.551 habitantes (Censos 2021). O processo de consolidação, da evolução, do êxito, da inovação e da solidariedade tem em conta o património histórico-desportivo que une clubes, Associação, entidades públicas e privadas. Estamos determinados nesta missão, como sempre, sem hesitações, sendo o diálogo e a firmeza azimutes de um percurso que queremos de sucesso.

O crescimento do número global de praticantes, reforçando a base da pirâmide tão essencial ao aumento da prática desportiva, o desafio do feminino, com a melhoria das condições de treino e de competição, e a concretização da Academia/Sede da AF Coimbra, que tanto desejamos, são capítulos de uma obra escrita diariamente e inspirada na motivação de milhares de jogadoras e jogadores, técnicos, dirigentes e adeptos, que obrigam a fazer cada vez melhor e a dar mais e, acima de tudo, o melhor de nós.

Meninas e meninos, raparigas e rapazes, são o futuro dos clubes, como atletas, técnicos e dirigentes, da arbitragem, do dirigismo no seu todo; com eles(as) teremos melhores clubes e melhores seleções distritais. Alimentamos com eles(as) um sonho coletivo, renovando ambições e reunindo as condições imprescindíveis a um melhor futuro. O nosso horizonte está definido para uma década, tendo 2030 e a candidatura lançada pela FPF ao Campeonato do Mundo como oportunidade para a região e o País.

Temos realizado um trajeto com o contributo e em benefício de todos. Recolhemos com assinalável orgulho e satisfação a confiança e o apoio dos clubes, dos árbitros, dos parceiros institucionais e, sempre, da comunidade em geral. Sem eles, nada seria possível. Olhamos em frente, plenos de esperança e com renovada vontade e ambição.

Este volume da nossa história ajuda-nos a lembrar o passado com gratidão, o que é apanágio das pessoas felizes, que se alegram com o presente e encaram o futuro sem receio.

Faz história e ajuda a escrever o futuro!

## PREÂMBULO

**E**sta é uma viagem pelo “planeta futebol”, através da sua história, como referimos no Volume I. É a segunda parte da viagem pela história do futebol em Coimbra e pela história de uma instituição, a Associação de Futebol de Coimbra (AFC). Mas (mais uma vez) não se pense que é uma viagem enfadonha. É, sim, uma travessia apaixonante, por vezes atribulada, construtiva de um processo histórico de um fenómeno complexo chamado futebol, à escala de Coimbra e da instituição que o regeu entre 1951 e 1990.

Esta segunda viagem inicia-se na década de 50 do século XX, numa altura em que melhoravam as condições dos campos de futebol e surgiam os estádios. E em que duas cidades, Coimbra e Figueira da Foz, continuavam a centralizar o maior número de clubes e praticantes do distrito, e as principais equipas. Mas a geografia do futebol regional consolidava-se noutras localidades, como Cantanhede ou Lousã.

Seguiram-se os anos 60, em que Coimbra, mesmo sem conquistar troféus nacionais, assumiu-se como um dos polos importantes do futebol português. Acolheu provas internacionais e encontros da Taça das Taças, através do seu máximo representante, a Académica. Foi a única equipa do distrito a participar em todas as edições da I Divisão Nacional e a chegar à final da Taça de Portugal, em 1967 e 1969 – neste último ano, na mais politizada final do Jamor de todo o século XX. Passaram-se também a organizar mais provas distritais, nos diferentes escalões. Mais competições permitiram maior diversidade de campeões, que foram surgindo fora da centralidade de Coimbra e Figueira da Foz. Cantanhede, Mira ou Miranda do Corvo foram regiões que ganharam nova escala.

Chegou depois a transformativa década de 70, com a Revolução de 1974. Coimbra entrou em oscilações, embora o futebol se tivesse popularizado cada vez mais, com um crescimento exponencial de clubes e praticantes. A AFC teve de se adaptar, profissionalizando a sua estrutura. Introduziu novidades nas provas, nos escalões de formação e esteve na vanguarda do futebol feminino. Apoiou os clubes nos processos de modernização, apostou na formação de treinadores, massagistas e árbitros, criou mecanismos de apoio à formação.

A popularização da modalidade em Coimbra manteve-se na primeira metade da década de 80, acolhendo inclusivamente jogos da Seleção Nacional masculina e feminina. Porém, começou-se a sentir um certo decair de popularidade na segunda metade da década, sobretudo nos concelhos com menor poder económico e com menos apoios autárquicos aos clubes.

Deste modo, este Volume II apresenta uma extensa história, cheia de estórias, que tem como ponto central uma instituição (AFC), mas que tenta apresentar uma visão de conjunto, enquadrando a realidade internacional e nacional, na sua relação com as questões regionais e locais. Do global para o local é novamente a perspetiva a partir da qual construímos esta narrativa histórica. Década a década, época a época, com um enquadramento geral de cariz histórico, seguindo-se uma cronologia-síntese e uma listagem de competições e campeões. Mais uma obra que se pretende “aberta”, perspetivando novos campos de investigação e dando contributos para entender as realidades do futebol contemporâneo.

Continuou o processo de alargamento geográfico do futebol distrital, mais a nível popular que institucional.

Aumentou o número de jogadores, melhoraram as condições dos campos e apostou-se nas camadas jovens. E finalmente chegou o profissionalismo ao futebol português.

# Es tru tura ção

1951-1960



Vista aérea do Estádio Municipal de Coimbra nos anos 1950,  
palco maior do futebol distrital.

Os anos 50 do século XX seriam marcados pela Guerra Fria que conduziu a uma corrida ao armamento e à criação de dois blocos antagónicos, de teor político, ideológico e militar, como seriam a NATO (de que Portugal foi membro fundador em 1949) e o Pacto de Varsóvia. Ambos blocos iriam enfrentar-se na Guerra da Coreia, na invasão da Hungria ou na revolução cubana. O lançamento do satélite russo Sputnik inaugurou a conquista do Espaço, que seria igualmente outro âmbito de luta de hegemonia entre as superpotências da União Soviética e os EUA.

Em Portugal, o Estado Novo desencadeou mudanças cosméticas, de forma a melhorar a imagem internacional, deixando a designação de Estado Corporativo para passar a ser uma Democracia Orgânica. Extinguiu também a ideia de Império Colonial Português para criar o imaginário das Províncias Ultramarinas. E o Campo de Concentração do Tarrafal (ou Colonia Penal, como era designada oficialmente), em Cabo Verde, foi encerrado, após muita tortura e mortes de opositores ao regime. Um regime que procurava melhorar a imagem a nível internacional e recuperar algum apoio externo. Internamente, a oposição política era ténue, sofrendo duramente com o reforço das leis repressivas e da ação da polícia política. Sucederam-se as prisões e as agressões a membros da oposição ao Estado Novo de Salazar. Num Portugal ainda muito isolado, o futebol luso começou a afirmar-se na Europa, muito graças ao profissionalismo (oficialmente decretado) e à chegada de grandes treinadores estrangeiros, como o brasileiro Otto Glória, o húngaro Béla Guttmann

ou o chileno Fernando Riera. Clubes e jogadores profissionalizam-se gradualmente, seguindo em grande medida o exemplo do SL Benfica de meados dos anos 1950. Mas nesta década seria o Sporting CP a conseguir conquistar o tetracampeonato, entre 1951 e 1954, sendo ainda campeão em 1958, o que garantiu aos “leões” cinco títulos em dez edições nesta década. Mas seria o fim de um período glorioso para o Sporting CP (o dos “violinos”) e o início de uma nova fase, a do SL Benfica europeu e dominador em Portugal. Lisboa (com Sporting CP, que venceu cinco títulos nacionais; e SL Benfica, vencedor de três títulos) e Porto (com o FC Porto a ganhar o título nacional por duas vezes) seriam os dois principais polos de desenvolvimento e hegemonia da modalidade, não deixando escapar, nem sequer, uma Taça de Portugal (SL Benfica venceu seis, Sporting CP uma, Belenenses uma e FC Porto duas). Pleno de títulos nacionais para os “quatro grandes” e para o eixo Lisboa-Porto.

A imprensa desportiva manteve-se muito popular, com títulos como o *Mundo Desportivo*, *A Bola* e *Record* (em Lisboa) ou *O Norte Desportivo* (no Porto). A rádio continuou a massificar os relatos de futebol, enquanto chegou uma novidade que transformaria o futebol nas décadas seguintes, a televisão, com a criação da RTP em 1957. Foi também a década dos grandes estádios, da monumentalidade do futebol. Nasceram, para comemorar os cinquentenários dos clubes, estádios como as Antas (1952), a Luz (1954) e Alvalade (1956), a que se juntariam outros, como o Restelo (1956), os Barreiros (Madeira, 1957), José Gomes (Amadora, 1957) ou Magalhães Pessoa (Leiria, 1958).

Todo este contexto teria os seus naturais reflexos em Coimbra. Melhoraram claramente as condições dos principais campos de futebol, que se transformaram gradualmente em estádios, como o Municipal de Coimbra e da Figueira da Foz. Estas duas cidades continuaram a centralizar o maior número de clubes e praticantes, mas gradualmente os restantes concelhos passaram a contar com campos (alguns municipais) e clubes de referência, como sucedeu em Cantanhede ou na Lousã. Mas o concelho de Coimbra, graças à presença da Académica na I Divisão Nacional durante toda a década, centralizou as atenções do futebol distrital ao nível da escala nacional. Uma escala que a Académica também iria atingir no escalão de juniores, sagrando-se campeã nacional. A formação de jovens jogadores foi uma das prioridades da AFC nesta década, promovendo diversos torneios e apoiando os clubes financeiramente e com material desportivo.

Mas se a presença na I Divisão Nacional foi um exclusivo da Académica, nas restantes divisões nacionais (II e III Divisões) Coimbra esteve regularmente representada, embora sem grande sucesso, tal como ao nível da Taça de Portugal.

Apesar de alguma incapacidade competitiva para rivalizar com os clubes de Lisboa e Porto, Coimbra manteve a aposta em torneios de abertura e em provas de teor mais regional, para promover uma maior competitividade entre os clubes e jogadores de escala local e regional. E a AFC tentou agregar e criar condições para absorver cada vez mais clubes populares, que criaram os seus próprios torneios

para ladear as burocracias e custos inerentes às provas oficiais organizadas pela AFC e Federação. Surgiram os campeonatos populares, não filiados na AFC, mas que a Associação aceitou e tentou-os cativar para o seu próprio seio, criando mecanismos de apoio a esses clubes.

Na relação com os filiados, a AFC manteve uma postura de enorme empenho e apoio, a vários níveis, mesmo em termos institucionais. Em certos momentos enfrentando mesmo a FPF (e os poderes instalados de Lisboa e Porto), quando as decisões do órgão máximo do futebol português eram injustas para com os clubes de Coimbra. E sem esquecer a valorização feita a nível da arbitragem, com ações de formação e de sensibilização para adeptos, jogadores, treinadores e dirigentes sobre o papel do árbitro no contexto desportivo e futebolístico. Em parte, todas estas ações teriam os seus benefícios, com as receitas de bilheteira a aumentarem ao longo da década e os casos de violência no futebol a diminuírem. Uma década que também ficaria marcada pelo desaparecimento de um dos maiores nomes do futebol português, Cândido de Oliveira, que estava ao serviço da Académica como técnico. Coimbra fez-lhe uma grande homenagem. E a AFC reconheceu todo o seu mérito, tal como viria a fazer a vários árbitros, jogadores e dirigentes.

Talvez por toda esta dimensão institucional da AFC, assente num vasto quadro de pessoal e de secretariado (de reconhecido mérito nacional), esta década seja de estruturação interna da instituição e dos próprios modelos competitivos de teor distrital.

Época 1950  
51

## Coimbra na final da Taça

Novamente Coimbra teve um representante na final da Taça de Portugal, mas a Académica não conseguiu repetir o feito de 1939. O União também brilhou, quase apurando-se para a I Divisão. Mas as dificuldades financeiras atravessavam os clubes distritais, afetando a competitividade das provas oficiais da AFC.

O futebol português entrou na nova década com a vitória do Sporting CP na principal competição nacional, refletindo a classificação final do Campeonato Nacional da I Divisão a hegemonia dos “três grandes”: Sporting, campeão, seguido de FC Porto (2.º) e SL Benfica (3.º). O representante de Coimbra, a Académica, acabou em 8.º lugar entre as 14 equipas que disputaram a principal prova nacional.

Mas se esta campanha foi modesta, o mesmo não sucedeu na Taça de Portugal, onde os “estudantes” foram brilhantes e chegaram à final. Recorde-se que em 1950-51 a Taça de Portugal voltou novamente a ser disputada, após interrupção no ano anterior, assumindo mais uma vez o formato de eliminatórias a duas “mãos”. A Académica, orientada pelo ex-Belenense Óscar Tellechea, eliminou sucessivamente o Oriental (3-2 e 3-3), o Vitória SC de Guimarães (3-1 e 0-0) e o Belenenses (3-3 e 0-0). O outro finalista era o SL Benfica, que eliminou Sporting Clube Covilhã, Marítimo e Atlético. A final foi agendada para o Estádio Nacional, no dia 10 de junho de 1951 (“Dia de Portugal, de Camões e da Raça”), numa altura em que vários jogadores da Académica estavam envolvidos em exames na universidade. Apesar disso, a euforia e a confiança reinavam em Coimbra, que ambicionava repetir o sucesso da edição inaugural da prova, em 1939, que os “estudantes” venceram. Porém, o SL Benfica entrou muito forte na final, vencendo com aparente facilidade por 5-1, com quatro golos de Rogério de Carvalho, o famoso “Pipi” do Benfica, e um de Arsénio Duarte. O golo dos “estudantes” foi de Macedo, a meio da primeira

parte, em que reduziu para 1-2. A desilusão foi grande entre os jogadores e a numerosa assistência que se tinha deslocado desde Coimbra ao Jamor. Nervosismo, disseram os jornais, para justificar a fraca atuação dos academistas, que viram o SL Benfica vencer pela quinta vez. A final ficou ainda marcada pelas imputações dos “estudantes” ao árbitro Paulo de Oliveira, de Santarém, acusando-o de favorecer os “encarnados” nos dois primeiros golos, marcados de forma irregular, segundo os academistas.

## O renovado Torneio de Apuramento

O regulamento dos Campeonatos Nacionais da II e III Divisões esclarecia que a AFC teria direito a três clubes em cada uma das provas e que deveria, a exemplo de todas as suas congéneres, realizar internamente uma prova preliminar onde fossem apurados os seus representantes. Assim, esta competição, a que a AFC atribuiu o nome de “Torneio de Apuramento”, começou a ser tratado a 22 de agosto de 1950, data em que a Direção da AFC, anuindo a um pedido do Conselho Técnico, decidiu convocar para uma reunião os seis clubes concorrentes às provas nacionais: Anadia Futebol Clube, Clube União de Coimbra, Lousanense, Lusitânia de Coimbra, Associação Naval 1.º de Maio e “Os Marialvas”. Na reunião seguinte, a 29 de agosto, a Direção e os seis clubes filiados definiram as bases de disputa da prova e as contrapartidas desportivas e financeiras para cada um deles.

A competição disputar-se-ia no sistema de *poule* (todos contra todos) a duas voltas, entre 3 de setembro e 5 de novembro de 1950, ficando definido que os primeiros três classificados transitariam para a II Divisão Nacional e os últimos três para a III Divisão Nacional.

O Torneio de Apuramento gerou muito interesse no distrito, mas seria tendencialmente desequilibrado, com duas equipas a destacarem-se em relação às restantes. “Os Marialvas” e o União de Coimbra venceram os opositores sem grandes dificuldades, conseguindo, com relativa facilidade, o apuramento para a II Divisão. No lado diametralmente oposto da classificação, o Lusitânia,

na qualidade de equipa com menor entrosamento na altura, acabaria por perder todos os jogos e ficar, naturalmente, no último lugar. A contenda mais interessante ocorreu entre Anadia, Lousanense e Naval, que disputaram, quase até ao final da prova, o terceiro lugar, que dava, à luz dos regulamentos, o acesso à II Divisão. Seria o Anadia, que contabilizou 22 pontos, a conquistar esse direito, relegando o Lousanense (19 pontos) e a Naval (18 pontos), para o terceiro escalão nacional. Terminado o Torneio de Apuramento, teriam início, pouco tempo depois, os Campeonatos Nacionais onde, os representantes da AFC teriam sortes distintas.

## Coimbra na II e III Divisão

No Campeonato Nacional da II Divisão, na Zona Norte, Grupo B, num grupo disputado por um total de dez equipas provenientes dos distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Lisboa e Viseu, os três filiados da AFC tiveram sortes diferentes. O União de Coimbra dominou por completo a série, vencendo com cinco pontos de avanço sobre o segundo classificado, garantindo a passagem à segunda fase da prova; o Marialvas ficou a meio da tabela, num honroso 5.º lugar; o Anadia ficou no último lugar, apenas com sete pontos.

Na segunda fase, o União de Coimbra, num grupo disputado pelas quatro equipas apuradas da Zona Norte, conseguiria o segundo lugar e o respetivo apuramento para a terceira fase da competição, onde, conjuntamente com Salgueiros, Barreirense e Lusitano de Évora, iria competir

**Sabia que...** A Lei das Transferências permitiu ao avançado do Sporting CP, Mário Wilson, deixar Lisboa e rumar a Coimbra, para estudar e jogar (a defesa) na Associação Académica de Coimbra. Viria a ser popularizado como o “velho capitão”, figura emblemática em Coimbra e no futebol português.

pelo título da II Divisão e pela ambicionada subida à I Divisão Nacional. Numa derradeira fase, extraordinariamente equilibrada e disputada pelos quatro concorrentes até ao último suspiro, o representante da AFC ficaria a somente dois pontos do título (conquistado pelo Barreirense) e com os mesmos pontos do segundo classificado, o Salgueiros, ficando de fora do jogo de apuramento para a I Divisão Nacional apenas pelo diferencial do goal-average (13-14 golos para o Salgueiros e 13-17 para o União).

A meritória campanha do União de Coimbra seria merecedora de rasgados elogios por parte da Direcção da AFC e uma menção especial no seu Relatório e Contas:

“a actuação [referindo-se ao União] que é justo referir, muito particularmente, e que esta Direcção muito gostosamente enaltece pelo que ela representa de trabalhos e sacrifícios”.

Na III Divisão Nacional, os três representantes da AFC ficaram colocados no Grupo Norte, Zona B, Série 4, conjuntamente com os três apurados da AF Leiria. Numa prova dominada pelo Marinhense, que conquistou o primeiro lugar e o acesso à fase final da competição, o Lusitânia de Coimbra ficaria no segundo lugar, a Naval 1.º de Maio no terceiro e o Lousanense no 5.º e penúltimo posto da tabela classificativa. Nota de destaque para o Lusitânia que, tal como referimos anteriormente, não havia conquistado qualquer ponto no Torneio de Apuramento da AFC, mas que na prova nacional ficou num brilhante segundo lugar.

## E as Reservas?

A Direcção da AFC, consciente da importância que o Campeonato Distrital de Reservas teria para a preparação de jogadores que pudessem vir a integrar as categorias de honra dos clubes e para o consequente desenvolvimento do futebol distrital, assumiu perante os seus filiados a intenção de valorizar esta competição na presente época. Nesse sentido, e reconhecendo as dificuldades económicas que os clubes atravessavam, e as onerosas deslocações que teriam de fazer, decidiu dividir os dez clubes inscritos em duas séries de cinco (Série A com Académica, Anadia, Lousanense, Lusitânia e União; e Série B com Ginásio Figueirense, Marialvas, Naval 1.º de Maio, Sporting Figueirense e Sourense). E os dois primeiros classificados de cada uma das séries integrariam à posteriori a fase final que apuraria o campeão.

Porém, a maior parte dos clubes não entendeu os objetivos da AFC e, no aproveitamento de uma das alíneas previstas no Regulamento Geral de Provas, acabaram por utilizar até ao limite as faltas de comparência permitidas. No total, e apenas na primeira fase da prova, foram registadas treze faltas de comparência. Apenas o União de Coimbra e a Associação Académica de Coimbra (Série A) e o Ginásio Clube Figueirense (Série B) não cometeram qualquer infração desta espécie. A maior parte dos clubes, numa tentativa de minorar as despesas com a prova, optou por fazer duas faltas de comparência nas deslocações mais longas ou menos aprazíveis, facto que, apesar de não levarem à exclusão imediata

da prova, acabaram por desvirtuar e desvalorizar a primeira fase da competição. O Ginásio Clube Figueirense, ao fazer três faltas de comparência, que à luz dos Regulamentos dava direito a exclusão imediata, acabou por ser a única equipa eliminada prematuramente.

A fase final da competição contou com o União de Coimbra, a Académica, o Sourense e o Marialvas, decorrendo sem nenhuma falta de comparência. Foi muito disputada entre os três primeiros, sorrindo a vitória final ao União, que averbou 15 pontos, batendo a concorrência direta (Académica, 13 pontos; e Sourense, 12).

As faltas de comparência acabaram por marcar a prova e levaram, por isso, a Direção da AFC e o seu Conselho Técnico a rever os regulamentos da competição, concedendo mais apoios nas deslocações e aumentando as penalizações aos infratores. Graças à aplicação destas medidas, na temporada seguinte, a quantidade de faltas de comparência sofreu uma redução drástica, passando de treze para apenas duas.

### **Praticar sem participar**

A inscrição de clubes e de atletas numa determinada associação distrital poderia pressupor que todos iriam participar nas competições organizadas pela mesma. Contudo, na época de 1950-51, as

despesas com deslocações eram enormes e as finanças da AFC não permitiam a atribuição de subsídios em todos os escalões. Assim, os clubes tinham dificuldades em deslocar-se semanalmente para vários campos, levando-os a abdicar de participar nas competições.

Deste modo, e apesar de inscritos oficialmente na AF Coimbra, clubes como o Sport Club Conimbricense ou o Clube Atlético Mirandense optaram por não disputar nenhuma prova oficial, limitando-se a realizar jogos particulares, de forma a controlar as finanças e a evitar despesas extraordinárias com deslocações. Outro filiado, o Sporting Clube Nacional, por sua vez, apenas participaria no Campeonato de Júniores, porque nesta prova, excepcionalmente, e com o intuito de a promover e estimular, a AF Coimbra decidiu atribuir um subsídio de 500\$00 por deslocação e ofereceu uma bola aos participantes. Mesmo assim, por falta de verbas, nem todos os clubes participaram e apenas o União de Coimbra inscreveu duas equipas, em conformidade com o regulamento.

Mais curiosa do que a ausência de clubes nas competições oficiais seria a ausência de jogadores legalmente inscritos pelas equipas. No quadro seguinte, e a título de curiosidade, apresentaremos todos os jogadores que, apesar de inscritos na respetiva categoria, não chegaram a participar em qualquer jogo na época de 1950-51.

**Quadro 1.** Número de jogadores não utilizados na época 1950-51

<b>Clube</b>	<b>Honras</b>	<b>Reservas</b>	<b>2.<sup>as</sup> Categorias</b>	<b>Juniores</b>	<b>Total</b>
Académica	11	1	4	5	21
União de Coimbra	10	2	2	1	15
Lusitânia	8	3	0	0	11
Naval 1.º de Maio	11	5	0	8	24
Anadia	9	8	0	0	17
Lousanense	0	0	0	0	0
Ginásio Figueirense	10	6	0	3	19
Sporting Figueirense	10	3	0	0	13
Marialvas	10	7	0	0	17
Sourense	11	8	0	0	19
Sporting Nacional	0	0	0	3	3
<b>TOTAL</b>	<b>90</b>	<b>43</b>	<b>6</b>	<b>21</b>	<b>160</b>

## Cronologia

1950  
51

22

1950

Setembro

Dois fiscais da AFC foram castigados com uma advertência por parte da Direção, por terem feito uma troca na escala de serviço sem autorização prévia superior.

Outubro

A revista *Stadium* publicou no dia 25 uma emocionada crónica de um jogador de futebol da Associação Académica de Coimbra, pouco tempo antes de ser operado devido a uma lesão. Na carta expos os sentimentos mais genuínos na relação com o futebol.

Novembro

Terminou o Torneio de Apuramento para a II e III Divisões Nacionais. Anadia, Marialvas e União de Coimbra seguem para a II Divisão, enquanto Naval, Lousanense e Lusitânia para a III.

## 1950

Dezembro

A AFC decidiu associar-se à homenagem que o União de Coimbra fez ao seu antigo jogador Manuel da Costa, mais conhecido como “Bernardino”. A AFC ofereceu os bilhetes para o efeito e escusou-se a receber a taxa que lhe era devida pela realização de um encontro de futebol.

## 1951

Fevereiro

Por despacho do Diretor Geral da Educação Física, Saúde Escolar e Desportos foi confirmada uma pesada multa de 2.000\$00 ao Marialvas e a interdição por dois meses do Campo Municipal de Cantanhede, onde o clube disputava os seus jogos na condição de visitado, na sequência de uma agressão a um jogador do União de Coimbra. O processo arrastava-se desde novembro, devido aos recursos do Marialvas, sendo agora confirmada a punição.

Março

O União de Coimbra venceu, com distinção, o Grupo Norte, Zona B, da II Divisão Nacional. Com este triunfo ficou apurado para a segunda fase, que também ultrapassaria, sucumbindo apenas na fase final, onde ficou a um pequeno passo da promoção à I Divisão Nacional. Nesta temporada, o União inaugurou nova sede, na Travessa de Montarroio, n.º 23, em Coimbra.

Maio

A Académica terminou o Campeonato Nacional da I Divisão no oitavo lugar, com um total de 10 vitórias, 4 empates e 12 derrotas, e com 40 golos marcados e 53 sofridos.

Junho

A Académica perde por 5-1 a final da Taça de Portugal contra o SL Benfica.

# Competições

1950  
51

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Apuramento da AFC - Categoria de Honra	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Passagem para o Torneio de Apuramento 1951-52 - Categoria de Honra	Grupo Desportivo Sourense



O Campo da Mata, na Figueira da Foz, era um dos principais recintos de futebol da cidade e da região.

Época 1951  
52

## Académica, campeã nacional de juniores

A aposta na formação, por parte da AFC, dava os seus frutos. Um clube de Coimbra, a Académica, vencia o Campeonato Nacional de Juniores. Surgiam novos torneios e reforçava-se o apoio financeiro aos clubes. Até sapatilhas se distribuíam pelos jovens jogadores. O futebol popularizava-se em todo o distrito, com a Lousã a assumir novo protagonismo, além de Coimbra e Figueira da Foz.

O futebol português registou uma melhoria a nível disciplinar, beneficiando do aumento do nível da arbitragem e das penas pesadas aplicadas aos infratores pelas associações distritais e FPF. Porém, em termos de qualidade futebolística, sentia-se ainda uma certa limitação técnica dos jogadores e a falta de preparação tática e física. E mantinha-se o fosso entre os ditos clubes “grandes” e os “pequenos”, sendo recorrentes as goleadas dos primeiros sobre os segundos. Foi com alguma naturalidade que o Sporting CP, ainda com alguns “violinos”, venceu o Campeonato Nacional da I Divisão, com 41 pontos, mais um que o SL Benfica (2.º) e mais cinco que FC Porto (3.º) e Belenenses (4.º) – os “quatro grandes” dominaram a competição. A Académica, único representante de Coimbra, ficou-se por um modesto 7.º lugar, entre 14 equipas. E na Taça de Portugal, num formato ainda restrito, o único representante conimbricense seria a Académica, que caiu logo na primeira ronda (oitavos de final), frente ao Belenenses (2-2 e 1-5).

### **Coimbra domina juniores**

A temporada ficaria marcada, desportivamente, em Coimbra, pela brilhante conquista do Campeonato Nacional de Juniores por parte da Associação Académica de Coimbra, que obtinha assim o segundo título nacional da sua história neste escalão (cf. Santana, 2007, p. 139). Este triunfo seria igualmente motivo de grande rejubilo para a AFC e, sobretudo, para a Direção em funções,

presidida pelo Professor Doutor Manuel Lopes de Almeida, que fez uma grande aposta na promoção e valorização deste escalão de formação.

Uma das novidades para a presente época foi a criação de um torneio de abertura no escalão de juniores, denominado Taça Fernando Alves, em honra de uma das grandes figuras do futebol regional:

“A invocação desta figura de atleta quis significar uma justíssima homenagem e, a par dela, mostrar aos que iniciam a sua vida desportiva, o quanto pesa, o quanto representa, para quem dirige, uma conduta de exemplar desportivismo.”

In Relatório e Contas da AFC, 1951-52.

Devido ao apertado calendário e à escassez de datas disponíveis, este foi considerado um Torneio Relâmpago, discutido por seis equipas, com um curioso formato: a eliminação imediata à segunda derrota na prova. Foi neste sistema de eliminações sucessivas, disputado nos campos da Mata, de Santa Cruz, do Loreto e da Arregaça, que, ao décimo jogo apenas União de Coimbra (que contava somente uma derrota) e Académica (invicta) prevaleciam em competição. A final, uma vez mais com o intuito de promover o escalão, realizou-se a 9 de dezembro de 1951, no Estádio Municipal de Coimbra, com a vitória a sorrir à Académica por expressivos 6-0.

Seguiu-se o campeonato distrital da categoria, que apuraria o representante da AFC para a prova nacional de juniores. Uma vez mais, e a exemplo

da época anterior, a AFC concedeu um subsídio de deslocação de 500\$00 escudos para cada clube. No entanto, pese o esforço financeiro da AFC, que tinha o desejo de ver a maior parte dos seus filiados inscritos na prova, apenas seis clubes se inscreveram no campeonato distrital: Lusitânia, União, Académica, Nacional, Ginásio Figueirense e Naval – em suma, quatro equipas de Coimbra e duas da Figueira da Foz, notando-se a ausência de equipas dos outros concelhos.

A Académica, com uma equipa fortíssima, dominou por completo a competição, vencendo os dez jogos em disputa, onde marcou 57 golos e sofreu apenas dois (curiosamente contra os dois últimos classificados). Após o desfecho da competição, terminada no final de março de 1952 por exigências do calendário nacional, a Direção da AFC entendeu que deveria premiar o “esforço, o trabalho e o sacrifício” dos clubes concorrentes e deliberou distribuir 90 pares de sapatilhas

(15 por clube) para os jogadores que participaram na prova. Esta oferta tinha o objetivo, não de castigar ou discriminar os clubes não participantes, também eles muito necessitados de material desportivo, mas de valorizar os que participaram, de incentivar os que não o fizeram a inscreverem-se nas edições seguintes e de comprometer nesta missão as futuras Direções da AFC:

“Tal medida, estamos convencidos, espevitá-los-á, às equipas de juniores e quaisquer que sejam os elementos directivos desta AFC, saberão certamente, e se assim lho permitir a situação económica, premiar sacrifícios, estimular o trabalho, para que o desporto nacional se enriqueça com elementos de valia, com indivíduos disciplinados, numa palavra, são desportistas. Esta é a missão dos clubes, deve ser também a missão de quem dirige”.

In Relatório e Contas da AFC, 1951-52.

**Sabia que...** As receitas de bilheteira da I Divisão de 1951-52 foram de 10.318 contos, vendendo-se cerca de um milhão de bilhetes. As receitas haviam crescido desde 1935, em que rondaram os 900 contos. Coimbra contribuía fortemente para a receita geral da prova, com boas assistências aos jogos da Académica.

O representante da AFC, no Campeonato Nacional de Juniores, a Associação Académica de Coimbra, iniciaria a sua caminhada nas eliminatórias da zona norte, em abril de 1952. Averbou sucessivos e brilhantes triunfos, conseguindo marcar presença na final da competição, realizada no Estádio da Tapadinha, em Lisboa. Na grande final encontraram-se os vencedores da zona norte e da zona sul, respetivamente Académica e Portalegrense, num jogo muito equilibrado que se saldaria com um empate a uma bola. Houve então necessidade de disputar uma “finalíssima”, a 23 de maio, no mesmo campo e com os mesmos intervenientes, que terminaria com a vitória da Académica por 2-1, arrebatando desta forma o título de campeão nacional da categoria. A AFC, que nunca escondeu o carinho e a proteção que dava à formação, homenageou publicamente os “estudantes” aquando da sua chegada a Coimbra e ainda gravou para a posterioridade, na sua documentação oficial, um voto de reconhecimento por este feito.

### **Parecer sobre o projeto de Regulamento dos Campeonatos Nacionais**

Sensivelmente a meio da temporada, a FPF apresentou um novo projeto de remodelação para os Campeonatos Nacionais da I, II e III Divisões. Enviou o projeto a todas as associações distritais, solicitando que cada uma delas, se assim o entendesse, apresentasse o seu parecer e, eventualmente,

acrescentasse sugestões de alterações. No dia 25 de março de 1952, a Direção da AFC convocou os dirigentes de todos os seus filiados para apresentar o projeto da Federação e para propor alterações. O parecer da AFC seria relativamente aprofundado, propondo uma alteração significativa, sobretudo ao nível das II e III Divisões Nacionais.

Em relação à I Divisão, a AFC concordava, na sua plenitude, com o projeto federativo que propunha a manutenção do modelo competitivo, bem como do número de clubes participantes em cada edição (14). Vincava ainda, que a prova máxima do futebol português deveria estar reservada aos clubes de topo, ou seja, todos aqueles que, pela sua dimensão, pela qualidade inequívoca dos seus jogadores e equipas técnicas, pelo número de sócios e adeptos, pelas suas instalações ou pela sua prosperidade financeira, possuíam condições irrefutáveis para contribuir para o desenvolvimento e o progresso do futebol português ao mais alto nível.

No que diz respeito à II Divisão, a AFC propunha que a mesma fosse restrita aos clubes que tivessem aspirações reais a subir ao escalão principal e fossem detentoras de recursos plenos para efetivar essa ambição. Colocava neste leque os clubes dos “centros populacionais médios” e equipas de segunda linha das grandes cidades. Defendia ainda que o número de equipas deveria ser reduzido ao máximo para aumentar a qualidade média da prova e os índices de competitividade. Projetava-se, nesse sentido, a redução de 42 equipas que participaram na prova em 1951-52 para 28, através da supressão de duas das quatro zonas que existiam, dando origem a duas

únicas zonas, uma norte e uma sul, cada uma com 14 clubes.

Por outro lado, na perspectiva do mesmo parecer, esta redução do número de equipas na II Divisão Nacional limitaria drasticamente o número de jogos entre pequenas povoações vizinhas, muitas vezes originários de quezílias e rivalidades pouco saudáveis, que não deveriam ser usuais numa Divisão que se queria fortalecer e tornar mais competitiva. Com uma grande divisão a norte e outra a sul, fomentar-se-ia ainda o turismo, em virtude das deslocações serem maiores e do futebol arrastar sempre muitos adeptos e respetivas famílias e amigos. A segunda fase seria disputada no sistema de *poule* (todos contra todos), entre os três primeiros classificados da zona norte e os três primeiros da zona sul. O campeão subiria automaticamente à I Divisão. O segundo classificado da fase final da II Divisão teria de discutir a subida à I Divisão com o penúltimo do escalão máximo. Garantia-se, assim, depois de todas estas provas de superação, que a equipa ou as equipas que subissem tivessem qualidade suficiente para ombrear com os melhores na I Divisão.

Por último, a III Divisão deveria, esta sim, ser de cariz mais popular e dirigida à maior parte dos clubes que estivessem inscritos nas associações distritais e fossem indicados por estas. Sugeria-se, ainda, no que diz respeito aos representantes de Coimbra, que estes ficassem no Grupo Norte, Zona B, conjuntamente com as equipas da AF de Leiria. E foi assim, com estas indicações, que o parecer da AFC seguiu depois para a FPF.

## Campeonato Distrital da II Divisão e os jogos de passagem

O Torneio de Apuramento para os campeonatos nacionais era, nesta altura, disputado por seis clubes, todos eles com acesso garantido na II ou III Divisão Nacional de cada época. Os restantes clubes inscritos na categoria de Honras disputavam aquela que comumente se chamava como “2.<sup>a</sup> Divisão Distrital”, que servia essencialmente para apurar uma equipa para uma espécie de playoff de acesso ao Torneio de Apuramento. Esta prova era, quase sempre, disputada apenas por dois clubes que através de uma eliminatória a duas mãos tentavam garantir uma vaga para o “jogo de passagem”. Este encontro decisivo, por sua vez, era uma eliminatória, também a duas mãos, entre o 6.<sup>o</sup> classificado do Torneio de Apuramento e o vencedor da eliminatória da II Divisão distrital. Se o 6.<sup>o</sup> classificado vencesse a eliminatória, na época seguinte não existiam alterações, se fosse o clube oriundo da II Divisão distrital a ganhar, conquistava pleno direito em participar no Torneio de Apuramento da época seguinte, por troca direta com o derrotado.

Na época de 1951-52, a título de exemplo, o Campeonato Distrital da II Divisão foi disputado entre o GD Lousanense e o Ginásio Figueirense (4-1 e 3-2), seguindo a equipa da Lousã para os “jogos de passagem”. Na derradeira eliminatória, os lousanenses eliminariam o Lusitânia (6.<sup>o</sup> classificado do Torneio de Apuramento), conquistando desta forma o acesso às provas nacionais na temporada

seguinte. A Lousã rejubilou com o feito, assumindo-se como uma região que começava a rivalizar com os tradicionais clubes de Coimbra (concelho) e Figueira da Foz.

Recordemos também que em novembro de 1951 realizou-se a fase final do Campeonato Distrital de futebol, apurando-se o União de Coimbra (1.º), Associação Naval 1.º de Maio (2.º) e o Marialvas (3.º) como representantes de Coimbra para disputar o Campeonato Nacional da II Divisão. Na I Divisão estava, como já referimos, a Académica. Sublinhe-se que um dos problemas com que se debatiam os clubes era a falta de qualidade dos campos, quer em termos de terreno de jogo (ainda pelados), quer nos balneários (inexistentes ou de fraca qualidade). Os principais clubes tentavam sensibilizar as instituições públicas (em especial as câmaras municipais) para a necessidade de criar bons campos municipais, como forma de promover o futebol a nível local e regional.

## Taça Dr. Amadeu Rodrigues

Nesta temporada foi instituída uma nova prova distrital, denominada Taça Amadeu Rodrigues, que adotou aquela nomenclatura em homenagem a uma grande figura do futebol conimbricense, antigo dirigente da AFC e diretor do jornal *A Voz Desportiva*. O objetivo desta competição, que se iniciava em meados de abril e se estendia até junho, era o de manter em atividade todos os clubes da AFC que haviam participado nas provas nacionais e os dois clubes que disputavam a II Divisão Distrital. As equipas seriam divididas em duas séries de quatro, passando as duas primeiras de cada grupo para as meias-finais.

Os jogos decisivos eram disputados no Estádio Municipal de Coimbra, que acolhia assim as meias-finais, o jogo de atribuição do 3.º e 4.º lugar, e a grande final, que na temporada de 1951-52 foi disputada entre a Associação Académica de Coimbra e o Clube Futebol “Os Marialvas”, com vitória dos “estudantes” por 6-0. Esta prova vinha, assim, colmatar uma lacuna competitiva e permitir que os clubes eliminados prematuramente das provas nacionais pudessem continuar em atividade até ao encerramento da época desportiva. Objetivos amplamente cumpridos pela prova.

## Cronologia

1951  
52

1951

Setembro

A AFC faz sair uma circular para os filiados, onde alerta que todos os sócios deverão ser portadores dos respetivos cartões e que só acompanhados destes poderão ter acesso aos jogos. Caso assim não procedam, os fiscais e porteiros da AFC tinham autorização para não permitirem a sua entrada nos recintos.

Novembro

Ficaram apurados para a disputa da II Divisão Nacional, via Torneio de Apuramento da AFC, o União de Coimbra, a Naval 1.º de Maio e o CF "Os Marialvas". Sourense, Anadia e Lusitânia seguiram para a III Divisão Nacional.

## 1952

**Janeiro** A renda da sede da AFC foi aumentada, cifrando-se nos 800\$00 mensais.

**Fevereiro** Decidiu-se implementar um novo torneio para manter em atividade os clubes eliminados das provas nacionais. Surgia assim uma nova prova oficial, a Taça Dr. Amadeu Rodrigues

**Março** O União de Coimbra voltou a vencer a Zona B do Grupo Norte da II Divisão Nacional. No mesmo grupo a Naval foi 5.ª e o Marialvas 7.º.

**Maiο** O União de Coimbra voltou a marcar presença na fase final do Campeonato Nacional da II Divisão, ficando no 4.º lugar, a seis pontos do campeão, o Lusitano de Évora.

A Académica sagra-se campeã nacional de Juniores, ao bater na final o Portalegrense por 2-1.

**Junho** O jogo de desempate da meia-final da Taça de Portugal entre Sporting CP e FC do Porto foi realizado em Coimbra. Milhares de adeptos de ambos clubes invadiram Coimbra, triunfando os lisboetas por 5-2. Os “leões” viriam a perder a final da Taça para o SL Benfica, por 5-4.

# Competições

1951  
52

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Apuramento da AFC - Categoria de Honra	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça Dr. Amadeu Rodrigues - Categoria de Honra	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão - Categoria de Honra	Grupo Desportivo Lousanense
Passagem para o Torneio de Apuramento 1952-53 Categoria de Honra	Grupo Desportivo Lousanense
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Fernando Alves - Juniores	Associação Académica de Coimbra



No período estival realizavam-se jogos de futebol interbancos da região de Coimbra e Figueira da Foz, com a aprovação da AFC. Este encontro enfrentou os bancos Ultramarino e Costa & C<sup>ª</sup>.

Época 1952  
53

## Escolas de jogadores, uma novidade

Ideia inovadora a nível local e regional: a criação das escolas de jogadores, com a designação oficial de “Escolas de Preparação Moral e Física de Jogadores de Futebol da Associação de Futebol de Coimbra”. Pretendiam promover “o desenvolvimento das qualidades morais e físicas dos jovens e ensinar-lhes-ão a técnica e as regras do jogo da bola.” Coimbra na vanguarda da formação.

O futebol português continuou a ser regido pelos “quatro grandes”, que dominaram o Campeonato Nacional da I Divisão, com o Sporting CP a ser o vencedor com 43 pontos, seguido de SL Benfica, Belenenses e FC Porto. O belenense Matateu foi o melhor marcador, com 29 golos. Os “leões” asseguraram o seu segundo tricampeonato (e o sexto título em sete possíveis), com o SL Benfica a conquistar o “tetra” na Taça de Portugal, alcançando sete vitórias em 13 possíveis. A hegemonia dos dois grandes lisboetas seria avassaladora: entre 1947 e 1955 apenas Sporting CP e SL Benfica conquistaram títulos nacionais (os benfiquistas com dois campeonatos e sete taças; e os sportinguistas com sete campeonatos e duas taças). A centralidade do futebol lisboeta era avassaladora, com o que isso implicava em termos de desenvolvimento do futebol noutras regiões.

A Académica, único representante de Coimbra na I Divisão Nacional, fez um campeonato muito modesto, salvando-se da descida de Divisão no final da competição. E a época ficou marcada por “um violento conflito” (Santana & Mesquita, 2007, p. 140) entre a Briosa e a FPF, devido a uma dura sanção imposta pela Federação aos “estudantes”, na sequência de incidentes verificados no Municipal de Coimbra no encontro contra o SL Benfica. O árbitro desse jogo, o escalabitano Reis Santos, foi alvo de agressões (teve mesmo de ser assistido nos Hospitais da Universidade de Coimbra), estendendo-se a violência a várias zonas da cidade, entre adeptos. Académica e SL Benfica cortaram relações, e a FPF interditou o Estádio Municipal por quadro jogos e

uma multa de dois contos. O Ministério da Educação seria convocado para intervir e mediar a situação, com a Académica a alegar uma “má arbitragem”, que despoletou toda a situação. A multa manteve-se, mas a interdição do estádio foi retirada. Inglória seria também a participação na Taça de Portugal, com a eliminação dos “estudantes” na primeira ronda, frente ao Sporting CP (3-0 e 2-1). E ao nível da II Divisão Nacional, o União de Coimbra seria o melhor classificado, mas não foi além do terceiro lugar na Zona B, 2.<sup>a</sup> Fase.

### **Escolas de preparação moral e física**

Em outubro de 1952, a AFC avançou com uma ideia inovadora a nível local e regional, e que já estava em desenvolvimento nos principais meios futebolísticos nacionais. Em reunião de Direção do dia 7 de outubro, o presidente Dr. Guilherme de Oliveira propôs a criação de escolas de jogadores entre os filiados, considerando-as como fundamentais, não só para o desenvolvimento físico e desportivo dos jovens atletas, mas também para a sua formação cívica e moral. A restante Direção, em total concordância, decidiu iniciar de imediato as diligências junto dos clubes para que, ainda antes do final do ano civil de 1952, fosse possível colocar em andamento este importantíssimo projeto. A maior parte dos clubes filiados acataram de imediato, e com extremo entusiasmo, esta pertinente iniciativa, convictos que seria benéfica para todos, bem como para a preparação física e moral dos rapazes.

Graças ao empenho da Direção da AFC e à aceitação dos clubes foi possível avançar rapidamente para a criação efetiva daquelas que ficaram oficialmente designadas como “Escolas de Preparação Moral e Física de Jogadores de Futebol da Associação de Futebol de Coimbra”. O Regulamento foi elaborado por uma comissão especialmente criada para o efeito, sendo composto por quinze artigos, os quais, pela relevância do tema e para memória futura, decidimos transcrever:

- I. “A AFC, vista a necessidade de desenvolver, o mais rapidamente possível, o futebol nacional, resolveu criar “Escolas de Preparação Moral e Física de Jogadores”.
- II. Estas escolas funcionam na sede da AFC e de todos os clubes do Distrito.
- III. O seu funcionamento e orientação serão sempre orientados superiormente pela AFC com a ajuda natural dos Clubes que se manterão em estreita colaboração com aquele organismo.
- IV. A AFC compromete-se, na medida das suas possibilidades, ao financiamento das escolas.
- V. As Escolas, de acordo com os princípios gerais do desporto, promoverão o desenvolvimento das qualidades morais e físicas dos jovens e ensinar-lhes-ão a técnica e as regras do jogo da bola.

- VI. Para atingir este quádruplo fim serão convidados professores de moral, de ginástica, de técnica e de regras de jogo que darão as suas lições na sede da AFC e dos Clubes das localidades distantes da Escola Central.
- VII. Os professores da Escola Central da AFC estarão em constante ligação como os professores das Escolas dos Clubes distritais distantes da Sede.
- VIII. É admitida a inscrição de jovens dos 12 aos 17 anos mediante prévia autorização dos pais, tutores ou responsáveis de educação.
- IX. A inscrição, feita em imprenso especial, superiormente aprovado, valerá como compromisso de afeição e fidelidade ao clube.
- X. A frequência das Escolas só será possível depois de um exame clínico das aptidões clínico-físicas dos jovens.
- XI. As Escolas, dentro dos Clubes, serão dirigidas tecnicamente pelo capitão da secção de futebol, ou outro nomeado para o efeito pelo clube, e por um treinador.
- XII. Fora das lições teóricas dadas pelos professores nomeados pela AFC, o ensino dos jovens terá, nos clubes, o carácter teórico e prático. O desenvolvimento técnico do aluno, como praticante, será acompanhado pelo ensinamento constante das regras do jogo, sua técnica, táctica e ética.

- XIII. Será expulso da Escola todo o aluno que, embora apto tecnicamente, revele comportamento moral impróprio para a boa condução das relações pessoais e sociais.
- XIV. As Escolas adotarão todas as disposições que, para um mais perfeito e profícuo desenvolvimento do futebol e do desporto em geral, venham a ser superiormente estabelecidas.
- XV. A AFC esforçar-se-á pelo melhoramento das Escolas em todos os seus aspetos técnico-sociais.”

A iniciativa seria rotulada de sucesso, logo na primeira época da sua implementação. Um total de oito clubes associaram-se de imediato ao projeto (Calhabé, Lousanense, União, Académica, Sourense, Ginásio Figueirense, Naval e Nacional),

nos quais se inscreveram 181 jovens atletas com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos.

Na Escola Central, instalada na sede da AFC, seriam ministradas semanalmente aulas de várias especialidades, tais como: Ginástica; Técnica e Tática do Futebol; Moral; Leis do Jogo; Ginástica; Psicologia do Deporto ou História do Deporto. As aulas, que se realizavam quatro dias por semana, tinham uma duração média estabelecida entre 30 e 60 minutos, e um máximo de duas sessões diárias, com início às 21 horas e término às 22h30.

As Escolas de Jogadores passaram a realizar, regularmente, jogos de exibição em diversos campos ao longo da época, sendo muito bem aceites pelo público em geral que acolheu com enorme satisfação esta atividade. A grande iniciativa conjunta teria lugar a 17 de maio de 1953, por ocasião do “Dia Desportivo do Aluno Pobre do Ensino Primário”.

**Sabia que...** Taça serrada... a AFC decidiu criar um torneio de encerramento para a categoria de Juniores. A final foi disputada entre o União (vencedor da série de Coimbra) e a Naval (vencedora da série da Figueira da Foz). Dois jogos, dois empates (ambos 1-1). Na finalíssima, novo empate (0-0). Como este jogo decisivo se realizou no último dia da época, a AFC não conseguiu concluir a prova. Por sugestão do presidente da Direção, Dr. Guilherme de Oliveira, e de acordo com os clubes, decidiu-se serrar o troféu e entregar metade a cada equipa.

Em pleno Estádio Municipal de Coimbra exibiram-se oito turmas de futebol, provenientes de seis escolas de clubes, sendo também apresentada a classe de ginástica das Escolas de Jogadores da AFC.

## Valorização da arbitragem

Nesta época desportiva, com o objetivo de valorizar a ação da arbitragem e motivar os árbitros da Associação a continuarem o seu processo de evolução técnico, físico e de aquisição de competências, a Direção da AFC decidiu atribuir um prémio ao árbitro que melhor classificação obtivesse no final da fase de Apuramento para os Campeonatos Nacionais. A AFC pretendia ainda, contando para isso com a estrita colaboração da Comissão Distrital de Árbitros, incentivar ao recrutamento de novos candidatos para, de futuro, virem a integrar, e enriquecer, os seus quadros.

No final da prova distrital de acesso aos Campeonatos Nacionais, e depois das classificações dos seus associados terem sido entregues pela Comissão Distrital de Árbitros, a Direção da AFC acabou por galardoar não um, mas dois juízes, por estes terem terminado com a mesma pontuação: Álvaro Rodrigues e José Dias Mendes. Os árbitros em questão seriam convidados pela Direção para uma homenagem e para receberem das mãos do Presidente o troféu, neste caso em dose dupla, que havia sido concebido para o efeito. Ao prémio seria atribuído o nome de Taça Álvaro Santos, em reconhecimento a outra grande figura da arbitragem

regional. Na cerimónia de entrega dos prémios, o Dr. Guilherme de Oliveira dirigiu elogiosas palavras aos árbitros laureados, mas, igualmente, a todos os outros que semanalmente dirigiam jogos dos seus filiados e que, fruto do seu trabalho e dedicação, poderiam e deveriam ambicionar uma afirmação dos árbitros desta Associação no panorama da arbitragem nacional.

As homenagens aos árbitros na presente época desportiva não seriam, porém, exclusivamente restritas aos juízes inscritos na AFC. A equipa de arbitragem composta por Augusto César, Bernardino Costa e Danilo Ferreira, da Comissão de Árbitros do Porto, seria louvada pela Direção da AFC por ter dirigido o jogo da final do Campeonato Distrital de Juniores (entre a Académica e o União), mesmo sem a presença de policiamento, mantendo da mesma forma, e apesar da ausência daquela, uma notável ordem e disciplina entre todos os intervenientes.

Apesar do ambiente cordial que por vezes se vivia à volta da arbitragem, de que estes eram bons exemplos, a Comissão Central de Árbitros da AFC manteve uma postura vigilante com os seus árbitros, impondo, por vezes, severas punições. A 19 de novembro de 1953, por exemplo, este órgão decidiu suspender um árbitro (Joaquim das Neves) e um fiscal de linha (Alberto Honório) devido às “deficiências técnicas” e “duvidosa conduta” que haviam demonstrado durante um encontro. As suspensões variaram entre os 60 dias, para o árbitro, e os 240 dias para o fiscal de linha. Foram as penas mais duras aplicadas nesta época desportiva a árbitros.



Assistência animada a um jogo.  
Cada vez mais público passava os domingos à tarde  
nos campos de futebol, um pouco por todo o distrito.

## Cronologia

1952  
53

1952

Outubro

Tem início, na categoria de Juniores, a disputa da Taça Dr. Rui Cunha, em homenagem a uma antiga figura do futebol conimbricense. Este torneio de abertura foi conquistado pela Associação Académica de Coimbra.

Novembro

Ficaram apurados para a disputa do Campeonato Nacional da II Divisão, via Torneio de Apuramento da AFC, o União de Coimbra, a Naval 1.º de Maio e o CF "Os Marialvas". Sourense, Lousanense e Anadia seguiram para a III Divisão Nacional.

Dezembro

A AFC aprovou o primeiro regulamento das Escolas de Preparação Moral e Física de Jogadores de Futebol, que entraria em pleno funcionamento nos meses seguintes.

## 1953

**Janeiro** A Associação Naval 1.º de Maio disputou a II Divisão Nacional apenas com jogadores formados no clube, situação já bastante rara na altura e que mereceu, inclusivamente, elogios da imprensa.

“A ideia mercantil” do futebol parecia ainda estar afastada da Naval, que ficou, mesmo assim, no 6.º lugar da Zona B (o União foi 3.º e o Marialvas 8.º na mesma série).

**Fevereiro** Abriu oficialmente a Escola de Jogadores do Ginásio Clube Figueirense, na Figueira da Foz. A primeira lição, na modalidade de Ginástica, foi ministrada pelo Sargento Amílcar, a 7 de fevereiro. O intuito desta escola era o de cativar mais jovens para a prática do futebol e criar “o ideal desportivo” entre os mesmos.

**Maio** A Associação Académica de Coimbra terminou mais uma participação no Campeonato Nacional da I Divisão, desta vez na 11.ª posição entre 14 clubes.

**Junho** Numa tarde desportiva e de festa em Cantanhede, o CF “Os Marialvas” recebeu o FC Porto, num encontro particular de encerramento de época. Venceram os azuis e brancos por 3-1.

**Julho** Numa altura em que diversas cidades estavam a tentar modernizar os seus recintos desportivos, na Figueira da Foz estava em fase de construção o novo Estádio Municipal. A imprensa anunciava que o mesmo poderia vir a ter o nome de Estádio Municipal Doutor Oliveira Salazar, em homenagem ao chefe de Governo.

# Competições

1952  
53

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Apuramento AFC - Categoria de Honra	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça Dr. Amadeu Rodrigues - Categoria de Honra	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão - Categoria de Honra	Lusitânia Desportivo Clube
Campeonato Distrital - Reservas	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Dr. Rui Cunha - Juniores	Associação Académica de Coimbra



Aposta na formação. Destaque para as equipas de juniores de Coimbra e Figueira da Foz.

Época

1953  
54

## Juniores em festa

A Académica conseguiu o feito de conquistar o tricampeonato nacional de juniores, consolidando a grande aposta que a AFC estava a fazer na formação de jovens jogadores. Mas a nível sénior, as equipas de Coimbra estavam a atravessar um período difícil nas provas nacionais. E a própria AFC esteve em luta contra o poder hegemónico de certas associações distritais no seio da FPF, que agravavam as assimetrias entre “pequenos” e “grandes” do futebol português.

**N**esta época conseguiu-se uma das maiores proezas até então atingidas por uma equipa portuguesa a nível interno. O Sporting CP venceu o quarto título nacional consecutivo, conquistando sete campeonatos em oito temporadas. E os “leões” asseguraram ainda a Taça de Portugal. Este domínio dos “verdes e brancos” determinou mudanças nos principais adversários, com o rival SL Benfica a enveredar definitivamente pelo processo de profissionalismo, contratando o treinador brasileiro Otto Glória para operar a mudança e estancar a hegemonia leonina.

Mas enquanto o futebol lisboeta estava em processo de mudança e profissionalização, o contexto doutras regiões era bem distinto, debatendo-se com problemas de crescimento e ainda muito amadorismo. Coimbra continuava a ter um único representante no Campeonato Nacional da I Divisão, a Académica, que teria uma modesta participação na temporada de 1953-54. Terminou o campeonato na 13.<sup>a</sup> e penúltima posição, com apenas 18 pontos (29 golos marcados e 50 sofridos) e apenas à frente do “lanterna vermelha” Oriental.

Esta classificação obrigou a Académica a disputar uma eliminatória de passagem (designada de “jogos de competência”) com o vice-campeão da II Divisão Nacional (Torreense), que felizmente resultaria num triunfo dos “estudantes” (2-2 e 1-0), que assim evitariam a indesejada descida de Divisão. Para a posterioridade ficou o voto de saudação e de louvor que a AFC fez, não só à Académica, como a todos aqueles que, solidarizando-se com o máximo

representante da cidade e do distrito no futebol nacional, contribuiriam para este desfecho:

“Saúda-se e louva-se a Académica de Coimbra pelo seu triunfo justo e pelas qualidades altamente desportivas que revelou nos jogos de competência. Louvam-se também os restantes clubes da AFC pelo aprumo, espírito de solidariedade e alto exemplo de desportivismo que demonstraram em relação à Associação Académica. Agradece-se ao público em geral, a sua presença calorosa e estimulante ao lado do nosso representante na I Divisão e fazem-se votos para que este exemplo inicie uma época de maior entusiasmo pela causa na cidade”.

O ambiente em Coimbra, na receção ao Torreense, tinha sido de comunhão entre os clubes locais e distritais, com os próprios adeptos do União a apoiarem a Briosa, de forma a Coimbra manter um clube entre os primodivisionários. O que conseguiu, uma vez mais.

## Época de transição

A temporada funcionaria como uma transição estruturada entre o modelo competitivo antigo e aquele que o substituiria a partir da época seguinte. A anunciada remodelação nas competições nacionais traria a partir da época seguinte grandes transformações, sobretudo ao nível da II Divisão Nacional, que passaria a contar com apenas duas

zonas de 14 equipas cada. Assim, a presente temporada serviu, antes de mais, para apurar os clubes que conquistariam direito a participar na nova II Divisão Nacional de 1954-55.

Foram constituídas três zonas (Norte, Centro e Sul), ficando os representantes da AFC na Zona Centro, conjuntamente com equipas filiadas nas associações de futebol de Lisboa, Leiria, Portalegre e Santarém. União de Coimbra, Naval 1.º de Maio e CF Marialvas, na qualidade de representantes da AFC, participavam na II Divisão, com o primordial objetivo de conquistarem um lugar entre os nove primeiros classificados, que garantiria imediatamente a presença na remodelada II Divisão da época seguinte. Os clubes classificados, no final da fase regular de cada uma das zonas, entre o 10.º e o 14.º lugar, seriam relegados para a III Divisão da temporada seguinte.

### Sabia que...

O serviço de secretaria da AFC era caracterizado por um imenso serviço de expediente.

Nesta época foram expedidos 772 ofícios e 3.080 circulares, e recebidos 1.251 ofícios provenientes de várias entidades.

Contrariamente ao que era habitual, e devido ao alargamento das zonas e ao consequente aumento do número de jogos, a prova iniciou-se logo em setembro, facto que pela primeira vez impedia os clubes participantes de disputarem o campeonato distrital ou a prova de apuramento para as competições nacionais. A Zona Centro do Nacional da II Divisão nesta época de transição seria muito disputada e o equilíbrio foi a nota dominante da prova. Três clubes (Leões de Santarém, Estoril e Torreense) teriam um ligeiro ascendente sobre os restantes e três outros clubes (Naval, Casa Pia e Marialvas) ficariam um pouco mais afastados nos derradeiros lugares da tabela. Assim, a distância entre o 4.º e o 11.º classificados no final seria de apenas seis pontos, fruto do equilíbrio reinante entre as equipas presentes.

O União de Coimbra acabaria a prova no 7.º lugar, a 5 pontos do 2.º classificado (que daria acesso aos jogos de acesso à I Divisão) e com mais 3 pontos que o 10.º classificado (que seria o primeiro relegado para a II Divisão na época seguinte). Os unionistas, que passaram toda a prova na primeira metade da tabela, poderiam ter chegado um pouco mais longe caso a sua performance na condição de visitante fosse idêntica, ou pelo menos mais próxima, à de visitado. Naval e Marialvas, respetivamente 12.º e 14.º classificados, acabariam por não conseguir a ambicionada permanência na II Divisão, deixando o União de Coimbra como único representante da AFC nesta divisão em 1954-55.

O facto de três clubes da AFC estarem presentes, logo desde setembro, na II Divisão Nacional da época

de 1953-54, fez com que o Torneio de Apuramento regional fosse, também ele, diferente das temporadas anteriores. Num campeonato a que a própria AFC atribuiu a nomenclatura de “Campeonato Distrital da I Divisão”, participaram, como habitualmente, seis clubes. Três que transitaram da temporada passada (Sourense, Lousanense e Anadia) e três clubes que foram convidados a colmatar a ausência do tridente que participava na II Divisão (Atlético de Coimbra, Lusitânia e Ginásio Figueirense). Numa prova que decorreria ao mesmo tempo do que a II Divisão Nacional, o Sourense acabaria por se sagrar campeão distrital, seguindo para a disputa da III Divisão Nacional da presente época, juntamente com o Lousanense e o Atlético de Coimbra, respetivamente 2.º e 3.º classificados. O Anadia ficaria, pela primeira vez, de fora da disputa das provas nacionais desde que a AFC organizava torneios de apuramento.

Integrados na Zona B, Série 4, do Nacional da III Divisão, os representantes da AFC acabaram por ter uma participação aquém das expectativas: o Lusitânia seria 3.º classificado, o campeão Sourense somente 5.º e o Lousanense 6.º e último classificado da série.

### **Tri no Nacional de Juniores**

A época de Coimbra, no contexto nacional, acabou por se salvar graças às camadas jovens. Nesta temporada, a Académica conquistou pela terceira vez na sua história o título de Campeão

Nacional de Juniores (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 148-151). O “eterno” representante da AFC nesta competição, com uma prova quase imaculada, voltou a dar uma grande alegria aos conimbricenses e a trazer o troféu, uma vez mais, para Coimbra, igualando os títulos do Sporting CP neste escalão (apenas SL Benfica, com quatro títulos, tinha mais conquistas na prova do que a Briosa). Para alcançar o título, os jovens “estudantes” bateram na final a CUF do Barreiro, sendo precisos três encontros para apurar campeão – após dois empates (2-2 e 1-1), foi necessário recorrer a uma finalíssima, que a Académica venceu por 2-0, em pleno estádio da Tapadinha, em Lisboa, e perante numeroso público. Pelo caminho, a Briosa havia eliminado o Académico de Viseu, o Sporting Clube da Covilhã e o FC Porto, detentor do título. E foi um trajeto imaculado, sem uma única derrota.

Para além de todo o mérito que incontestavelmente teria de ser atribuído à Académica – sem qualquer dúvida uma das grandes “escolas de formação” portuguesas na época –, outra parte desse merecimento ficou a dever-se à AFC, pela grande aposta que fizera nos últimos anos na promoção deste escalão. O Campeonato Distrital de Juniores desta temporada, de onde a Académica saiu como representante da AFC no Campeonato Nacional, foi o mais concorrido de sempre, com a inscrição de nove equipas, onde se incluíam o Atlético Clube Mirandense (que pela primeira vez participava numa prova oficial) e a Académica B que apenas perderia na final contra a sua equipa principal.

## Protesto com a FPF

Para além do feito dos juniores da Académica, a época futebolística ficaria marcada igualmente por questões institucionais. No Congresso da FPF de 1 de agosto de 1953, o delegado da AFC, por discordância total com algumas das temáticas abordadas e, essencialmente, pela forma como as decisões eram tomadas por uma minoria naquele organismo, decidiu tomar uma posição de força e abandonar a sessão. O busílis da questão estava no sistema de apresentação de propostas e na votação subsequente, onde, na perspetiva da AFC, existia um desfasamento absurdo entre o peso atribuído a cada um dos delegados. Assim, algumas associações, apesar de minoritárias, conseguiam através de alguns “arranjos” e combinações prévias fazer aprovar as suas propostas, mesmo quando a maioria das restantes não estava de acordo. Isto porque o modelo de votação, assente na desigual proporção de votos, fazia com que três ou quatro associações (sobretudo Lisboa e Porto) tivessem uma preponderância clara sobre todas as outras, fazendo aprovar tudo aquilo que pretendiam.

Na polémica sessão de 1 de agosto, o organismo máximo da FPF terá permitido a apresentação de uma proposta in extremis, agindo, na perspetiva do presidente da AFC e do seu delegado nesse ato, de forma ilegal e contra os Estatutos federativos. A proposta apresentada por uma associação maioritária iria assim, sem aviso e consulta prévias, a votação contra a proposta apresentada por Coimbra para a remodelação do quadro competitivo

nacional que previa a proteção dos interesses das associações e dos clubes da Província que se debatiam diariamente com graves dificuldades financeiras.

Para além disso, a votação seria dispensável, uma vez que, tal como apontaria na imprensa o delegado da AFC, o presidente da FPF permitiu que os votos favoráveis de quatro associações chegassem para derrotar as pretensões de todas as outras. Insurgindo-se contra esta injustiça, o delegado da AFC decidiu, em sinal de protesto, abandonar o Congresso, por “absoluta incompatibilidade moral e mental com os processos e os homens responsáveis da organização”. A Direção da AFC declararia ainda, publicamente, que enquanto nada mudasse na gerência da FPF não mais aquela associação se faria representar nas sessões do Congresso da instituição. A polémica sessão extraordinária de 1 de agosto de 1953 seria a posteriori declarada como nula pelo Ministro da Educação Nacional que, de alguma forma, deu razão à AFC nesse litígio. De qualquer forma, por considerar que continuavam a não ser garantidas as condições mínimas de igualdade e de natureza “moral e mental”, a posição da AFC de não marcar presença nas sessões do Congresso da FPF iriam manter-se praticamente até final da época.

A única exceção seria a reunião de 29 de maio de 1954, onde, por razões previamente esclarecidas, e apesar de manter o protesto, o delegado da AFC marcou presença, depois de convencido pelo presidente da AF Porto. Nesta sessão discutia-se a proposta apresentada pela AFC sobre a constituição

de duas zonas na II Divisão Nacional que agora parecia ir ser votada favoravelmente. A AFC ficou satisfeita com a aprovação desta proposta, mas não totalmente, por considerar que a forma como iria decorrer o apuramento para essas duas zonas na temporada de 1954-55 não era a mais correta e justa, permitindo que clubes de associações mais fortes conseguissem à primeira esse apuramento e que

clubes que há anos participavam na prova (como os filiados da AFC, a Naval e Marialvas) fossem relegados para a III Divisão. A AFC participou ainda nesta sessão por considerar que não reconhecia qualquer legitimidade a alguns presidentes dos “ditos clubes grandes”, por estes se julgarem como “condutores dos destinos do futebol nacional”, quando o futebol era de e para todos.



Vista panorâmica do Estádio José Bento Pessoa, na Figueira da Foz.  
Na década de 1950 tornou-se no principal palco do futebol figueirense.

## Cronologia

1953  
54

52

### 1953

Agosto

O delegado da AFC, em sinal de protesto e por considerar a partir de certo momento como ilegal a sessão do Congresso da FPF, decidiu abandonar os trabalhos federativos.

Setembro

Tem início a prova de transição da II Divisão Nacional, tendo em vista a adoção de um novo modelo de duas zonas na temporada seguinte. Foram constituídas três zonas, apurando-se as primeiras nove equipas de cada zona para a II Divisão da época seguinte. Na Zona Centro desta competição participaram União, Naval e Marialvas, em representação de Coimbra.

Outubro

Começa o Campeonato Distrital da I Divisão. A AFC decidiu anuir a um pedido dos clubes e conceder um subsídio de deslocação a cada um deles para fazer face aos elevados encargos.

## 1953

- Novembro** A AFC fez-se representar pelo vice-presidente da Direção na inauguração do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Coimbra.
- Dezembro** O GD Sourense conquistou o Campeonato Distrital da AFC. Para além deste, seguiram para a III Divisão Nacional o Lousanense e o Lusitânia de Coimbra.

## 1954

- Janeiro** Com o intuito de angariar fundos para as escolas de futebol, a AFC decidiu solicitar às direções da Académica de Coimbra e do FC Porto que cedessem uma pequena parte da receita do jogo que iriam realizar entre si para esse fim. Aplicar-se-ia uma taxa de dez centavos em cada bilhete que seriam investidos nas escolas de futebol do distrito.
- Fevereiro** A AFC decidiu oferecer um equipamento completo à Escola de Futebol da Associação Académica de Coimbra, como forma de agradecimento por este clube ter aceitado aplicar a taxa de dez centavos em cada bilhete dos jogos que realizou em casa, com Sporting CP e FC Porto, a contar para a I Divisão.
- Abril** Terminou a Zona Centro do Campeonato Nacional da II Divisão. União de Coimbra foi 7.º classificado e garantiu a presença na próxima edição da prova. Naval (12.º) e Marialvas (14.º) desceram de divisão.
- Maiο** Quase uma época desportiva depois do protesto junto da FPF, a AFC voltou a marcar presença num Congresso federativo.
- Junho** Depois de terminar a I Divisão no penúltimo lugar, a Académica conseguiu a permanência no escalão máximo do futebol português ao bater o Torreense (vice-campeão da II Divisão) na eliminatória "de competência".

# Competições

1953  
54

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato da I Divisão Distrital - Categoria de Honra	Grupo Desportivo Sourense
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Capitão Pina Cabral - Juniores	Associação Académica de Coimbra



Apesar da década de 1950 ser a dos grandes estádios em Lisboa e Porto, por Coimbra ainda se mantinham os pelados e as bancadas em madeira.

Época 1954  
55

## Em nome do União

Não foram muitas vezes, mas aconteceu nesta época. AFC e filiados, todos juntos em prol de apoiar um clube local (o União) contra uma injustiça da FPF. Seria conhecido como o “Caso de Santarém” e a força dos clubes e dirigentes de Coimbra ajudaram a repor a justiça desportiva. A Académica voltou a brilhar na I Divisão e na Taça de Portugal. E o Estádio Municipal de Coimbra retomou as obras, para a sua conclusão em definitivo.

O futebol português estava em processo de crescimento acelerado, com a criação dos grandes estádios (Antas em 1952 e Luz em 1954, por exemplo) e o aumento acentuado de sócios. O Sporting CP ultrapassa va os 18 mil sócios, enquanto o FC Porto passava os 22 mil e o SL Benfica os 23 mil associados. O profissionalismo consolidava-se entre os “grandes” clubes, com o contexto internacional a favorecer todo este processo, graças à criação das competições europeias de clubes, como seria a Taça dos Clubes Campeões Europeus – com estreia em Lisboa, envolvendo o Sporting CP nesta temporada (cf. Coelho & Pinheiro, 2002, p. 394).

Na escala nacional, o SL Benfica conseguiu terminar com a hegemonia do Sporting CP no Campeonato Nacional da I Divisão, que durava desde 1947. Profissionalismo, aposta na formação, um treinador estrangeiro de renome e um recrutamento de qualidade nas colónias africanas (viveiro de grandes jogadores) seria a fórmula de sucesso dos “encarnados”, que se prolongaria pelas

décadas seguintes. E o apogeu do SL Benfica seria extensivo à Taça de Portugal, batendo na final o rival Sporting CP por 2-1 – a conquista da Taça valeu um prémio de jogo chorudo para os jogadores, de dois contos, montante muito elevado para a época. O profissionalismo acentuava-se.

Este último fator levou a que os “quatro grandes” continuassem a dominar o futebol português, ocupando as quatro primeiras classificações da I Divisão Nacional (SL Benfica (1.º), Belenenses (2.º), Sporting (3.º) e FC Porto (4.º)). E dois deles (Benfica e Sporting) disputaram a final da Taça de Portugal. Um predomínio de Lisboa e Porto. Só depois vieram clubes de outras associações distritais: SC Braga foi o 5.º classificado da I Divisão, seguido da Académica (6.º). Uma boa época para a equipa de Coimbra, que na temporada anterior esteve quase a cair na II Divisão.

Mas a participação dos filiados da AFC nas provas nacionais foi bastante variada. Enquanto a Académica brilhou, o União de Coimbra ficou-se por um modesto 10.º lugar na Zona Norte da

**Sabia que...** Guarda-redes sem descanso... em outubro de 1954, a Direção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar anunciou a abolição da chamada “lei das 24 horas para os guarda-redes”. Terminava a restrição do prazo de 24 horas de intervalo entre jogos de futebol para os guarda-redes. Justificava-se a medida com o menor esforço físico despedido nesta posição.

II Divisão Nacional, ficando aquém das expectativas depositadas. E os três representantes da AFC na III Divisão (Marialvas, Naval e Sourense) não conseguiram o apuramento para a 2.<sup>a</sup> fase da prova, terminando no 3.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> lugares respetivamente da Zona B, Série 4.

Quanto à Taça de Portugal, o União de Coimbra foi eliminado na primeira eliminatória pelo Leixões, por um humilhante 6-1. Mas a Académica faria um excelente trajeto, eliminando sucessivamente o Atlético (5-4), o Vitória FC de Setúbal (3-1) e o Belenenses (1-0), sendo somente eliminada nas meias-finais pelo SL Benfica, que haveria de conquistar o troféu. E no Campeonato Nacional de Juniores, por fim, que contou pela primeira vez com a presença de dois clubes filiados na AFC, o União de Coimbra foi eliminado na primeira fase e a Académica chegou à final, sendo apenas derrotada pelo SL Benfica.

## AFC ao lado do União

Como referimos, o União de Coimbra foi o único representante da AFC no Campeonato Nacional da II Divisão nesta época. Integrados na Zona Norte, os unionistas partiam, à partida, como um dos candidatos à primeira metade da tabela, sendo difícil, pelo modesto orçamento apresentado, aspirar a lutar pela subida de Divisão. Na 10.<sup>a</sup> jornada da competição, numa altura em que a equipa do União ocupava a 9.<sup>a</sup> posição da prova, com nove pontos (fruto de quatro vitórias, um empate e quatro derrotas), os unionistas deslocaram-se a Santarém

para defrontar os Leões locais (5.<sup>o</sup> classificado de então, com 11 pontos), que se assumia como um dos grandes candidatos à subida. Aos quinze minutos de jogo, numa altura em que os escalabitanos já venciam por 1-0, uma bâtega de água, acompanhada de um vento fortíssimo, abateu-se sobre o terreno de jogo e tornou-o absolutamente impraticável. O árbitro do encontro, por não existirem condições para retomar a partida, enviou as duas equipas para o balneário, declarando suspenso o desafio. Dizia o regulamento da prova que, no caso de um jogo ser interrompido, e os dois clubes não chegassem a acordo de uma nova data para a conclusão do mesmo, o encontro deveria ser retomado no prazo de 24 horas no mesmo campo e com os mesmos intervenientes. No entanto, o árbitro da partida terá informado as duas equipas da impossibilidade de dirigir o jogo no dia seguinte “em virtude dos seus afazeres”.

Sem resolução para a ocorrência, o União regressou a Coimbra. Por volta das 23h30m, um dirigente telegrafou para a FPF e informou que o jogo havia sido interrompido por causa do mau tempo e de que o árbitro declarara não poder comparecer no dia seguinte, conforme o regulamento declarava. Na manhã seguinte, o dirigente Augusto Reis, para se certificar que a informação chegaria atempadamente à FPF, terá telefonado para a secretaria daquele organismo e explicado a situação ao chefe de secretaria que por sua vez a exporia ao Secretário Permanente da FPF. Pouco tempo depois de falar com o seu superior, o chefe de Secretaria federativo terá ligado ao dirigente do União a informá-lo que o restante jogo teria de ser disputado nessa mesma

tarde a partir das 15h00. O dirigente do União rebateu, dizendo que, devido ao adiantar da hora, seria absolutamente impossível a equipa estar em Santarém nesse horário.

O mesmo dirigente do União de Coimbra, algo atónito e confuso com o sucedido, faria depois uma chamada para o secretário da AFC, Augusto Marques Bom, a solicitar a sua intervenção junto da FPF, de forma a obter uma resposta definitiva sobre o tema. O dirigente da AFC ligaria depois de volta ao dirigente do União e informá-lo-ia que depois de falar telefonicamente com o secretário da FPF, confirmava que o jogo não se realizaria naquele dia e que oportunamente se agendaria uma data para a sua conclusão. O assunto parecia encerrado e o União de Coimbra não marcou presença em Santarém no dia seguinte ao temporal.

Contudo, pouco tempo depois, o União de Coimbra foi surpreendido com a notícia de que, afinal, os Leões de Santarém e o árbitro nomeado para a partida se haviam apresentado em campo para disputar os restantes 75 minutos de jogo e que o União de Coimbra havia sido sancionado com uma falta de comparência ao abrigo do Artigo 26.º do Regulamento dos Campeonatos Nacionais. Tinha, assim, início aquele que ficaria conhecido na altura como “o Caso de Santarém”.

O União de Coimbra, sentindo-se altamente lesado e desrespeitado com esta decisão, decidiu de imediato apresentar um recurso junto da FPF, devidamente apoiado pela AFC que desde a primeira hora se colocou ao lado do seu filiado. A solidariedade para com os unionistas iria muito além dos dirigentes da sua Associação. Todos os

clubes filiados na AFC esqueceram as rivalidades que muitas vezes travavam em campo e fizeram questão de demonstrar publicamente o seu apoio inequívoco aos conimbricenses:

“Exma. Direção da AFC,

Todos os clubes que têm a sabida honra de pertencer a esta Associação de Coimbra, imanados num sincero ideal de solidariedade, vêm solicitar de V. Exas. o favor de servir de interpretes junto do Clube de Futebol União de Coimbra, do absoluto apoio que lhe consagramos no trame que atravessa e que se relaciona com o «caso de Santarém».”

A missiva dirigida à AFC era subscrita por todos os outros filiados que, de uma forma quase inédita, se associaram unanimemente em prol desta causa. Entretanto, o secretário-geral da AFC, Augusto Marques Bom, num gesto de grande sentido de responsabilidade, acabaria por suspender o seu cargo enquanto não houvesse uma resposta ao recurso apresentado pelo União. Na reunião do Congresso federativo, realizada no final de novembro de 1954, o Presidente da AFC, Dr. Guilherme de Oliveira, abordou o tema e demonstrou o seu total desagrado para com a decisão da FPF e pediu celeridade na reposição da justiça para com o seu filiado. A maior parte das associações distritais terão manifestado o seu apoio junto do Presidente da AFC, o que parece, ter reforçado ainda mais a posição do União.

Apesar de parecer intransigente numa primeira fase, a FPF acabaria por aceitar o recurso e o jogo retomado numa nova data, com o triunfo a sorrir aos

escalabitanos. Porém, mais importante que a vitória em campo foi, neste caso, a imagem de salutar companheirismo, fraternidade e solidariedade demonstrada pela AFC, e por todos os seus filiados, para com o União de Coimbra. Sem esse apoio massivo seria, provavelmente, mais difícil repor a justiça da situação.

### **Projeto de conclusão do “Municipal”**

Inaugurado no final da década de 1940, o Estádio Municipal de Coimbra permanecia ainda por concluir na temporada de 1954-55. A inauguração do magnífico Estádio da Luz, em Lisboa, que aconteceria precisamente no decurso desta época desportiva, voltaria a colocar o assunto na ordem do dia, não só em Coimbra, como noutras vilas e cidades do país desportivo que ambicionavam a melhoria das suas instalações.

A realidade dos clubes filiados na AFC era, a este respeito, bastante díspar. Se por um lado, a Figueira da Foz via crescer a olhos vistos o moderno estádio que estava em construção, em Anadia e na Arregaça (Coimbra), por exemplo, os clubes locais desesperavam pela edificação de novos estádios, ou, pelo menos, por uma remodelação profunda dos existentes. O caso do Estádio Municipal de Coimbra, principal recinto desportivo do distrito, era substancialmente diferente. Nele jogava sobretudo a Académica, o principal representante da AFC, que recebia ali todos os grandes clubes do futebol nacional e algumas equipas estrangeiras que visitavam o País. Depois da inauguração do

Estádio das Antas, no Porto, e do Estádio do SL Benfica, em Lisboa, outras cidades, como Coimbra, decidiram solicitar o apoio material e técnico do Estado no que concerne à melhoria das suas instalações desportivas. Esse apoio governativo estava, alias, no caso do Municipal de Coimbra, há muito prometido.

No final de dezembro de 1954, em plena Assembleia Nacional, o deputado por Coimbra, Dr. José dos Santos Bessa, decidiu explanar com um brilhante e eloquente discurso que aquela cidade necessitava urgentemente de concluir o seu Estádio Municipal, ressaltando que o mesmo havia sido “em boa hora começado mas ficou na cauda do cortejo dos estádios que o Governo subsidiou – que se iniciaram a completaram, em Portugal nos últimos anos”, aludindo a recintos como o Estádio Nacional (Jamor) ou Estádio 28 de Maio (Braga), por exemplo, além das Antas e Luz. O deputado, dirigindo-se ao Ministro das Obras Públicas, pedia assim que o mesmo ajudasse a autarquia a levar a bom porto as obras que permitissem que o estádio passasse a ter o seu aproveitamento integral, ainda para mais numa altura em que a cidade tinha acabado de inaugurar a Ponte de Santa Clara, que havia resolvido em grande parte o problema do trânsito e dos acessos. Felizmente, a pressão exercida pelas entidades competentes, onde se incluía naturalmente a AFC, acabaria por dar frutos pouco tempo depois.

Em fevereiro de 1955, a decisão do recomeço das obras foi uma realidade, anunciando-se nos meios de comunicação social a abertura do concurso para a nova fase de trabalhos. O projeto, da autoria do

Arquiteto Travassos Valdez, era bastante ambicioso, permitindo que o Estádio Municipal de Coimbra passasse a dispor de três entradas principais, sendo que uma delas daria acesso à Bancada Central que seria coberta e teria uma capacidade de 4 mil espetadores, onde se incluíam alguns espaçosos camarotes. A entrada sul daria acesso ao peão que teria 17 degraus e comportaria um total de 14 mil espetadores, enquanto a entrada norte conduziria o público para as bancadas já construídas nos setores central e norte, com capacidade para 8 mil adeptos.

Em resumo, a lotação do estádio passaria a ser de 26 mil pessoas, podendo, em caso de necessidade, e conforme previsto, poder comportar mais 2 mil lugares. O projeto definia ainda, na Praça da Maratona, o levantamento de um arco de triunfo, que conferiria ao conjunto uma grande beleza arquitetónica e prestigiava, e muito, a cidade de Coimbra. Previa-se que as obras de conclusão do

Estádio Municipal estivessem prontas num espaço de dois anos, isto é, no decorrer da época de 1956-57.

Ainda no mês de fevereiro de 1955, o Ministro das Obras Públicas visitaria Coimbra e o Estádio Municipal, dando o seu aval, em nome do Governo, para o avanço das obras. A empreitada seria dada ao Engenheiro Simões Pereira que em maio de 1955, numa entrevista concedida ao jornal *A Voz Desportiva*, esclarecia os leitores sobre algumas dúvidas que se levantavam. Primeiramente elucidou o público que o valor total da empreitada era de 2.822 contos e prosseguiu depois dizendo que esperava que a obra estivesse concluída no prazo de 18 meses, ou um pouco antes se possível. Dissipou, por último, uma das dúvidas mais prementes: o Estádio poderia ser utilizado pela Académica na temporada seguinte? Respondeu que sim, pois os trabalhos no interior não prejudicavam a disputa dos jogos nem a acomodação do público.



Passagem de autocarro do SL Benfica pelas ruas da Figueira da Foz, durante uma digressão local em abril de 1955.



Comitiva do SL Benfica saúda os adeptos figueirenses.

## Cronologia

1954  
55

### 1954

#### Novembro

A AFC, em nome dos filiados, enviou uma exposição ao União de Coimbra onde manifestou o seu total apoio, empenho e solidariedade na sequência do “Caso de Santarém”, onde injustamente lhe havia sido marcada uma falta de comparência.

#### Dezembro

O talentoso jogador Bentes, da Académica, foi convocado para o Portugal-Alemanha, a disputar no Estádio Nacional. Portugal perdeu por 3-0 com a seleção germânica, campeã do Mundo em título, num jogo em que Bentes entrou para substituir o titular Albano.

Os Bombeiros Voluntários de Oliveira do Hospital manifestaram o desejo em filiar-se na AFC.

# 1955

**Janeiro** O Marialvas sagra-se campeão distrital da I Divisão e apura-se, conjuntamente com a Naval e o Sourense, respetivamente 2.º e 3.º classificados, para a disputa da III Divisão Nacional.

O GD Penelense, de Penela, manifestou interesse em filiar-se na AFC.

**Fevereiro** Académica e União de Coimbra, na qualidade de representantes da AFC, começaram a disputa do Nacional de Juniores. A Académica seria vice-campeão, perdendo apenas na final com o SL Benfica.

**Abril** A Académica terminou o Campeonato Nacional da I Divisão num honroso 6.º lugar.

O SL Benfica faz uma digressão pela Figueira da Foz, sendo recebido com enorme entusiasmo popular.

**Maiο** Começou a edição da Taça de Portugal que contou neste ano, pela primeira vez, com a presença de dois filiados da AFC: a Académica que chegaria brilhantemente às meias-finais (onde seria eliminada pelo SL Benfica) e o União de Coimbra (eliminado na primeira eliminatória).

**Junho** Num jogo particular, a Académica recebeu no Estádio Municipal de Coimbra a visita da prestigiada equipa brasileira do Vasco da Gama, que se encontrava em digressão por Portugal. Os brasileiros venceram por categórico 6-0.

**Julho** A Comissão Central dos Árbitros organizou o I Curso Nacional de Aperfeiçoamento de Arbitragem. Surgem também as Comissões Distritais de Árbitros de Futebol (posteriormente Conselhos de Arbitragem).

# Competições

1954  
55

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Apuramento da AFC - Categoria de Honra	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça Dr. Amadeu Rodrigues - Categoria de Honra	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital da 2.º Divisão - Categoria de Honra	Grupo Desportivo Lousanense
Passagem para o Torneio de Apuramento 1952-53 Categoria de Honra	Grupo Desportivo Lousanense
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Fernando Alves - Juniores	Associação Académica de Coimbra



A equipa do SL Benfica ficou hospedada no Grande Hotel da Figueira da Foz, durante a sua passagem pela cidade, em que fez um encontro de exibição em meados de abril de 1955. Na imagem vislumbram-se figuras como os jogadores José Águas ou Mário Coluna, e o treinador brasileiro Otto Glória.

Época 1955  
56

## Interassociações, a novidade

Temporada complicada para as principais equipas de Coimbra, nos escalões nacionais. Mas ao nível dos juniores, Coimbra continuava a ser uma referência. A inovação da época foi a criação de novos torneios interassociações distritais, para promover a competitividade entre as categorias de Reservas e juniores. O futebol reorganizava-se a partir das próprias associações, com Coimbra a ser uma referência em termos organizativos, graças ao seu quadro de pessoal.

**N**esta temporada, o FC Porto voltou a conquistar o Campeonato Nacional da I Divisão. Desde 1940 que não vencia a mais importante prova nacional. E tal como acontecera com o SL Benfica da época anterior, também os portistas conquistaram a “dobradinha”, vencendo a Taça de Portugal. O representante de Coimbra, a Académica, teria um papel importante em toda esta história portista. Em “casa”, a Briosa conseguiu uma inesperada vitória sobre o SL Benfica, que permitiu aos portistas ficarem isolados no comando do Campeonato, à 20.<sup>a</sup> jornada. E na última ronda da prova, os portistas, a jogarem nas Antas, precisavam de vencer os “estudantes” para serem campeões nacionais. Um encontro “cheio de nervos” (Pinheiro & Coelho, 2002, p. 401), em que os “azuis e brancos” venceram graças ao génio e arte de Hernâni. O momento marcante aconteceu no início da segunda parte, com a marcação de uma grande penalidade contra a Académica. O guarda-redes academista Ramin tinha feito, até então, uma exibição irrepreensível, mas o avançado portista Hernâni não se amedrontou e rematou colocado o penálti, fazendo o primeiro golo do encontro. Seguiram-se mais dois golos portistas, selando um 3-0 que valeu o Campeonato ao FC Porto. Para a história deste jogo ficou também o célebre episódio do cadáver no balneário, com os “estudantes” a serem surpreendidos ao retornar ao balneário, ao intervalo, sendo surpreendidos com um cadáver sobre uma das mesas de massagens, tapado com uma bandeira do FC Porto – supostamente morrera durante o encontro, de ataque cardíaco, e fora deixado ali para desestabilizar os “estudantes”.

A Académica voltaria a cruzar os seus caminhos com o FC Porto na Taça de Portugal, onde novamente os portistas se impuseram, vencendo por 2-1 nos oitavos de final. No Campeonato Nacional da I Divisão, os “estudantes”, únicos representantes de Coimbra, ficaram na penúltima posição, só mesmo à frente do SC Braga, último classificado. Nem a presença do afamado técnico Cândido de Oliveira, no banco desde a 8.<sup>a</sup> jornada, ajudou a salvar a Académica dos chamados “jogos de competência”, que enfrentava o penúltimo classificado da I Divisão com o segundo classificado da II Divisão, estando em disputa um lugar na I Divisão. A permanência dos “estudantes” seria garantida à custa do Vitória SC, de Guimarães, após um empate na “cidade berço” e uma vitória (1-0) em Coimbra. E no Campeonato Nacional da II Divisão, o União de Coimbra também não esteve ao melhor nível, ficando-se por um modesto 12.<sup>o</sup> lugar no Grupo Norte (1.<sup>a</sup> fase).

## **Novas competições interassociações**

Além das habituais competições regionais e das provas nacionais oficiais, a época de 1955-56 assistiria ao surgimento de dois novos torneios interassociações: o Torneio Octogonal de Reservas e o Torneio Interassociações de Juniores.

O Octogonal de Reservas, idealizado e promovido pela AF Lisboa, fora concebido para aumentar os índices de competitividade dos atletas inscritos neste escalão, de forma que os mesmos, ou pelo menos os que mais se destacassem, pudessem vir a integrar as equipas principais dos respetivos clubes,

sem perda de qualidade, sempre que necessário. Como parceiras da AF Lisboa nesta interessante iniciativa estiveram as associações distritais de Coimbra, Leiria e Porto, que no final de janeiro de 1956, indicaram os seus representantes para a disputa deste Octagonal.

O representante da AFC seria a Associação Académica de Coimbra, que acabara de vencer, destacadamente, a primeira fase do Campeonato Distrital de Reservas de Coimbra. Os restantes participantes no torneio seriam o Atlético, o Belenenses, o SL Benfica e o Sporting CP (AF Lisboa), o Torreense e o Caldas (AF Leiria) e o FC do Porto (AF Porto), cujas equipas principais disputavam na altura a I Divisão Nacional de futebol. Rapidamente se percebeu que a prova seria dividida em duas frações: a primeira, que lutaria pelo título, composta pelos “quatro grandes” do futebol português da altura; e a segunda, onde se incluía o representante da AFC, que disputaria o 5.º lugar. O Belenenses, a equipa mais regular em toda a prova, seria o campeão, seguido do Sporting CP, FC Porto e SL Benfica. O Torreense arrecadou o 5.º lugar e a Biosa terminou num honroso 6.º lugar, à frente de Caldas e Atlético. Do percurso da Académica, que realizaria alguns jogos bem conseguidos, destacou-se uma vitória por 5-2, em Coimbra, contra o SL Benfica.

O único ponto negativo da participação da Académica nesta prova foi o facto de ter de deixar para segundo plano a *poule* final do Campeonato Distrital da categoria, em Coimbra, que decorreu

na mesma altura, perdendo assim alguma emoção e competitividade. O União de Coimbra, alheio às faltas de comparência que a Académica foi forçada a fazer, conquistaria o título regional de Reservas, suplantando um brilhante Sourense que ficou na 2.º posição, a apenas um ponto dos unionistas.

**Sabia que...** Pela primeira vez na história das relações desportivas com o Ultramar encontrava-se na Metrópole uma equipa africana, o Ferroviário de Luanda. A valiosa equipa angolana fez uma digressão nacional que começou, precisamente, em Coimbra. No Estádio Municipal, a Académica venceu por 3-1.

Em maio de 1956, desta feita por iniciativa da AF Porto, realizou-se o Torneio Interassociações de seleções distritais de juniores, que contou com a presença de oito seleções, entre as quais a da AF Coimbra. Esta prova, que de alguma forma fazia lembrar os saudosos jogos entre seleções regionais das décadas de 20 e 30, colocaria frente a frente na primeira eliminatória as seleções de Braga e Coimbra, reeditando uma “velha” disputa entre duas associações distritais que foram fundadas no mesmo ano (1922) e que sempre tiveram excelentes



O "mestre" Cândido de Oliveira (ao centro da imagem, de óculos) treinou a Académica de Coimbra, salvando a equipa da descida à II Divisão nos chamados "jogos de competência".

relações de cordialidade. A seleção de Coimbra venceu por 2-0 (fora) e 3-1 (casa) a sua congénere de Braga, garantindo dessa forma a passagem às meias-finais da prova. A base da seleção da AFC era a Académica de Coimbra, campeão distrital e eterno candidato à conquista do Campeonato Nacional de Juniores (que já havia vencido por três vezes), sendo ainda constituída por jogadores da Naval 1.º de Maio (vice-campeã distrital nessa época), do Ginásio Clube Figueirense, do União de Coimbra, e do Sporting Nacional. Nas meias-finais do torneio, a seleção de Coimbra, muito desfalcada no primeiro jogo, seria eliminada pela seleção do Porto, composta quase exclusivamente por jogadores do FC Porto, que venceria os conimbricenses por duplo 4-0.

## Vasto quadro de pessoal

Temos falado ao longo desta obra dos órgãos sociais, do Conselho Técnico, dos quadros de arbitragem e do pessoal afeto à secretaria da AFC, por ser aqueles que, pelas funções que desempenhavam, mais visibilidade tinham na estrutura associativa. Porém, daquela complexa e cada vez mais profissional “engrenagem”, faziam ainda parte muitos outros colaboradores, dos quais destacaremos neste pequeno capítulo aqueles que prestavam serviço nos campos de jogos. Estes funcionários, que possuíam um regulamento interno próprio, estavam distribuídos em cinco categorias: bilheteiros, fiscais-chefes, fiscais, porteiros e arrumadores, que contabilizavam entre

todos, na presente época desportiva, um total de 87 funcionários ao serviço da AFC.

Devido ao brio, à dedicação e à paixão que nutriam pelo futebol, o elevado número de colaboradores não representava necessariamente, em salários ou em compensações suplementares, um encargo pesado para as finanças da AFC. Os bilheteiros, num total de sete, auferiam um total de 50\$00 por jogo; os fiscais-chefes, que eram apenas dois, de 45\$00 nos jogos nacionais e 30\$00 nos distritais; cada um dos cinco fiscais, 40\$00 nos jogos nacionais e 30\$00 nos regionais; e os outros, distribuídos entre porteiros e arrumadores, auferiam um valor de 20\$00, independentemente do jogo ou da competição.

Quando, qualquer dos colaboradores acima identificados, tivesse de prestar serviço nos campos fora de Coimbra, teria direito a dois bilhetes de comboio (ida e volta) em 2.ª classe ou equivalente, e à ajuda de custo de 25\$00 por dia, para alimentação. Dos 87 funcionários que compunham este quadro, apenas 54 eram efetivos (representavam todos os bilheteiros e fiscais, e 40 dos arrumadores e porteiros). Os restantes 33 arrumadores e porteiros faziam parte de um quadro anexo de suplentes, ao qual apenas se recorria pelo impedimento dos efetivos ou em jogos de maior movimento e assistência.

Toda esta orgânica, e a forma bastante disciplinada e organizada em que parecia estar assente, concedia, no exterior, enorme prestígio aos serviços da AFC. Na verdade, com este quadro de pessoal de campo (alguns deles com vários anos de experiência nos cargos), a AF Coimbra provava ser capaz de dar resposta, em tempo útil e de uma forma estruturada,

a qualquer solicitação desportiva, não só dos seus filiados como da própria FPF. A provar esta afirmação, e a confiança depositada nesta estrutura, teríamos a escolha de Coimbra para a realização do

jogo de desempate das meias-finais, Zona Norte, do Campeonato Nacional da III Divisão de 1955-56, disputado no Campo da Arregaça, entre Marinhense e Avintes.



Lance de golo no Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz, num encontro de beneficência entre a Associação Naval 1.º de Maio e o Sporting Clube da Covilhã, em 27 de fevereiro de 1956, a favor dos órfãos dos pescadores que pereceram num naufrágio em Buarcos.

## Cronologia

1955  
56

1955

Julho

São registadas na AFC duas novas filiações: o Clube Desportivo e Recreativo Penelense e o Clube de Desporto e Educação Física do Norte e Soure, de Paleão (Soure).

Agosto

É inaugurado o Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz, um acontecimento inesquecível e muito aguardado pelos figueirenses. No distrito existiam já outros campos municipais, como o de Coimbra e Cantanhede.

Setembro

A AFC, atendendo a um pedido do seu filiado União de Coimbra, concedeu um empréstimo extraordinário de 2.000\$00 para auxiliar na precária situação financeira que o clube atravessava. A AFC solicitou um empréstimo à FPF, igualmente excepcional, para ajudar este filiado. Foi concedido.

## 1955

Dezembro

A Direção da AFC decidiu premiar o pessoal da sua secretaria com um mês suplementar de ordenado, em sinal de agradecimento e de reconhecimento pelo dedicado e intenso trabalho desenvolvido.

## 1956

Janeiro

O Marialvas sagrou-se campeão distrital da I Divisão e apurou-se, conjuntamente com a Naval e Lusitânia, respetivamente 2.º e 3.º classificados, para a disputa da III Divisão Nacional.

A equipa da Académica B conquistou o Campeonato Distrital de Juniores.

Fevereiro

A AFC decidiu tomar partido sobre um conflito existente entre a FPF e o FC Porto. Através de um comunicado, a AFC colocou-se ao lado dos portistas e teceu críticas à atuação federativa.

Abril

Terminou a primeira fase do Campeonato Nacional da III Divisão. Os representantes da AFC, integrados na Zona B, 4.ª Série, foram Naval 1.º de Maio, Marialvas e Lusitânia, que finalizaram a prova na 3.ª, 5.ª e 6.ª posição, respetivamente.

Junho

A seleção de juniores da AF Porto venceu o primeiro Torneio Interassociações de futebol naquele escalão. A seleção da AFC foi eliminada pela congénere do Porto nas meias-finais.

## Competições

1955  
56

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Categoria de Honra	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Reservas	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra



Numeroso público no Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz.  
A Associação Naval 1.º de Maio (equipada totalmente de branco) era uma das equipas mais populares da região.

Época 1956  
57

## Melhorar a arbitragem

Época agridoce para Coimbra. A Académica faz um brilharete na I Divisão e o União desce pela primeira vez à III Divisão Nacional. O futebol popular também ganha dimensão a nível regional, com a AFC a dar-lhe renovada atenção. E os árbitros são alvo de uma forte campanha de apoio e ações de melhoria da sua qualidade e da relação com a comunidade futebolística regional.

Uma das grandes novidades desta temporada foi a chegada da televisão, com o início das transmissões por parte da Rádio Televisão Portuguesa (RTP). Ninguém imaginava na altura a estreita relação que televisão e futebol iriam criar nas décadas seguintes. A rádio continuava a ser muito popular nesta década, graças aos relatos emocionantes das partidas, e a imprensa informava regularmente os leitores, ávidos de detalhes sobre o futebol português. Os próprios clubes melhoravam as suas estruturas organizativas, surgindo grandes estádios, como haviam sido as Antas (1952), Luz (1954) e Alvalade (1956), para acolher as multidões que iam ao futebol.

No principal escalão nacional, o SL Benfica foi a equipa mais regular, somando 41 pontos em 26 jornadas, mais um do que o FC Porto. Belenenses e Sporting CP ficaram respetivamente em terceiro e quarto lugares, seguidos dos “pequenos”. O primeiro deles foi o Lusitano de Évora (5.º lugar), que fez uma excelente campanha em “casa”, vencendo 11 dos 13 encontros realizados. Logo depois veio a Académica, que ficou num tranquilo sexto lugar, apresentando-se quase intransponível em “casa”, no “Municipal” de Coimbra, onde só permitiu uma derrota, vencendo oito encontros e empatando quatro – fora de casa a prestação não foi tão brilhante, mas, mesmo assim, destacaram-se algumas excelentes exibições, como aquela que resultou na vitória de 3-1 na deslocação a Alvalade. A época afirmou um jovem jogador da Briosa, o talentoso Augusto Rocha, e o avançado André, que fez 23 golos em 30 jogos.

Mas esta temporada teria um sabor agridoce para os representantes de Coimbra nos dois principais escalões nacionais. Se por um lado a Académica teve um bom comportamento na I Divisão, bem diferente seria a prestação do União de Coimbra na II Divisão Nacional. Os unionistas, que há bem poucos anos lutavam para subir ao máximo escalão nacional, estavam agora mergulhados numa grave crise financeira e desportiva que condicionaria definitivamente a temporada. A equipa do União, constituída quase exclusivamente por jogadores “da casa”, não conseguiu ombrear com a maior parte dos restantes competidores da Zona Norte da II Divisão, recheados, alguns deles, de jogadores que já haviam disputado o escalão primodivisionário e, inclusive, alguns reforços estrangeiros que haviam chegado a Portugal. A falta de resultados acabaria, progressivamente, por afastar parte dos ferrenhos e dedicados adeptos unionistas da Arregaça, o que também não ajudou o clube a manter-se. O 13.º e penúltimo lugar na classificação final levaria o União a descer à III Divisão, o que acontecia pela primeira vez na sua história. A AFC perdia, assim, o seu representante na II Divisão Nacional da época seguinte, facto inédito até então. Para o clube unionista, a única compensação da época foi vencer pela primeira vez, na categoria de juniores, o Campeonato Distrital da AFC, numa equipa capitaneada por Daniel Costa.

Na Taça de Portugal, que seria ganha pelo SL Benfica, a Académica apresentou-se a bom nível, tal como no Campeonato, só eliminada nos quartos de final por um forte Barreirense (5-2 e 3-5), após se superiorizar aos Leões de Santarém (0-0 e 4-0)

e ao Marítimo (2-2 e 4-3). O União de Coimbra, igualmente presente na prova, não passou da primeira ronda, eliminado pelo modesto Vianense (1-1 e 1-0).

## Campeonato Popular

Desde 1954-55 que se tinha começado a disputar, por iniciativa do Lusitano de Coimbra, o Torneio Popular de Futebol de Coimbra, destinado a equipas totalmente amadoras e constituídas por jogadores, com menos de 30 anos, que não tivessem disputado qualquer jogo oficial na época em vigor, nem se encontrassem federados em qualquer associação ou agremiação desportivas. A AFC manteve-se alheia a esta prova durante as primeiras edições, dado o seu cariz mais popular, mas em 1956-57, atendendo às várias solicitações recebidas nesse sentido, associou-se pela primeira vez a esta competição. Por sugestão da Direção da AFC, seria constituída uma comissão executiva do Torneio, da qual faziam parte o Dr. Francisco Soares (vice-presidente da AFC), Jorge Silva Neves (tesoureiro da AFC), o Dr. Amadeu Rodrigues (diretor de *A Voz Desportiva*), um dirigente do Lusitano de Coimbra e outro do Pampilhosa. Esta comissão, que contou sempre que necessário, com o prestimoso apoio do Conselho Técnico da AFC e da Comissão Distrital de Árbitros do mesmo organismo, passou a reunir semanalmente numa das salas da Associação, na Rua Ferreira Borges.

A AFC terá decidido envolver-se na preparação e execução deste torneio por reconhecer nele uma

excelente forma de propaganda ao futebol e à promoção da prática do desporto e da educação física. O número de inscrições na prova superaria todas as expectativas: 18 equipas participantes e um total de 408 atletas inscritos. Para a posterioridade recordemos os clubes que participaram na competição: Atlético das Almas, Calhabé, Lusitano, Olímpico, Coselhas, Académico, Parreirense, Ceira, Pampilhosa, Porcelana, Mirandense, Mealhada, Leões da Póvoa, Olivais, Leões Conimbricenses, Os Conimbricenses, Ançã e Racing.

A Comissão, uma vez mais em conformidade com uma sugestão dos membros da AFC, decidiu dividir as equipas em quatro séries (três de cinco e uma de quatro), com os jogos a serem disputados nos vários campos de Coimbra, Pampilhosa, Ançã, Mealhada e Miranda do Corvo. O Torneio seria assim discutido na primeira fase no sistema de *poule*, a duas voltas, apurando-se para a fase final os dois primeiros de cada grupo. A fase final, também ela decidida no mesmo sistema, apuraria o campeão da prova. Ao longo da competição seriam várias as entidades que ofereceriam taças para serem distribuídas pelos participantes, entre os quais a FPF e a AFC, facto que também contribuiu para a valorização e sucesso deste torneio de cariz popular.

## Formação de árbitros

Nesta época, a Comissão Distrital de Árbitros da AFC procurou aumentar a qualidade dos seus juizes, através da promoção de ações de formação e da realização de atividades de capacitação física e

técnica. Este trabalho específico era complementar à atividade formativa regular e tinha o objetivo principal de voltar a colocar os árbitros de Coimbra no patamar mais elevado da arbitragem nacional. Este desígnio intensificou-se a partir de abril de 1957, numa altura em que a maior parte das competições regionais já haviam terminado e as equipas de arbitragem se encontravam mais disponíveis para este tipo de ações.

Os responsáveis da Comissão Distrital de Árbitros da AFC, cientes da sua responsabilidade, começaram por convidar os clubes filiados, o Conselho Técnico e membros da Direção da AFC, para algumas das suas sessões semanais, com o intuito de apresentar as suas intenções e o valoroso programa que pretendiam implementar para valorização do futebol distrital. Estes convites terão tido igualmente o propósito de estreitar as relações entre clubes e árbitros, que muitas vezes não era a ideal em consequência dos atos de indisciplina que infelizmente continuavam a observar-se semanalmente, com uma frequência pouco desejável, nos terrenos de jogo da região.

A Comissão Distrital de Árbitros procurava, assim, uma aproximação aos clubes filiados na AFC, num contexto diferente, mais pacífico e tranquilo do que o vivenciado nos campos de futebol, esperando que os dirigentes dos clubes aprovassem este esforço de valorização da arbitragem. E motivados pela iniciativa, pudessem eles próprios contribuir para o serenar dos ânimos e para a consequente evolução do futebol distrital.

O programa de trabalhos, disponibilizado pela Comissão aos seus árbitros, seria antecedido de um

pequeno preâmbulo, onde, de forma breve, mas objetiva, eram justificadas as razões fundamentais que estiveram na base desta decisão:

“Ao fazer-se uma análise escrupulosa da atividade e capacidade dos árbitros, os membros da Comissão Distrital constatam que os árbitros, na sua maioria, não possuem suficiente aptidão física para o desempenho eficiente da sua missão, demonstrando alguns, carência de robustez, outros, embora aparentemente fortes, não estão descontraídos, não sabem correr ou respirar, o que demonstra não terem cuidado – ou não sabem, individualmente, orientar-se na sua preparação”.

No que diz respeito à sua aplicação prática, o programa consistia em várias sessões de trabalho físico a desenvolver sobretudo no período do defeso, para não atrapalhar o normal funcionamento das competições. Para serem considerados como aptos para o desenvolvimento destas atividades, os árbitros teriam, antes de mais, de apresentar o Boletim Médico Individual devidamente preenchido e validado por um médico habilitado para o efeito. Uma das novidades introduzida no programa de preparação foi a realização de duas a três sessões coletivas de ginástica “adequada”, ministradas por um monitor, e na qual deveriam participar regularmente os árbitros.

De forma a motivar os árbitros a marcarem presença nestas sessões, a Comissão Distrital de Árbitros decidiu criar cinco prémios para recompensar a assiduidade: três prémios para os mais assíduos e dois a serem sorteados pelos

restantes. Os prémios seriam bilhetes para assistirem a um jogo internacional, com a obrigação de os vencedores elaborarem a posteriori um relatório crítico de análise à equipa de arbitragem e onde apresentassem a sua perspetiva sobre os lances mais difíceis de ajuizar do encontro. Nota-se aqui, para além do incentivo à preparação física, a tentativa de estímulo à capacidade de análise e de crítica reflexiva aos seus pares.

Da componente técnica faziam ainda parte do programa atividades e palestras sobre temas tão importantes e dispares como: as leis de jogo; a aplicação da lei da vantagem; a elaboração de boletins e relatórios; a colaboração entre os vários elementos das equipas de arbitragem; noções de psicologia; incentivo à camaradagem e entreajuda mútua e o exercício da “conduta moral”. O custo estimado para o desenvolvimento do programa de

preparação ascendia aos 4.000\$00, motivo pelo qual se solicitaram subsídios à AFC e à FPF.

A mesma Comissão de Árbitros da AFC, no cumprimento do plano de trabalhos programado, apresentaria ainda uma iniciativa inédita em todo o País: um curso de aprendizagem para graduados do exército. O objetivo deste curso seria o de captar sargentos e oficiais, criar uma verdadeira escola de árbitros dentro do exército, aproveitando as suas competências físicas e disciplinadoras, e dotá-los das aptidões técnicas necessárias para o desenvolvimento da função.

A Comissão Distrital acreditava que estes potenciais árbitros “vindos do exército” poderiam ser uma mais-valia, não só para aumentar a disciplina nas competições regionais e nacionais como para o próprio futebol militar, que se encontrava em franco desenvolvimento.

## Sabia que...

Boas relações com a Madeira. Antes do jogo dos oitavos de final da Taça de Portugal, que opôs, no Municipal de Coimbra, Académica e Marítimo, a AFC entregou aos insulares um estojo com uma placa de prata para comemorar a visita e como sinal das boas relações existentes entre as associações de futebol de Coimbra e Funchal.

O Campo da Arregaça, em Coimbra,  
acolheu grandes jogos de futebol nos anos 50 do século XX.



## Cronologia

1956  
57

### 1956

Setembro

A Académica regressa da sua segunda digressão por Angola e Moçambique.

Novembro

*A Voz de Coimbra*, o periódico desportivo de excelência do distrito de Coimbra, completa 30 anos de vida.

Dezembro

A Seleção Nacional Militar, composta por jogadores que se encontravam no cumprimento do serviço militar obrigatório, encontrava-se no período de preparação para a disputa de um torneio internacional. A Académica de Coimbra, com quatro atletas selecionados, era o clube mais representado no estágio da Seleção.

## 1957

### Janeiro

A Naval 1.º de Maio sagra-se campeão Distrital da I Divisão e apura-se, conjuntamente com Marialvas e Norte e Soure, respetivamente 2.º e 3.º classificados, para a disputa da III Divisão Nacional.

### Fevereiro

O União de Coimbra fica no penúltimo lugar da tabela classificativa e desce. Graças a este desfecho desfavorável, a AFC ficou pela primeira vez sem representantes na II Divisão Nacional da época seguinte.

### Março

Termina a I Divisão. A Académica conquista um brilhante 6.º lugar, com um total de 28 pontos, 45 golos marcados e apenas 33 sofridos. Mário Wilson liderou a linha defensiva dos "estudantes".

Dois jogadores da Académica, Abreu e Rocha, estiveram entre os 31 convocados para as Seleções Nacionais A e B que defrontaram a França.

### Abril

Pela primeira vez na história da AFC, um filiado visitou a ilha da Madeira. Na primeira mão dos oitavos de final da Taça de Portugal, e no novíssimo Estádio dos Barreiros (inaugurado dias antes), a Académica empatou 2-2 com o Marítimo.

Em Cantanhede, o Marialvas disputou um jogo internacional com o Tuy Racing Club, da III Divisão espanhola.

## Competições

1956  
57

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Categoria de Honra	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Clube de Futebol União de Coimbra

# FUTEBOL

Estádio Municipal José Bento Pessoa

FIGUEIRA DA FOZ

Campeonato Distrital da I Divisão

DOMINGO, 9 de Dezembro de 1956

às 15 horas

# GINÁSIO

# MARIALVAS

*PREÇOS* – Peão, 5\$00. Bancada, 7\$50. Os sócios beneficiarão dos descontos habituais. **NÃO HÁ SENHAS DE SAÍDA.**

*NOTA* – Depois de iniciado este programa, não será restituída a importância dos bilhetes se ele for interrompido por qualquer motivo imprevisto.

Tip. Figueirense, R. da República, F. da Foz—1000—12-1956

Cartaz de divulgação de um encontro do Campeonato Distrital da I Divisão da AFC.

Época 1957  
58

## Adeus Mestre Cândido

Época marcada pelo desaparecimento de um dos maiores vultos do futebol português, “Mestre” Cândido de Oliveira, que passara as últimas épocas no banco da Académica e a viver em Coimbra. O futebol português ficou de luto. A AFC curvou-se perante o seu legado e memória.

**A**pós vitórias de FC Porto e SL Benfica nas edições anteriores do Campeonato Nacional da I Divisão, foi a vez do Sporting CP se sagrar campeão nacional, beneficiando da diferença de golos sobre os portistas. Ambas equipas terminaram com 43 pontos, mas o Sporting com um goal-average de 79-21 e o FC Porto de 64-25. E mais uma vez os quatro primeiros lugares foram ocupados pelos “quatro grandes”, com SL Benfica em terceiro e Belenenses em quarto lugares. O representante de Coimbra, a Académica, ficou num modesto 9.º lugar, naquela que foi a última temporada sob o comando técnico de Cândido de Oliveira (falecido em junho de 1958). E na Taça de Portugal, os conimbricenses, somente representados pela Académica, seriam afastados pelo SL Benfica (1-0 e 2-0), após terem eliminado na primeira ronda o Oriental (3-0 e 1-2) – competição que seria conquistada pelo FC Porto, que bateu o SL Benfica na final por 1-0.

### **Sabia que...**

600 jogadores na AFC.

Este era o número de futebolistas inscritos, pelos diversos clubes filiados e nas várias categorias.

Número impressionante para a época.

Para além das competições, para a história do distrito ficaria mais uma digressão da Académica por terras africanas. Em fevereiro, aproveitando uma paragem no Campeonato Nacional da I Divisão, a Biosa deslocou-se pela primeira vez à Guiné. Os “estudantes”, que granjeavam muito prestígio no espaço colonial português, venceram os três jogos realizados, reforçando ainda mais essa notoriedade africana. A AFC congratulou-se com o feito do seu filiado.

### **AFC bem representada na III Divisão**

Desde a criação da III Divisão Nacional que podemos considerar que a participação dos clubes filiados na AFC nesta competição foi apenas “sofável”, não tendo conseguido qualquer apuramento para a segunda fase da prova. Porém, nesta época desportiva, tudo seria diferente, em grande parte graças à ação de União de Coimbra e da Associação Naval 1.º de Maio que, embora não conseguissem no final a almejada subida de Divisão, tiveram um percurso bastante meritório e chegaram bastante longe na prova.

A época iniciou-se, como sempre, com a disputa do Campeonato Distrital da AFC, que voltou a contar, muitos anos depois, com a presença do União de Coimbra que na época anterior havia descido da II Divisão Nacional para a III Divisão. O título de campeão distrital seria disputadíssimo entre Naval e União. Estas duas equipas demonstraram ser demasiado fortes para os restantes competidores (goleando na maior parte das partidas) e decidiram a

contenda nos jogos realizados entre si, com a vitória a sorrir aos figueirenses que assim revalidaram o título regional.

Seriam ainda apurados para a III Divisão Nacional as formações do Marialvas e do Norte e Soure, que num campeonato muito desequilibrado, suplantaram as equipas do Ginásio Figueirense (5.º classificado), Sourense (6.º) e Lousanense (7.º). Integrados na Zona B, Série 4, os representantes

da AFC mediam forças, como aliás era habitual, com os apurados da vizinha AF Leiria. A única diferença em relação aos anos antecedentes era o facto de cada associação fazer-se representar nesta fase com quatro equipas, ao invés das habituais três. Desde cedo se verificou que, contrariamente ao que o passado recente havia demonstrado, desta vez as equipas da AFC provaram ser qualitativamente superiores às suas congéneres de Leiria.

**Quadro 1.** Lista de campeões distritais de Honra (nos atuais moldes competitivos)

Época	Clube
1947-48	Marialvas (Cantanhede)
1948-49	Sport Conimbricense
1949-50	Lusitânia (Coimbra)
1950-51	Marialvas
1951-52	União de Coimbra
1952-53	União de Coimbra
1953-54	Sourense
1954-55	Marialvas
1955-56	Marialvas
1956-57	Naval 1.º de Maio
1957-58	Naval 1.º de Maio

A disputa pelos dois lugares de acesso à fase seguinte ficaria restringida a três emblemas que se superiorizaram claramente em relação aos restantes: Naval, União e Ateneu de Leiria. Neste minicampeonato a três, levaria a melhor o União de Coimbra (que terminaria a prova com 22 pontos), seguido pela Naval 1.º de Maio que, apesar de terminar com os mesmos pontos que o Ateneu (19), acabaria por suplantar a formação leiriense no confronto direto. O 4.º classificado seria igualmente um filiado da AFC, na circunstância o Norte e Soure, quedando-se o Marialvas pela 6.ª e antepenúltima posição. Seguiu-se, para os apurados, a disputa da II Fase, Zona B, onde encontraram como adversários o Benfica de Castelo Branco e o Académico de Viseu. Num grupo muito disputado, sobretudo entre União, Naval e Benfica de Castelo Branco, os unionistas conseguiriam o 1.º lugar, graças a uma vitória na derradeira jornada contra os albicastrenses, num superlotado Campo da Arregaça. A Naval 1.º de Maio ficaria num honroso 3.º lugar, a apenas um ponto dos três primeiros, culminando assim uma época em que demonstrou toda a sua qualidade. Nas meias-finais da competição, o representante da AFC defrontaria a fortíssima equipa da União Desportiva Oliveirense, campeão de Aveiro. O vencedor da eliminatória ascenderia diretamente à II Divisão Nacional e o vencido teria de disputar os jogos de passagem.

Nas duas mãos, a Oliveirense acabou por se superiorizar aos conimbricenses e garantir a subida. Ao União restava agora uma última esperança de regressar ao segundo escalão nacional: vencer o Vianense na derradeira eliminatória de

apuramento. Mas, mais uma vez, e apesar da brilhante época, este intento não seria rotulado de êxito e Coimbra teria de esperar mais um ano para voltar a ter representantes na II Divisão.

## Coimbra de luto por Cândido Oliveira

Esta temporada tinha-se iniciado, em julho de 1957, com a triste notícia da morte de Guilherme Pinto Basto, apontado como o introdutor do futebol em Portugal no final do século XIX. E em junho do ano seguinte, no dia 23, o futebol português ficou em choque com a notícia da morte do “Mestre” Cândido de Oliveira. Se Guilherme Pinto Basto foi marcante nos primeiros anos da modalidade em Portugal, Cândido de Oliveira tinha sido determinante ao longo da primeira metade do século XX. O “Mestre” Cândido estava na altura em Estocolmo, na Suécia, a fazer a cobertura noticiosa do Mundial de Futebol ao serviço do seu jornal *A Bola*, que ajudara a fundar em 1945. Foi vítima de uma pneumonia.

O seu desaparecimento espantou igualmente os conimbricenses, que tiveram o privilégio de o receber e “adotar” nos últimos dois anos de vida. Coimbra ficou de luto. A Académica, que desde que Cândido de Oliveira assumiu o comando técnico em 1956, voltou a ser o grande orgulho da cidade e da região, suspendeu imediatamente todas as atividades desportivas, culturais e recreativas. As “Repúblicas” escolares e a maioria dos clubes de Coimbra colocaram, nos dias subsequentes, as suas

bandeiras a meia haste, em sinal de profundo pesar. No primeiro grande jogo realizado em Coimbra após a sua morte foi respeitado um minuto de silêncio em sua memória e todos os jogadores do União de Coimbra e do Vianense (que disputavam o acesso à II Divisão Nacional) envergaram uma braçadeira negra no braço.

Como não poderia deixar de ser, também a AFC se associou a este sentimento de luto, em sinal de enorme reconhecimento para com esta personalidade. Para além do sucesso desportivo obtido na orientação da Académica, Cândido de Oliveira nunca escureou uma prestimosa colaboração com o organismo máximo do futebol no distrito de

### **Álvaro Rodrigues**

Durante a década de 50 do século XX, a arbitragem em Coimbra foi melhorando substancialmente, destacando-se o nome do árbitro Álvaro Rodrigues. Em finais de julho de 1958 (cf. AG Ordinária de 31 de julho), a fechar a época, foi homenageado pela AFC com a categoria de Sócio de Mérito. A Associação justificou-se com as "suas excepcionais qualidades de árbitro, filiado na Comissão Distrital dos Árbitros", sendo "considerado, oficialmente, o melhor árbitro do ano, honrando não só a classe a que pertence como prestigiando a própria região e o organismo em que se encontra filiado". Viria também a ser árbitro internacional, por Coimbra, entre 1957-58 e 1960-61, retomando essa categoria em 1963-64. Uma figura de referência, homenageada na sede da AFC com um retrato evocativo da sua memória.



Coimbra. Deixariam saudades as suas conferências e palestras no âmbito das atividades da AFC. No Relatório e Contas do biénio de 1956-58, a Direção da AFC deixaria uma última e justa homenagem a Cândido de Oliveira, da qual transcreveremos um breve trecho, muito elucidativo:

“A nós que sempre soubemos compreender e admirar os dotes excepcionais do Mestre Cândido, resta-nos a mágoa de não podermos continuar a ouvi-lo nas suas lições e a acompanhá-lo nos seus anseios. A A.F.C. curva-se reverente perante a memória de quem tanto prestígio alcançou para o futebol da região que representa”.

No funeral de Cândido Oliveira fizeram-se representar os dirigentes da AFC, assim como da Associação Académica de Coimbra e de outros clubes distritais, bem como muitos amigos de Coimbra, com os quais privou ao longo dos seus dois últimos anos de vida – neste período tinha-se instalado em Coimbra, no Hotel Astória, almoçando regularmente no Arcádia, sendo figura regular nas tertúlias da cidade. Foi por isso impressionante o número de conimbricenses presentes no funeral, que se realizou duas semanas após a sua morte, no Alto de S. João, em Lisboa. Os jogadores da Académica transportaram em ombros a sua urna, coberta por uma bandeira da Briosa, no último adeus ao “Mestre” Cândido. Coimbra, tal como outras associações distritais, viriam a contribuir para a construção de um mausoléu em sua memória.

## Novos Estatutos

Desde 1939 que os Estatutos da AFC não eram revistos na sua totalidade. Claramente estavam desatualizados e eram considerados antigos, desajustados e obsoletos nalgumas das suas alíneas. Levaram, por isso, a Direção a encarregar o seu Conselho Fiscal e Jurisdicional de definir as bases e proceder à elaboração de um novo, e atualizado, Estatuto.

O projeto do novo estatuto seria levado à Assembleia Geral da AFC do dia 24 de março de 1958, realizado na sede da Associação, sendo aprovado por unanimidade na generalidade. Ao passar à discussão na especialidade, a Académica, referindo-se ao disposto no Artigo 21.º, pretendia aumentar para 25 o número de votos que o representante da AFC na I Divisão deveria ter (neste caso, ela mesma). A Direção da AFC contestou a posição, referindo que para além de ter sido uma decisão ponderada, seguia as recomendações federativas e os exemplos das outras associações. A proposta da Académica seguiu depois para votação, sendo recusada por maioria.

Os novos Estatutos, depois de terem sido validados pela FPF e pela Direção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, entrariam de imediato em vigor. Para a Direção da AFC, a aprovação do “novo estatuto” iria permitir “dar um novo caminho e feição aos destinos da Associação de Futebol de Coimbra, facilitando trabalho às futuras direções”.

## Cronologia

1957  
58

1957

Setembro

Apontava-se o dia 29 para o início do Campeonato Distrital da I Divisão, com sete equipas. Estava igualmente previsto para esse dia o arranque do Campeonato Distrital de Reservas.

Passaram a ser concedidos subsídios aos clubes que possuíam escolas de futebol.

Dezembro

A Naval sagra-se bicampeã distrital da I Divisão de Honra e apura-se, conjuntamente com União de Coimbra, Marialvas e Norte e Soure, respetivamente 2.º, 3.º e 4.º classificados, para a disputa da III Divisão Nacional.

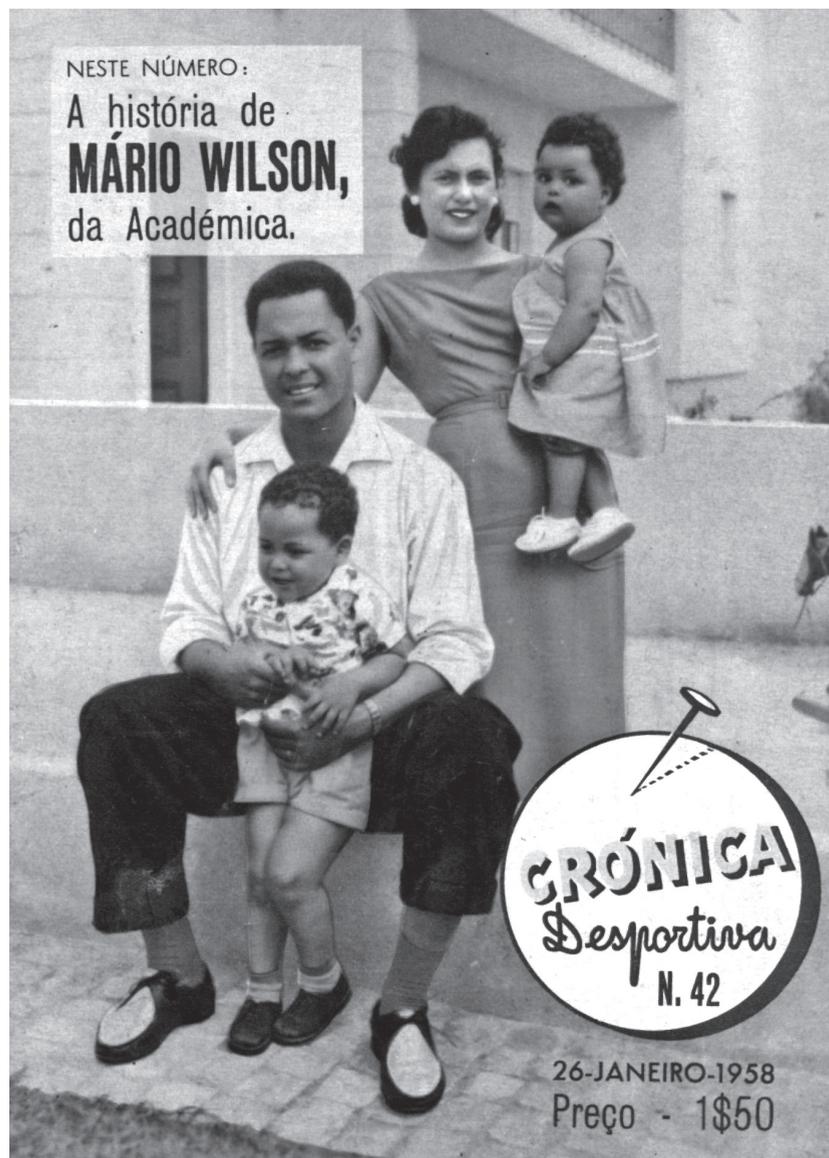
## 1958

- Fevereiro** Terminam os campeonatos distritais da AFC nas categorias de Reservas e de Juniores. A Associação Académica de Coimbra sagra-se campeão em ambas competições.
- Março** A Assembleia Geral da AFC aprovou, primeiro na generalidade e depois na especialidade, os novos Estatutos. O documento seguiu depois para Lisboa para validação pela FPF e DGD.
- Abril** União de Coimbra e Naval 1.º de Maio garantiram a passagem à segunda fase do Campeonato Nacional da III Divisão, depois de terem conquistado o primeiro e o segundo lugar da sua Série na Zona B.
- Maio** A Associação Naval 1.º de Maio completou o seu 65.º aniversário.
- Junho** Falecimento de Cândido de Oliveira.

# Competições

1957  
58

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Categoria de Honra	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra



A imprensa dedicava números especiais às figuras populares do futebol português, como Mário Wilson, da Académica.

Época

1958  
59

## Bilheteira em alta

Bateu-se o recorde de jogadores inscritos na AFC. E as receitas de bilheteira continuavam a crescer. O futebol estava disseminado em todo o Distrito, mas o “futebol popular” teimava em manter-se afastado das responsabilidades de filiação numa associação distrital.

**P**eríodo de mudança e transição no futebol português. O Ministério da Educação determinou, pela primeira vez, uma habilitação literária mínima aos desportistas portugueses, para a prática das modalidades seniores: a 4.<sup>a</sup> classe. No futebol, centenas de jogadores não cumpriam este requisito ao nível das principais divisões nacionais, ascendendo a milhares em todas as divisões distritais. Coimbra não era exceção, em especial fora da égide da Académica. Pela primeira vez falava-se também da criação de um ordenado mínimo para os jogadores da I Divisão, com a AF Lisboa a propor 1600\$00 por mês.

Em termos desportivos, esta temporada foi de recuperação do título nacional por parte do FC Porto, treinado pelo húngaro Bélla Guttmann, que manteve luta acesa com o SL Benfica até à última jornada. A simples vantagem de um golo, a favor dos portistas, ditou a conquista do título nacional. E a Taça de Portugal também seria decidida entre os dois clubes, mas desta vez com superioridade dos benfiquistas, que venceram a final por 1-0.

Coimbra esteve representada na I Divisão pela Académica, que acabou num modesto 10.<sup>o</sup> lugar, com somente oito vitórias em 26 jornadas (sete das quais em “casa”). Novamente os quatro primeiros lugares da prova foram ocupados pelos “quatro grandes” (FC Porto, SL Benfica, Belenenses e Sporting), numa clara centralidade de Lisboa e Porto na principal competição nacional. Na Taça de Portugal, Coimbra contou somente com a Académica, afastada nos oitavos de final pelo Sporting CP (3-1 e 3-0) – a surpresa na prova seria o modesto Lusitano de Évora, que atingiu as meias-finais.

## **Clubes e jogadores filiados na AFC**

Pela primeira vez na história da AFC foi ultrapassada a barreira das seis centenas de atletas inscritos. Os 12 clubes filiados registaram um total de 608 jogadores, o que representou um novo recorde na instituição.

Para estes valores muito contribuíram os quatro clubes historicamente mais populares das cidades de Coimbra e da Figueira da Foz: Associação Académica de Coimbra (90 atletas), Associação Naval 1.<sup>o</sup> de Maio (83), Ginásio Clube Figueirense (79) e Clube de Futebol União de Coimbra (73) – o eixo geográfico Coimbra-Figueira continuava a dominar a evolução do futebol distrital. Estes números explicavam-se, sobretudo, pelo facto destes quatro clubes serem os únicos que inscreveram equipas nos dois escalões (seniores e juniores), sendo que a Académica tinha inclusivamente duas equipas (A e B) na categoria de juniores. No lado diametralmente oposto tínhamos o CF Santa Clara e o Sporting Clube Nacional, ambos sediados em Coimbra, que inscreveram jogadores no escalão de juniores, mas não dispunham de equipa de seniores. Geograficamente, dos onze clubes inscritos nas provas distritais nesta época desportiva, cinco pertenciam ao concelho de Coimbra, dois ao da Figueira, dois ao de Soure, um ao concelho de Cantanhede e outro ao da Lousã. O 12.<sup>o</sup> clube inscrito era o Clube Desportivo de Argus, de Arganil, que havia sido fundado a partir de uma corporação de bombeiros local e que optou por não se inscrever em nenhuma competição oficial da AFC. Por outras palavras, mesmo se contarmos com o Argus, apenas 6 dos 17 concelhos que faziam parte do distrito

**Quadro 1.** Futebolistas inscritos na AFC em 1958-59

Clube	Seniores	Juniores	Total
Associação Académica de Coimbra	50	40	90
Associação Naval 1.º de Maio	63	20	83
Ginásio Clube Figueirense	52	27	79
Clube de Futebol União de Coimbra	47	23	70
Clube de Futebol “Os Marialvas”	54	0	54
Clube de Futebol do Calhabé	50	0	50
Grupo Desportivo Sourense	49	0	49
Clube Desportos e Educação Física Norte e Soure	47	0	47
Clube Desportivo Lousanense	45	0	45
Sporting Clube Nacional	0	21	21
Clube de Futebol Santa Clara	0	20	20
<b>Total</b>	<b>457</b>	<b>151</b>	<b>608</b>

100

administrativo de Coimbra tinham clubes filiados na Associação. Esta era, aliás, uma das grandes preocupações da Direção AFC: como atrair novos filiados entre os clubes existentes noutros concelhos do Distrito? A Direção da AFC afirmou numa das suas reuniões:

“Procurámos fomentar a propaganda da modalidade, atraindo ao seio desta associação outras agremiações que no futuro possam ser nossos filiados, dando brilho e interesse às nossas competições desportivas.”

O futebol estava disseminado por todo o Distrito e muitos clubes e coletividades desportivas faziam da sua prática uma atividade regular. No entanto, a filiação na AFC e a consequente inscrição nas provas regionais, acarretava responsabilidades, disciplina e encargos difíceis de suportar pela maioria dos clubes locais, que continuavam a ver nos jogos particulares e, sobretudo, no emergente Campeonato de Futebol Popular, oportunidades mais consentâneas com as suas modestas pretensões.

A Direção da AFC, em funções no biénio de 1958-60, acreditava que a solução seria exatamente

essa: convencer algumas das equipas “populares” a filiarem-se na AFC e a participar nas provas oficiais. Defendeu na altura:

“Procurámos a satisfação das nossas ambições no vasto campo que nos fornecessem as coletividades denominadas populares, trazendo até nós coletividades de Arganil, Montemor-o-Velho, Mirando do Corvo e Ançã. Estas coletividades abrem novas perspetivas para uma futura II Divisão Distrital”.

A intenção e visão da AFC era boa, mas os frutos tardariam a ser colhidos. Apesar de alguns clubes se terem filiado nas temporadas seguintes, continuaram, pelos motivos já invocados, a optar por não se inscrever nas competições oficiais da AFC. A instituição haveria que esperar mais uns anos para que tal acontecesse.

### **Assistências e receitas de bilheteira**

Numa altura em que os clubes necessitavam de todas as receitas possíveis para poderem manter a sua atividade, qual o verdadeiro peso que tinham as assistências e as consequentes receitas de bilheteira? Era uma questão pertinente para a época. Os jogos regionais eram suficientemente chamativos para o público ou apenas os jogos nacionais atraíam as grandes “massas”? Iremos debruçar-nos sobre este tema de seguida, baseando-nos nos dados oficiais indicados no Relatório e Contas da AFC nesta temporada.

Respondendo à primeira questão, o produto resultante da bilheteira representava, quase sempre, uma mais-valia para os clubes, na medida em que as receitas obtidas suplantavam as despesas com a realização dos desafios, que eram, em boa parte, apoiadas pela AFC. Para termos uma ideia desta realidade, bastará referir que na presente temporada de 1958-59 as receitas provenientes da venda de bilhetes no Campeonato Distrital da I Divisão, para os clubes da “casa”, cifraram-se nos 98.483\$50, ao passo que as despesas se situaram nos 65.646\$20, o que propiciou, já depois das taxas aplicadas, um saldo positivo global de mais de 30.000\$00 escudos – valor substancial para este período.

Mais significativas seriam ainda as receitas provenientes da bilhética vendida nas provas nacionais. Na I Divisão, no final da época, a Académica apresentou um impressionante saldo positivo de 261.329\$50 escudos. Na III Divisão, o União de Coimbra, que depois de uma brilhante época conseguiria a ambicionada subida de Divisão, lucraria um total de 42.682\$20 escudos e a Naval, que seria eliminada na segunda fase da prova, conseguiria ainda assim um saldo positivo de quase 32.000\$00. Ainda nesta prova, Marialvas e Lousanense, que seriam afastados logo na 1.<sup>a</sup> fase, apresentariam saldos bem mais modestos, mas ainda satisfatoriamente positivos.

No que diz respeito ao número de bilhetes vendidos, que fornecem uma clara ideia da quantidade de espetadores que assistiam aos jogos, verificamos grandes disparidades entre clubes e competições. No Campeonato Distrital da I Divisão, três clubes destacaram-se claramente no que diz

**Sabia que...** O Ministério da Educação estabeleceu a 10 de janeiro de 1959 uma habilitação literária mínima para os desportistas, sem a qual não podiam manter atividade: 4.ª classe. Centenas de futebolistas da I Divisão não cumpriam esse requisito. A Académica era dos clubes menos afetados com a medida.

respeito às assistências: a Naval 1.º de Maio vendeu 5.011 bilhetes nos jogos em “casa”, o que representa uma média de 715 bilhetes por desafio; seguiu-se o União de Coimbra com 4.778 bilhetes vendidos e o Marialvas com 3.168. Num patamar intermédio situou-se o Ginásio Clube Figueirense, que vendeu um total de 1.910 bilhetes ao longo do Campeonato. As restantes quatro equipas situaram-se entre os 840 bilhetes da Lousanense (média de 120 por jogo) e os 1.025 do CF Calhabé. No total foram mais de 18.600 adeptos com bilhete pago que assistiram aos jogos da I Divisão Distrital em Coimbra.

As provas nacionais, naturalmente, despertavam maior interesse, não só dos adeptos locais, como daqueles que acompanhavam as equipas visitantes. Os números eram, por isso, mais significativos. Só a

Académica, na I Divisão Nacional, vendeu um total de 68.018 bilhetes, o que perfazia uma interessante média de 5.232 adeptos por cada jogo disputado no Estádio Municipal de Coimbra. Na Taça de Portugal, prova que contava com um fundo de prejuízos próprio para ajudar a custear as despesas, os “estudantes” venderam 4.922 bilhetes.

Nos escalões nacionais mais modestos, os números eram outros, mas igualmente reveladores. Na III Divisão Nacional, o União de Coimbra, na sua caminhada triunfal até à subida, vendeu um total 10.225 bilhetes (929 por jogo), enquanto a Naval 1.º de Maio, nos dez jogos disputados no Estádio Municipal José Bento Pessoa, contabilizou 8.218 entradas pagas (821 por jogo). Ainda nesta prova, Marialvas e Lousanense tiveram uma média, respetivamente, de 421 e 229 bilhetes vendidos por jogo. Por último, no Campeonato Nacional de Juniores, os representantes da AFC, na circunstância Académica e Sporting Clube Nacional, venderam em conjunto 1.017 bilhetes nos jogos disputados em Coimbra, numa média de 145 bilhetes por jogo.

Entre provas distritais e nacionais foram vendidos, pelos clubes filiados na AFC, um total de 113.981 bilhetes, que geraram um saldo positivo de mais de 368.000\$00. Era mais que evidente a importância económica que representavam as receitas de bilheteira nas finanças dos clubes. Em Coimbra como em todo o País. E não foi mera casualidade que nesta temporada, precisamente com o receio da redução de adeptos nos estádios, em setembro de 1958 a AF Lisboa decidiu vetar a transmissão dos jogos de futebol pela televisão (a RTP iniciou-se um ano antes).



Tomada de posse dos órgãos sociais da AFC.

## Cronologia

1958  
59

104

1958

Julho

A Assembleia Geral da AFC de dia 31 reconheceu o seu 11.º Sócio Honorário: Cândido F. Plácido de Oliveira, ou simplesmente Cândido de Oliveira. Era o reconhecimento a uma figura desaparecida meses antes. A AFC aprovou ainda mais três sócios de Mérito, entre eles o primeiro árbitro, Álvaro Rodrigues (171.º sócio de Mérito).

Setembro

Mantinhm-se as restrições às transferências de jogadores. Uma das situações mais polémicas gerida pela AFC foi a tentativa de saída do popular guarda-redes Joaquim Silva do Ginásio Clube Figueirense para o rival Naval 1.º de Maio. O jogador solicitou a famosa "carta de desobriga" ao Ginásio, de forma a poder-se inscrever na Naval, mas o clube recusou, gerando enorme descontentamento no futebolista, que prometia não voltar a jogar pelo Ginásio. A opção era ficar um ano sem jogar por nenhum clube, sendo depois jogador livre.

Outubro

Arrancou o Campeonato Distrital da I Divisão da AFC, envolvendo a Naval, Marialvas, União de Coimbra, Ginásio Clube Figueirense, Sourense, Calhabé, Lousanense e o Norte e Soure.

## 1958

Novembro

O brasileiro Otto Bumbel, que já havia treinado o Lusitano de Évora e FC Porto, faz o seu primeiro jogo como técnico da Académica de Coimbra. Pela primeira vez um treinador estrangeiro comandava um clube filiado na AFC.

Dezembro

A Direção do União de Coimbra pediu ao Ministro das Obras Públicas, durante a sua visita à cidade, um subsídio para instalação da luz elétrica no Campo da Arregaça, para se poderem ali disputar jogos em horário noturno.

## 1959

Janeiro

Terminou o Campeonato Distrital da I Divisão. A Naval conquistou o título pela terceira vez consecutiva. Além do clube figueirense, União, Marialvas e Lousanense, na qualidade de representantes da AFC, conseguiram o apuramento para a disputa da III Divisão Nacional.

A AF Lisboa propôs a criação de um ordenado mínimo para os futebolistas da I Divisão: 1.600\$/mês.

Março

Fim do Campeonato Distrital de Juniores. A Académica voltou a ganhar e seguiu para a disputa do Campeonato Nacional da categoria. O outro representante da AFC na prova seria o surpreendente Sporting Nacional, 2.º classificado do Distrital, que pela primeira vez participava numa prova oficial organizada pela FPF.

Junho

Voto de louvor da Direção da AFC ao União por ter regressado à II Divisão Nacional. O clube comemorava o seu 40.º aniversário (1919-1959).

Ao longo da temporada, somente dois clubes apresentaram protesto de jogo em competições oficiais da AFC. Cada clube que protestava tinha de pagar uma caução de 75\$00 à AFC para mover o processo. Se as razões invocadas fossem válidas e o jogo repetido, o valor seria restituído ao clube protestante. Se por outro lado, o protesto fosse considerado como improcedente, o montante ficava na posse da AFC.

# Competições

1958  
59

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Categoria de Honra	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra



Durante a temporada foi feita uma homenagem a Mário Wilson, grande figura da Académica, em pleno Estádio Municipal de Coimbra. O jogador (com a mão no rosto) não conteve a emoção.

Época 1959  
60

## Bentes de ouro

Oficializou-se o profissionalismo no futebol português e chegou o Totobola. Foi também a época de despedida de um dos nomes de referência do futebol conimbricense, o talentoso Bentes, que a AFC homenageou com a atribuição da primeira Medalha de Ouro de Mérito Desportivo.

**U**m dos momentos marcantes da época seria a 12 de março de 1960, quando se anunciou oficialmente o profissionalismo no futebol português. Ciclismo, boxe e futebol eram as três modalidades que passavam a ter a possibilidade de fazer contratos profissionais aos atletas. No caso do futebol, oficializava-se algo que já vinha sucedendo há décadas, como era a compensação financeira aos melhores jogadores. E naturalmente surgiram as apostas à volta do futebol, com a criação do Totobola, que seria uma das novidades criadas nesta temporada. Mas a modalidade continuava a ser (quase) exclusivamente masculina, ainda sem uma dimensão feminina em Portugal, o que só viria a suceder na década de 1970.

Em termos de Campeonato Nacional da I Divisão, o SL Benfica seria o vencedor, num despique aceso com o Sporting CP durante quase toda a temporada. Belenenses (3.º) e FC Porto (4.º) fecharam os quatro primeiros lugares, habitualmente ocupados precisamente por estes “quatro grandes”. A Académica acabou num confortável 6.º lugar, logo atrás da CUF (5.º classificado). Mas o momento marcante da época para os “estudantes” seria a despedida de Bentes, após 15 anos consecutivos como jogador da Académica (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 172-175).

A imprensa desportiva nacional e regional homenageou-o na hora da despedida, reconhecendo-lhe o enorme talento e fantasia em campo.

Menos memorável seria a prestação da Académica na Taça de Portugal, que pela primeira vez decorreu em paralelo com o Campeonato

Nacional da I Divisão – até então disputava-se no final do Campeonato. A primeira eliminatória alargou-se, por isso, a mais equipas, envolvendo 42 clubes, a duas voltas. Académica e União de Coimbra foram os representantes da AFC, sendo ambos afastados nesta primeira ronda, respetivamente por Olhanense e Sporting Clube da Covilhã. O jogo em Coimbra contra o Sporting da Covilhã ficaria marcado por um “golo fantasma” do União, com a bola a entrar na baliza pela malha lateral esquerda, que estava rasgada – o árbitro não se apercebeu disso e validou o golo, para desespero dos covilhanenses, que apesar disso arrancaram um empate (2-2) que lhes valeu a passagem, graças a uma vitória em casa (1-0). A Taça acabou por ser dominada por clubes de Lisboa, com três deles presentes nas meias-finais (Belenenses, Sporting CP e SL Benfica), e com dois a disputar a final. Belenenses impôs-se ao Sporting CP por 2-1, com golos de Carvalho e do inevitável Matateu.

## **Regresso do Torneio de Abertura**

Esta época desportiva assistiria a uma diminuição do número de equipas inscritas no Campeonato Distrital da I Divisão de Seniores da AFC, que passou de oito para seis clubes. Este decréscimo ficou a dever-se, fundamentalmente, à saída de dois filiados da AFC que haviam participado na anterior prova: o União de Coimbra, que subiu à II Divisão Nacional; e o FC Calhabé, que suspendeu a equipa de seniores. Para mitigar este problema, a AFC repensou o calendário competitivo

e voltou a introduzir um torneio de abertura oficial, com o intuito de melhorar a preparação dos seus representantes para a III Divisão Nacional. Nele participariam, por um lado, os seis clubes inscritos na principal competição interna (Ginásio Figueirense, Lousanense, Marialvas, Naval, Norte e Soure e Sourense), e por outro, as Reservas da Académica e do União de Coimbra.

A Taça AFC, designação atribuída ao torneio, seria discutida ao longo de todo o mês de outubro, perspetivando-se a realização da final em inícios de novembro de 1959, num dos campos de Coimbra. A competição seria disputada no sistema de eliminatórias, a uma só volta, apurando-se os vencedores para a fase seguinte e assim sucessivamente até se chegar à final. No entanto, como o objetivo principal do torneio era o de dar competição a todas as equipas, decorreria em simultâneo com as eliminatórias dos “vencedores” a disputa de jogos entre os “vencidos”, mantendo assim em atividade todos os clubes. Os finalistas da Taça AFC de 1959-60 seriam Académica (Reservas) e o Norte e Soure, sorrindo o triunfo aos “estudantes” por 4-1, num jogo disputado no histórico e “velhinho” Campo de Santa Cruz.

Esta prova serviu, assim, de antecâmara ao Campeonato Distrital, iniciado no fim de semana seguinte e que terminaria no início de janeiro de 1960 com a confirmação do “tetra” por parte da Associação Naval 1.º de Maio. Para além da formação navalista, seguiram em frente para a disputa da Zona B, série 4, da III Divisão Nacional da presente temporada, o Ginásio Figueirense, o Marialvas e o Norte e Soure.

Devido, muito provavelmente, ao facto de estarem mais bem preparados, graças à disputa prévia de um torneio de abertura, os representantes da AFC viriam a superiorizar-se claramente aos da AF Leiria na primeira fase da prova. O Marialvas seria primeiro classificado com 21 pontos; o Norte e Soure, segundo, com igual número de pontos; a Naval, quarta posição, com 17 pontos e o Ginásio Figueirense, sexto, com 9 pontos. Apenas o Ginásio de Alcobaça (terceiro classificado com 20 pontos) deu alguma réplica aos clubes do distrito de Coimbra.

**Sabia que...** Académica e União, representantes da AFC na Taça de Portugal, foram eliminados na primeira ronda. E pior que isso, a despesa pela participação suplantou a receita em mais de 17.000\$00. Esta situação seria, em condições normais, catastrófica. Mas por existir um “fundo de prejuízos” para a competição, os clubes foram ressarcidos pela FPF e o saldo ficou equilibrado.

Na segunda fase da competição, Norte e Soure, e sobretudo Marialvas, continuaram a dignificar o futebol distrital de Coimbra, com a equipa de Cantanhede a ficar mesmo às portas de um histórico apuramento para a Fase Final da prova, sendo apenas suplantado pelo Sport Benfica e Castelo Branco que acabaria, inclusivamente, por se sagrar campeão Nacional da III Divisão nesta época.

### **AFC atribui primeira Medalha de Ouro de Mérito Desportivo**

Como já tivemos oportunidade de observar por diversas ocasiões nesta obra, a AFC nunca descurou louvar e homenagear sócios, dirigentes, clubes, jogadores e/ou árbitros, seus filiados, que, pelas suas carreiras, feitos ou qualidades mereceram esta distinção. A época de 1959-60 não seria exceção, com a homenagem a dois extraordinários jogadores.

A 8 de novembro de 1959, na Figueira da Foz, e num lotado Estádio Manuel José Bento Pessoa, despediu-se da atividade de futebolista António Maria Pereira Júnior, um dos grandes ídolos da Associação Naval 1.º de Maio. Naquela ocasião, o consagrado jogador, que representou o clube figueirense por mais de duas décadas, envergou pela última vez a camisola verde e branca, num jogo contra o SL Benfica, que os lisboetas venceram por 4-1. Mas, mais importante que o resultado, foram as homenagens prestadas pelos representantes das entidades oficiais, entre as quais, como não poderia deixar de ser, a AFC, que louvou o atleta “pela

correção e espírito desportivo” com que sempre desempenhou a sua atividade.

A 22 de maio de 1960 seria a vez de homenagear outra antiga “lenda” do futebol do distrito de Coimbra, na circunstância António de Deus Costa de Matos Bentes de Oliveira, ou simplesmente Bentes, nome pelo qual era conhecido no meio futebolístico este jogador da Académica e antigo internacional português. O SL Benfica seria novamente o convidado de honra para esta despedida, onde, num encontro bem disputado, a Académica conseguiu um empate a duas bolas contra o já proclamado campeão nacional daquela época. A homenagem a Bentes seria, contudo, o ponto alto da festa. A Direção da AFC, associando-se a esta justíssima comemoração, galardoaria o homenageado “pela assiduidade, correção, espírito e valor desportivo de que deu provas durante 15 épocas da sua atividade” com a entrega da Medalha de Ouro de Mérito Desportivo da AFC, que pela primeira vez na história da instituição era atribuída.

### **Digressões**

A Associação Académica de Coimbra, na qualidade de grande embaixador do futebol conimbricense e de representante máximo da AFC nas provas nacionais, atingia já nesta altura uma notável reputação em Portugal (incluindo as colónias africanas) e no estrangeiro. Na presente época desportiva, em consequência desta popularidade crescente, os “estudantes” fariam três importantes

digressões: ao estrangeiro (Espanha), a uma colónia ultramarina (Guiné-Bissau) e ao arquipélago dos Açores (São Miguel).

A digressão ao país vizinho, mais precisamente à Andaluzia, decorreria no período de pré-época. No mês de setembro de 1959, a Académica deslocou-se a Granada e a Sevilha para defrontar o Granada FC e o Real Bétis Balompié, dois históricos do futebol espanhol e primodivisionários à época. Apesar das duas derrotas registadas (2-0 e 3-1), a Académica deixaria uma boa imagem do futebol português em geral e do futebol conimbricense em particular.

Em abril, nas férias da Páscoa, a Académica atravessaria novamente fronteiras nacionais para disputar três encontros particulares no continente africano. Na Guiné portuguesa, onde a presença da Académica seria motivo de enorme júbilo e satisfação, os “estudantes” conseguiriam vitórias em todos os jogos realizados, triunfando por 3-2 contra uma Seleção do Senegal; por 6-2 contra a Seleção de Cabo Verde; e por 4-0 contra uma seleção de cabo-verdianos residentes na Guiné. O prestígio

da Académica, e de Coimbra, que já era enorme naquelas paragens, sairia ainda mais reforçado depois desta empolgante visita.

Em maio de 1960, depois do encerramento da época oficial, seria a vez da Associação Académica de Coimbra rumar aos Açores para defrontar o Micaelense. Num campo superlotado de Ponta Delgada, os adeptos insulares, ainda infelizmente arredados da disputa das provas nacionais, tiveram a oportunidade de observar in loco uma das mais prestigiadas equipas do território continental, a Briosa. Nem mesmo a copiosa derrota por 17-0 impediu os Micaelenses de prestarem uma sentida e calorosa homenagem à Académica. O futebol de Coimbra e da própria AFC, através de um dos seus filiados, ficou uma vez mais valorizado com esta digressão bem-sucedida. Como sinal de agradecimento e reconhecimento por este mérito, a AFC deixaria registado na sua documentação oficial o comportamento do seu filiado nestas digressões, não só no plano desportivo, mas igualmente pela simpatia, cordialidade e espírito demonstrados. Todos saíram a ganhar, era o sentimento emanado da AFC.



O popular campo da Arregaça foi um dos locais prediletos do futebol em Coimbra nesta década.

## Cronologia

# 1959 60

### 1959

Setembro

A Direção da Associação decidiu organizar a Taça AFC, torneio de abertura que contaria com as equipas inscritas na I Divisão Distrital e as Reservas de Académica e União de Coimbra.

Outubro

A Direção da AFC aceitou a filiação do Ançã Futebol Clube.

Novembro

A imprensa destacou, no dia 14, a visita à Figueira da Foz do SL Benfica, para a festa de despedida dos relvados do seu antigo jogador, natural da Figueira da Foz e formado na Naval, António Maria. Uma homenagem com imenso público, no Estádio José Bento Pessoa, que envolveu diversos discursos de figuras ímpares do desporto local e o encontro amigável entre Naval (com António Maria no seu "onze", a médio direito) e SL Benfica, com vitória benfiquista por 4-1. A AFC autorizou a realização do encontro e apresentou um voto de louvor ao atleta.

# 1960

## Janeiro

A Direção da AFC decidiu premiar as equipas de juniores da Académica, União, Nacional e Naval, pelo esforço demonstrado na inscrição do campeonato distrital. Foram oferecidos 12 pares de sapatilhas de futebol a cada equipa.

Terminou o Campeonato Distrital de Futebol da I Divisão, com a vitória da Associação Naval 1.º de Maio, pela quarta vez consecutiva, com 27 pontos, seguindo-se o Norte e Soure (24 pontos), Marialvas (24), Ginásio CF (17), Lousanense (15) e Sourense (11).

Estava em disputa, na Figueira da Foz, um curioso troféu, o Torneio de Futebol Miniatura, organizado pela Naval para jovens. A 1.ª categoria, entre os 12 e 14 anos, envolveu quatro equipas: B. da B. Vista, B. da Estação, Figueira P. e B. Chinês.

## Março

O Marialvas venceu a sua série da 1.ª fase do Campeonato Nacional da III Divisão. Norte e Soure, segundo classificado, seguiu igualmente em frente.

## Abril

O filiado Académica de Coimbra faz uma digressão pelo continente africano, tendo disputado jogos com seleções de jogadores do Senegal e de Cabo Verde.

## Maio

A Direção da AFC ordenou que se mandassem fazer fotografias de todos os jogadores de clubes filiados na Associação que foram internacionais por Portugal. Os quadros deveriam posteriormente ser expostos na sede da AFC.

A AFC decidiu associar-se à homenagem ao antigo jogador da Académica e internacional português Bentes. Foi decidido atribuir-lhe, pela primeira vez, a medalha de ouro de mérito desportivo.

## Junho

A Associação Académica de Coimbra fechou a década de 50 do século XX com um pleno de participações na I Divisão.

Competições

1959  
60

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Categoria de Honra	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Naval 1.º de Maio
Taça AFC - Categoria de Honra e Reservas	Associação Académica de Coimbra (Reservas)

DOMINGO  
13  
DEZEMBRO

Estádio Municipal  
JOSÉ BENTO PESSOA

FIGUEIRA DA FOZ

F  
U  
T  
E  
B  
O  
L

Campeonato  
distrital da  
1.ª Divisão

às 13 horas

RESERVAS

GINÁSIO

NAVAL



às 15 horas

Inscrição dos Expedientes  
Delegado  
VISTO  
Horas de Trabalho  
O Delegado  
*[Signature]*

**GINÁSIO-NAVAL**

PREÇOS

Sócios: Peão 3\$00 — Bancada 5\$00

Não sócios: Peão 6\$00 — Bancada 10\$00

Senhoras, Menores e Militares-Peão 4\$00-Banc.6\$00

**Não há senhas de saída**

NOTA--Depois de iniciado este programa não será restituída a importância dos bilhetes se ele for interrompido por qualquer motivo imprevisto.

Para maiores de 6 anos

Tip. Marques Succ. — Figueira da Foz — 7-12-959 — 40 ex.

Cartaz alusivo ao Campeonato Distrital da 1.ª Divisão da AFC de 1959-60. Anunciava o clássico entre Ginásio e Naval (vencedor da prova).

Mais filiados,  
mais competições distritais,  
mais escalões jovens,  
mais formação arbitral,  
mais público,  
maior competitividade,  
novos campeões,  
melhores campos  
de futebol.

E finalmente chegou  
a internacionalização  
do futebol de Coimbra.

# Di versi fica ção

1961-1970



Os estádios reconfiguram as cidades, como fez o Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz.

**E**sta década caracterizou-se pelo agudizar das tensões entre os dois blocos políticos e militares, que opunham a União Soviética e os Estados Unidos da América. Desde o início dos anos 60 do século XX que Portugal passou a viver, ainda mais, uma relação difícil com o mundo. A guerra colonial iniciou-se em 1961, motivada naturalmente pelas primeiras revoltas nos países africanos sob domínio português, logo após a União Indiana ocupar militarmente Diu, Goa e Damão. Salazar enfrentava a pressão internacional para conceder a independência a Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, mas insistiu na defesa do “Grande Portugal”, avançando para o conflito armado.

A guerra colonial agudizou as condições económicas do País e a vida dos portugueses, levando à emigração em massa para a Europa, para fugir à guerra e à procura de melhores condições de vida. Surgiram, naturalmente, os movimentos de contestação ao Regime, advindos de setores muito diversos, desde os mineiros, os agricultores, os pescadores aos “estudantes” universitários, com Coimbra à cabeça. E sucederam-se as tentativas, falhadas, de derrube do Estado Novo, cada vez mais isolado a nível interno e externo. O brutal assassinato de um opositor como o “General sem medo”, Humberto Delgado, em 1965, teria repercussões extremamente negativas no Regime. Salazar acabaria por ser vencido pela idade e uma doença, um hematoma cerebral. Agosto de 1968 ditou o seu fim enquanto líder de um Estado Novo imposto em 1933 – Salazar viria a falecer em julho de 1970, aos 81 anos. Nesta altura chega Marcelo

Caetano e a chamada “Primavera Marcelista”, numa tentativa tardia e frustrada de modernizar um Regime em agonia política e social, que terminaria em 1974.

O futebol não ficou de fora das polémicas políticas, principalmente no que dizia respeito a África. A propaganda do Regime reagiu, em algumas ocasiões, às pressões internacionais com o argumento da tipologia única da cultura e identidade portuguesas, em que o futebol desempenhava um papel importante nesta retórica devido ao facto de muitos atletas oriundos dos países africanos representarem Portugal, através dos seus principais clubes e da Seleção Nacional. O futebol acabou acusado de ser uma ferramenta da propaganda salazarista como fator de união perante uma comunidade internacional que, na sua generalidade, condenava a Guerra Colonial. A conquista de duas Taças dos Campeões Europeus pelo SL Benfica, de uma Taça das Taças pelos Sporting CP e a brilhante presença da Seleção Nacional no Mundial de Inglaterra de 1966 serviriam na perfeição ao discurso profundamente nacionalista do Estado Novo. Porém, o futebol seria campo fértil para os opositores, como sucederia na histórica final da Taça de Portugal de 1969, que enfrentou a Académica de Coimbra e o SL Benfica, em plena crise académica.

Esta década, como referimos, seria marcada pelo êxito internacional ao nível de clubes e Seleção Nacional, reflexo do enorme talento de jogadores e de alguns treinadores. O profissionalismo no futebol ajudou fortemente todo este processo, alicerçado em treinadores estrangeiros de qualidade, como

Otto Glória. Surgiram novos estádios e melhoraram outros. Aumentaram as receitas e os escalões de formação diversificaram-se e receberam maiores apoios. E manteve-se a forte ligação à África portuguesa, chegando a Portugal grandes figuras africanas (de Angola e Moçambique) como Eusébio (figura maior), Mário Coluna, José Águas, Costa Pereira, Vicente, Hilário ou Matateu, entre muitos outros, que permitiram um salto qualitativo do futebol português. Estes fenómenos conjugaram-se com a ascensão da televisão, através da RTP, e da massificação das emoções através do futebol, com a imprensa e a rádio a desempenharem igualmente um papel importante nesta dinâmica informativa à volta do futebol. A guerra colonial, a crise económica, a emigração ou o atraso estrutural do País eram muitas vezes esquecidos em prol das emoções do futebol. E tudo isto sob o domínio de uma equipa, o SL Benfica. Nesta década, as “águias” ultrapassaram os “leões” em títulos nacionais, vencendo oito campeonatos contra dois do Sporting CP – Lisboa foi hegemónica. Somente a Taça de Portugal permitiu uma maior igualdade, com o SL Benfica a vencer por quatro vezes, o Vitória FC de Setúbal por duas vezes, distribuindo-se as seguintes edições por Sporting CP, Leixões SC, Sporting Clube Braga e FC Porto. Assumia uma maior representatividade geográfica, embora muito centrada na Grande Lisboa, incluindo Setúbal, e no Grande Porto até Braga.

Coimbra, embora sem conquistar troféus nacionais, assumiu-se como um dos polos impor-

tantes do futebol português, fora precisamente destes dois eixos geográficos (Lisboa e Porto). Passou a acolher provas internacionais, como o torneio internacional de juniores, e encontros da Taça das Taças, através do seu máximo representante nacional e internacional, a Associação Académica de Coimbra. Seria a única equipa do Distrito a participar em todas as edições do Campeonato Nacional da I Divisão, atingindo mesmo o 2.º lugar, e a chegar à final da Taça de Portugal, precisamente em 1967 e 1969 – neste último ano, na mais politizada final do Jamor de todo o século XX. Era o reconhecimento nacional e internacional a uma região que muito tinha dado e continuava a dar ao futebol português.

Esta década ficaria ainda marcada por um conjunto de acontecimentos, que influenciariam o futebol no distrito de Coimbra. O Totobola, em termos de verbas de apoio à modalidade, seria determinante para a saúde financeira da AFC e dos clubes. Passaram--se também a organizar mais provas distritais, nos diferentes escalões e em distintas alturas da época, de forma a promover a competitividade dos clubes e jogadores. Mais competições permitiram e promoveram maior diversidade de campeões, que foram naturalmente surgindo fora da centralidade de Coimbra e Figueira da Foz. Cantanhede, Mira ou Miranda do Corvo foram regiões que ganharam nova escala competitiva. E acentuaram-se igualmente duas grandes preocupações da AFC: os árbitros e a formação de jovens jogadores. Duas grandes “bandeiras” da AFC nesta década.

Época 1960  
61

## Europeu de juniores

Coimbra foi uma das cidades eleitas para acolher jogos do mais prestigiado torneio internacional de juniores, antecessor do Europeu de Sub-21. Um momento único e histórico para a cidade e a AFC. Portugal seria campeão europeu e Coimbra afirmou-se mais uma vez como uma cidade capaz de receber grandes jogos.

**A** entrada na nova década daria uma nova dimensão ao futebol português, uma dimensão internacional. Pela primeira vez na história uma equipa portuguesa venceu uma competição internacional de clubes, a Taça dos Clubes Campeões Europeus, com o SL Benfica a bater na final o poderoso e favorito CF Barcelona. Portugal exultou, uma afirmação do futebol português na Europa. A este trofeu, os “encarnados” viriam a juntar o Campeonato Nacional da I Divisão, superiorizando-se a Sporting CP (2.º) e FC Porto (3.º). Só a Taça de Portugal escapou aos benfiquistas, afastados nos oitavos de final pelo Vitória FC de Setúbal (3-1 e 1-4).

Os clubes de Coimbra, na Taça de Portugal, teriam também prestação modesta, sendo eliminados na primeira ronda pelo Barreirense, que afastou a Académica (4-2 e 1-1), e pelo Vitória SC de Guimarães (4-0 e 3-1), que eliminou o União de Coimbra. Quanto ao Campeonato Nacional da I Divisão, a Académica (único representante da AFC) ficou a meio da tabela (7.º lugar), salientando-se as figuras de Rocha, Maló, Mário Wilson e Torres, assim como o goleador Jorge Humberto que viria a transferir-se para o Inter de Milão – apontada como “a primeira grande transferência do futebol português para o estrangeiro” (Santana & Mesquita, 2007, p. 176).

Em Coimbra, a AFC contou somente com oito filiados nesta temporada, num total de 497 jogadores, distribuídos entre 352 seniores e 145 juniores. O Campeonato Distrital da I Divisão teria cinco equipas e seria ganho pelo CF “Os Marialvas” com 22 pontos, mais dois que o segundo classificado, o Norte e Soure. “Os Marialvas”, nas oito jornadas

da prova, venceram por seis vezes e permitiram somente dois empates. Mais disputado esteve o Campeonato Distrital de Juniores, que teve sete equipas em disputa. E após as 12 jornadas, duas equipas acabaram empatadas com os mesmos pontos (32) e o mesmo número de vitórias (10) e derrotas (2). A diferença esteve no goal average, com a Académica de Coimbra, equipa A, a marcar 54 golos e a sofrer somente 10, enquanto o Sporting C. Nacional marcou 30 golos e sofreu 14.

### **Coimbra no Torneio Internacional de Juniores**

Esta época desportiva ficaria marcada por duas grandes conquistas para o futebol nacional: como já referimos, o triunfo internacional do SL Benfica na Taça dos Clubes Campeões Europeus, e a vitória de Portugal no 14.º Torneio Internacional de Juniores. Sobre esta última, debruçar-nos-emos em seguida, uma vez que se cruza diretamente com Coimbra.

Entre março e abril de 1961, Portugal recebeu a 14.ª edição do Torneio Internacional de Juniores da UEFA, uma espécie de primórdios do Campeonato da Europa de Sub-21. Das 16 seleções previstas inicialmente, apenas 13, por razões várias, acabariam por participar. Seriam constituídos três grupos de três seleções e um grupo de quatro, que jogariam entre si, passando apenas o primeiro de cada agrupamento para as meias-finais da prova. As cidades escolhidas para a realização dos encontros seriam Braga, Porto, Coimbra, Leiria, Lisboa e Évora, por serem aquelas que melhores condições logísticas

e estruturais possuíam para acolher um certame destas dimensões.

A AFC ficou responsável pela coorganização (conjuntamente com a FPF) dos dois jogos disputados em Coimbra, tendo escolhido, naturalmente, o Estádio Municipal de Coimbra, como palco dos desafios. Coimbra recebeu, assim, no dia 4 de abril de 1961, dois encontros decisivos: o Espanha-Áustria (6-1, Grupo B) e o Roménia-Bélgica (1-0, Grupo C), que resultaria no apuramento dos espanhóis para as meias-finais e, apesar da vitória no encontro, na eliminação dos romenos da mesma fase. A cidade de Coimbra acolheu entusiasticamente ambos encontros e seleções, e o Estádio Municipal apresentou uma excelente e animada moldura humana. A AFC fez questão de assinalar este acontecimento histórico com a oferta de várias lembranças aos capitães de equipa de cada uma das seleções e com a celebração de um jantar com os elementos da FPF e de outras associações distritais, presentes na cidade para assistir aos encontros.

O Torneio foi ganho brilhantemente pela Seleção Nacional Portuguesa, que depois de começar titubeantemente com um empate a zero com a Itália, venceu por 4-0 a Inglaterra, por 4-1 a Espanha e por 4-0 a Polónia, na grande final, obtendo assim a sua primeira grande conquista internacional. Dessa seleção faziam parte quatro jogadores de um clube filiado na AFC, na circunstância a Associação Académica de Coimbra, como sabemos e já aqui o referimos por diversas vezes, uma das grandes escolas de formação da altura. O guarda-redes Viegas e os avançados Crispim, Rebelo e Nunes, contribuíram ativamente para esse triunfo

lusitano e encheriam, ainda mais, de orgulho os conimbricenses e a própria AFC.

A vitória portuguesa não era propriamente surpreendente. No ano anterior, esta mesma seleção tinha ficado em terceiro lugar no Torneio Internacional (da mesma categoria) realizado na Áustria. Alguns dos seus componentes viriam a ser figuras destacadas do futebol português, como Oliveira Duarte, Fernando Peres, Serafim ou António Simões (grande figura do SL Benfica e Seleção Nacional).

### **Taça Dr. António Leitão**

Depois de vários anos a apoiar campeonatos e torneios de futebol popular, a AFC assumiu, na presente época desportiva, a organização de uma competição desta natureza, a que se daria o nome de Taça Dr. António Cândido de Almeida Leitão, em jeito de homenagem a este malogrado homem do desporto conimbricense e antigo presidente da AFC. O objetivo principal desta taça era o de preparar um conjunto de equipas mais modestas para virem a integrar proximamente uma II Divisão Distrital. Inscreveram-se na prova os seguintes clubes: Atlético Clube Pereirense, de Pereira do Campo; Clube Desportivo Carapinhense, de Carapinheira do Campo; Sporting Clube Ribeirense, de Ribeira de Frades; Académico Clube de Coimbra; Clube de Futebol Lusitano de Coimbra; Clube Atlético Mirandense, de Miranda do Corvo; Sporting Clube Pinheiro Manso, de Coimbra; Ançã Futebol Clube e Sporting Clube de Coimbra.

Os clubes jogavam entre si, numa única *poule* a duas voltas, sendo que aquele que no final conseguisse amearhar mais pontos seria declarado vencedor. A prova teria um regulamento específico, elaborado pelo Conselho Técnico da AFC, que entre outras determinações definiu:

1. Cada equipa poderia substituir o guarda-redes em qualquer altura do encontro e fazer o máximo de duas substituições até ao início da segunda parte.
2. Os clubes visitados eram responsáveis pelo policiamento dos jogos, devendo requisitar previamente à GNR ou à PSP a sua presença e pagar as suas gratificações.
3. As despesas com as equipas de arbitragem, prémios e deslocações deveriam ser igualmente asseguradas pelos clubes visitados.
4. No que diz respeito às deslocações, os clubes de Coimbra, ao viajarem para fora da cidade, deveriam receber dos clubes visitados as seguintes importâncias: a Ançã, 120\$00; a Carapinheira do Campo, 200\$00; a Miranda do Corvo e a Pereira do Campo, 100\$00 e a Ribeira de Frades, 100\$00.
5. No restante seria aplicado o regulamento de provas da AFC.

Infelizmente, e apesar do esforço da AFC, esta prova seria marcada por algumas quezílias e atos de indisciplina, que não se coadunavam com o espírito

desportivo que a Associação pretendia implementar. Por outro lado, o desinteresse das coletividades participantes seria evidente, criando um ambiente pouco propício à popularização da prova. E para dificultar ainda mais a situação, a Direção Geral da Educação Física, Desporto e Saúde Escolar divulgou uma circular em que obrigava os clubes populares a ingressarem nas associações como filiados ao fim de dois anos de atividade – a ideia era que todos os clubes de futebol, mesmo os mais amadores, estivessem sob a alçada de associações distritais e por inerência da FPF. Este contexto levaria a AFC a suspender a organização deste tipo de competições amadoras e a ver adiado, uma vez mais, o desejo de constituição de uma II Divisão Distrital.

### Preocupações arbitrais

Durante a temporada, uma das questões que afetou a Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra relacionou-se, mais uma vez, com a indisciplina nos campos de futebol. Em julho, no período de transição entre épocas desportivas, esta Comissão afirmava no seu livro de atas (n.º 78) que não iria nomear mais árbitros para os jogos dos torneios populares, nem para jogos em que não interviessem clubes não filiados na AFC. A justificação prendia-se com “os anormais acontecimentos verificados no decorrer e final de alguns encontros, que só contribuiu para desprestígio da causa da arbitragem e da própria organização.”

Outra questão abordada neste período relacionou-se com os apoios aos árbitros internacionais,

quando estes viajavam para o estrangeiro. A FIFA determinava pagamentos para as despesas de viagem, hotel e estadia, e um apoio diário de 50 francos suíços. As regras de câmbio e uso da moeda criavam diversas dificuldades, por isso a Comissão Arbitral de Coimbra lembrava que a FIFA tinha determinado os pagamentos “numa moeda livremente cambiada (dólares americanos, libra inglesa, franco suíço)”, que era mais fácil de utilizar pelas equipas de arbitragem deslocadas. E cabia às federações nacionais fazer a escolha da melhor moeda a fornecer aos árbitros.

Um tema central nesta época foi igualmente a arbitragem nas duas principais divisões nacionais. Em outubro de 1960, a Comissão Central de Árbitros mandou uma circular às comissões distritais em que apelava a um maior rigor no cumprimento das leis do jogo e na “repressão de tudo quanto constituir inobservância ou desrespeito à disciplina do jogo”. Na jornada inaugural dos Campeonatos Nacionais da I e II Divisão tinha-se verificado “com desprazer,

que na grande maioria dos jogos os árbitros usaram, no campo disciplinar, de um critério de brandura e de transigência que nada justifica e que é contrário quer ao código de jogo, quer às instruções repetidas vezes emanadas desta Comissão Central”. Em causa estavam “agressões que passaram em julgado” e sem punição, “faltas dentro da área que se não viram ou se transformaram em livres fora da área” ou a permissividade arbitral que permitiu aos jogadores discutir permanentemente as decisões dos juízes.

A formação arbitral esteve também em permanente discussão, num esforço para melhorar a qualidade dos árbitros. Eram realizadas regularmente “provas de aperfeiçoamento” para os árbitros, com a resposta a perguntas sobre as leis do jogo, atualizações das alterações introduzidas nas leis do jogo, entre outros assuntos que visassem melhorar a atuação dos árbitros. Os juízes que não pudessem assistir a estas “provas” tinham de justificar a ausência, sofrendo sanções no caso de falta injustificada.

**Sabia que...** Um árbitro de futebol internacional tinha direito ao pagamento de despesas de viagem, hotel e estadia, e a uma “indenização diária” de 50 francos suíços por dia. O pagamento era responsabilidade da federação em cujo país o jogo se realizasse e podia pagar em dólares americanos, libra inglesa ou franco suíço.

Em fevereiro de 1961 ratificaram-se as equipas de arbitragem de Coimbra, identificando-se sete equipas arbitrais, três delas (Equipa A, B e C) habilitadas para apitar jogos da I, II e III Divisões, enquanto as outras (Equipa D, E, F, G) apenas apitavam encontros da II e III Divisão. Cada equipa era constituída por três elementos, sendo a Equipa A liderada por Álvaro Rodrigues e a Equipa B por Renato Soares dos Santos. No total da época, as

equipas de arbitragem de Coimbra fizeram 17 jogos da I Divisão, 17 da II Divisão e 33 da III Divisão. Realizaram ainda 7 jogos na Taça de Portugal. E entre campeonatos nacionais (I, II e III Divisão), juniores, Taça de Portugal, Jogos de Passagem de Divisão, jogos distritais, torneio de iniciação, Taça Dr. António Leitão e encontros da FNAT, foram arbitrados um total de 287 jogos.



Apoiar a arbitragem foi um designio constante da AFC.

## Cronologia

1960  
61

128

### 1960

Setembro

A AFC fez-se representar na festa comemorativa das Bodas de Ouro da AF Lisboa. Ofereceu uma salva de prata comemorativa à sua congénere da capital.

Outubro

Final do Torneio de Abertura da época 1960-61, na Figueira da Foz, com vitória da Associação Académica de Coimbra por 6-1 perante a Associação Naval 1.º de Maio.

Novembro

A AFC reuniu-se com os clubes de futebol popular do distrito para discutir uma possível filiação destes na Associação, como determinava a Direção Geral dos Desportos.

## 1961

- Janeiro** A equipa principal do CF "Os Marialvas" sagrou-se campeão distrital da I Divisão, sem sofrer qualquer derrota.
- Março** Organizada pela AFC, tem início a disputa da Taça Dr. António Leitão que contaria com a presença de nove clubes do chamado "futebol popular".
- Abril** A AFC foi responsável pela organização de dois jogos do Torneio Internacional de Juniores que juntou em Portugal 13 seleções europeias. O Estádio Municipal de Coimbra foi o palco escolhido para o jogo Espanha-Áustria (6-1, Grupo B) e Roménia-Bélgica (1-0, Grupo C).
- Junho** A Direção da AFC fez-se representar pelo seu vice-presidente, Dr. Francisco Soares, na inauguração do Mausoléu de Cândido de Oliveira, que teve lugar em Lisboa no dia 23.

# Competições

1960  
61

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Abertura	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Reservas	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra



Equipa de Portugal que venceu o Torneio Internacional de Juniores da UEFA, organizado em Portugal. Coimbra foi uma das cidades escolhidas para acolher encontros.

Época 1961  
62

## Totobola, a novidade

Portugal voltava a ter o campeão europeu de clubes, o SL Benfica. Lisboa dominou na I Divisão e na Taça de Portugal. E Coimbra mantinha-se em dificuldades, com poucos clubes filiados na AFC e alguma falta de competitividade a nível distrital. Mas a novidade seria o Totobola, gerador de um renovado financiamento para o futebol português.

**N**ovamente o futebol português estava ao mais alto nível em termos internacionais. O SL Benfica bisou na Taça dos Clubes Campeões Europeus, batendo na final o Real Madrid de Di Stefano, Puskas ou Gento. Agora era o tempo de Eusébio e companhia, orientados magistralmente por Bélla Guttmann. A nível interno, o Sporting CP, treinado por Juca, de somente 33 anos, ganhou o título nacional, numa luta quase até ao fim contra o FC Porto, terminando os “leões” com mais dois pontos (43) que os portistas (41). SL Benfica ficou somente em terceiro lugar, seguido da surpreendente CUF (4.º classificado). Mas os “encarnados” iriam compensar na Taça de Portugal, vencendo na final o Vitória FC de Setúbal por 3-0, com dois golos do jovem Eusébio e um de Cavém. Mais uma vez, dois clubes “grandes” de Lisboa venciam as duas principais provas nacionais. Uma hegemonia que se iria manter em toda a década de 60 do século XX.

## A chegada do Totobola

A 24 de setembro de 1961 estreava-se o Totobola em Portugal, um jogo de apostas mútuas que faria aumentar consideravelmente o foco sobre o futebol português e iria trazer incontestáveis benefícios financeiros para várias partes, entre as quais as próprias Associações distritais. Criado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que desde 1948 tentava convencer Salazar a aceitar este jogo, o Totobola rapidamente se tornou num entretenimento de massas, atraindo semanalmente

milhares de apostadores, mesmo aqueles que não se interessavam ou pouco percebiam de futebol. Na verdade, e apesar de haver favoritos a priori em todas as partidas que faziam parte do boletim, rapidamente se chegou à conclusão que este não deixava de ser um jogo de “sorte”, pois acertar nos 13 resultados não se afigurava tarefa fácil.

Logo no primeiro sorteio sentiu-se o quão difícil seria ser “totalista”, mesmo para os mais “entendidos” no futebol. Os superfavoritos FC Porto e Sporting CP não foram além de um empate com Beira-Mar e Lusitano, e ninguém fez 13 resultados certos, consumando-se o primeiro *jackpot* que atrairia ainda mais apostadores para a semana seguinte. O “1x2” passou a fazer parte do quotidiano de muitos portugueses, gerando milhares de contos de receitas. Uma parte substancial dessa verba, tal como havia sido proposto na sua génese pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, serviria para financiar os serviços de reabilitação e assistência física (como o Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão), sobretudo daqueles que regressavam incapacitados da Guerra Colonial, iniciada nesta altura. Outra das partes desses lucros ia para as associações distritais de futebol e, através daquelas, para os seus filiados (clubes).

Desde o primeiro concurso (24 de setembro de 1961) e até final de dezembro do mesmo ano, a AF Coimbra amealhou, segundo os dados oficiais, um total de 53.975\$50 escudos, sendo a sexta de entre as suas congéneres que mais lucrou com os valores provenientes do Totobola. Para termos uma ideia da importância deste valor, basta dizer que o mesmo equivalia ao orçamento de todo o

encargo geral (rendas, ordenados, despesas de expediente, organização de provas, subsídios a clubes, contribuições, etc.) previsto para essa época. Todos os clubes que disputavam a I e II Divisões Nacionais, e os jogos em que recaíam as apostas, concorriam ainda a um prémio suplementar denominado Taça Totobola, igualmente instituída pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa nesta época. O regulamento determinava que um montante suplementar seria atribuído ao clube que menos jogadores utilizasse ao longo da época ou, em caso de igualdade, ao clube que tivesse mais jogadores totalistas (que alinhassem em todos os jogos oficiais).

O Totobola tornava-se assim, por todos estes motivos, altamente lucrativo, não só para os milionários vencedores, como também para as associações e seus filiados. Uma iniciativa que as associações distritais saudaram vivamente, beneficiando largamente o futebol português com este novo jogo de “sorte”.

## Sem Reservas e sem II Divisão Distrital

A temporada de 1961-62 seria negativamente marcada por uma série de acontecimentos que prejudicaram a evolução do futebol regional. Este retrocesso começou a verificar-se logo no início da época, onde o número de inscrições de clubes filiados e de jogadores ficou bastante aquém das expectativas. Apenas nove clubes confirmaram a sua inscrição na AFC, sendo que um deles, o Argus, apesar de inscrito, não participou em nenhuma competição oficial. O número de jogadores inscritos desceu consideravelmente em relação à época anterior, sobretudo no escalão sénior, que passou de 352 para apenas 284 inscrições, o que representou um substancial decréscimo de 19,3 por cento. Em grande medida, esta diminuição parece ter ficado a dever-se à diminuta aposta dos clubes na categoria de Reservas, que provocaria inclusivamente a não

**Sabia que...** No dia das mentiras de 1962 (1 de abril), António Pezo tornou-se no primeiro apostador a acertar nos 13 resultados do Totobola, ganhando um total de 1.299.997\$00. O apostador milionário, benfiquista de coração, apostou no empate do seu clube contra o FC Porto, num jogo que presenciou ao vivo e em que ficou a lamentar-se das oportunidades desperdiçadas pela sua equipa. Só depois se apercebeu, que ainda bem as falharam...

realização do Campeonato Distrital por falta de equipas inscritas. O motivo principal que levou a esta situação quase inexplicável (este campeonato realizava-se desde a fundação da AFC) parecia estar relacionado com o facto de a FPF ter deixado de obrigar os clubes que participassem nos acessos às provas nacionais a terem uma equipa de Reservas, como acontecia até então.

A inscrição foi assim facultativa, o que levou a maioria dos clubes, provavelmente por questões financeiras e de gestão de recursos, a não participar em provas oficiais nesta categoria. À exceção da Académica, que manteve em atividade um elevado número de jogadores na sua equipa de Reservas, todos os restantes filiados optaram por reduzir o número de atletas e apenas participar em jogos particulares.

Também o Troféu Popular organizado pela AFC na época anterior (Taça Dr. António Leitão) foi suprimido pela ausência de clubes interessados em participar na prova. Saíam assim frustradas as intenções da Direção da AFC que tinha projetado reforçar o número de clubes filiados e constituir com eles uma II Divisão Distrital – ambição que continuava por concretizar.

## Grande Marialvas

Com a supressão do Campeonato de Reservas, o Torneio de Abertura e os campeonatos distritais de seniores e de juniores seriam as únicas provas oficiais organizadas pela AFC nesta época desportiva. O Norte e Soure, depois de derrotar a Naval

na final por 2-0, conquistou a Taça AFC (Torneio de Abertura), garantindo desta forma o primeiro título oficial da sua história e passou a fazer parte do restrito leque de campeões de provas oficiais da AFC.

O Campeonato Distrital, discutido até à última jornada por Marialvas e Naval, acabaria por ser reconquistado pela equipa de Cantanhede. Para além destas duas equipas, seguiriam para a disputa da III Divisão Nacional desta época, o Norte e Soure (3.º classificado) e um irreconhecível União de Coimbra que, depois de ter descido da II Divisão Nacional na época transata, não iria além de um modesto 4.º lugar na prova distrital.

O Campeonato Regional de Juniores seria disputado por nove equipas, sendo que duas delas (A e B) pertenciam ao filiado Associação Académica de Coimbra. Na última jornada, no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, defrontaram-se as duas melhores equipas da competição: Académica A e Sporting Nacional, com a vitória e respetivo campeonato distrital a sorrirem aos “estudantes”.

Nas provas nacionais, o primodivisionário Académica ficaria na 10.ª posição, evitando a disputa dos sempre indesejados e perigosos “jogos de competência” (subida e descida de divisão). E na Taça de Portugal, a Briosa, único representante da AFC, depois de deixar pelo caminho Atlético e Fareense nas duas primeiras eliminatórias, sucumbiria aos pés do Vitória SC de Guimarães, nos oitavos de final.

Quanto à participação na III Divisão Nacional, na primeira fase os representantes da AFC quase que conseguiriam o pleno face aos filiados da AF Leiria – ambas associações constituíam a Série 4 da

prova. Naval, Marialvas e União ocupariam por esta ordem os três primeiros lugares na classificação final e o Norte e Soure seria quinto classificado. Na II fase da competição, o desempenho do Marialvas voltou a ser brilhante, tendo obtido o melhor ataque e o melhor goal average, perdendo apenas o acesso à fase final para o Académico de Viseu, na derradeira jornada. O segundo lugar permitiria ainda aos cantanhedenses continuarem a sonhar com a inédita subida à II Divisão, ficando apurados para o Torneio de Competência. O outro representante da AFC, a Naval 1.º de Maio, ficaria no terceiro lugar.

No Torneio de Competência da II e III Divisão, quatro equipas iriam lutar por duas vagas na II Divisão da época seguinte: Marialvas, Torrense, Leça e Caldas. O clube de Cantanhede, estreante nestas andanças, acabaria por não conseguir o sonho da subida, num grupo onde estavam três antigos

primodivisionários. No entanto, o mérito de uma excelente campanha ninguém o poderia retirar ao Marialvas.

No Campeonato Nacional de Juniores, a Académica começou por vencer a sua série na 1.ª fase, num grupo onde o Sporting Nacional também teve uma boa prestação e terminou num honroso 3.º lugar. Contudo, e apesar do apuramento conseguido, o percurso da Académica terminaria logo na eliminatória seguinte ao ser derrotada pelo FC Porto.

Em termos globais, a época de 1961-62, apesar de não ter sido brilhante para os representantes da AFC, foi bastante satisfatória por se terem atingido os objetivos mínimos. Porém, sentia-se que o futebol conimbricense precisava de um salto qualitativo, mas também quantitativo, com mais clubes filiados e jogadores. Uma necessidade e ambição da AFC.

Treino da Académica de Coimbra, no Loreto, conduzido pelo Dr. Alberto Gomes, que explica aos jogadores algumas questões técnicas e táticas.



## Cronologia

1961  
62

138

### 1961

Setembro

Verificou-se a diminuição acentuada de atletas inscritos na AFC e a prova distrital de Reservas passou a ser facultativa, o que equivale a dizer que o torneio não se realizou por falta de inscrições.

Outubro

A Assembleia Geral da AFC (Acta n.º 51) reconheceu mais seis Sócios de Mérito: cinco jogadores e pela primeira vez um dirigente desportivo: 174. Armando Sêco Gandara (diretor de clube e da AFC). Figuravam também nomes conhecidos como os jogadores da Briosa, Dr. Mário Torres e Bentes.

Dezembro

Pelo falecimento no dia 3 do corrente do Tenente Ribeiro dos Reis, a Direção da AFC decidiu enviar telegramas de condolências à família enlutada e ao jornal *A Bola*. Deliberou ainda lavrar em ata um voto de pesar pelo seu desaparecimento.

## 1962

- Janeiro** O CF Marialvas revalidou o título de Campeão Distrital da I Divisão.
- Fevereiro** A pedido da FPF, que pretendia observar jogadores para a seleção nacional da categoria, a AFC constituiu uma seleção distrital de juniores para realizar um jogo em Leiria contra a seleção de Setúbal.
- Março** Académica e Sporting Nacional, ambos de Coimbra, foram os representantes da AFC no Nacional de Juniores dessa época, que teve início neste mês. A Académica passaria a primeira fase da prova, sendo eliminada pelo FC Porto nas meias-finais da Zona Norte.
- Abril** Marialvas e Naval, na qualidade de 1.º e 2.º classificados da sua série, apuraram-se para a 2.ª fase do Nacional da III Divisão.
- Mai** A Académica terminou em 10.º lugar o Campeonato Nacional da I Divisão.
- Junho** O Marialvas disputou pela primeira vez na sua história o acesso à II Divisão Nacional. No Torneio de Competência da II Divisão, ficou em 4.º lugar, atrás de Leça, Torrense e Caldas.

# Competições

1961  
62

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Abertura	Clube de Desportos e Educação Física do Norte e Soure
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra



O Estádio Municipal de Coimbra acolhe regularmente os torneios da AFC.

Época 1962  
63

## Principiantes, o início

As medidas tomadas pela AFC davam os seus frutos. A competitividade das provas distritais aumentou a nível sénior e seria um sucesso a organização do Torneio de Principiantes, promotor do futebol juvenil. A formação de jovens futebolistas era uma prioridade, com sucesso a nível nacional. Coimbra era um viveiro de bons jogadores.

O futebol português continuava a ser dominado pelos “grandes” de Lisboa e Porto. Nos quatro primeiros lugares do Campeonato Nacional da I Divisão ficaram SL Benfica (campeão), FC Porto, Sporting CP e Belenenses. E nas meias-finais da Taça de Portugal, entre quatro equipas, três eram os “grandes” de Lisboa: SL Benfica, Sporting CP e Belenenses. Fora do eixo lisboeta, nessa ronda da Taça, somente o Vitória SC de Guimarães, que seria derrotado copiosamente por 4-0 na final contra os “leões”. Total domínio lisboeta nas duas principais competições nacionais.

Entre os clubes ditos “pequenos”, o Leixões foi o que teve melhor prestação no Campeonato Nacional da I Divisão, chegando ao 4.º lugar, logo seguido do Vitória SC de Guimarães.

A Académica, único representante de Coimbra na prova, teve uma atuação modesta, ficando-se pelo 10.º lugar no Nacional da I Divisão, apresentando enorme dificuldade nos jogos fora, em que obteve uma única vitória e dois empates, perdendo os restantes 10 encontros. Nesta época, a Briosa era treinada por um promissor técnico, José Maria Pedroto, que mais tarde faria história ao serviço do Boavista, primeiro, e depois do FC Porto. E até começou bem a temporada, atingindo os lugares cimeiros na primeira metade do calendário, perdendo depois algum fulgor até final. Na Taça de Portugal sucedeu um pouco o mesmo, com a Briosa a ultrapassar Académico de Viseu e Sacavenense, caindo nos oitavos de final frente ao Vitória SC de Guimarães, que acabou por atingir a final. Coimbra,

nesta temporada, estava restrita à Académica nas duas principais provas nacionais. Sentia-se, claramente, a necessidade de um maior alargamento e representatividade dos clubes desta Associação nos principais escalões do futebol português.

## Competitividade interna

Pese o reduzido número de clubes filiados (8), esta época foi, no que diz respeito às provas internas, uma das mais competitivas e equilibradas da história da AFC, sobretudo nos campeonatos distritais de seniores e de juniores, que apenas sagraram os campeões nas últimas jornadas.

A primeira competição oficial da época foi o Torneio de Abertura da AFC, que nesta temporada conheceu uma estrutura diferente da habitual, decorrendo de setembro a dezembro de 1962, num sistema de todos contra todos. A vitória final sorriu ao União de Coimbra que obteve 27 pontos, seguido da Naval com menos um ponto e do Norte e Soure com 21.

Esta prova serviu de antecâmara para o Campeonato Distrital da I Divisão, que nesta época se iniciou no final de dezembro de 1962 e terminou apenas a 24 de fevereiro de 1963. Contrariamente àquilo que era tradicional, desta vez a disputa pelo título distrital não estaria circunscrita a dois emblemas, mas sim a três clubes que lutaram pelo troféu até ao último suspiro. Apesar da Associação Naval 1.º de Maio e do União de Coimbra terem ganho alguma preponderância no início

do Campeonato, uma sensacional recuperação do Marialvas, levaria os três clubes para a última jornada com possibilidades de título.

À partida para a última jornada, liderava a Naval com 23 pontos, seguida do União de Coimbra com 22 e do Marialvas com 21. O União de Coimbra visitava o Norte e Soure, num campo tradicionalmente difícil, contra uma equipa aguerrida e conhecida pela sua total entrega no terreno de jogo. Os unionistas perderiam por 2-1 com a equipa do Paleão, ficando assim arredada do título de campeão. Em Cantanhede defrontavam-se 1.º e 3.º classificados, com a Naval a entrar em campo com uma confortável vantagem de três golos no goal average entre os dois concorrentes. Ou seja, desde que o União de Coimbra não vencesse o seu jogo, a Naval poderia perder por três golos de diferença com o Marialvas e mesmo assim sagrava-se campeão. No entanto, num jogo épico, resolvido no último minuto com a obtenção do derradeiro golo, os de Cantanhede venceram por 4-0 e revalidaram o título de campeão distrital. O equilíbrio foi tal que as equipas ficaram empatadas nos dois primeiros critérios de desempate (igualdade de pontos e nos resultados entre si – a Naval também havia ganho por 4-0 em “casa”), ficando apenas decidido pelo terceiro critério: goal average global, onde o Marialvas, graças ao tento obtido no último minuto, venceu com mais um golo que o adversário direto (20 golos vs. 19 golos).

Estes três clubes seriam os representantes da AFC no Campeonato Nacional da III Divisão e integrariam, pela primeira vez, a Série 3, juntamente com os clubes de Aveiro, muito mais fortes do

que os de Leiria, que nos últimos anos tinham sido suplantados com relativa facilidade pelas equipas de Coimbra. Ainda assim, numa 1.ª fase absolutamente extraordinária e equilibrada, os seis clubes participantes ficaram apenas separados por três pontos na classificação final. O Arrifanense seria o vencedor com 12 pontos (6 vitórias e 4 derrotas), seguido do União de Coimbra com 11 pontos, da Ovarense com 10 e de União de Lamas, Naval e Marialvas (3 vitórias, 4 empates e 4 derrotas), todos com 9 pontos.

O Campeonato Distrital de Juniores da AFC seria igualmente discutido até à última jornada por três oponentes: Naval 1.º de Maio, Sporting Nacional e Académica de Coimbra. Os dois primeiros ficaram iguados em pontos e o terceiro a um ponto de distância dos líderes. A diferença em relação aos seniores foi o facto dos jogos da última jornada serem previsivelmente desequilibrados, tal como viria a confirmar-se. A Naval venceu 4-1 o União e sagrou-se campeão distrital da categoria por superar no confronto direto o Sporting Nacional (que ganharia por 8-0 ao Lousanense), quedando-se a Académica (venceu por 4-0 o Ginásio) pela terceira posição. Os dois primeiros apuraram-se para a disputa do Campeonato Nacional da categoria, deixando pela primeira vez na história a Académica de fora de uma competição que já havia conquistado por três vezes.

O Sporting Nacional, o pequeno clube do Grémio do Largo da Freiria, em Coimbra, que não dispunha de campo próprio e que há anos apostava exclusivamente no escalão de juniores (não possuía equipa de seniores), faria um

brilharete no Campeonato Nacional da categoria. Naval e Sporting Nacional foram integrados na 3.º série da Zona Norte do Campeonato Nacional, tendo terminado o conjunto conimbricense num honroso 3.º lugar, com 9 pontos, apenas atrás de FC Porto e Beira-Mar e à frente de Anadia, Naval e S. Félix. A grande surpresa da prova nesta fase foi mesmo a vitória por 2-0 do Sporting Nacional, em Coimbra, contra o FC Porto, equipa bastante superior a todos os outros concorrentes. A Naval, o outro representante da AFC, teria uma participação bem mais modesta, terminando na 5.ª posição com apenas 6 pontos conquistados. O FC Porto seria a equipa apurada para a fase seguinte da prova.

### **Novo escalão de Principiantes**

Entre abril e junho de 1963, a AFC organizou o seu I Torneio de Principiantes, que hoje equivaleria ao escalão de juvenis – na altura o mais baixo dos escalões em atividade. Era a primeira vez que a AFC organizava uma prova oficial neste escalão

que serviria para apurar o seu representante para a Taça Nacional da categoria, também ela estreante nesta época desportiva.

Na competição inscreveram-se sete equipas, três de Coimbra (Académica, União e Nacional), três da Figueira da Foz (Ginásio A, Ginásio B e Naval) e uma de Cantanhede (Marialvas). Contudo, ainda antes do início da prova, o CF Os Marialvas acabou por cancelar a sua participação, invocando razões de ordem financeira.

As equipas participantes foram distribuídas por duas séries, uma em Coimbra, outra na Figueira, apurando-se o primeiro classificado de ambas para a final distrital do Torneio. Na Série A, disputada em Coimbra, nos Campos da Arregaça e de Santa Cruz, sairia vencedor a Associação Académica de Coimbra. Na Série B, disputada integralmente no Estádio Municipal da Figueira da Foz, conquistaria o primeiro lugar o Ginásio Figueirense A. A grande final foi realizada em terreno neutro, mais precisamente no Estádio Municipal de Cantanhede, da qual saiu vencedora a Académica que bateu a turma figueirense por 3-0.

**Sabia que...** Tecnologia ao serviço da arbitragem.

Em maio de 1963, uma equipa de arbitragem indicou para castigo, por mau comportamento, um jogador, durante o encontro Ginásio-Marialvas. As fotografias do jogo revelaram que o árbitro se enganou no jogador indicado, o que permitiu reverter o castigo.

Na qualidade de representante da AFC, os jovens atletas da Académica iniciariam pouco tempo depois a disputada da primeira edição da Taça Nacional de Principiantes. Na primeira eliminatória da Zona Norte, os “estudantes” derrotaram o Marrazes, representante de Leiria. Seguiram-se mais duas vitórias nas eliminatórias seguintes: primeiro nas meias-finais (Zona Norte), sobre o Salgueiros, representante da AF Porto, e depois na final da Zona Norte, contra o Beira-Mar, representante da AF Aveiro.

No primeiro ano da disputada da Taça Nacional de Principiantes (juvenis), a Académica comprovava uma vez mais o seu estatuto de “escola de formação” de excelência e chegava à final nacional. No encontro decisivo da prova, os representantes da AFC acabariam por perder o título para o representante da AF Lisboa e vencedor da Zona Sul, Sporting

Clube de Portugal, que ganhariam por 5-1 à Briosa e conquistariam o primeiro campeonato nacional do escalão organizado pela FPF.

A nível interno da AFC, e enquanto a Académica disputava a Taça Nacional, a associação coimbrã organizaria um Torneio Relâmpago que contou com a presença dos restantes competidores da prova distrital. Em clima de festa, a competição, que tinha o principal objetivo de dar mais competição aos jovens jogadores, decorreria no Estádio Municipal da Figueira da Foz, no dia 23 de junho de 1963. Sairia vencedor a equipa do Ginásio A, depois de se impor na final à sua congénere do Sporting Nacional por 3-1. Na época de estreia do escalão foram cerca de 140 os jogadores inscritos pelos clubes filiados na AFC, destacando-se a equipa do Ginásio Clube Figueirense com mais de meia centena (51) de jovens praticantes.



A primeira edição do Campeonato de Princiapiantes foi um enorme sucesso da AFC.

## Cronologia

1962  
63

1962

Setembro

A AFC decidiu aplicar 1.000\$00 da verba proveniente do Totobola para melhoramentos nos campos do União de Coimbra, do Marialvas, do Norte e Soure, do Ginásio Figueirense e da Naval.

Novembro

A Direção da AFC decidiu adquirir três taças. A primeira para entregar ao árbitro Álvaro Rodrigues pela atuação nos jogos que dirigiu na temporada de 1954-55 (por motivos vários nunca chegou a ser entregue). As restantes duas taças eram para ser entregues aos 1.º e 2.º classificados do Torneio de Abertura.

Dezembro

Apesar da derrota em "casa" por 2-0 perante o CF Os Marialvas, na última jornada do Torneio de Abertura da época 1962-63, o União de Coimbra venceu a competição.

# 1963

## Janeiro

A AF Porto enviou um ofício à Direção da AFC a informar que tinha na sua sede um livro e uma medalha comemorativa das suas Bodas de Ouro para oferecer à AFC. Deliberou-se que o Presidente, na sua próxima deslocação ao Porto, recebesse a referida oferta.

Neste mês faleceu Nito, antigo guarda-redes do União de Coimbra e uma das grandes referências da seleção da AFC e do futebol conimbricense na década de 1920.

## Fevereiro

Com uma vitória por 4-0 sobre a Associação Naval 1.º de Maio na última jornada do campeonato distrital, o CF Os Marialvas conquistou, pela terceira vez consecutiva, o título de campeão distrital da AFC.

A Associação Naval 1.º de Maio sagrou-se campeã distrital de juniores.

## Março

Atendendo a uma solicitação do União de Coimbra, a AFC reforçou a verba atribuída a este clube com mais 1.700\$00 proveniente dos dividendos do Totobola, com o objetivo de auxiliar o clube unionista nas despesas com as obras de melhoramentos em curso no Campo da Arregaça (viria a ter uma nova bancada e iluminação).

## Abril

Tem início o primeiro Torneio de Principiantes da AFC.

## Maio

A AFC felicita a Associação Naval 1.º de Maio pelo seu 70.º aniversário e pelo contributo que tem dado ao longo dos anos a esta Associação.

## Junho

Na final do Torneio de Principiantes, a Associação Académica de Coimbra derrotou por 3-0 sobre a Associação Naval 1.º de Maio. No mesmo escalão e no Torneio Relâmpago de encerramento de época, a vitória sorriu ao Ginásio Clube Figueirense.

No escalão de Juniores, a Taça Adriano Peixoto foi vencida pela Associação Académica de Coimbra.

## Julho

A Assembleia Geral da AFC reconheceu mais um Sócio de Mérito (um dirigente): Dr. Francisco José Fortunato Soares (diretor da AFC).

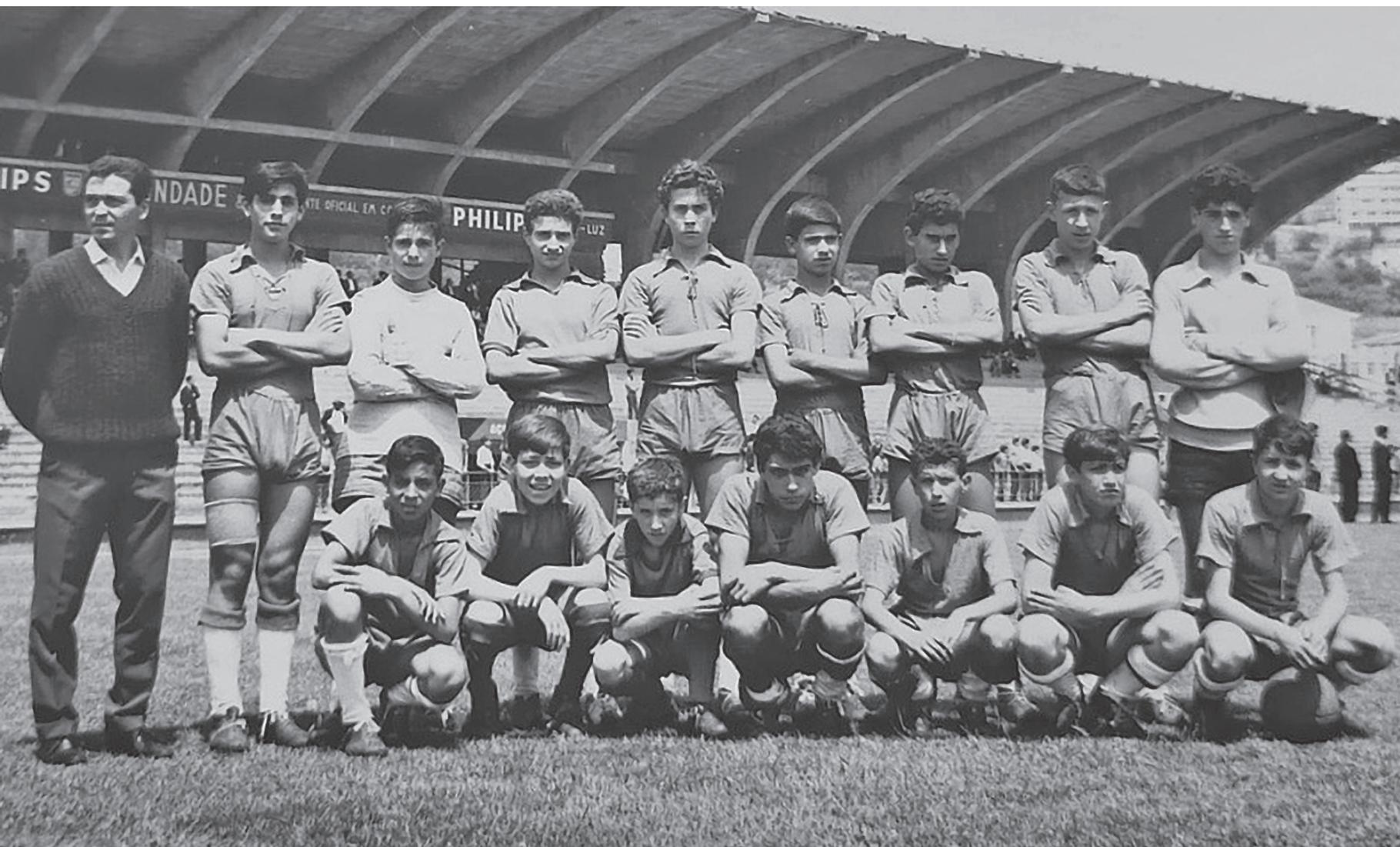
Surge o novo regulamento de subsídios aos clubes de futebol.

Os árbitros de futebol insurgem-se contra o projeto que visa integrá-los na FPF.

# Competições

1962  
63

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Abertura	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Naval 1.º de Maio
Taça Adriano Peixoto - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Torneio de Principiantes	Associação Académica de Coimbra
Torneio Relâmpago de Principiantes	Ginásio Clube Figueirense



Coimbra contou com dois torneios de principiantes. A AFC promovia cada vez mais os escalões de formação.

Época 1963  
64

## Aposta na formação

O futebol de formação teve um incremento enorme. Era uma prioridade da AFC desde há longos anos e que dava os seus frutos. A novidade foi a organização da edição inaugural do Campeonato Distrital da II Divisão, ambição antiga da Associação e que seria um sucesso nesta temporada.

**M**ais uma vez o futebol português afirmava-se a nível europeu. O Sporting CP venceu a Taça das Taças, após o SL Benfica ter vencido duas Taças dos Clubes Campeões Europeus em 1961 e 1962, perdendo a final de 1963. Esta dimensão europeia motivou uma clara melhoria dos salários dos jogadores portugueses, com os melhores a receberem mais de quatro contos (4.000\$00), enquanto o salário médio nacional não chegava aos 400 escudos.

A nível das principais provas nacionais, o SL Benfica não deu qualquer hipótese aos adversários no Campeonato Nacional da I Divisão e na Taça de Portugal, conquistando uma merecida “dobradinha”. E no topo da lista de melhores marcadores surgia, pela primeira vez, o nome de Eusébio. No Campeonato, o SL Benfica marcou o impressionante número de 103 golos em 26 jornadas, indo a Bola de Prata (atribuída ao melhor marcador da prova) para o “pantera negra”, com 28 golos em 19 jogos.

Coimbra, que teve novamente na Académica o seu único representante na I Divisão e na Taça de Portugal, continuava a ser uma região secundária, do ponto de vista futebolístico (sénior e profissional), em relação a Lisboa e Porto. Naquela que foi a segunda época de José Maria Pedroto no banco dos “estudantes”, a Briosa começou bem o Campeonato Nacional, chegando a lugares de pódio, mas acabou por terminar num modesto 9.º lugar. E na Taça de Portugal não foi além da segunda ronda, eliminada pelo Varzim, após ter ultrapassado o Leça na primeira eliminatória.

Marcante nesta época viria a ser o II Congresso Nacional de Futebol, a 3 e 4 de julho de 1964, em

Lisboa, por ocasião do cinquentenário da FPF. As associações distritais, na sua maioria, fizeram-se representar, incluindo Coimbra, num evento que contou com os presidentes da FIFA e UEFA, e em que marcou presença o Presidente da República, Américo Tomás. Foram debatidos vários temas, como a importância social e cultural que o futebol desempenhava na sociedade portuguesa.

### **Jovens jogadores, uma prioridade**

As Direções da AFC nunca esconderam o interesse pelo desenvolvimento dos escalões de formação que, entretanto, se foram alargando a várias faixas etárias. Nos últimos anos, a vontade de formar mais e melhores jogadores jovens havia sido uma das grandes preocupações dos responsáveis associativos. E estava a dar os seus frutos. Nunca, como nesta época, o número de jogos, filiados e atletas inscritos atingiram um valor tão elevado. A AFC tentou incentivar os seus filiados a seguirem a via da formação de jogadores, de forma a garantirem num futuro próximo o aumento da qualidade dos seus plantéis principais.

Para além da tradicional reunião de início de época com todos os filiados, onde os dirigentes da AFC apresentavam os argumentos abonatórios e os benefícios da formação para os clubes, garantiu-se ainda a atribuição de subsídios de deslocação e a entrega de prémios aos filiados que inscrevessem as suas equipas nas provas oficiais (equipamentos para os atletas, bolas de futebol, entre outros materiais). Os clubes pareceram ficar convencidos

com as medidas e incentivos implementados, pelo menos atendendo ao número de filiados inscritos nestas categorias: nove no escalão de juniores e sete no de principiantes. E três clubes contavam com duas equipas num escalão, como era o União de Coimbra (duas equipas de Principiantes), o Ginásio Clube Figueirense (duas equipas de juniores) e a Académica de Coimbra (duas equipas de juniores e de principiantes).

Recordemos que o maior Campeonato de Juniores da AFC, disputado até ao momento, tinha contado com a presença de 11 equipas, o que constituiu um recorde. Nesta temporada, a Académica, como era habitual, voltava a apresentar duas equipas (A e B), e os outros seis clubes mais representativos do futebol distrital também participariam na prova, sendo que de entre eles, o Ginásio Clube Figueirense, como referimos, também se exibiria com duas equipas (A e B). O Sporting Nacional, clube exclusivamente dedicado à formação, inscrever-se-ia uma vez mais na competição e o Mirandense, estreante na prova, fechava o leque de equipas participantes.

Entre dezembro de 1963 e abril de 1964 foram disputadas 22 jornadas do Campeonato de Juniores da AFC. A Académica A superiorizou-se a todos os concorrentes, marcando quase uma centena de golos e deixou o segundo classificado a seis pontos, o surpreendente Lousanense. Com esta classificação, a equipa da Lousã conseguiria um inédito apuramento para o Campeonato Nacional da

categoria, deixando de fora o Ginásio Clube Figueirense A que disputou a vice-liderança até à última jornada.

Os representantes da AFC no Campeonato Nacional de Juniores da I Divisão acabariam por ser eliminados na fase de grupos da competição, integrados na Série 3, na qual o FC Porto saiu vencedor e onde o Leixões foi 2.º, a Académica 3.ª e o Lousanense 6.º e último classificado. As restantes equipas de juniores de Coimbra, com exceção do Mirandense que optou por não participar, disputariam ainda um torneio oficial de encerramento, denominado Taça Dr. António Paulo, que contou com dez jornadas e terminou com a vitória da Associação Naval 1.º de Maio.

O Campeonato Distrital de Principiantes, que contaria com a presença de nove clubes inscritos (Académica e União apresentaram duas equipas), terminaria, ao fim de 18 jornadas, com o título da Académica, com o 2.º lugar do Sporting Nacional e com o 3.º do Ginásio Clube Figueirense, que seriam os representantes da AFC na Taça Nacional.

**Sabia que...** O emblemático Campo da Arregaça, em Coimbra, para além de ter construído uma nova bancada e inaugurado a iluminação noturna, adotou nesta época a denominação de Campo Engenheiro Arantes e Oliveira.

Em resumo, numa época bastante longa e com um calendário competitivo extraordinariamente regular, a maior parte dos clubes que inscreveram equipas no escalão de juniores disputaram entre 26 e 30 encontros oficiais e no escalão de principiantes entre 16 e 24 jogos oficiais. Mais impressionante ainda seria o número de atletas inscritos, que quase duplicou em relação à época transata, passando de 297 em 1962-63 para 454 em 1963-64. A aposta na formação da AFC parecia começar a fazer efeito.

## **Finalmente o Campeonato Distrital da II Divisão**

Não seria apenas o futebol de formação a sofrer um incremento significativo nesta época desportiva. Também o número de jogadores seniores inscritos cresceu dos 240, em 1962-63, para os 439 atletas nesta temporada. Este acréscimo ficou a dever-se essencialmente à disputa da tão esperada e almejada II Divisão Distrital, uma ambição antiga da AFC que havia sido, por vários motivos, adiada sucessivamente nos últimos anos.

Nesta época, graças ao esforço da Direção, a AFC conseguiria finalmente reunir as condições mínimas necessárias para avançar com a prova e com ela, para além de todos os benefícios retirados da vertente desportiva, ultrapassar a frustração relacionada com a diminuta quantidade de clubes filiados, que há muito tempo atormentava os responsáveis associativos.

O número de inscrições na II Divisão Distrital superaria todas as expectativas, seriam dez os novos

filiados na AFC que participariam na competição, ficando mais três a manifestar interesse para o fazerem na seguinte edição. A mensagem da AFC tinha finalmente passado.

A primeira edição desta Distrital da II Divisão seria disputada em duas séries (A e B), uma com quatro e outra com seis equipas, respeitando-se o critério da posição geográfica de proximidade em detrimento do número de equipas por série.

Na Série A ficaram as equipas dos concelhos de Condeixa, Coimbra e Vila Nova de Poiares. A luta pelo primeiro lugar, o único que garantia a subida à I Divisão Distrital na próxima temporada, acabaria por ficar restrita a Eira Pedrinha e Brasfemes, que se superiorizaram claramente em relação aos restantes dois concorrentes. A equipa da Eira Pedrinha, apesar de não ser muito goleadora (marcou apenas oito golos em seis jogos), foi a mais regular ao longo da prova, vencendo os cinco primeiros encontros e garantindo o triunfo na série mesmo antes de visitar, na última jornada, o Brasfemes.

O Recreativo de Brasfemes teve o melhor ataque da Série A, com um impressionante registo de 25 golos nos seis jogos disputados (média superior a 4 golos por jogo), e a melhor defesa (5 golos sofridos), muito graças a resultados algo desnivelados, onde se inclui um 7-0 ao Eira Pedrinha. Porém, um inexplicável empate 2-2 em Vila Nova de Poiares contra o clube local (para termos uma ideia da diferença entre as duas equipas, basta referir que no jogo da segunda volta o Brasfemes ganhou por 9-1), acabou por custar-lhe o apuramento e a ambicionada subida.

A Série B, que integrava equipas dos concelhos de Mira, Montemor-o-Velho e Soure, seria ao invés

**Quadro 1.** Equipas do Campeonato Distrital da II Divisão da AFC

<b>Clube Filiado na AFC</b>	<b>Concelho</b>	<b>Série</b>
Associação Desportiva Ala Arriba	Mira	B
Associação Desportiva de Vila Nova de Poiares	Vila Nova de Poiares	A
Atlético Clube Montemoreense	Montemor-o-Velho	B
Clube Atlético Pereirense	Montemor-o-Velho	B
Clube de Condeixa	Condeixa-a-Nova	A
Clube Desportivo Carapinhense	Montemor-o-Velho	B
Grupo Desportivo Alfaralense	Soure	B
Grupo Desportivo da Com. Melhor de Eira Pedrinha	Condeixa-a-Nova	A
Recreativo Clube de Brasfemes	Coimbra	A
Ulmeirense Futebol Clube	Soure	B

da anterior, extraordinariamente equilibrada. Os cinco primeiros classificados ficaram separados por apenas um ponto, com a vitória a sorrir ao Atlético Clube Montemoreense que, à partida para a derradeira jornada, estava em 4.º lugar da classificação geral. A vitória do conjunto de Montemor-o-Velho por 3-0 contra o Ulmeirense e o empate do Alfaralense em casa do Ala-Arriba na última jornada garantiriam a vitória na série aos montemorenses (que ficariam com 21 pontos, em igualdade pontual com Alfarelense e Ulmeirense, mas com vantagem no confronto direto). Ala Arriba e Pereirense ficariam com 20 pontos e o Carapinhense, um pouco mais atrás com 17.

No dia 21 de junho de 1964, o Estádio Municipal de Coimbra receberia todas as equipas participantes na II Divisão Distrital, um palco de excelência que funcionaria como uma espécie de prémio para todos os novos filiados na AFC que participaram nesta prova oficial. O dia começou com um Torneio Relâmpago, a eliminar, que terminou com a vitória do Pereirense que no jogo final derrotou o Condeixa e levantou a taça em disputa. Quanto à grande final da competição distrital disputou-se depois e culminaria com a vitória do Atlético Clube Montemoreense sobre o Eira Pedrinha por 3-1, que coroaria o clube de Montemor-o-Velho como campeão distrital da II Divisão da AFC.



Homenagem da AFC a um dirigente histórico, o Dr. Amadeu Rodrigues, a 25 de junho de 1964, no Pátio do Castelo, sede do Sport Clube de Coimbra. Estiveram presentes diversas figuras da Direção da AFC.

## Cronologia

1963  
64

1963

Agosto

Lançamento do Boletim da FPF.

Setembro

A partir deste mês e ao longo de toda a época, a secretaria da AFC passou a estar aberta diariamente entre as 18h30 e as 23h00, facilitando o acesso dos clubes em horário pós-laboral.

Outubro

Foi definitivamente saldado um débito antigo de 104.726\$10 que a AFC tinha para com a FPF desde 1946. Nessa altura, a FPF tinha emprestado aquele montante à AFC para ser aplicado nas obras de construção do Estádio Municipal de Coimbra. Por na época de construção ainda não haver o apoio direto federativo aos campos de jogos, a FPF decidiu agora conceder um subsídio extraordinário de igual valor à AFC para anular de vez a dívida.

Novembro

Com o objetivo de aumentar o número de equipas inscritas nos escalões de formação, a Direção da AFC decidiu atribuir um subsídio de transporte de 3\$00 por cada quilómetro percorrido pelas equipas de principiantes e de juniores.

## 1963

Dezembro

A AFC passou a autorizar os seus filiados a apresentarem no escalão de Principiantes (14-15 anos) a Cédula Pessoal dos atletas, no caso de se verificar a ausência de Bilhete de Identidade por parte dos mesmos.

## 1964

Janeiro

Devido à eleição do Dr. Augusto Simões (presidente da AFC) para a Direção da FPF, foi eleito para ocupar o seu cargo na presidência da AFC o Dr. Martim Afonso de Castro.

Fevereiro

O mau tempo que se abateu sobre a cidade de Coimbra no fim de semana de 22 e 23 de fevereiro levou a AFC a solicitar o adiamento de todos os jogos. Uma decisão inevitável devido à imensa chuva que caiu e que deixou os campos impraticáveis.

Março

O União de Coimbra bateu a Naval por 7-2 no jogo decisivo e sagrou-se campeão distrital da I Divisão de seniores. Marialvas e Naval, respetivamente 2.º e 3.º classificados, acompanharam os unionistas para a III Divisão Nacional dessa época.

Abril

Ginásio C. Figueirense e CD Lousanense cortam relações devido a incidentes no encontro do Campeonato Distrital de Juniores.

A Académica venceu o Campeonato Distrital de Juniores e seguiu, uma vez mais, para a disputa do Campeonato Nacional da categoria. A surpresa foi o segundo representante da AFC apurado para a prova nacional, o vice-campeão distrital Lousanense, que pela primeira vez na sua história disputava uma prova nacional neste escalão.

Maio

A AFC associou-se às comemorações dos 50 anos da Federação Portuguesa de Futebol.

Junho

Final do Campeonato Distrital da II Divisão no Estádio Municipal de Coimbra, com vitória do Atlético Clube Montemorense por 3-0 sobre o Eira Pedrinha. As duas equipas subiram à I Divisão Distrital da temporada seguinte.

# Competições

1963  
64

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Abertura	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão	Atlético Clube Montemorense
Torneio Relâmpago	Clube Atlético Pereirense
Campeonato Distrital - Júniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Dr. Albano Paulo - Júniores	Associação Naval 1.º de Maio
Torneio de Principiantes	Associação Académica de Coimbra



Momento da entrega de prémios de mais um Torneio da AFC, em junho de 1964, no Estádio Municipal de Coimbra.

Época 1964  
65

## Coimbra às portas da Europa

Época de grande competitividade nas provas distritais e de apoios constantes da AFC aos clubes. E um ponto apenas impediu Coimbra de ter, pela primeira vez na sua história, um representante nas competições europeias. A Académica fez a melhor época de sempre na I Divisão Nacional, mas não conseguiu acabar no pódio.

**T**emporada quase perfeita a nível internacional. Pela primeira vez a Seleção Nacional conseguiu o sonho de apuramento para uma grande competição internacional, o Mundial de Inglaterra de 1966. E o SL Benfica atingiu mais uma final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, o que sucedia pela quarta vez em cinco anos. Era precisamente o quinto ano consecutivo em que uma equipa portuguesa chegava à final de uma competição europeia, mas desta vez sem o sucesso sonhado, com os “encarnados” a saírem derrotados pelo Inter de Milão, com um golo solitário dos italianos (1-0). Apesar disso, estes eram tempos dourados para o SL Benfica, que nesta época juntou mais um tricampeonato ao seu já vasto pecúlio de títulos nacionais. Recordemos que na década de 1960 seriam sete títulos de campeão nacional, obtendo dois tricampeonatos. Somente o Sporting CP conseguiu contrariar o poder de Eusébio e companhia, vencendo o Campeonato Nacional por três vezes. Hegemonia clara de Lisboa na principal competição nacional. E nem a Taça de Portugal dava azo a grandes surpresas.

### **E a Europa aqui tão perto...**

Desportivamente, a temporada de 1964-65 da AFC ficaria marcada pela grande campanha do filiado Associação Académica de Coimbra, que de uma forma brilhante conseguiu o 4.º lugar no Campeonato Nacional da I Divisão. Os “estudantes” tiveram um desempenho extraordinário na prova, em especial fora de casa, onde conseguiram o melhor

registo de vitórias de entre todos os competidores. Foram oito vitórias, em 13 encontros fora. Nem o SL Benfica, campeão, ou o FC Porto (2.º), fizeram melhor, com sete vitórias fora. E em “casa”, a Biosa conseguiu mais oito vitórias, fazendo uma brilhante campanha, que podia até ter sido melhor. Recordemos que depois de uma grande vitória em Coimbra, por 3-0, contra o Sporting CP na penúltima jornada, a Académica seguiu para a derradeira jornada na 3.ª posição, logo atrás do campeão Benfica e do FC Porto. Esse lugar no pódio garantia-lhe presença nas competições europeias, grande sonho do clube e da cidade de Coimbra. Contudo, no último jogo, disputado em Matosinhos, a Académica faria uma das piores exibições da época e perdeu por 5-1 com o Leixões, permitindo desta forma que a CUF ultrapassasse o conjunto conimbricense na classificação geral e que conquistasse o ambicionado lugar europeu. A Académica acabou no 4.º lugar, logo seguida do Sporting CP na 5.ª posição.

Apesar do dissabor da última jornada e a natural tristeza, seria merecedor dos mais rasgados elogios o percurso da Académica na prova e o honroso lugar alcançado, um recorde até então.

Os jogadores e equipa técnica da Académica estavam de parabéns e a AFC não deixou, tal como muitas outras entidades da cidade e do Distrito, de parabenizar e enaltecer este feito notável. A prestação da Académica foi, inclusivamente, elogiada na imprensa nacional, com *A Bola* a deixar sucessivos elogios ao clube conimbricense ao longo da temporada, assim como ao seu jovem treinador, o “capitão” Mário Wilson que a 1 de agosto de 1964 trocou os relvados pelo banco técnico. Foi descrito

em *A Bola* como um dos “discípulos” de Cândido de Oliveira, que o tinha treinado nos anos 1950. Sem o 3.º lugar, ficou assim adiada a primeira participação nas competições europeias de um clube filiado na AFC, que teria de esperar mais algum tempo.

Na Taça de Portugal, o único representante de Coimbra continuaria a ser a Académica, que não foi além da segunda ronda. Após eliminar o Beira-Mar com um contundente 9-0 e 1-0, caiu frente ao eterno rival da Taça, o Vitória SC de Guimarães, com uma dupla derrota por 1-0. A surpresa na prova seria o Vitória FC de Setúbal, que na meia-final eliminou o Sporting CP e na final bateu por 3-1 o SL Benfica, de Eusébio e Companhia.

## **A importância do Torneio de Abertura**

Paulatinamente, o Torneio de Abertura, a primeira prova oficial da AFC em cada época, começou a ganhar popularidade e notoriedade. Na presente época desportiva disputariam a prova, não seis equipas como habitualmente, mas um total de oito formações. Em certa medida, este aumento no número de concorrentes ficou a dever-se à inscrição de oito equipas na I Divisão Distrital, em virtude da inclusão das duas formações que haviam subido da II Divisão Distrital na época anterior.

Para além dos seis concorrentes habituais (União, Marialvas, Naval, Ginásio, Norte e Soure, e Lousanense), inscreveram-se no Torneio de Abertura o Eira Pedrinha (que subira da II Divisão Distrital) e a equipa de Reservas da Associação Académica

de Coimbra. A equipa do Atlético Montemorense, campeão da II Divisão Distrital em título, seria dispensado da disputa desta prova depois de justificar previamente as suas razões à AFC.

O Torneio foi repartido em duas fases, disputando as equipas o mesmo número de jogos (12), para que ninguém se sentisse prejudicado. Na primeira fase foram constituídas duas séries de quatro equipas, saindo vencedoras as formações do União de Coimbra (Série A) e o CF Os Marialvas (Série B). Os dois primeiros de cada série seguiram depois para a disputa do Grupo I, de onde seria apurado o campeão, enquanto os dois últimos de cada série iriam integrar o Grupo II – uma espécie de prova de compensação.

No Grupo I, e depois da disputa das seis jornadas da prova, o título ficaria na posse do União de Coimbra que dominou a competição da primeira à última jornada, sem ter conhecido o amargo da derrota. Norte e Soure, Académica (Reservas) e Marialvas obteriam por esta ordem os 2.º, 3.º e 4.º lugares, respetivamente. No Grupo II, e tal como seria expectável, a Naval venceria sem qualquer dificuldade, seguida do surpreendente primodivisionário Eira e Pedrinha que se suplantou a Lousanense e Ginásio Clube Figueirense.

Mas mais importante do que qualquer resultado, foi a preparação que esta prova permitiu a todos os competidores que haviam de propiciar um emotivo Campeonato Distrital, discutido a três (União, Naval e Marialvas), até à última jornada. O futebol da AFC e dos seus filiados ganharia assim, uma vez mais, com a realização de um emocionante Torneio de Abertura, em outros tempos tão desvalorizado.

## Subsídios e apoios

Com o número de jogos e de atletas a aumentarem substancialmente em todos os escalões, graças sobretudo à filiação de um crescente número de clubes na AFC, aumentaram exponencialmente os encargos dos clubes com deslocações, com as despesas inerentes aos jogos em casa e com encargos gerais. Em consequência direta destas dificuldades, a maior parte dos clubes passou a solicitar empréstimos regulares à AFC, não só para fazerem face aos gastos correntes mas também como medida considerada determinante para se manterem em atividade.

A AFC, que em setembro de 1964, em plena pré-época, havia isentado todos os seus filiados do pagamento da habitual taxa de jogo dos encontros particulares, acabaria por anuir, com maior ou menor base de apoio, à maioria das solicitações. Os pedidos mais recorrentes eram os empréstimos a dinheiro, quase sempre destinados à compra de material desportivo. Falamos de verbas bastante dispare que poderiam ir desde os 4.000\$00 até aos 20.000\$00 nalguns casos. Não obstante esse apoio

pecuniário, e conscientes da importância deste tipo de despesas e do encargo que representavam para os clubes, os dirigentes da AFC continuaram a oferecer, a expensas da própria Associação, grande parte dos equipamentos destinados às equipas de juniores e de principiantes.

Outro dos apoios mais desejados era o de subsídios extraordinários para obras de melhoramentos nos campos de jogos, proveniente do dinheiro que chegava à AFC dos proveitos do Totobola. Aqui, sem exceção, todos os filiados acabariam por beneficiar, numa proporção diretamente relacionada com as características do próprio campo e, naturalmente, com a reputação dos encontros que nele se disputavam. À cabeça teríamos o primodivisionário Académica que receberia no biénio de 1964-1966 uma quantia de 25.000\$00. Seguiram-se as seis equipas que disputaram a I Divisão Distrital na época anterior, com 20.000\$00 cada para este fim, depois as equipas da II Divisão Distrital e assim sucessivamente até ao Sporting Nacional, que auferiria 5.000\$00 de compensação por não dispor de terreno de jogo próprio.

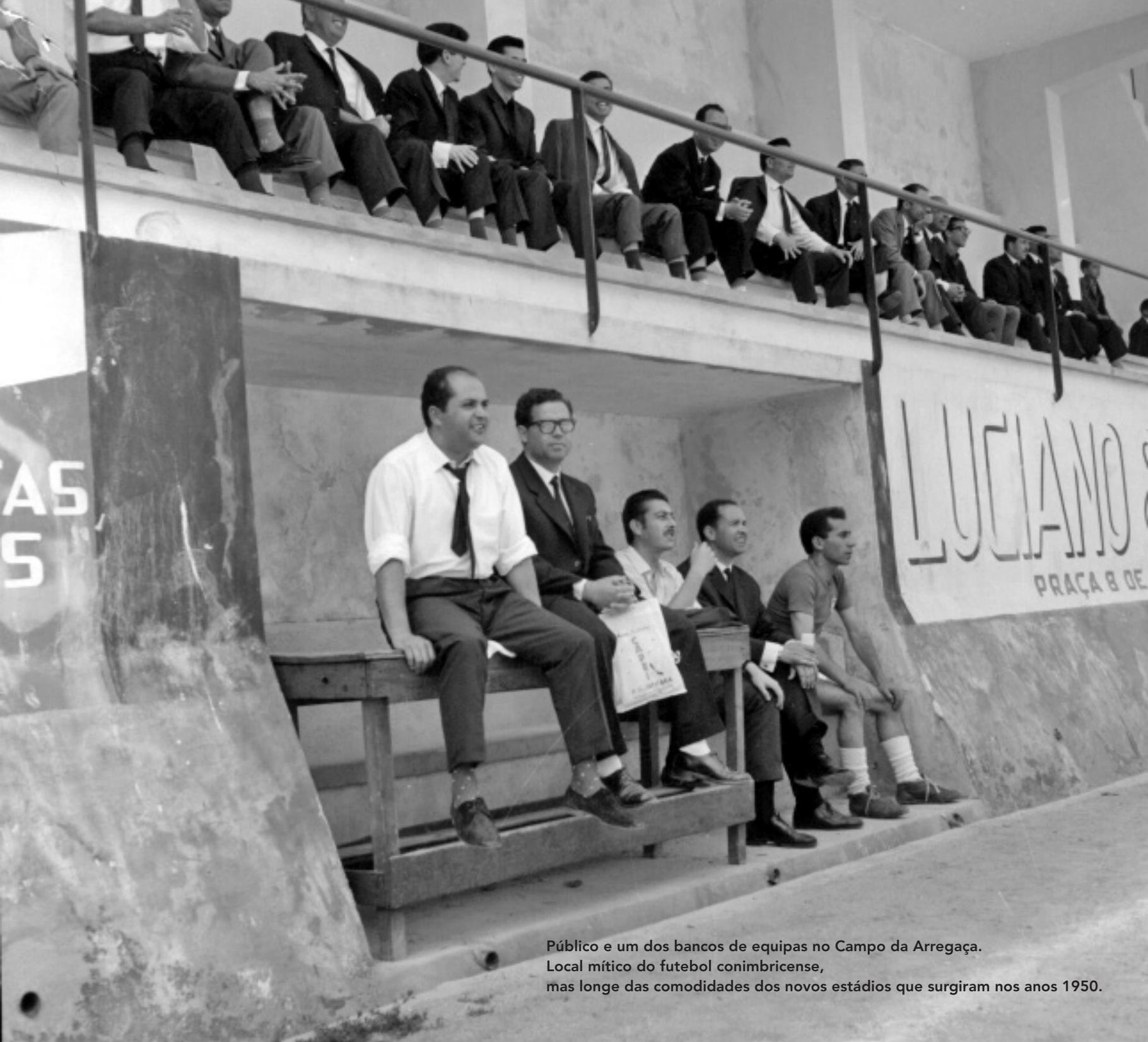
**Sabia que...** A equipa de juniores da Académica dominou totalmente a I Divisão Distrital da categoria. Os jovens da Briosa marcaram um total de 126 golos em somente 16 jogos, numa impressionante média de 7,8 golos por encontro.

Por último, todas as provas oficiais, sem exceção, contavam ainda com a atribuição extraordinária, por parte da AFC, de subsídios de deslocação, arbitragens, policiamento e de apoio ao pagamento das taxas de inspeção e de licenciamento de espetáculos. Em resumo, a AFC, apesar de não ter a missão de sustentar os clubes seus filiados, que

deveria ser da responsabilidade dos seus sócios, adeptos, simpatizantes, associações e/ou autarquias, passou a contribuir, de uma forma inequívoca e irrefutável, para a sua saúde financeira, fomentando desta forma a sua continuidade na prática desportiva e no fomento do futebol.



Decorreu mais um Campeonato Distrital de Juniores, alargando-se a todo o distrito. Soure acolheu encontros no Campo do Paleão.



Público e um dos bancos de equipas no Campo da Arregaça. Local mítico do futebol conimbricense, mas longe das comodidades dos novos estádios que surgiram nos anos 1950.

## Cronologia

1964  
65

168

### 1964

Setembro

Na Assembleia Geral Ordinária da AFC de 25 de setembro foi aprovado, por aclamação, um voto de louvor a Armando Sêco Gândara, por ter celebrado 25 anos ao serviço da AFC, desempenhando vários cargos.

Outubro

A AFC completou o 42.º aniversário. De entre os vários ofícios recebidos, destaque para o da FPF, que enviou as felicitações pela passagem de mais um aniversário.

Novembro

No Campo de Santa Cruz, em Coimbra, foi descerrada uma lápide de homenagem ao saudoso Cândido de Oliveira.

A AFC fez-se representar no encontro amigável entre as seleções nacionais de Portugal e da Espanha, realizado no Estádio das Antas.

Dezembro

A Direção da AFC, a exemplo do que aconteceu noutros anos, voltou a dar uma gratificação (de um mês) a todo o pessoal de secretaria e limpeza.

A FPF determina que os clubes da I Divisão Nacional coloquem relva nos campos de futebol.

## 1965

### Janeiro

Por continuar a ser a formação uma das grandes apostas da AFC, a Direção resolveu elevar o subsídio de deslocação das equipas de juniores e de principiantes de 3\$00 para 5\$00 por quilómetro.

### Fevereiro

Tem início o Campeonato Distrital da II Divisão que contaria com a participação de dez equipas no sistema de todos contra todos a duas voltas.

### Março

Num campeonato muito disputado, o CF União de Coimbra sagrou-se campeão distrital da I Divisão na última jornada. Marialvas, 2.º classificado, acompanhou os unionistas para a disputa da III Divisão Nacional.

### Abril

O jogador Crispim, da Académica, fez parte da Seleção Militar de Portugal que realizou um duplo confronto com a sua congénere espanhola.

O presidente e o vice-presidente da AFC marcaram presença numa reunião na Câmara Municipal de Coimbra que seria determinante para a conclusão das obras no Estádio Municipal.

### Maio

A Académica obteve a melhor classificação de sempre na I Divisão Nacional, de um clube filiado na AFC: o 4.º lugar. A Direção da AFC fez-se representar nas várias homenagens a este feito, incluindo no banquete festivo.

### Junho

Final do Campeonato Distrital da II Divisão, no Estádio Municipal de Coimbra, com vitória do Atlético Clube Montemorense por 3-0 sobre o Eira Pedrinha. As duas equipas subiam assim à I Divisão Distrital.

# Competições

1964  
65

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Abertura	Clube de Futebol União de Coimbra (Grupo I) e Associação Naval 1.º de Maio (Grupo II)
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão	Associação Desportiva "Ala Arriba"
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Augusto Matos - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital de Principiantes	Associação Académica de Coimbra
Torneio de Principiantes	Associação Académica de Coimbra



Nesta época, a FPF determinou que os clubes da I Divisão colocassem relva nos campos de futebol.  
A mítica Arregaça, em Coimbra, continuava pelada.

# Época 1965 66

## A "regra de 3"

Foram várias as provas distritais em que três clubes estiveram na luta até ao fim. Uma "regra de 3" que se iria manter ao longo de várias provas e edições. Sinal da competitividade das provas distritais, cada vez menos dominadas pelas equipas clássicas de Coimbra e Figueira, e mais abertas e incertas no resultado final.

**N**esta temporada escreveu-se uma das mais fantásticas páginas de história do futebol português, com a Seleção Nacional a brilhar no Mundial de Inglaterra de 1966. A primeira participação lusa, na principal prova futebolística mundial, acabou com um magnífico terceiro lugar, posição que a Seleção não iria conseguir igualar ao longo de todo o século XX.

Um dos momentos mais marcantes e emocionantes seria o que se viveu contra a Coreia do Norte, nos quartos de final, em que os portugueses viraram um resultado adverso de 0-3 para um 5-3. E depois, nas malfadadas meias-finais, em que a Inglaterra sofreu para eliminar Portugal, por um escasso 2-1. Eusébio, o melhor do Mundial, saiu em lágrimas desse encontro, consolado por uma das maiores figuras da fotografia e da vida social de Coimbra, o fotógrafo Fernando Marques, mais conhecido como o “Formidável”. Abraçado ao “pantera negra”, o “Formidável” ficaria imortalizado em várias fotografias emotivas desse momento de desolação de Eusébio e de toda a Seleção Nacional. Simbolicamente Coimbra, através dele, dava o seu apoio a toda uma Seleção Nacional, que honrou Portugal no contexto internacional, gesto de homenagem que a Direção da AFC faria igualmente através de um comunicado e em livro de atas, em que se congratulou com o feito da Seleção. Coimbra, através da televisão, acompanhou em direto todo o Mundial e o trajeto da Seleção.

O paradoxo desta temporada foi o facto do SL Benfica, em que assentava a Seleção Nacional de 1966, não ter conseguido defender o tricampeonato e perder a hipótese de igualar o tetra do Sporting CP

dos anos 1950. Foi precisamente o clube leonino a impedir esse feito, vencendo o Campeonato Nacional da I Divisão com mais um ponto (42) do que o rival SL Benfica (41). Os dois “grandes” lisboetas dominaram a prova, deixando o terceiro classificado, FC Porto, a larga distância (com somente 34 pontos). A Académica ficou a meio da tabela classificativa, num modesto sexto lugar, denotando dificuldades nos jogos fora e muita irregularidade em casa. Esta instabilidade de resultados resultou, igualmente, na eliminação prematura da Taça de Portugal, logo na primeira ronda, frente ao Cova da Piedade (derrota por 4-1). Bem mais estável e segura seria a prestação do Sporting Clube de Braga, vencedor da Taça de Portugal de 1965-66, batendo na final o Vitória FC de Setúbal (1-0) – para atingir a final, os bracarenses afastaram clubes como o Sporting CP e SL Benfica. Estas duas regiões, Braga e Setúbal, assumiam gradualmente maior protagonismo entre as regiões de mediana escala do futebol português (onde se incluía Coimbra), logo atrás de Lisboa e Porto.

## **Castigar para disciplinar**

Em Coimbra, a época desportiva ficaria marcada pelo agravamento das penalizações, por parte da AFC, a jogadores, dirigentes e clubes filiados que praticassem atos de indisciplina. Preocupados com o alarmante grau de incidência de desacatos e de violência (verbal e física), ocorridos nos campos de futebol do distrito, a Direção da AFC decidiu,

na tentativa de mitigar o problema, aplicar penas pesadas aos infratores. Em todas as reuniões de Direção da presente temporada foram discutidas as penas e sanções aplicadas a todos os agentes desportivos que foram advertidos e/ou admoestados pelos árbitros nos jogos do fim de semana anterior. Assim, e baseando-se essencialmente no relatório dos árbitros e no cumprimento do regulamento interno respetivo, a Direção decidia as penas, notificando posteriormente os clubes sobre as mesmas.

**Sabia que...** Prémios *fair play* em Coimbra. Numa época especialmente violenta, o União Clube Eirense foi o clube com menos sanções e o Marialvas foi o único que não teve qualquer jogador suspenso.

A sanção mais leve aplicada aos jogadores era a advertência, seguida da repreensão por escrito, que embora não fosse um castigo efetivo, representava já um sério aviso à alteração da sua conduta. Ao longo da época desportiva, um total de 33 jogadores foram alvo deste tipo de penalidades. Seguiu-se, consoante o grau de gravidade da infração, a aplicação da suspensão temporária da prática desportiva por um período limitado. As suspensões de um jogo (14 incidências), dois jogos (26 incidências) e três jogos (30 incidências) foram as mais usuais entre

jogadores, sendo que uma infração de três jogos era considerada muito grave.

Por comportamentos muitíssimo graves foram aplicadas mais de uma dezena de suspensões temporárias a atletas, entre os quatro jogos oficiais e um ano de inibição da prática desportiva. A mais gravosa das sanções, para comportamentos antidesportivos extremos, era a irradiação definitiva de jogadores. Nesta época desportiva, por terem agredido árbitros, foram irradiados pela AFC um total de três jogadores.

O União Clube Eirense, que viria a sagrar-se campeão distrital da II Divisão, foi o clube que menos sanções teria na presente época desportiva, contabilizando apenas um jogador suspenso por um jogo em toda a temporada. De louvar ainda a folha disciplinar do Marialvas que, com três advertências e uma repreensão por escrito, foi o único clube filiado na AFC que não teve qualquer jogador suspenso. No que diz respeito aos

clubes, os castigos eram essencialmente decorrentes de comportamentos inadequados dos seus adeptos ou do incumprimento de alguma das determinações do regulamento geral de provas da AFC.

O mau comportamento dos adeptos poderia ir desde a simples repreensão por escrito até à interdição do recinto desportivo. Neste particular, a época não foi tão má como as anteriores, mas, ainda assim, registaram-se três interdições temporárias entre um e dois jogos por arremesso de pedras às equipas de arbitragem, uma das infrações

mais graves, que a AFC punia sempre com bastante veemência na tentativa de excluir de vez dos campos de futebol esta prática absolutamente inaceitável e que infelizmente tinha algum lastro histórico.

A derrota por falta de comparência seria igualmente um castigo aplicado pela AFC no decurso desta época desportiva. Nestes casos, sempre que uma equipa não se apresentava em campo ou quando apenas o fazia depois do tempo regulamentado para a apresentação, a equipa de arbitragem mencionava-o no relatório e a Direção da AFC tomava uma decisão sobre o sucedido, que poderia ir desde a repetição do jogo (se houvesse uma justificação condigna) até à punição com derrota e falta de comparência.

Por último, depois de jogadores e clubes, a AFC aplicava ainda, sempre que se justificasse, castigos a dirigentes. Este tipo de penalizações provinha quase sempre do mau comportamento dos dirigentes em relação às equipas de arbitragem. Das oito ocorrências deste tipo, registadas na temporada de 1965-66, três resultaram em repreensão por escrito, duas na suspensão por um mês e três na suspensão por três meses. As repreensões registadas eram habitualmente usadas para punir situações de desacordo simples para com decisões das equipas de arbitragem. Já as suspensões temporárias poderiam ser motivadas, no que diz respeito ao mau comportamento para com os juízes de campo: quando os dirigentes tinham uma postura incorreta para com estes; quando os insultavam (diferenciando-se neste caso a penalização entre as “não ofensivas” e as “ofensivas” à sua honra); e quando existia agressão ou tentativa de agressão.

Os dirigentes poderiam ainda ser penalizados pelo incentivo à prática de atos de indisciplina ou pela falta de proteção às equipas de arbitragem ou equipas adversárias, em casos de desacatos graves provocados pelos seus adeptos quando atuavam na condição de visitados. Castigar para disciplinar era assim uma das grandes preocupações da Direção da AFC, que pretendia, se não eliminar, pelo menos inibir este tipo de comportamentos e incentivar a prevalência dos ideais desportivos entre os seus filiados e a proteção da integridade física e moral de todos os árbitros, jogadores e dirigentes cumpridores.

### **“Regra de 3” (candidatos) nos campeonatos internos**

Na presente época desportiva inscreveram-se um total de 22 equipas no escalão de seniores da AFC, o que representava um recorde de clubes filiados na Associação neste escalão – a Académica militou na I Divisão Nacional e os restantes nas provas distritais. Pela primeira vez na história da AFC, a I Divisão Distrital foi disputada por dez equipas: as oito que transitaram da época anterior (não houve descidas) e as duas que subiram da II Divisão Distrital (Ala Arriba e Pereirense).

O Campeonato Distrital da I Divisão teria assim um total de 18 jornadas, onde o equilíbrio foi, uma vez mais, a nota dominante entre os “três grandes” do futebol distrital daquela altura: CF União de Coimbra (representante de Coimbra),

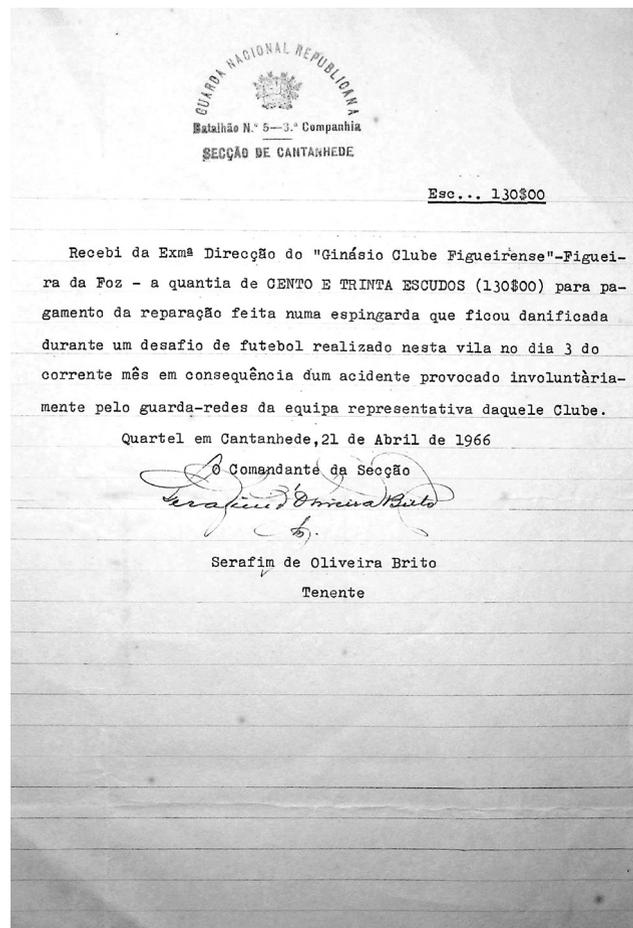
Associação Naval 1.º de Maio (Figueira da Foz) e CF Marialvas (Cantanhede). Estas equipas eram claramente superiores a todas as outras e apenas perderiam pontos entre si, ficando o título decidido, pelo terceiro ano consecutivo, na última jornada da prova. Nessa derradeira ronda defrontaram-se, em Coimbra, as formações do União e da Naval, que contabilizavam os mesmos 48 pontos. Graças a uma vitória por 3-1 no Campo Arantes e Oliveira, os unionistas arrebatariam o título e deixariam os figueirenses inclusivamente fora da disputa da III Divisão, por terem sido ultrapassados pelo Marialvas.

O União faria depois um interessante percurso no Nacional da III Divisão, tendo vencido a Série 5 (Zona C), mas seria eliminado na fase seguinte pelo Torres Novas (0-0 em Coimbra e 2-0 em Torres Novas). Ainda não seria desta que Coimbra voltaria a conquistar um lugar na II Divisão Nacional.

Relativamente à II Divisão Distrital, onde participaram 11 clubes, a disputa seria igualmente a três, neste caso entre Eirense, Mirandense e Ançã. Até à antepenúltima jornada, as três equipas seguiam lado a lado na tabela classificativa, no entanto a regularidade do Eirense nas derradeiras jornadas haveria de valer-lhe o título. Se as equipas até aí apenas haviam perdido pontos entre si, tudo mudaria nesta última fase, onde o Ançã não obteria qualquer vitória (1 empate e 2 derrotas), o Mirandense apenas venceria um jogo (1 vitória e 2 empates) e o Eirense trunfaria em todos, distanciando-se desta forma dos seus opositores e sagrando-se campeão.

A “regra de 3” candidatos nas provas oficiais de seniores da AFC, que como vimos no caso da

I Divisão Distrital já vinha de trás, acabaria por prevalecer nas temporadas seguintes. Um pormenor interessante, revelador de uma certa competitividade (saudável) nas provas internas da AFC.



Ocorrência com a GNR. Uma bolada danificou uma espingarda. O clube teve de pagar o “acidente”.

Homenagem a Gabriel da Fonseca, figura histórica da AFC,  
realizada no salão da Associação dos Antigos Alunos da Escola Industrial e Comercial Brotero, em Coimbra.



## Cronologia

1965  
66

### 1965

Agosto

A AFC autorizou a filiação do Futebol Clube Oliveira do Hospital e do União Clube Eirense.

Outubro

A AFC informou os clubes que, a partir daquela data, não concederia mais autorizações para jogos particulares a clubes que não participassem nas provas oficiais.

Novembro

Em virtude do mau tempo que prejudicou uma maior afluência de público aos jogos da competição, foi atribuído um subsídio extraordinário de 1.500\$00 a todas as equipas que participaram no Torneio de Abertura da AFC.

## 1965

Dezembro

A Direção da AFC concedeu um vasto leque de empréstimos a clubes filiados, no entanto, exigiu que os mesmos passassem a apresentar comprovativos da aplicação do aludido dinheiro.

## 1966

Janeiro

A AFC adquiriu 25 exemplares do livro “As grandes táticas do futebol”, da autoria de Adriano Peixoto, e ofereceu um exemplar a cada um dos seus filiados.

Março

O CF União de Coimbra voltou a conquistar o título de campeão distrital da I Divisão na última jornada. Marialvas (2.º) acompanhou os unionistas para a disputa da III Divisão Nacional.

Maio

O União de Coimbra, um dos representantes da AFC no Nacional da III Divisão, venceu destacadamente a Série 5 (Zona C) da 1.ª fase da prova, com 16 pontos, 37 golos marcados e 11 sofridos. Na disputa pela subida à II Divisão, o União foi eliminado pelo Torres Novas.

Junho

O Eirense sagrou-se campeão distrital da II Divisão, garantindo, tal como o CA Mirandense (2.º classificado), a subida à I Divisão Distrital da temporada seguinte.

# Competições

1965  
66

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Torneio de Abertura	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão	União Clube Eirense
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Manuel Fernandes - Juniores	Associação Académica de Coimbra



A mítica Arregaça, em Coimbra, encheu para o jogo de apuramento para a final da III Divisão, disputado entre a equipa da casa, o União de Coimbra, e o CF Torres Novas.

Época

1966  
67

## Coimbra de prata

Coimbra viu um clube seu ser coroado vice-campeão nacional. A Académica conseguiu a sua melhor classificação de sempre na I Divisão, obtendo o 2.º lugar. Um trajeto vitorioso e de glória, com a cidade em festa e a AFC a rejubilar com o feito. E até a Taça de Portugal esteve quase a rumar a Coimbra.

**D**o ponto de vista internacional, esta temporada seria uma exceção. Depois de consecutivas presenças em finais europeias de clubes portugueses e do brilharete da Seleção Nacional no Mundial de 1966, nada a assinalar nesta época. Os clubes portugueses tiveram fracas prestações internacionais, sendo arredados prematuramente das competições europeias.

A grande revelação, a nível interno, seria a Académica de Coimbra, treinada pelo jovem Mário Wilson e onde brilhavam nomes como Artur Jorge ou Toni, entre muitos outros. Os “estudantes” deram luta ao campeão SL Benfica, em que brilhavam figuras como Eusébio, José Augusto, José Torres, Coluna ou Simões. Somente três pontos separaram as duas equipas, no final da prova. Tal como seria um único golo a afastar a Académica da conquista da Taça de Portugal, derrotada na final por 3-2 contra o Vitória FC de Setúbal de Fernando Vaz, que em 1967 atingiu a terceira final consecutiva na competição (venceu duas) – o eixo geográfico Setúbal-Coimbra teve enorme impacto nesta temporada.

### **Académica, vice-campeã nacional**

Como referimos, a temporada de 1966-67 foi a mais notável da história da Associação Académica de Coimbra e também, por inerência, da própria AFC, que jamais voltaria a ver um filiado seu atingir tal patamar na principal competição nacional de futebol. No Campeonato Nacional da I

Divisão, máxima prova do calendário futebolístico português, a Académica alcançou um brilhante 2.º lugar na classificação geral, apenas atrás do campeão SL Benfica.

A Académica obteve, nesta sua caminhada (quase) triunfal até à “medalha de prata”, um total de 18 vitórias, 4 empates e 4 derrotas, marcando 50 golos e sofrendo somente 18 (que representaria a melhor defesa da prova, com menos um tento que o campeão). Das quatro derrotas, duas foram contra o campeão SL Benfica e duas foram imprevistas (CUF, em casa, e Sanjoanense, fora). Dos quatro empates, dois foram contra o FC Porto, um com o Sporting CP e outro com o Leixões (fora de casa). Tudo o resto foram vitórias, algumas delas notáveis, como os triunfos por 6-0 ao Belenenses, 3-0 ao Vitória FC de Setúbal (5.º classificado) ou 1-0 ao Sporting CP (4.º classificado).

O entusiasmo gerado à volta da Académica propiciaria grandes enchentes no Estádio Municipal de Coimbra, com especial destaque para o encontro com o SL Benfica, no chamado “jogo do título” realizado na tarde de 12 de março de 1967, que segundo a imprensa desportiva da época terá levado ao mítico Calhabé mais de 43 mil pessoas, a confirmar-se a maior enchente de todos os tempos num estádio de futebol no distrito de Coimbra. Os “estudantes”, orientados pelo treinador Mário Wilson, contavam nas suas fileiras com jogadores como Artur Jorge, Rui Rodrigues, Celestino, Vítor Campos, Toni, Rocha ou Serafim, que espalharam magia pelos campos de Portugal e levaram o nome da Académica, e de Coimbra, a um patamar nunca conseguido.

Após a conquista do 2.º lugar, assegurado na última jornada em Lisboa contra o Sporting CP (num empate em Alvalade), a festa em Coimbra foi apoteótica, com milhares de pessoas nas principais ruas da cidade, aglomerando-se especialmente no Largo da Portagem para receber a equipa no seu regresso de Lisboa. Desde Pombal que uma imensa caravana automóvel acompanhou a equipa, recebida em delírio na chegada a Coimbra (cf. Santana & Mesquita, 2002, p. 206).

A juntar ao vice-campeonato, a Académica viu vários jogadores serem distinguidos a nível individual. O guarda-redes Maló foi considerado o melhor da competição e o avançado Artur Jorge foi o segundo melhor marcador do Campeonato, com 25 golos, só ultrapassado pelos 31 tentos do campeão Eusébio.

Esta fantástica equipa da Académica conseguiu ainda chegar à final da Taça de Portugal, onde, depois de ultrapassar nas eliminatórias anteriores a Oliveirense (4-3 e 0-3), o Leça (2-1 e 9-2), o ASA-Atlético Sport Aviação de Angola (7-0 e 2-1), o SL Benfica (2-0 e 1-2) e o Sporting Clube de Braga (2-1 e 4-1), disputaria a grande final contra o Vitória Futebol Clube, de Setúbal. Este encontro ficaria para a história do futebol português como a mais longa final que alguma vez foi realizada em Portugal. Ao todo foram jogados mais de 2 horas e 24 minutos para se encontrar um vencedor – ainda hoje a partida oficial mais longa de sempre em Portugal. A 9 de julho de 1967, em pleno Estádio Nacional (ainda sem luz artificial), deu-se uma igualdade no tempo regulamentar (1-1) e no prolongamento de 30 minutos manteve-se o empate (2-2). Houve,

por isso, necessidade de se disputar um segundo prolongamento que ficaria resolvido assim que alguma equipa marcasse.

Os setubalenses marcariam o “golo de ouro” aos 24 minutos do segundo prolongamento, impedindo os conimbricenses de festejar um título que nesta época, mais do que nunca, era merecido. “Final dramática no Jamor”, escreveria o jornal *Mundo Desportivo*, perante umas bancadas repletas de adeptos das duas equipas, numa verdadeira festa da Taça.

## Juvenis da Académica campeões

Apesar dos principais títulos da equipa sénior terem escapado na reta final das competições, os juvenis da Associação Académica de Coimbra, também eles com uma época fenomenal, conquistariam dois campeonatos. Primeiramente venceram o Campeonato Distrital da AFC da categoria, onde as duas equipas da Académica (B e A) ficaram respetivamente no 1.º e 2.º lugar da classificação final. A equipa B venceu todos os jogos da prova e obteve ainda um impressionante goal average de 119 golos marcados e 2 sofridos em 12 jogos, o que perfaz uma média de quase dez golos marcados por encontro.

Catapultada pelos bons resultados obtidos na prova regional, a Académica faria um percurso fantástico no Campeonato Nacional da categoria (cf. Santana & Mesquita, 2002, p. 207), que só terminaria em Leiria, na grande final, onde os jovens

conimbricenses treinados por Bentes bateram o SL Benfica por 1-0, sagrando-se campeões nacionais. A este título, a Briosa juntaria também a conquista da primeira edição da Taça do Norte em Reservas, em que bateu toda a concorrência da região norte do País.

Numa época de ouro do seu maior representante da altura, a AFC não deixou de participar nas várias homenagens que foram feitas à Académica, entre elas, destaque para um banquete de consagração, realizado em abril, após o fim do Campeonato Nacional da I Divisão. Para este evento comemorativo, a AFC fez questão de convidar todos os restantes filiados para, em conjunto, fazerem uma justa e merecida homenagem à Académica. No fundo, reconhecia-se desta forma o mérito de um clube que, com as conquistas desta época, encheu de orgulho não só os seus adeptos e a sua cidade, como os dirigentes da AFC e todos os seus filiados, que seguiram sempre com entusiasmo esta brilhante trajetória.

## Dois títulos por atribuir

A presente época, para além da brilhante carreira da Académica, ficou ainda marcada pela polémica que se instaurou em duas das principais competições organizadas pela AFC: o Campeonato Distrital da II Divisão e o Campeonato Distrital de Juniores.

Assistiu-se no Campeonato Distrital da II Divisão, ao longo de 20 jornadas, a uma luta pelo título extraordinariamente renhida entre Ançã,

Brasfemes e Condeixa (novamente a “regra de 3”). E à entrada para a 21.<sup>a</sup> e penúltima jornada, a formação de Ançã seguia na frente da classificação com mais dois pontos que o Brasfemes e três que o Condeixa. No entanto, nas duas derradeiras jornadas, o Ançã defrontaria, precisamente, os seus dois rivais. Em Coimbra, naquele que seria considerado o primeiro dos dois “jogos do título”, o Ançã foi derrotado pelo Brasfemes por 1-0. Contudo, o jogo acabaria por ser protestado pela equipa visitante que alegou a existência de irregularidades regulamentares que, no entendimento dos seus dirigentes, deveriam ser suficientes para repetir o desafio.

O protesto do Ançã foi considerado precedente pela Direção da AFC e pelo Conselho Técnico que, desta forma, ordenaram a repetição do jogo. Descontente com a resolução, o Brasfemes interpôs recurso, primeiro à AFC e depois à FPF, tentando adiar sucessivamente o encontro de repetição. Na última jornada, enquanto o impasse administrativo prevalecia em relação à polémica anterior, o Ançã perdeu em casa contra o Condeixa e foi ultrapassado na classificação pelos dois rivais. Ninguém pôde, contudo, festejar o título enquanto não houvesse uma deliberação final sobre o jogo Brasfemes-Ançã. Por se aproximar do final da época, o Conselho Jurisdicional da AFC decidiu-se pela repetição do jogo, que ficaria agendado para o dia 25 de junho de 1967. O Ançã venceu por 4-3 e festejou, à condição, o título de campeão distrital da II Divisão.

Inconformado com o resultado e com a resolução da AFC, o Brasfemes decidiu apresentar todos os protestos possíveis, razão que impossibilitou a consagração de um campeão na presente temporada

e que faria transitar o desfecho do caso para a época seguinte. Apenas em outubro de 1967, depois do parecer do Conselho Jurisdicional da FPF, foi apurado um campeão, na circunstância o Brasfemes que viu o primeiro jogo ser validado e o jogo de repetição considerado como nulo. O Ançã ficaria assim em 3.º lugar.

Igualmente polémico, e desta vez sem resolução definitiva, foi o Campeonato Distrital de Júniores. A primeira fase do torneio foi disputada em duas séries, onde as equipas A e B da Académica se superiorizaram claramente aos seus adversários. Os segundos classificados de cada série seriam, respetivamente, Sporting Clube de Coimbra e CF “Os Marialvas”, que se defrontariam numa finalíssima para discutir o segundo representante da AFC no Campeonato Nacional da categoria e o outro finalista do Campeonato Distrital (à luz dos regulamentos apenas uma equipa da Académica podia seguir para a prova nacional).

Num jogo disputado em Ançã, o Marialvas venceu por 2-1 e, presumivelmente, deveria garantir assim um lugar na final distrital e no Campeonato

Nacional de Júniores. No entanto, por considerar que houve uma utilização irregular de um jogador no encontro decisivo, o Sporting C. Coimbra apresentou recurso e a resolução do campeonato ficou suspensa por tempo indeterminado. Entretanto, como não foi possível conseguir um veredito antes do início da prova federativa, o Campeonato Nacional de Júniores iniciou-se apenas com a Académica como representante da AFC. Recurso após recurso, a prova distrital foi-se arrastando até final da época, altura em que a AFC, não encontrando solução para o caso, decidiu-se pela não atribuição do título distrital dessa época.

## Duas novas provas oficiais

Nesta temporada, e depois da supressão forçada dos torneios de abertura por exigências motivadas pelo intenso calendário competitivo, a Direção da AFC decidiu criar dois torneios extraordinários de encerramento, um na categoria principal e outro no escalão de Júniores.

**Sabia que...** O avançado da Briosa, o jovem Artur Jorge, foi o segundo melhor marcador da I Divisão, só ultrapassado por Eusébio. E no total da época, em 34 jogos marcou 37 golos. Viria a transferir-se para o SL Benfica e a ser, mais tarde, um dos melhores treinadores da sua geração, campeão europeu pelo FC Porto em 1987.

O primeiro, de inscrição livre, destinava-se às equipas da I Divisão Distrital que pretendessem continuar a competir oficialmente após a conclusão da prova. A principal competição distrital terminaria no início de março com o título da Associação Naval 1.º de Maio, seguida na tabela classificativa pelo Marialvas e União de Coimbra, que se juntariam aos figueirenses, na qualidade de representantes da AFC, na disputa do Campeonato Nacional da III Divisão.

Restavam, assim, nove equipas que foram convidadas pela AFC para participarem no Torneio de Encerramento. No entanto, nem todas aceitaram o convite e no final apenas quatro decidiram avançar para a competição: Lousanense, Ala Arriba, Mirandense e Pereirense. No final, seria a União

Desportiva Lousanense a conquistar o troféu, apesar da boa réplica da equipa de Miranda do Corvo, que lutou até ao último jogo pelo título.

Uma competição em moldes similares haveria de ser disputada na categoria de juniores, iniciada logo depois do polémico campeonato que terminou sem a atribuição do título devido a um protesto do Sporting Clube de Coimbra que reivindicava um lugar no Campeonato Nacional da categoria. Sem a presença de Académica e de Marialvas, que se recusou a participar depois do recurso interposto, o União de Coimbra garantiria este troféu depois de ganhar os dez encontros em disputa. O União, que teve participação modesta no Nacional da III Divisão (seniores), teve como novidade uma nova sede, na Rua da Sofia, n.º 56, 2.º andar, no centro de Coimbra.



Os campos em Coimbra continuavam com condições muito deficitárias, com terrenos pelados e balneários precários.

## Cronologia

1966  
67

188

### 1966

Setembro

São aprovadas pela Direção da AFC as filiações da União Desportiva Santovaronense (Santo Varão, Montemor-o-Velho) e do Esperança Atlético Clube (São Martinho do Bispo, Coimbra).

Outubro

Foi aceite a filiação de mais um clube, desta vez a Associação Recreativa Casaense (Casais do Campo, Coimbra), que iria competir na II Divisão Distrital. Os clubes populares começavam a filiar-se na AFC, provindos dos mais distintos conselhos.

Dezembro

Atendendo a um pedido feito por vários clubes filiados, a Direção da AFC decidiu adiar o início do Campeonato Distrital da II Divisão. O mesmo teria apenas início a 15 de janeiro de 1967.

# 1967

- Fevereiro** Foram distribuídos pelos clubes filiados da AFC os 230.927\$30 provenientes dos fundos do Totobola do exercício anterior. A Académica com 22.000\$00 foi o clube que mais beneficiou. No polo oposto, o Sporting Clube Nacional recebeu apenas 2.000\$00.
- Março** A Naval 1.º de Maio venceu o Campeonato Distrital da I Divisão. Marialvas, 2.º classificado, e União de Coimbra, 3.º, acompanharam os figueirenses na disputa da III Divisão Nacional.
- Abril** A AFC convidou os filiados a marcarem presença no banquete de homenagem à Associação Académica de Coimbra que acabara de conseguir um inédito 2.º lugar na I Divisão Nacional.
- Maiο** A AFC notificou os clubes da II Divisão Distrital que ainda não tinham balneários nos seus campos que, caso não resolvessem este problema e não dotassem os recintos de balneários com as condições mínimas exigidas, a sua inscrição na próxima época não seria aceite.
- Junho** A Académica de Coimbra, representante da AFC na prova, conquista pela primeira vez o Campeonato Nacional de Juvenis, depois de vencer o SL Benfica por 1-0, na final em Leiria.
- Julho** A Académica perdeu a mais longa final da Taça de Portugal para o Vitória FC de Setúbal por 3-2. Foram precisos dois prolongamentos para apurar o vencedor.
- A Direção da AFC não atribuiu o título de campeão de Juniores desta temporada.

# Competições

1966  
67

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital da II Divisão	Recreativo Clube de Brasfemes
Campeonato Distrital - Juniores	Não foi atribuído
Taça de Juniores	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital de Juvenis	Associação Académica de Coimbra
Taça de Encerramento	Clube Desportivo Lousanense

Momento da marcação de um penáti, no Campo da Arregaça, em Coimbra.



Época 1967  
68

## Sem Feira, sem Europa

Sonho adiado, ver Coimbra receber jogos das competições europeias. Tudo porque a cidade não tinha uma feira, como obrigava a competição para a qual a Académica estava apurada. Foi novo ano de sucesso da Briosa, assim como da AFC, que conseguiu alargar a participação nas provas distritais e estabilizar as finanças em época complicada.

O futebol português voltou aos grandes palcos europeus. O SL Benfica chegou a mais uma final (a quinta nesta década) da Taça dos Clubes Campeões Europeus e um português oriundo da província ultramarina de Moçambique, Eusébio, conquistou a primeira Bota de Ouro (galardão atribuído ao melhor marcador europeu) para o futebol luso. Apesar da proeza benfiquista, de chegar a mais uma final da principal competição europeia de clubes, foi a terceira derrota seguida (desta feita para o Manchester United), após os desaires de 1963 e 1965.

Mas a nível interno, o SL Benfica continuou a colecionar títulos da I Divisão, sagrando-se campeão nacional com 41 pontos em 26 jornadas, obtendo 18 vitórias, 5 empates e 3 derrotas. O Sporting CP, segundo classificado, ficou a quatro pontos (37), seguindo do FC Porto (36) e da Académica de Coimbra (4.<sup>a</sup> classificada, com 35 pontos). A prestação dos “estudantes” em casa foi fantástica, não sofrendo qualquer derrota, conseguindo 11 vitórias e 2 empates. E foi o terceiro melhor ataque da competição, com 53 golos, dos quais Artur Jorge foi responsável por 28 e Ernesto por 19 tentos – foram a dupla de ataque mais temível da prova, com Artur Jorge a ser o segundo melhor marcador da I Divisão, só ultrapassado por Eusébio e os seus impressionantes 42 golos (mais de metade de todos os golos marcados pelos benfiquistas, com 75 tentos no total). O quarto lugar da Académica permitiu-lhe, novamente, ficar apurada para a Taça das Cidades com Feiras, juntamente com o Sporting CP, Vitória FC de Setúbal e Leixões. O representante na Taça das Taças da época seguinte seria o FC Porto, que

na final da Taça de Portugal de 1968 se conseguiu impor ao Vitória FC de Setúbal por 2-1. Nesta prova, a Académica voltaria a cair frente ao crónico verdugo Vitória SC de Guimarães, nos oitavos de final, depois de superar o Torres Novas (4-0 e 6-2) e o Tirsense (1-3 e 5-0).

A temporada da Académica de Coimbra seria ainda complementada por uma digressão histórica (por ser a primeira) aos Estados Unidos da América, ganhando o único jogo que realizou. Mas mais importante que a vitória foi o prestígio emanado junto da comunidade emigrante portuguesa nos EUA, que reconhecia o prestígio da equipa coimbrã. Seguiu-se uma digressão pela Venezuela, para disputar o Torneio de Caracas, e a Briosa fechou a época com a conquista da primeira edição da Taça Cidade do Porto, que reuniu mais duas equipas espanholas e o FC Porto. Perto também esteve a conquista da Taça Nacional de Juniores, mas o SL Benfica foi mais forte na finalíssima contra os jovens academistas, recheados de enormes talentos.

## Coimbra sem feira, fica sem Europa

Em 1955, o suíço Ernst Thommen, o italiano Ottorino Barassi e o britânico Stanley Rous (que haveria de ser mais tarde presidente da FIFA) instituiriam a Taça das Cidades com Feiras, reconhecida pela UEFA como precursora da Taça UEFA (atual Liga Europa). Na temporada de 1967-68, a Académica, na qualidade de vice-campeã nacional na época transata, teria à partida lugar assegurado na competição. No entanto, como o

critério de participação principal era, precisamente, a existência de uma feira e como Coimbra não tinha, a equipa foi impedida de participar na competição. Assim, FC Porto (3.º classificado no campeonato anterior), Sporting CP (4.º) e CUF do Barreiro (8.º classificado, repescada dado que Coimbra, Setúbal, Guimarães e Matosinhos não tinham feira), seriam os representantes de Portugal nesta competição.

Devido à inexistência de uma feira na cidade, ainda não foi desta vez que a AFC teve o seu maior representante nas competições europeias. Contudo, a espera não seria prolongada e na época seguinte, fruto da alteração dos regulamentos de entrada, o 4.º lugar que a Académica obteria na presente época já daria acesso, mesmo sem feira, à ambicionada participação numa competição europeia. Refira-se que a participação portuguesa na prova desta temporada seria relativamente modesta, com a CUF a sair na primeira ronda contra o FC Vojvodina, o FC Porto também saiu na primeira eliminatória contra

o Hibernian e o Sporting CP nos oitavos de final, frente ao FC Zurique, após eliminar a Fiorentina e o Clube de Brugge.

## I Divisão Distrital com 14 equipas

Nesta temporada, o Campeonato Distrital da I Divisão da AFC contou, pela primeira vez na sua história, com a participação de 14 filiados. Com as subidas de Brasfemes e Condeixa, e com a manutenção dos 12 emblemas qua haviam participado na época anterior, o Campeonato, iniciado em outubro de 1967, teria um total de 26 jornadas e apenas viria a terminar no final de março de 1968. Seriam, também, pela primeira vez, oito os concelhos representados na máxima competição interna da AFC: Coimbra (com União, Eirense, Brasfemes e Eira Pedrinha); Figueira da Foz (Naval e Ginásio); Montemor-o-Velho (Pereirense e Montemorense); Cantanhede (Marialvas); Mira (Ala Arriba); Soure (Norte e Soure); Lousã (Lousanense); e Miranda do Corvo (Mirandense).

Os candidatos ao título eram os mesmos três das temporadas anteriores (União de Coimbra, Naval e Marialvas), que continuavam a ser considerados os “grandes” do Campeonato Distrital da AFC nesta altura. A distância competitiva e organizacional que os separava dos outros era avassaladora, e assim se explica que duas destas formações (União e Naval) tenham marcado mais de uma

**Sabia que...** No Campeonato Distrital da I Divisão, a Associação Naval 1.º de Maio marcou, nas 26 jornadas, um total de 138 golos (média de 5,3 golos por jogo). Apesar deste impressionante recorde, os navalistas ficariam em 2.º lugar atrás do União de Coimbra.

centena de golos cada uma, em toda a competição. A vitória final viria a sorrir ao União de Coimbra (com 72 pontos) que se suplantaria à Associação Naval 1.º de Maio (2.º classificado, com 70 pontos) e ao Marialvas (3.º classificado, com 68). A “regra de 3” mantinha-se nesta competição, cuja competitividade era essencialmente entre estes três clubes. Mas era bom sinal o número de clubes aumentar gradualmente e a representatividade dos diferentes concelhos, contrariando a histórica centralidade de Coimbra e Figueira da Foz.

O União de Coimbra, apesar da ascensão de outros clubes distritais e de estar longe do crónico rival Académica (a militar na I Divisão), faria um bom Campeonato Nacional da III Divisão, vencendo a 4.ª Série da Zona B da 1ª fase da prova. Na 2.ª fase, o União viria a perder a hipótese de subida à II Divisão para o Valecambrense, num encontro de desempate no Estádio do Fontelo, em Viseu, após uma vitória para cada clube por 1-0. No encontro decisivo, o União perdeu por 3-0. Nesta altura, o seu histórico campo da Arregaça (com a designação oficial de Campo Eng.º Arantes e Oliveira) já contava com novos balneários e túnel de acesso, inaugurados em novembro de 1967, para gáudio dos unionistas.

## Finanças

No plano financeiro da AFC, a época de 1967-68 resultaria numa perda de mais de 37.000\$00 em relação ao exercício anterior. Terão sido vários os motivos que precipitaram esta redução, sendo os mais relevantes o aumento das despesas (sobretudo

com os encargos gerais e com a arbitragem) e a diminuição das receitas (em particular as provenientes do fundo do Totobola).

Como consequência do alargamento das instalações da sede verificado na época anterior, a AFC passou a pagar uma renda superior pelo espaço na Rua Ferreira Borges, que foi ainda agravada com a aquisição de mobiliário para a sala da Assembleia Geral, secretaria, arquivo e sala de espera. Só nesta rúbrica a despesa com encargos gerais aumentou mais de 30.000\$00 em relação ao exercício precedente.

Ainda no que concerne às despesas, também as direcionadas para o Fundo de Arbitragem subiram consideravelmente (mais 10.597\$00 em relação à época transata). O aumento do vencimento atribuído ao pessoal de secretaria, e consequentes gratificações, pagamento da Caixa de Providência, do Fundo de Desemprego e de outras compensações, foram igualmente determinantes para o acréscimo das despesas de encargos gerais.

As receitas, por sua vez, foram mais diminutas em relação aos períodos homólogos anteriores, sobretudo no que diz respeito ao montante proveniente do Totobola, que seria reduzido devido a uma atualização e a um acerto no quinhão atribuído à AFC – como em 1965 a AFC havia recebido a mais, em 1966 esse valor excedentário ficaria retido na Federação, sendo imputado nas contas desta época desportiva.

Para além disso, do quinhão do Totobola destinado à AFC em 1967 (que se cifrou nos 452.764\$80 escudos), mais de um terço dessa quantia (193.342\$00) seria emprestado pela AFC à FPF para

aquisição do imóvel onde a Federação iria instalar a sua nova sede. Este empréstimo seria pago pela FPF em cinco prestações, ao longo da época desportiva seguinte.

Também as receitas provenientes da I Divisão Nacional e da Taça de Portugal foram reduzidas em relação à temporada anterior, porque, apesar da excelente época da Académica (4.º classificado), não foi possível igualar o brilharete da época transata (2.º classificado da I Divisão e finalista vencido da Taça de Portugal).

Apesar de todos estes contratempos, a Direção cessante e a nova Direção que tomou posse já no decurso deste exercício, mantiveram sempre as contas equilibradas e garantiram a sustentabilidade da AFC em tempos que não se afiguravam financeiramente fáceis. Esta gestão rigorosa e criteriosa dos fundos da AFC mereceriam o reconhecimento do Conselho Jurisdicional e Fiscal da Associação. Assim, a Assembleia Geral da AFC, em dezembro de 1968, viria a aprovar (com louvor para a Direção) as contas de Gerência do exercício de 1967-68.



A sede da AFC acolhia reuniões regulares dos diferentes órgãos da instituição.



Ao longo da década, a arbitragem foi sempre muito apoiada pela Direção da AFC.

## Cronologia

1967  
68

1967

Setembro

A Associação Atlética Cruzense obtém a sua filiação oficial na AFC.

Outubro

Depois de receber o parecer definitivo do Conselho Jurisdicional da FPF, a AFC atribui finalmente o título de campeão da II Divisão Distrital da época transata ao Brasfemes. O Ançã perdeu o recurso apresentado e ficou na 3.ª posição.

Reunida em Congresso, a FPF aprovou a extinção do “documento de desvinculação” e passou a ser possível às equipas alinhar com dois jogadores estrangeiros.

Novembro

A Associação Desportiva de Fala filia-se na AFC.

Dezembro

Atendendo a uma solicitação do FC Porto, que se encontrava a reunir uma coleção de emblemas de clubes de futebol, a AFC ofereceu o seu emblema e disponibilizou ao clube portuense os contactos de todos os filiados.

## 1968

**Janeiro** A AFC adquiriu 23 cadeiras para a sala da Assembleia Geral. O custo do novo mobiliário cifrou-se em 8.000\$0.

**Fevereiro** Vários jogos do Campeonato Distrital da I e II Divisões foram interrompidos e suspensos devido ao mau tempo que se registou no dia 22.

**Março** O CF União de Coimbra sagrou-se campeão distrital da I Divisão. A Naval 1.º de Maio foi segunda classificada e a formação do Marialvas ficou terceira.

**Abril** A AFC decidiu atribuir um subsídio extraordinário de 5.000\$00 a cada um dos seus representantes na III Divisão Nacional. Assim, União, Naval e Marialvas conseguiram minorar as enormes despesas de participação na prova federativa.

**Maio** Depois de mais um desempenho brilhante, a Académica terminou em 4.º lugar o Campeonato Nacional da I Divisão.

**Junho** O Esperança Atlético Clube conquistou o Campeonato Distrital da II Divisão.

A AFC recusou alguns pedidos de subsídio solicitados pelos filiados, dado que a verba proveniente dos seus fundos foi substancialmente menor do que nos anos anteriores.

Renato Santos é eleito árbitro internacional por Coimbra.

# Competições

1967  
68

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão	Esperança Atlético Clube
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Adriano Peixoto - Juniores	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra
Taça de Encerramento	Associação Desportiva Ala-Arriba
Taça Octaviano Leal de Oliveira - Juvenis	Associação Académica de Coimbra

Na segunda metade dos anos 1960 começaram-se a organizar torneios interbancários em Coimbra, com equipas de diversas instituições bancárias. A AFC supervisionava estas provas.



Época 1968  
69

## Estreia europeia

A Europa do futebol chega a Coimbra. Um filiado da AFC, a eterna Académica, estreou-se nas competições europeias, pela primeira vez na sua história. Mas a temporada ficou marcada por uma final da Taça de Portugal que misturou política e futebol, a uma escala nunca vista de afronta ao regime fascista.

**É** poca de algum desânimo para os portugueses, em termos internacionais. A Seleção Nacional vai ficar de fora do Mundial de 1970, após uma série de maus resultados. Frustração maior após o brilharete da edição anterior, o Inglaterra 1966, em que Portugal ficou em 3.º lugar. A nível interno, a I Divisão ficou marcada pela disputa acérrima pelo título nacional entre o SL Benfica, treinado por Otto Glória, e o FC Porto, de José Maria Pedroto. Dois pontos separaram ambas equipas no final da prova, que teve como surpresas os dois Vitórias, de Guimarães (3.º classificado) e o de Setúbal (4.º). Só depois veio o Sporting CP (5.º) e a Académica (6.º).

Para o SL Benfica foi a renovação do título nacional e a conquista do tricampeonato, dispondo do melhor plantel entre os clubes portugueses (com Eusébio como estrela maior), apesar de algumas das suas vedetas, como Mário Coluna ou José Augusto, já acusarem alguma veteranaria (compensada com a chegada de jovens de enorme qualidade, como “Toni” ou Humberto Coelho). Coimbra, bom viveiro de jogadores, teria um papel importante neste processo de renovação dos “encarnados”, com o SL Benfica a contratar à Académica talentos como o de “Toni” e, pouco depois, Artur Jorge.

## **Coimbra na Europa**

O quarto lugar no Campeonato Nacional da I Divisão de 1967-68 valeu à Associação Académica de Coimbra um lugar nas competições europeias de clubes. Finalmente Coimbra, um dos principais eixos

e centros geográficos do futebol português do século XX, tinha uma equipa nas competições europeias. E contrariamente àquilo que havia sucedido no passado recente, em que a Académica, apesar de ter conquistado por direito próprio a participação na Taça das Cidades com Feira, havia visto o seu acesso ser negado pela UEFA (por falta da cidade de ter uma feira devidamente reconhecida), desta vez essa questão não se colocou e o organismo máximo do futebol europeu validou a inscrição dos “estudantes”. Coimbra estava no mapa da Europa do futebol.

O sorteio da primeira eliminatória desta prova europeia colocou os franceses do Olympique Lyonnais, mais conhecido como Lyon, no caminho dos portugueses. O adversário do filiado da AFC, apesar de ter sido apenas 12.º classificado na Liga Francesa da época anterior, foi convidado pela UEFA para participar na Taça das Cidades com Feira. O Lyon detinha no seu palmarés duas taças de França, ambas conquistadas na presente década de 1960, o que lhe conferia a priori o favoritismo na eliminatória face à estreante Académica.

No jogo da primeira mão, disputado em França, o Lyon venceu por apenas 1-0, resultado que renovaria as esperanças da Académica na passagem e que levava todas as decisões da eliminatória para Coimbra. No dia 9 de outubro de 1968, num Estádio Municipal de Coimbra lotado, os portugueses venceram no tempo regulamentar os gauleses por 1-0, igualando a eliminatória. No prolongamento, apesar da excelente réplica da Académica e de algumas oportunidades perdidas, o resultado não sofreu alteração e a decisão ficaria adiada para a

mais cruel das formas de desempate: o lançamento de moeda ao ar. Nesta altura ainda não tinha sido introduzido o desempate através das grandes penalidades.

Nesse momento dramático coube ao capitão da Académica, Rocha, escolher a face da moeda que pretendia ver quando esta caísse ao chão, após ter sido arremessada pelo árbitro da contenda, o espanhol Adolfo Bueno Perales. O capitão da Briosa escolheu “coroa” e todo o estádio ficou por instantes em suspenso, incluindo toda a representação da AFC que fez questão de marcar presença em massa neste jogo histórico para a instituição e os seus filiados. No entanto, a sorte seria madrastra para os conimbricenses que seriam eliminados depois de ser revelada, em pleno relvado do Municipal de Coimbra, a “cara” do General Franco estampada na moeda (de 50 pesetas) lançada pelo juiz espanhol. Consumava-se, injustamente, a eliminação da Académica. Vários jogadores abandonaram o campo em lágrimas, num estádio praticamente em silêncio, com os adeptos profundamente tristes com o azar da moeda ao ar. No dia seguinte, toda a imprensa portuguesa lamentou o infortúnio.

A eliminação europeia sucedeu numa altura em que a Académica estava no topo do Campeonato Nacional da I Divisão, graças a uma boa entrada na prova, com vitórias nas primeiras quatro jornadas. Seguiram-se, porém, cinco partidas sem ganhar e a saída do treinador Mário Wilson, substituído por outra grande figura do clube, João Maló (antigo guarda-linha conimbricense), que ajudou a equipa a recuperar, finalizando a principal competição nacional no sexto lugar. E igualmente assinalável

foi a campanha do seu avançado Manuel António, cujos 19 golos lhe permitiram ser o melhor marcador nacional desta temporada (Eusébio dominara as cinco edições anteriores), conquistando a primeira Bola de Prata (prémio atribuído ao melhor marcador da I Divisão) para a Académica e para Coimbra.

## Política e futebol na final da Taça

A equipa da Associação Académica de Coimbra, apesar do percalço europeu da moeda ao ar, continuou o seu extraordinário percurso nesta temporada. Ao sexto lugar no Campeonato, somou mais uma presença na final da Taça de Portugal. Pelo caminho, numa renovada e mais concorrida Taça de Portugal (cada vez mais representativa e nacional), a Briosa deixou pelo caminho, sucessivamente: Farense (2-0), Leões de Santarém (6-1), Ferroviário de Lourenço Marques (4-1 e 1-0), Vitória SC de Guimarães (1-2 e 5-0) e Sporting CP (2-1 e 1-0).

Contudo, à margem da época desportiva, outro acontecimento, despoletado no dia 17 de abril de 1969, marcaria decisivamente o trajeto da Académica, e da própria cidade de Coimbra, até ao Jamor. Falamos da crise estudantil, desencadeada naquele nefasto dia quando, por ocasião da inauguração do novo edifício das Matemáticas na Universidade de Coimbra, Alberto Martins, então presidente da Associação Académica de Coimbra, viu a palavra ser-lhe negada pelo Chefe de Estado, quando pretendia tecer algumas considerações sobre aquele ato, em nome de todos os “estudantes”. Esta recusa, e a ulterior detenção de Alberto Martins,

provocaria uma revolta sem precedentes, com os “estudantes” a enfrentarem o Regime, reivindicando mais democracia, melhor ensino e mais direitos.

A crise estudantil e a afronta ao Regime alargaram-se a uma parte da sociedade e à própria equipa de futebol da Académica que, na sua caminhada brilhante na Taça de Portugal, acabaria por funcionar como uma espécie de “porta-estandarte” mediático desta luta.

Quando a Académica visitou o Sporting CP, em Lisboa, no dia 8 de junho, num jogo a contar para a primeira mão das meias-finais da prova, os jogadores entraram em campo vestidos de branco e com braçadeiras negras, em sinal de luto académico.

A vitória por 2-1 em Alvalade, colocou o representante da AFC em vantagem na eliminatória e deixou os “estudantes” muito próximos da final sonhada. E no dia 14, no “velhinho Calhabé” completamente lotado, a luta reivindicativa nas bancadas continuou com a exibição de diversos cartazes de protesto contra o Regime. Em campo, a vitória da Académica por 1-0 confirmaria a passagem ao Jamor.

A grande final do Estádio Nacional, a 22 de junho, onde a Académica defrontava o SL Benfica, esteve quase para não se realizar, uma vez que o Regime temia que pudesse ser utilizada pelos “estudantes” para uma forte manifestação contra o mesmo. Quando o encontro foi confirmado, rapidamente se chegou à conclusão que seria

**Sabia que...** Em consequência da crise estudantil, a Académica esteve quase para ser impedida de entrar em campo na final da Taça de Portugal. Para colmatar a possível ausência, o Sporting CP ficou de prevenção até à última hora, naquele que ficou conhecido como um dos “estágios” mais estranhos da sua história.

uma final diferente das anteriores. A RTP não iria transmitir o jogo e as grandes figuras do Estado não marcariam presença. O treinador da Académica ficaria em Coimbra, suspenso, e o avançado Artur Jorge, uma das estrelas da Académica, ficaria impedido de participar na final para cumprir obrigações no serviço militar. A juntar a tudo isto, os agentes da autoridade multiplicaram-se como nunca e a Académica foi impedida de atuar de branco, entre outras particularidades que o encontro teve. Durante a final, depois de uma primeira parte onde a calma dominou dentro e fora de campo, no segundo tempo tudo mudaria com dezenas de cartazes de protesto a serem exibidos nas bancadas. Iniciava-se um autêntico comício contra o Regime. No terreno de jogo, Manuel António colocou, entretanto, a Académica na frente do marcador, levando ao jubilo os seus adeptos e todos os opositores do Regime

que passaram a torcer pelos conimbricenses, como se um hipotético triunfo em campo resultasse numa vitória política. Muitos jogadores e adeptos do SL Benfica diriam mais tarde que, a confirmar-se, seria a derrota “mais saborosa” da história do clube lisboeta. Mas não seria assim, o SL Benfica empatou antes do final do tempo regulamentar e venceu o jogo com um golo de Eusébio no prolongamento. Desportivamente, a Académica perdeu a Taça, mas voltou a conquistar um lugar nas competições europeias da época seguinte (seria o representante luso na Taça das Taças, dado que os “encarnados” iriam jogar a Taça dos Clubes Campeões Europeus). Fora de campo, terminava assim o maior comício organizado contra o Estado Novo, naquela que foi, claramente, a final de Taça “mais politizada” (Santana & Mesquita, 2002, p. 220) da história do futebol português.

### **Nova III Divisão Nacional**

Uma nova reestruturação nas competições nacionais tornaria a III Divisão numa prova regular e estanque, onde participariam um total de 48 equipas, repartidas em quatro grupos de 12. Os três representantes da AFC, que pela primeira vez desde a criação da III Divisão Nacional ficaram apurados diretamente para a prova (até aí o apuramento era feito através do Campeonato Distrital), foram: o União de Coimbra, a Associação Naval 1.º de Maio e o CF “Os Marialvas”.

A nova estrutura da prova, apesar de apelativa, acabaria por ser bastante dispendiosa para os

clubes participantes, que desde cedo passaram a solicitar subsídios e empréstimos extraordinários à Federação e às associações distritais em que estavam filiados. Os clubes de Coimbra não seriam, naturalmente, exceção a esta regra. Assim, durante a época desportiva, a Direção da AFC, quer através de empréstimos, quer através de adiantamentos ou subsídios extraordinários, ajudou por diversas vezes os seus três representantes a fazer face às despesas de participação na competição.

O União de Coimbra e o Marialvas ficariam colocados na Zona B, tendo terminado respetivamente na 4.ª e 7.ª posições, numa série vencida pelo União de Lamas, que haveria de sagrar-se campeão nacional neste ano. A Naval ficou na Zona C, onde conseguiria o 5.º lugar, atrás de Marinhense, União de Leiria, Nazarenos e Sacavenense.

Depois das 22 jornadas disputadas em cada uma das séries, a época oficial terminou demasiado cedo para a maioria dos clubes. Por esse motivo, a AFC decidiu patrocinar um torneio criado por um dos seus filiados, na circunstância o União de Coimbra, a que se deu o nome de Taça da Beira Litoral. Nesta competição “não oficial” participariam os três representantes da AFC na III Divisão Nacional, juntamente com o União de Leiria, o Marinhense e a Oliveirense. Como forma de apoio a esta prova, a AFC isentou os seus clubes do pagamento de qualquer taxa de jogo, atribuiu subsídios de deslocação e cedeu os seus árbitros para ajuizarem os desafios. Graças a esta prova foi possível manter em atividade todas estas equipas, o que representou um sucesso para a AFC.

## Mira em festa na I Divisão Distrital

Com a alteração verificada na III Divisão Nacional e com a conseqüente implementação de um novo sistema de subidas e descidas na competição, as provas distritais ganharam outro interesse e abriram as portas das competições nacionais a equipas de localidades menos populosas, que até aí tinham poucas, ou nenhuma, hipóteses de atingir esse patamar. União de Coimbra, Marialvas e Naval 1.º de Maio, que nos últimos anos se haviam confirmado como os “três grandes” do futebol do distrito e que sempre se assumiam como os únicos candidatos ao título, seriam este ano, e como vimos, integrados diretamente na nova III Divisão Nacional. Esta realidade garantiria desde logo que, de entre os 14 clubes inscritos na I Divisão Distrital da AFC nesta época, sairia um novo e inédito campeão.

Desde cedo que se assumiram quatro candidatos ao título: Ala Arriba (4.º classificado na época anterior), Norte e Soure (5.º), Eirense (6.º) e o surpreendente Esperança Atlético Clube (que na última época havia conquistado a II Divisão Distrital). O campeão seria a equipa mais regular da prova, a Associação Desportiva Ala Arriba, que obteve 20 vitórias nos 26 jogos disputados e amalhou um total de 69 pontos. Esta proeza levou a festa e o jubilo à vila e a todo o concelho de Mira, que pela primeira vez festejava um título deste gabarito e que ainda por cima garantia uma subida histórica aos Nacionais na temporada seguinte. Na tabela seguiram-se o Esperança Atlético Clube (65 pontos) e o Eirense e o Norte e Soure (ambos com 59). Depois de décadas nas mãos de um restrito número de equipas dos concelhos de Coimbra, Cantanhede e Figueira da Foz, o Campeonato Distrital da I Divisão da AFC conhecia assim, nesta temporada, um novo campeão e um novo rumo.



Vista da sala de reuniões da AFC durante uma sessão do organismo de arbitragem da instituição.

# Cronologia

1968  
69

208

## 1968

### Setembro

A Académica realiza no verão uma digressão por Moçambique.

O União de Coimbra comemora as Bodas de Ouro (1919-1969), com um extenso programa.

Devido ao crescente trabalho administrativo, a AFC alargou o período de abertura da secretaria. E celebrou um novo contrato com o chefe de secretaria.

Inaugurou-se a iluminação artificial do Estádio Municipal de Coimbra e do velhinho Calhabé, com a realização dos encontros amigáveis entre o União de Coimbra e o Esperança (4-0) e entre a Académica e os espanhóis do Saragoça (0-2), respetivamente.

### Outubro

A Direção da AFC aceitou a filiação de um novo clube, o Sporting Clube Ribeirense, que disputaria a II Divisão Distrital.

No dia 22, data da celebração do 46.º aniversário da AFC, a Direção reuniu e recebeu várias felicitações pela comemoração da efeméride, destacando-se um ofício da FPF.

## 1968

- Novembro** O Grupo Desportivo Tabuense e a União Desportiva de Tocha solicitaram a inscrição como filiados da AFC. As mesmas seriam validadas oficialmente pela Direção e Conselho Técnico.
- Dezembro** A Direção da AFC deliberou adiar as jornadas da I e II Divisão Distritais agendadas para o dia 29. Nessa data seriam disputados os jogos em atraso que haviam sido interrompidos, ou suspensos, em consequência do mau tempo que se fez sentir na primeira quinzena do mês.

## 1969

- Janeiro** Um jogador do AC Montemorense foi suspenso por seis anos por ter agredido o árbitro num jogo da I Divisão Distrital.
- Fevereiro** A Associação Académica de Coimbra conquista o Campeonato Distrital de Juniores.
- Abril** A AFC associa-se e patrocina um trofeu organizado pelo União de Coimbra, a Taça Beira Litoral.
- Maiο** O Ala Arriba venceu o Campeonato Distrital da I Divisão da AFC.  
Apesar do esforço da Direção para promover a prova, apenas quatro clubes se inscrevem no Torneio de Encerramento de Seniores.
- Junho** A Académica perdeu a final da Taça de Portugal com o SL Benfica, após prolongamento. O jogo ficou marcado pela contestação estudantil ao Regime.

# Competições

1968  
69

210

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão	Associação Desportiva Ala-Arriba
Campeonato Distrital da II Divisão	Associação Recreativa Casaense
Taça de Honra - Seniores	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça José da Silva - Juniores	Ginásio Clube Figueirense
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra
Taça de Encerramento - Seniores	Esperança Atlético Clube
Taça Dr. Jorge Humberto - Juvenis	Sporting Clube de Coimbra



Lance da final da Taça de Portugal, no Estádio Nacional, entre SL Benfica e Associação Académica de Coimbra. Mais que o resultado (vitória dos "encarnados") ficou o simbolismo político da final.

# Época 1969 70

212

## Entre a “alta roda”

Coimbra novamente na Europa e desta vez entre a “alta roda” do futebol alemão e inglês. A Académica brilhou na Taça das Taças. A cidade e o distrito afirmavam-se, finalmente, no contexto do futebol europeu. E a nível interno, o União foi a surpresa e chegou à II Divisão.

O sonho benfiquista de ganhar o “tetra” foi frustrado pelo rival Sporting CP, que venceu destacado o Campeonato Nacional, com 46 pontos, mais oito que o SL Benfica (que se vingou na Taça de Portugal, batendo os “leões” por 3-1). Nos quatro primeiros lugares da principal prova do futebol português, somente clubes do eixo Lisboa-Setúbal, com o Vitória FC de Setúbal a terminar a I Divisão em terceiro lugar e o Barreirense na quarta posição. A desilusão foi o FC Porto, na nona posição, em igualdade pontual com a Académica (10.º lugar, com 22 pontos). Para a equipa de Coimbra, a prestação na Taça de Portugal também seria modesta, eliminada na segunda ronda pelo Sporting CP (1-0 e 3-0), após ter afastado os Nazarenos na rodada anterior (1-0 e 4-1). As equipas de Coimbra, apesar da boa prestação na primeira eliminatória da Taça, cada vez com mais clubes, não iriam repetir o feito na ronda seguinte, sendo todas gradualmente eliminadas. Mas para a cidade de Coimbra e todo o distrito, o grande momento da época seria de cariz europeu, com a boa prestação da Académica na Taça das Taças, com que a AFC se congratulou enormemente.

### **Académica na “Alta Roda do Futebol Europeu”**

Foi este o título que o jornal *A Voz Desportiva* utilizou na sua edição do dia 24 de novembro de 1969, para retratar a campanha europeia que a Académica estava a fazer até aquele momento. Depois de ter sido eliminada, por manifesto azar,

na época anterior (na fatídica história da moeda ao ar), a Académica de Coimbra voltou às competições europeias na presente temporada, desta vez para disputar a Taça dos Vencedores das Taças, para a qual se tinha apurado na condição de finalista vencido da última Taça de Portugal – o SL Benfica venceu a Taça, mas como foi campeão nacional, seguiu para a Taça dos Clubes Campeões Europeus. Ditou o sorteio da primeira eliminatória da Taça das Taças (como era conhecida a prova) que a Biosa haveria de defrontar os finlandeses do KuPS (Kuopion Palloseura), detentores da taça daquele país escandinavo e uma das principais equipas finlandesas – já havia sido, por exemplo, por três vezes campeão finlandês. O primeiro jogo realizou-se em Coimbra, no Estádio Municipal, registando o placard final, apesar do domínio avassalador da Académica, um desolador empate a zero. Na segunda mão, na fria cidade de Kuopio, os “estudantes” acabaram por vencer com um golo solitário apontado por Nene nos últimos minutos, que chegaria para garantir uma inédita passagem à segunda eliminatória da prova.

Nos oitavos de final, a Académica defrontaria a poderosa equipa do FC Magdeburg, da Alemanha Oriental, que se encontrava num período de crescimento exponencial. Nos últimos seis anos, o conjunto da então RDA havia vencido três taças nacionais (denominadas FDGB-Pokal) e conquistado três terceiros lugares no campeonato. A primeira mão disputou-se em Magdeburgo, onde os alemães confirmaram o seu favoritismo e derrotaram os representantes da AFC por 1-0. Na segunda mão, realizada na primeira segunda-feira de janeiro de

1970, uma brilhante Académica recebia e vencia, no mítico Calhabé, os alemães por 2-0, com golos de Alinho e Mário Campos, num encontro que rendeu mais de 400 contos de bilheteira. Para termos uma ideia do feito desportivo da Académica, basta referirmos que nas cinco épocas seguintes, os alemães venceriam três campeonatos da RDA, uma taça nacional e uma Taça das Taças (1974).

O adversário seguinte foi o ainda mais imponente Manchester City, que atravessava o melhor período da sua história. Nos últimos anos, tinha conquistado a Second Division (atual Ligue One), em 1965-66), a First Division (atual Premier League, em 1967-68), a Taça de Inglaterra (em 1968-69) e viriam a vencer a Taça da Liga na presente temporada. Na primeira mão, em Coimbra, o resultado seria um 0-0, que muito orgulhou os portugueses e levava a decisão da eliminatória para Inglaterra. No jogo da segunda mão, a Académica conseguiu o notável feito de levar o jogo para prolongamento sem sofrer qualquer golo, resistindo epicamente ao ímpeto do City que tinha na sua formação avançados temíveis como Colin Bell e Francis Lee, que nesse mesmo ano representaram a sua seleção no Mundial do México-70. Foi apenas nos descontos do prolongamento que Towers quebrou a resistência da Académica e apontou o golo da vitória para o team de Manchester. Mais de 210 minutos depois, a Briosa quebrava perante a mais forte equipa da competição que viria a conquistar o troféu europeu neste ano.

Terminava, assim, em glória esta viagem da Académica pela “alta roda do futebol europeu”, com duas vitórias e um empate em casa (e zero

golos sofridos) e uma vitória, um empate e duas derrotas fora (uma delas apenas no prolongamento). Refira-se que a imprensa portuguesa foi unânime em reconhecer que com um pouco mais de sorte naquele final dramático de Manchester, a Académica poderia ter seguido em frente e fazer um feito ainda mais notável.

## União volta à II Divisão Nacional

Desde a temporada de 1956-57 que a AFC não tinha nenhum representante no Campeonato Nacional da II Divisão. Há muito tempo que a Direção da AFC e os dirigentes dos principais clubes filiados sonhavam com o regresso ao segundo escalão nacional. Uma Associação com os “pergaminhos” de Coimbra não poderia continuar a ter apenas um clube na I Divisão e os restantes na III Divisão. Este fosso tinha necessariamente de ser encurtado.

A época de 1969-70 voltou a conhecer um alargamento na III Divisão. Mantiveram-se os quatro grupos (ou zonas), mas passaram a ser 16 clubes a integrar cada um deles. As vagas para a subida continuavam a ser apenas quatro. E se já era extraordinariamente difícil a promoção à II Divisão, com o aumento do número de equipas essa tarefa complicou-se ainda mais.

Os representantes da AFC dividiram-se por duas das quatro séries: na Série B ficaram União de Coimbra, Marialvas e Ala Arriba; e na Série C, a Associação Naval 1.º de Maio. As ambições, em virtude dos recursos financeiros disponíveis, eram

reduzidas em relação a outros candidatos, mas o sonho da subida ninguém o podia tirar a qualquer um dos representantes da AFC.

A longa caminhada começou. Trinta intensas jornadas esperavam todos os concorrentes e apenas os melhores iriam subir à II Divisão. O CF União de Coimbra destacou-se desde o início na Série B e rapidamente conseguiu a liderança isolada. Jornada após jornada, o União manteve a posição cimeira, seguido, muito perto, pelo Sporting C. Covilhã, Alba, Oliveirense e Lourosa. Os candidatos estavam assim definidos, mas a vaga a ocupar no escalão superior era apenas uma. À entrada para a derradeira jornada da prova, o número de candidatos diminuiu. Apenas União (líder, com 48 pontos), Sporting C. Covilhã (2.º, com 47) e Alba (3.º, com 46) continuavam a acalentar hipóteses de subida. Sabia-se, por isso, que a luta seria até ao último suspiro. Alba e Covilhã defrontaram-se, mas ambos sabiam que apenas teriam hipóteses se o União, que era o único que não dependia de terceiros, vacilasse.

Ditou o calendário que a viagem dos unionistas, na última jornada, fosse uma das etapas mais curtas, a Mira. Frente a frente, dois dos representantes da AFC na competição digladiaram-se. De um lado, o Ala Arriba, que logo no seu ano de estreia na prova havia feito um percurso notável, estando a meio da tabela e há pouco tempo tinha “ajudado” o União com uma sensacional vitória sobre o SC Covilhã, em Mira; e do outro lado, o União, líder incontestado da Série, quase desde a primeira jornada. A apenas uma vitória do ambicionado regresso à II Divisão, o União sabia que não poderia ceder no difícil terreno

do Ala Arriba. O intervalo chegaria com 0-0 no marcador, resultado abaixo do desejado, mas que ainda assim mantinha o União na liderança virtual, pois o SC Covilhã não estava a ganhar em Alba. Na segunda parte tudo seria diferente. Os unionistas marcariam duas das várias ocasiões de golo de que dispuseram e levaram ao delírio os milhares de adeptos que os acompanharam. A festa da subida ficaria consumada: Coimbra e a AFC voltariam a ter na próxima época um representante na II Divisão Nacional. O Marialvas seria 6.º classificado e o Ala Arriba 9.º nesta série, enquanto a Naval 1.º de Maio ficou 7.ª na Série C – a representação da AFC foi, assim, de bom nível nesta época.

Terminados os calorosos festejos que marcaram a cidade de Coimbra durante vários dias, adeptos e jogadores do União voltaram a concentrar-se, desta vez para tentarem alcançar um objetivo ainda maior: lutar pelo título nacional da III Divisão. Nesta disputa estariam os vencedores das quatro séries da prova, todos eles já recém-promovidos à II Divisão da próxima época. Numa das meias-finais, o União defrontou o Riopele, vencedor da Série A. No primeiro jogo, em Coimbra, no Campo Engenheiro Arantes e Oliveira, registou-se um empate a uma bola. E no segundo jogo, no Minho, o União de Coimbra venceu por 2-1 e conseguiu o apuramento histórico para a final.

A grande final da III Divisão seria disputada em Lisboa, no Estádio do Restelo, entre o União de Coimbra e o histórico SC Olhanense, que tinha vencido a outra meia-final. O título iria cair para os algarvios, que venceram por 2-0, sagrando-se campeões nacionais da III Divisão. O União ficou

como vice-campeão nacional. A derrota no jogo decisivo não mancharia, de todo, a brilhante época do União de Coimbra que, acima de tudo, havia conquistado a apetecida promoção à II Divisão Nacional. Sucederam-se as homenagens ao clube unionista, associando-se a AFC a grande parte delas. O União, a cidade de Coimbra, a AFC e o futebol distrital vibraram com este feito, que reconhecia, uma vez mais, o importante papel de Coimbra no contexto do futebol português.

### Intensa atividade arbitral

Ao longo da segunda metade dos anos 1960, a Comissão Distrital de Árbitros manteve uma intensa atividade, nomeadamente a nível administrativo (nomeações, castigos, análise de casos arbitrais), na realização de provas (de aperfeiçoamento e de campo), assim como na realização de cursos distritais e nacionais de arbitragem. Era igualmente prolífera na organização de ciclos de palestras com figuras destacadas da arbitragem e do desporto nacional, abrangendo temas tão diversos como a ética e as relações humanas ou a medicina desportiva, bem como todos os temas derivados da arbitragem e do papel do árbitro.

Nesta época, a figura incontornável de Augusto Marques Bom, presidente da Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra, foi laureada com um louvor público por parte da Direção Geral dos Desportos, por toda a dedicação e empenho dedicados à arbitragem, não só a nível regional como nacional.

Nesta temporada, mais uma vez, o distinto dirigente promoveu, conjuntamente com os seus parceiros de Direção, uma série de palestras dirigidas aos árbitros, onde foram discutidas temáticas sobre o exercício da arbitragem e a aplicação prática das leis do jogo. Mais de uma dezena de palestrantes e centenas de árbitros participaram nestas atividades formativas, que como referimos já se prolongavam há várias épocas com o objetivo claro de melhorar a qualidade dos árbitros de Coimbra. O mesmo dirigente seria responsável por um conjunto de artigos subordinados ao tema da arbitragem, publicados regularmente na imprensa desportiva regional, numa clara tentativa de promoção, proteção e divulgação dos árbitros, dos juízes de linha e da arbitragem em geral. Um processo pedagógico de consciencialização para o papel do árbitro no futebol e para a sua função no campo desportivo, para além das questões técnicas inerentes às suas atuações e às leis do jogo.

**Sabia que...** Coimbra, reduto difícil para o campeão nacional. O Sporting CP conquistou a I Divisão desta época com uma única derrota. Precisamente um 3-0 em Coimbra, contra a Académica. Era o quarto ano consecutivo que os “leões” não conseguiam triunfar no Calhabé.

Reunião da Comissão Distrital de Árbitros na sede da AFC.  
Este órgão manteve uma intensa atividade neste período.



## Cronologia

# 1969 70

218

### 1969

#### Julho

A AFC associou-se à homenagem ao árbitro Renato Soares dos Santos. Terminou a carreira no final da época anterior, ao atingir o limite de idade permitido. Um representante da Direção da AFC marcou presença na sessão solene e entregou uma lembrança ao ex-árbitro internacional, numa sessão de homenagem organizada pelas Comissões Central e Distrital de Árbitros. A Direção da AFC distinguiu-o ainda com um voto de louvor.

#### Setembro

A Comissão Central de Árbitros distinguiu Augusto Marques Bom, presidente da Comissão Distrital de Árbitros de Coimbra, como o melhor dirigente da temporada de 1968-69.

As quatro equipas da AFC que entraram na primeira eliminatória da Taça de Portugal passaram todas à segunda eliminatória da prova: Ala Arriba venceu 4-0 o Bragança; Marialvas por 9-1 ao Torre de Moncorvo; Naval deu 6-1 ao Faro e Benfica; e União de Coimbra bateu 1-0 o Gil Vicente.

## 1969

**Outubro** Três jogadores da Académica (Alinho, Mário Campos e Rui Rodrigues) alinharam na Seleção Nacional de Esperanças que venceu em Paris, por 3-2, a sua congénere gaulesa, invicta há dez jogos. Mário Campos marcou um dos golos da contenda.

**Novembro** No dia 30, o avançado da Académica, Manuel António, recebeu a Bola de Prata de 1968-69, trofeu atribuído pelo jornal A Bola ao melhor marcador da temporada. O goleador fez também grande campanha nesta época, em especial na Taça Ribeiro dos Reis, onde marcou 16 golos e ajudou a Briosa a chegar à final (perdida para o Vitória FC de Setúbal).

## 1970

**Janeiro** O Ginásio Clube Figueirense completou 75 anos de idade. A AFC associou-se, naturalmente, às comemorações das Bodas de Diamante daquela prestigiada associação desportiva.

**Março** A Académica foi eliminada nos quartos de final da Taça das Taças.

**Maio** O CDEF Norte e Soure venceu o Campeonato Distrital da I Divisão. Na II Divisão Distrital, o CR Carapinhense sagrou-se campeão.

**Junho** O União de Coimbra, depois de vencer a Zona B da III Divisão, conseguiu a subida à II Divisão Nacional.

# Competições

# 1969 70

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão	Clube de Desportos e Educação Física de Norte e Soure
Campeonato Distrital da II Divisão	Clube Recreativo Carapinhense
Taça de Honra - Seniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra
Taça de Encerramento - Juniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Taça Encerramento - Juvenis	Clube de Futebol Mirandense

A Académica de Coimbra foi campeã distrital de juniores, cruzando-se depois com o FC Porto na prova nacional. Enfrentou os portistas no Estádio Universitário de Coimbra.



# Seleções Nacionais

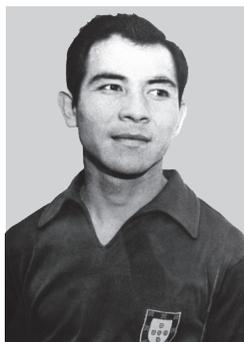
## Internacionais por Coimbra

222

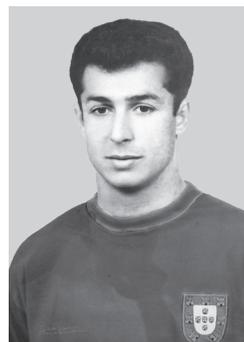
Recordando a decisão da AFC de maio de 1960, passaram-se a fazer fotografias de todos os jogadores de clubes filiados na Associação que foram internacionais por Portugal, independentemente da categoria. Os quadros passaram a ser expostos na sede da AFC.



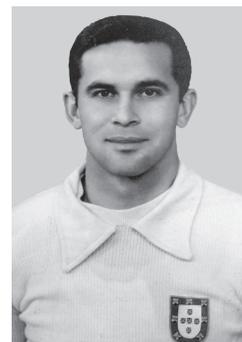
Artur Jorge



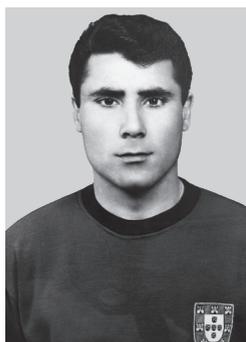
Augusto Rocha



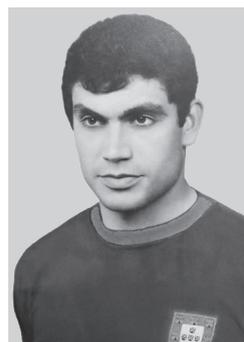
Celestino Martins



João Luís Maló de Abreu



Manuel António



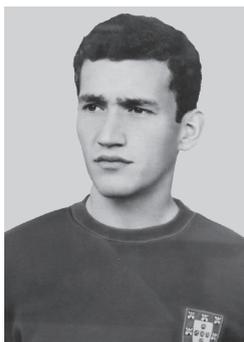
Manuel Serafim  
Monteiro Pereira



Mário Campos



Rui Rodrigues



Vasco Gervásio



Vítor Campos

A revolução ditou o fim da ditadura e o alvorecer da democracia.

O futebol popularizou-se ainda mais, em Portugal como em Coimbra. Mais clubes, mais praticantes, melhores campos, aposta na formação, melhores árbitros e mais público.

E chegou finalmente o futebol feminino.

Tempos de mudança num Portugal em transformação.

# Po pula riza ção

1971-1980



A formação de jovens jogadores continuou a ser uma das grandes apostas da AFC na década de 1970.

**A** década de 70 do século XX ficou marcada por um conjunto de acontecimentos. O ano de 1973 assinalou a derrota americana na guerra do Vietname e o embargo petrolífero das nações árabes ao Ocidente, seguida de uma crise económica de escala mundial. Portugal vivia desde 1926 sob um regime autoritário, de índole fascista. E desde início dos anos 60 do século XX enfrentava uma guerra colonial, estando sob uma enorme pressão internacional (para iniciar o processo de descolonização) e cada vez mais isolado de um mundo em transformação. Sucediavam-se as manifestações contra o regime fascista, nos mais diferentes círculos, desde os “estudantes” ao operariado industrial, passando pelas mais distintas profissões. O descontentamento generalizado, aliado aos efeitos nefastos da guerra colonial e à necessidade de restabelecer a liberdade e a democracia, levaria a um golpe militar no dia 25 de abril de 1974, com o Movimento das Forças Armadas a assentar o seu programa revolucionário em três ideias-chave para a sociedade portuguesa: democracia, descolonização e desenvolvimento. Seguiu-se um período de euforia popular, mas de grande conturbação, marcado pela indefinição política e ideológica, agravada pela complicada conjuntura económica e pela instabilidade dos governos provisórios. Um processo democrático agitado, que fecharia a década com uma agenda clara: implementar uma democracia representativa de tipo ocidental, que tinha como objetivo integrar-se na Europa e na Comunidade Económica Europeia, atenuando as diferenças entre um Portugal subdesenvolvido e uma Europa em forte crescimento e modernização.

A agitação política e social afetaria obviamente o futebol. Desde a sua popularização nos anos 20 do século XX que o futebol, pela primeira vez, era secundarizado temporariamente pela política. E no fragor revolucionário conotou-se o futebol com o regime fascista, como ferramenta da propaganda e “ópio do povo”, aliado aos outros dois “f’s” de Fado e Fátima – um na condição de música tradicional portuguesa e o outro representativo da religiosidade católica. Foi um dos poucos períodos da história contemporânea em que a política superou o futebol na escala das preocupações populares e nas conversas de café. As discussões político-ideológicas substituíram as “conversas da bola”. Mas seria um período breve, com o futebol a retomar a sua popularidade em finais da década de 1970 e nos anos 1980.

A segunda metade da década de 1970 também marcaria o fim do ciclo hegemónico do SL Benfica no campeonato português, após a conquista de 12 títulos nacionais em 15 possíveis entre 1962 e 1977. Seguiu-se uma (habitual) fase de transição, que antecede outro (habitual) ciclo hegemónico, que seria o do FC Porto. Até final da década de 1970, o único rival dos benfiquistas no campeonato nacional foi o Sporting CP, que impediu o domínio completo das “águias”. Lisboa dominou completamente a geografia do futebol português, seguindo-se o Porto e surgindo com maior representatividade a região de Braga. Perderam influência Setúbal e Coimbra. Em termos gerais, o futebol português perdeu a competitividade que gozara a nível internacional nos anos 1960, em que venceu as principais competições de clubes e teve a presença da Seleção Nacional num

Mundial (1966). Na década de 1970, nem clubes nem Seleção atingiram sucesso internacional.

Em termos de estilo, o futebol português caracterizou-se por um modelo de jogo apoiado, assente na qualidade técnica dos jogadores, mas sem grande profundidade, nem resultados internacionais. Faltava uma maior competitividade interna, assim como um estilo de jogo de maior profundidade e concretização (em golos), uma melhor preparação física e psicológica dos jogadores. A Europa do futebol era dominada por um estilo que conjugava poderio físico e qualidade técnica, como sucedia no futebol alemão, holandês e inglês.

A perda de competitividade do futebol português também se ficou a dever, em grande medida, ao fim do mercado de transferências das antigas colónias africanas (em especial de Angola e Moçambique), que estagnou após o processo de descolonização. Complementar a este fenómeno, contribuindo igualmente para o enfraquecimento do futebol português, surgiram as primeiras saídas de futebolistas portugueses (os de melhor nível) para clubes estrangeiros, sobretudo Espanha e França. Iniciava-se a livre circulação de futebolistas, embora ainda em escala reduzida e com pouco sucesso.

A nível competitivo, a década de 1970 iniciou-se com 14 equipas na I Divisão Nacional, alargando-se às 16 na temporada seguinte, número que seria referencial neste período. E a II Divisão apresentava 28 equipas, concentrando-se a maioria dos clubes nas áreas da Grande Lisboa e Grande Porto. Quase 90

por cento das equipas do escalão primodivisionário eram destas regiões, cujas equipas representavam também 60 por cento da II Divisão Nacional. No extremo estavam oito distritos, sem qualquer equipa a militar nas duas principais divisões do futebol português. E entre 1970 e 1981 apenas quatro concelhos (entre 305) – Guimarães, Lisboa, Porto e Setúbal – mantiveram em permanência um ou mais clubes na I Divisão.

Coimbra entrou em oscilações, embora o futebol se tivesse popularizado cada vez mais. A histórica Associação Académica de Coimbra passou a Clube Académico de Coimbra (o famoso CAC), e juntamente com o União de Coimbra e a Naval 1.º de Maio continuaram a ser os clubes de referência do distrito, embora outras agremiações tivessem ganho o seu espaço e maior escala. A popularização do futebol no distrito gerou um crescimento exponencial de clubes (ultrapassou a barreira dos 50 filiados) e praticantes, aumentando as competições e o número de equipas inscritas. A AFC teve de se adaptar a essa popularização, profissionalizando cada vez mais a sua estrutura interna e criando formas de promover a competitividade. Introduziu novidades nas provas, nos escalões de formação e esteve na vanguarda do futebol feminino. Apoiou os clubes nos processos de modernização dos campos e balneários, apostou na formação de treinadores e árbitros, criou mecanismos de apoio à formação. O futebol crescia e popularizava-se, com o apoio da AFC, que nesta década chegou aos 50 anos de existência.

Época 1970  
71

## Em crescimento acelerado

Época de forte crescimento do futebol em todo o Distrito. Mais clubes, recorde de jogadores, mais competições regionais. Maior competitividade distrital e mais campeões. A formação continuava a ser uma clara aposta.

**M**omento de mudança na principal prova nacional, com implicações a nível regional. Durou 25 épocas o formato com 14 equipas no Campeonato Nacional da I Divisão, iniciado em 1946-47 e prolongando até 1970-71. Em outubro de 1971 a competição iria arrancar com 16 equipas, número que se manteria até 1987, altura em que sofreu novo alargamento.

Nesta temporada, a superioridade benfiquista era incontestável, apenas contrariada episodicamente pelo Sporting CP. Ambos os clubes venceram as duas principais competições nacionais, consolidando, mais uma vez, a hegemonia de Lisboa sobre o resto do País. Em termos de Campeonato Nacional da I Divisão, o SL Benfica foi superior em quase todos os capítulos, vencendo a prova com 41 pontos, mais três que o Sporting CP e quatro que o FC Porto. Os “encarnados” foram a equipa mais efetiva, marcando 62 golos (o melhor marcador foi Artur Jorge, com 23 tentos), seguindo-se a Académica com 51 golos (mais do que Sporting CP, com 45, ou FC Porto, com 44).

A Académica, além do segundo melhor registo em golos, foi também a segunda melhor defesa, consentido unicamente 16 golos em 26 jornadas – só os “leões” sofreram menos (14). Apesar destes números, a Briosa ficou-se por um honroso 5.º lugar (que valia acesso às competições europeias), atrás dos “três grandes” e do Vitória FC de Setúbal, a surpresa da prova. A quebra na segunda volta dos “estudantes” impediu-os de lutar por um lugar cimeiro, a que se aliou no defeso

a trágica morte, por acidente, de uma das suas grandes figuras, o talentoso Nene (que andava a ser “assediado” pelo Sporting CP – cf. Santana & Mesquita, 2002, p. 231).

Mas ao contrário do Campeonato, a prestação da Académica na Taça de Portugal seria muito modesta, afastada pelo Sesimbra por 2-0. Mais forte e consistente seria a prestação do União de Coimbra, que eliminou o Famalicão por 3-1, seguindo-se o Sporting de Lamego por 3-1, ficando isento da fase seguinte, só caindo nos oitavos de final frente ao Independente SC de Angola, com quem perdeu por 1-0. Vitória FC de Setúbal e Tirsense foram as surpresas, ao chegar às meias-finais, afastados respetivamente por SL Benfica e Sporting CP. Na final, no Jamor, os “leões” viriam a bater as “águias” por 4-1, numa tarde de inspiração do avançado sportinguista Chico, com dois golos. Lisboa, como já referimos, dominava claramente o futebol português.

**Sabia que...** Assalto à AFC... na madrugada de 21 de setembro de 1970 a sede foi assaltada. A Comissão Regional de Árbitros foi a mais lesada. Para a compensar, a Direção da AFC viria depois a atribuir-lhe um subsídio extraordinário de 1.600\$ escudos.

Na época 1970-71, as áreas da Grande Lisboa e Grande Porto (num raio de aproximadamente 50km) concentravam 86 por cento das equipas da I Divisão e 60,5 por cento da II Divisão. Por outro lado, oito distritos não contavam com nenhuma equipa na I e II Divisão (não era o caso de Coimbra, com clubes em ambas competições). Assim, no início da década de 70, “o desenvolvimento dos clubes de futebol aparecia particularmente ligado ao fenómeno industrial, o que decorria, a um tempo, da atração que a prática desse desporto exercia sobre a juventude e, a outro, da adesão do proletariado industrial ao associativismo futebolístico”, como referiu Jorge Gaspar na obra *Aspectos Geográficos do Futebol em Portugal*.

## Taça de Honra

Em Coimbra disputou-se nesta temporada a terceira edição da Taça de Honra da AFC. Nas provas anteriores, a Associação Académica de Coimbra (1.º edição) e Clube de Futebol “Os Marialvas” (2.ª edição) haviam sido os vencedores. Esta época, a competição seria discutida em dois fins de semana, agendados para o último de setembro e o primeiro de outubro, encontrando-se quatro equipas envolvidas na luta pelo troféu: Associação Naval 1.º de Maio, Marialvas, Norte e Soure e Ala Arriba – justamente os quatro representantes da AFC na III Divisão Nacional desta época. A prova tinha, assim, o objetivo de aumentar os índices competitivos das equipas que se preparavam para disputar o exigente Campeonato Nacional da III Divisão.

As meias-finais foram disputadas no Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz, no dia 27 de setembro. No primeiro jogo, a formação do Norte e Soure impôs-se à equipa da “casa”, a Naval, por 4-2, enquanto no segundo jogo, o Marialvas, campeão em título, venceu por 1-0 o Ala-Arriba e conquistou igualmente um lugar na final. No dia 4 de outubro, os quatro clubes voltaram a defrontar-se, desta vez no Estádio Municipal de Cantanhede, para o apuramento do campeão e dos lugares subsequentes. No jogo do 3.º e 4.º lugares, a Naval derrotou o Ala-Arriba por expressivos 5-1. E na final, o Marialvas, a jogar perante os seus adeptos, revalidou o título da prova ao derrotar o Norte e Soure por 3-1.

A Taça de Honra da AFC, embora com alguma intermitência, acabaria por continuar a disputar-se ao longo da década de 1970, contribuindo desta forma (sempre com o aliciante de ser o primeiro troféu oficial da época) para a melhor preparação dos clubes da AFC, em especial com vista às provas nacionais.

## Mais de tudo

Esta época desportiva bateu todos os recordes até então registados no que diz respeito ao número de clubes e atletas filiados na AFC. Um total de 38 clubes inscreveriam, pelo menos, uma equipa numa das competições oficiais. Destes, 36 apresentaram equipas seniores, em que 13 deles tinham associados uma equipa (ou mais, nalguns casos) nos escalões de formação, e os restantes 23 inscreveram apenas

equipa de seniores. O Ginásio Clube Figueirense e o Sporting Clube de Coimbra continuavam, tal como acontecia há vários anos, a ser os únicos filiados que participavam exclusivamente nos escalões de formação.

Com o aumento do número de clubes filiados, o volume de atletas subiu igualmente de forma exponencial. Pela primeira vez, o número de jogadores inscritos ultrapassou largamente os 1400 e aproximou-se mesmo dos 1500, uma barreira considerada como inatingível até há bem pouco tempo. As equipas de juvenis, que continuavam a atrair poucos clubes (apenas seis inscritos nesta época), contabilizavam, em conjunto, 152 inscrições de jogadores. Os juniores, com um total de 293 atletas inscritos em 13 clubes, registavam uma ligeira subida em relação ao período homólogo anterior. E os seniores, por fim, com um total de 1008 inscritos, bateram todos os recordes de inscrições até à data. Paralelamente ao aumento do número de clubes e atletas filiados, cresceu também, naturalmente, o número de provas oficiais. Nesta época desportiva, pela primeira vez na história da AFC, atingiu a dezena de competições. No escalão de seniores, que como vimos era o mais representativo, foram seis as provas oficiais disputadas: Taça de Honra da AFC, Torneio de Abertura, Campeonato da I Divisão Distrital, Campeonato da II Divisão Distrital, Taça Mondego e Taça de Encerramento.

A época abriu com a Taça de Honra, primeira prova oficial da temporada. Foi disputada por quatro clubes e conquistada pelo Marialvas, tal como vimos anteriormente. Seguiu-se o Torneio de Abertura, a segunda prova da AFC, de inscrição

livre, que contou com a presença de dez clubes e foi conquistada pela Académica de Coimbra (Reservas) que se impôs na final à Associação Desportiva Casaense. Iniciou-se, depois, o Campeonato da I Divisão Distrital, em janeiro de 1971, em que participaram, a exemplo das épocas anteriores, um total de 14 clubes, sorrindo a vitória final ao União Clube Eirense, de longe a formação mais regular da prova. E na II Divisão Distrital seriam 16 concorrentes, divididos inicialmente em dois grupos de oito que apuraram seis para a fase final, ganha pelo FC Oliveira do Hospital.

Novidade foi a Taça Mondego, disputada pela primeira vez. Realizou-se em março de 1971 e foi discutida pelos dois “grandes” de Coimbra, a Académica e o União, representantes da AFC nos dois principais escalões do futebol nacional. Os dois encontros realizaram-se no Campo de Santa Cruz, em Coimbra, tendo-se registado um empate (2-2) no primeiro jogo e uma vitória da Académica, no segundo, por 3-0.

A fechar o calendário da AFC organizou-se a Taça de Encerramento, de inscrição livre, que contou com a presença de oito equipas. Foi conquistada pelo Atlético Montemorense, que bateu na final o Cruzense, num jogo que terminou com o incrível score oficial de 26-25, depois de ter sido decidido numa (quase interminável) maratona de grandes penalidades.

No Campeonato Distrital de Juniores, os 13 clubes foram, numa primeira fase, divididos em duas séries, completamente dominadas por Académica e Naval 1.º de Maio, que conjuntamente com União de Coimbra e Pereirense, seguiram para

a disputa do título na fase final. Nesta derradeira fase, a Académica de Coimbra voltou a triunfar de forma categórica, terminando o campeonato sem derrotas. A época de juniores terminou com a Taça de Encerramento, disputada por quatro clubes e vencida pelo Ala-Arriba. Finalmente, no escalão de juvenis, foram disputadas duas provas oficiais, o Campeonato Distrital e a Taça de Encerramento, ambas conquistadas contundentemente pela Académica de Coimbra que terminou invicta por não ter rivais à altura.

Foi este o resumo possível de uma época de intensa atividade competitiva, iniciada nos primeiros dias de setembro de 1970 e terminada, apenas, no dia 4 de julho de 1971. Apesar dos números, a estrutura da AFC, também ela cada vez mais reforçada, demonstrou estar à altura dos acontecimentos e deu provas da sua capacidade organizativa e de gestão desportiva.

## Grande competitividade

O equilíbrio foi a nota dominante na cada vez mais competitiva e interessante disputa da II Divisão Distrital da AFC. As 16 equipas inscritas (mais quatro do que na época transata) foram divididas em duas séries de oito, apurando cada uma delas os três primeiros classificados para a fase final, onde, por sua vez, ficariam definidas as duas vagas para a Promoção e o título de campeão distrital da categoria.

Na série A, à entrada para a última jornada, apenas a Associação Desportiva de Poiares (34

pontos) já tinha garantida a passagem à fase decisiva da prova. Quatro clubes lutariam por duas vagas, que no final seriam preenchidas pelo Oliveira do Hospital (34 pontos) e pelo Ribeirense (31 pontos). O Cruzense, apesar de terminar com os mesmos pontos que o Ribeirense e com o melhor ataque da prova, ficaria de fora por perder no confronto direto com o seu opositor. O Taveirense ficou na quarta posição com 30 pontos.

Na série B, o equilíbrio foi ainda mais extraordinário, com cinco equipas a chegarem à derradeira jornada separadas entre si por apenas dois pontos: Touring Clube da Praia de Mira, Ulmeirense e Alfarelense, contabilizavam 30 pontos, o União Desportiva da Tocha, 29 e o Atlético Montemorense, 28. Com a derrota da equipa de Alfarelos em Montemor-o-Velho, o



Tocha aproveitou o deslize e garantiu a terceira vaga, depois de Touring e Ulmeirense, que cumpriram a sua obrigação e derrotaram os seus adversários na última ronda.

A fase final seria igualmente equilibrada, com todas as decisões a acontecerem na derradeira ronda. No “jogo grande” da jornada defrontaram-se Oliveira do Hospital e Ribeirense, respetivamente primeiro e segundo classificados, que entraram em campo separados por dois pontos. Quem vencesse conquistava o título e quem perdesse ficaria dependente de terceiros para garantir a subida de Divisão. O Oliveira do Hospital venceu por 4-0 e garantiu o primeiro título oficial da sua história. O Ribeirense, apesar da copiosa derrota, também festejaria, neste caso a subida, ao terminar com 22 pontos (os mesmos que o Tocha) e mais dois que o

Poiares, que perderia em Mira na última jornada contra o Touring por 2-0 (se tivesse ganho subiria em vez do Ribeirense).

Em resumo, o Campeonato Distrital da II Divisão, com o equilíbrio verificado, viu aumentar (e promoveu) consideravelmente os índices qualitativos e competitivos dos clubes envolvidos, preparando aqueles que subiam para as exigências da I Divisão Distrital. Na época seguinte, tanto Oliveira do Hospital como Sporting Ribeirense fariam um campeonato tranquilo no principal escalão distrital. Longe iam os tempos em que os clubes promovidos da II Divisão Distrital eram “carne para canhão” dos primodivisionários. O futebol distrital agradecia esta aproximação e melhoria da qualidade futebolística entre clubes e concelhos.



Um antigo academista, Artur Jorge, agora a militar no SL Benfica, marca um golo de livre à Académica, numa goleada por 5-1 no Estádio da Luz, em Lisboa, a contar para o campeonato nacional.

## Cronologia

1970  
71

234

### 1970

#### Setembro

Os quatro filiados da AFC (Norte e Soure, Marialvas, Ala Arriba e Naval) entram em ação na primeira eliminatória da Taça de Portugal. Seguiram todos em frente.

A Académica de Coimbra fez uma digressão em Espanha, onde defrontou adversários como o Granada, o Múrcia ou os italianos do Canerossi.

#### Outubro

O Marialvas conquistou a terceira edição da Taça de Honra da AFC. Na final, que disputou em "casa", a equipa de Cantanhede derrotou o Norte e Soure por 3-1.

#### Novembro

O jornal *A Voz Desportiva*, de Coimbra, completou o 44.º aniversário.

#### Dezembro

A Associação Académica de Coimbra terminou a primeira volta do Nacional da I Divisão na vice-liderança, apenas atrás do Sporting CP.

# 1971

## Janeiro

Devido ao crescente número de jogadores e clubes filiados, a AFC, por ter o expediente atrasado, voltou a contratar mais um funcionário para o serviço de secretaria.

Têm início os Campeonatos Distritais da I e da II Divisões da AFC.

Digressão da Académica pelo Brasil, com Rocha a sofrer uma grave lesão. Faria, meses depois, nova digressão, a França.

Em congresso, a FPF indefere a petição para a criação legal da Liga de Clubes.

## Março

Em resposta a uma solicitação da FPF que pediu à Direção da AFC que se pronunciasse sobre a duração dos mandados dos corpos gerentes das associações distritais, a AFC, depois de ouvir os filiados, informou o organismo federativo que os mesmos deveriam ser de dois anos.

A Taça Mondego, disputada a duas mãos entre a Académica e o União, foi ganha pela Briosa, que após um empate em "casa" do União na semana anterior, bateu no dia 25 de março o União de Coimbra por 3-0.

## Abril

A AFC associou-se e patrocinou uma taça organizada pelo CF União de Coimbra. A taça intitulada Beira Litoral contou, para além dos unionistas, com as formações da Naval, Marialvas, União de Leiria, Marinhense e Oliveirense. A AFC isentou os seus filiados do pagamento de qualquer verba organizativa.

## Maiο

O União de Coimbra, então na II Divisão Nacional, fez uma excelente campanha na Taça de Portugal, somente eliminado nos oitavos de final pelos angolanos do Independente SC.

A Académica terminou o Campeonato Nacional da I Divisão no 5.º lugar, conquistando novo lugar europeu.

## Junho

O União de Coimbra realiza uma digressão a Cabo Verde, levando uma vasta comitiva.

## Julho

Terminaram, finalmente, os campeonatos distritais da I e II Divisões da AFC, com as conquistas, respetivamente, do União Clube Eirense e do CF Oliveira do Hospital.

# Competições

1970  
71

236

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	União Clube Eirense
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Futebol Clube de Oliveira do Hospital
Taça de Honra - Seniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Torneio de Abertura - Seniores	Associação Académica de Coimbra (Reservas)
Taça de Encerramento - Seniores	Atlético Clube Montemorense
Taça Mondego - Seniores	Associação Académica de Coimbra
Campeonato Distrital - Júniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Encerramento - Júniores	Associação Desportiva Ala-Arriba
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra
Taça Encerramento - Juvenis	Associação Académica de Coimbra

Reunião na sede da AFC. A instituição esteve em diálogo constante com os filiados devido ao forte crescimento de clubes e jogadores.



Época 1971  
72

## Académica e União trocam de posição

Dois históricos a fazer história de forma distinta. A Académica desceu à II Divisão e o União subiu pela primeira vez à I Divisão Nacional, sagrando-se mesmo campeão da prova. Mas a grande novidade foi o surgimento do futebol feminino no Distrito, através do União e das denominadas “pioneiras” da modalidade em Coimbra.

**T**empo do grande SL Benfica. Foi avassalador no Campeonato Nacional da I Divisão, vencendo a prova com 55 pontos, mais dez que o segundo classificado, um surpreendente Vitória FC de Setúbal, orientado por José Maria Pedroto. Desilusão o Sporting CP, terceiro classificado, e o FC Porto, na quinta posição. Entre eles ficou outra surpresa, a CUF. Assim, os primeiros quatro lugares da principal prova nacional foram ocupados por clubes de Lisboa e Setúbal. No reverso da tabela, Tirsense em último e a Académica de Coimbra, em penúltimo lugar. Ambos relegados à II Divisão. Coimbra deixava de ter o seu crónico e histórico representante na mais importante prova do futebol português. Mas o União de Coimbra iria surpreender, vencendo a II Divisão Nacional, ascendendo ao principal escalão nacional. O Distrito continuava a ter representante na I Divisão, com Académica e União a trocarem de posições.

Na Taça de Portugal, ambas equipas teriam igualmente trajetórias distintas. A Académica foi eliminada logo na primeira ronda em que entrou, pelo Vitória SC de Guimarães, por 2-1. Mas o União igualou a sua melhor prestação de sempre, superiorizando-se a União de Lamas, UD Oliveirense e Riopele, só caindo frente ao SL Benfica (que venceu a competição), no Estádio da Luz, por um escasso 1-0. Mas a glória do União estaria para chegar, com a ascensão, pela primeira vez, à I Divisão Nacional, sonho que durava há 53 anos. Pesadelo seria mesmo a Briosa.

## Académica, de segunda

Esta temporada foi, a todos os títulos, dececionante para o principal representante da AFC nas competições nacionais. A Académica, que ainda recentemente havia representado a cidade, a AFC e o País na “alta roda do futebol europeu”, caía com estrondo no Campeonato Nacional da I Divisão, pela segunda vez na sua história. Desde a temporada de 1948-49 que a Académica era, ininterruptamente, o único representante da AFC na máxima prova do calendário futebolístico nacional. Na década de 1960, chegou mesmo a terminar no top 5 (incluindo um 2.º lugar) em três ocasiões e a disputar duas competições europeias de clubes. Na presente temporada, bruscamente, esta série haveria de ser interrompida.

**Sabia que...** Início do futebol feminino. O primeiro impulso foi a Sul, no Atlético, seguindo-se Coimbra, no União, e o Porto, no Boavista. Em março de 1972, uma entusiasta do futebol, Maria de Lurdes, lançou o repto à Direção do União de Coimbra: formar uma equipa de futebol feminino. A ideia foi louvada e acarinhada. Assim começou o futebol feminino no União e no Distrito.

A I Divisão Nacional desta época foi a primeira que contou com 16 equipas participantes, mas também aquela, que inerente a esse facto, poderia resultar na descida de quatro equipas – os dois últimos desceriam diretamente e os 13.<sup>o</sup> e 14.<sup>o</sup> classificados teriam de fazer uma liguilha com os segundos classificados de cada uma das zonas da II Divisão Nacional. O receio da temida descida marcaria o Campeonato de mais de metade dos concorrentes. Cada jogo, sobretudo os disputados contra adversários diretos, era encarado como uma autêntica final. Sabia-se que cada ponto conquistado ou perdido nessas circunstâncias poderia estabelecer a diferença entre a permanência ou a descida de Divisão.

A Académica havia visto partir, nos últimos anos, alguns dos seus jogadores mais importantes para outros clubes, como Artur Jorge, Toni, Rui Rodrigues ou Artur, para o SL Benfica, por exemplo (e o histórico Rocha pendurou as botas em definitivo). Surgia por isso, naturalmente, algo fragilizada para disputar a I Divisão Nacional, cada vez mais profissional e competitiva. Esse enfraquecimento seria notório na disputa da Taça UEFA (ex-Feiras) de 1971-72, em que a Académica seria logo eliminada na primeira ronda, em setembro de 1971, pelos ingleses do Wolverhampton, que impuseram duas derrotas aos “estudantes” por 3-0 em Inglaterra e 4-1 em Coimbra.

Apesar da desilusão europeia, de certa forma compreensível dado o desnível competitivo, no início do Campeonato Nacional da I Divisão ninguém acreditava que a Briosa pudesse estar, sequer, em risco de descida e muito menos que esta se pudesse consumir no final da prova.

A realidade seria, contudo, diferente. E desde o início se percebeu que a Académica estaria envolvida até ao fim na indesejada luta pela “salvação”. A derrota no Porto contra o Boavista, por 2-0, na penúltima jornada, seria o princípio do fim. A Académica terminava essa ronda em zona de descida (15.<sup>o</sup> lugar), a quatro pontos da denominada “linha de água” e a três do “mal menor”, que era liguilha. Restavam dois jogos para disputar, ambos contra o Barreirense: um em atraso e outro relativo à última jornada. E se a Académica perdesse algum desses encontros, desceria imediatamente. O jogo em atraso, referente à 15.<sup>a</sup> jornada, teve lugar no Barreiro e seria de má memória para a Académica. Ao serem derrotados por 1-0, os “estudantes” confirmaram a despromoção à II Divisão Nacional. Na última jornada, de forma inglória, a Académica bateu o Barreirense por 3-1 no Estádio Municipal de Coimbra. Porém, a descida estava consumada e 24 anos depois da sua última (e até então única) despromoção, a Briosa voltava a ser oficialmente uma equipa de II Divisão Nacional. Acabava a competição em penúltimo lugar, com 21 pontos em 30 jornadas (numa altura em que as vitórias ainda só contavam dois pontos), apresentando um registo de 7 vitórias, 7 empates e 16 derrotas, com 29 golos marcados e 38 sofridos.

No final de maio de 1972, com a descida confirmada da Académica, a AFC via-se assim na iminência de não estar representada por nenhum filiado no escalão máximo do futebol português na temporada seguinte. Para tentar contrariar esse cenário dramático, restava uma última esperança, o União de Coimbra, então ainda a disputar a subida na II Divisão.

## União, de primeira

Apenas dois anos depois de ter ascendido da III para a II Divisão Nacional, a temporada de 1971-72 seria, provavelmente, a mais gloriosa da história do CF União de Coimbra, sob a presidência de Octávio Chau. O clube estava integrado, como habitualmente, na Zona Norte da II Divisão Nacional, numa série onde estava longe de ser considerado, a priori, como favorito à subida de Divisão. Clubes como o Varzim SC (que descera na época anterior da I Divisão), Sporting Clube de Braga (com títulos nacionais conquistados e várias presenças na I Divisão), Sanjoanense (com quatro presenças na I Divisão), Famalicão ou Marinhense, partiam em vantagem, pela sua experiência, qualidade dos plantéis e elevados orçamentos.

O União, sem pressão, entrava assim na prova com o principal objetivo de fazer um Campeonato tranquilo e de garantir, o mais rapidamente possível, a manutenção. No entanto, quando, sensivelmente a meio da segunda volta, o União de Coimbra cimentou a vice-liderança do Campeonato, muitos foram os adeptos unionistas que começaram a acreditar no sonho da subida. Na frente, contudo, seguia um Riopele que parecia imparável e que, sem ceder, mantinha uma diferença superior a quatro pontos da equipa conimbricense. Chegados à antepenúltima jornada do Campeonato, o avanço do Riopele sobre o União situava-se nos três pontos, vantagem que, mesmo assim, parecia confortável para os minhotos, a quem bastava uma vitória e um empate para garantir a subida. Na 28.<sup>a</sup> jornada, com

a derrota do Riopele na Póvoa de Varzim e com a expressiva vitória do União contra o SC Braga por 3-0, os unionistas ficaram a apenas um ponto da liderança. O sonho estava mais perto.

Seguia-se a penúltima jornada, que se revelaria decisiva para as contas finais. Em Albergaria-a-Velha, num campo tradicionalmente difícil, o União venceu por 1-0. E além da vitória no seu jogo, a popular equipa de Coimbra viu os seus três adversários diretos escorregarem e perderem pontos. O Riopele empatou em “casa” no dérbi com o Famalicão, o Marinhense empatou em Penafiel e o Varzim SC perdeu em Braga. No final da jornada e a apenas uma ronda do fim, o União de Coimbra chegava à liderança, repartida com o Riopele, ambos com 36 pontos. Seguia-se o Marinhense com 34 pontos e o Varzim, já fora da luta, com 33. Num ápice, o União só dependia de si para cumprir o sonho da subida.

No dia 4 de junho de 1971, na última jornada e no Estádio Municipal de Coimbra (a antiga Arregaça era pequena demais para albergar tamanho entusiasmo), o União recebeu o Sport Comércio e Salgueiros. Era o jogo do “tudo ou nada”. Uma vitória garantia a subida, enquanto um empate ou uma derrota só serviam se o Riopele não conseguisse melhor resultado em São João da Madeira. Os nervos estavam ao rubro e em Coimbra não se pedia uma grande exibição, mas sim golos para as hostes unionistas, no derradeiro esforço de uma época brilhante. O encontro arrancou e aos 12 minutos, o goleador Congo (fez 13 golos na prova, melhor marcador da Zona Norte) abriu o ativo, para gáudio generalizado. O União foi para o intervalo

a vencer por 1-0, faltando ainda 45 minutos para a glória. A segunda parte teve início e o 2-0 não tardou a chegar, aos 55 minutos, com Zeca a ampliar a vantagem. Enorme festa nas bancadas. O jogo aproximava-se do fim e só uma hecatombe parecia poder derrubar os unionistas. Minuto 85, o médio ofensivo Niza marcou um goloço de livre direto e fez o 3-0 que garantia em definitivo a chegada à I Divisão. Já ninguém tirava o União de Coimbra do sonho primodivisionário. A subida estava consumada. Aos 88 minutos, já em plena festa, o Salgueiros ainda reduziu, mas não havia tempo para mais. E o 3-1 foi o resultado final. Dezenas de milhares de bandeiras agitaram-se nas bancadas. Houve foguetes, confetes, serpentinas, música e uma alegria esfuziante. O União, e toda uma cidade, estavam em festa. O União era de primeira.

Os festejos foram de arromba. Os adeptos celebraram dias a fio a conquista, mas os jogadores e a equipa técnica voltaram ao trabalho. Ainda havia uma batalha a travar: a grande final com o vencedor da Zona Sul. No dia 12 de junho, em Tomar, final do Campeonato Nacional da II Divisão. De um lado o União de Coimbra, vencedor da Zona Norte, e do outro, o Montijo, vencedor da Zona Sul, ambos já promovidos. Num jogo marcado por uma enorme festa e por várias “invasões pacíficas” de campo por parte de adeptos de um e de outro emblema, levariam a melhor os categóricos jogadores do União. Dois golos de Niza, um no primeiro turno e outro a meio do segundo tempo, deixaram em êxtase os simpatizantes do União e encheram de orgulho a cidade de Coimbra, ainda a recuperar

animicamente da descida recente da Académica. Pouco depois do segundo golo do União, o Montijo reduziu e a incerteza pairou no ar até ao final, mas os “heróis da Arregaça” resistiram estoicamente e sagraram-se campeões da II Divisão Nacional. O sonho era agora bem real. Depois das lágrimas derramadas com a descida da Académica, Coimbra reergueu-se novamente com a inolvidável subida do União.

A festa durou dias. Os jornais rejubilaram. As manifestações de apreço e de felicitações ao União sucederam-se em catadupa. A proeza não era para menos. A cidade de Coimbra, a AFC e todos os seus filiados associaram-se à festa. A equipa chegou a ser recebida na Câmara Municipal de Coimbra, exultando perante numeroso público na varanda da Câmara. Graças ao União, Coimbra iria contar na próxima época com representação ao mais alto nível do futebol português, na I Divisão Nacional.

Nesta temporada, o União entraria igualmente na história do futebol português por outro motivo. A 23 de março de 1972, os associados Aurélio Santos, José Manuel Viseu e José Manuel Portugal fundavam a secção de futebol feminino. Mais tarde teriam a colaboração de César Antunes Sobral, que se tornaria no mentor e grande dinamizador da secção. Para todo este processo muito contribuíram decisivamente as chamadas “pioneiras” do futebol feminino em Coimbra, as atletas Lurdes, Júlia, Laura e Idalina, que conjuntamente com os dirigentes do União concretizaram o projeto em 1972, consolidando-o ao longo da década seguinte.

## **Febres de terceira... Eirense e o Norte e Soure de regresso**

No dia 31 de outubro de 1971 iniciou-se a disputa de mais uma edição do Campeonato Distrital da I Divisão da AFC, com uma única certeza: no final triunfaria um campeão inédito. As 14 equipas em competição lutavam assim pelo seu primeiro título de campeão distrital da I Divisão e por garantir uma presença igualmente inédita na III Divisão Nacional da época seguinte – a exceção era o Lou-sanense, que na década de 50 (e noutros moldes) já a havia disputado. Contrariamente àquilo que seria expectável, uma equipa, pela sua qualidade, regularidade e extraordinária eficácia defensiva, iria destacar-se, quase desde o início, em relação a todas as outras: o Febres Sport Club. A pequena vila de Febres, no concelho de Cantanhede, viveria assim uma época memorável, com o clube local, fundado em 1930 e um dos mais antigos filiados da AFC, a fazer sonhar, jornada após jornada, os habitantes daquela freguesia.

Na frente da classificação desde as primeiras jornadas, o Febres SC conseguiu um percurso quase imaculado que lhe permitiu manter uma distância confortável para a concorrência ao longo de toda a prova. O desempenho defensivo, com apenas 19 golos sofridos (a segunda melhor defesa sofreu 36

golos), parece ter constituído o alicerce principal desta caminhada triunfal que permitiu ao Febres festejar o ambicionado título de campeão a quatro jornadas do fim. Um feito raras vezes visto na principal competição da AFC. O novo campeão da I Divisão Distrital terminou a prova com 66 pontos, mais seis que o Esperança Atlético Clube que, pela terceira vez consecutiva, ficava no segundo lugar da máxima prova distrital. Graças a esta proeza, na época seguinte o Febres Sport Club garantiu o acesso à III Divisão Nacional. E por lá se manteria por muitos anos. E se o Febres garantiu a subida às provas Nacionais na temporada seguinte, o Eirense e o Norte e Soure, pelo contrário, foram despromovidos da III Divisão Nacional para as competições distritais.

No ano em que a AFC teve pela primeira vez na sua história cinco representantes na III Divisão Nacional, assistiu, também pela primeira vez desde que a competição se tornou numa prova fixa, à descida de dois dos seus filiados: Eirense (14.º classificado na Zona B) e Norte e Soure (15.º classificado na Zona C), que assim retornavam ao Campeonato Distrital. Os outros três representantes na prova, Marialvas (5.º classificado), Naval 1.º de Maio (9.º) e Ala-Arriba (10.º), todos integrados na Zona B, asseguraram, sem qualquer sobressalto, a presença na competição nacional na época seguinte.

## Cronologia

1971  
72

244

### 1971

Setembro

Arranque oficial da I Divisão Nacional com 16 equipas, mais duas do que no período entre 1946-47 e 1970-71. Manteve-se assim até 1987.

Outubro

A Direção da AFC atribui um subsídio extraordinário de 10.000\$00 ao União Clube Eirense pela sua inscrição na III Divisão Nacional.

Novembro

A Direção da AFC mandou fazer um cadastro de todos os clubes filiados, de forma a manter-se inteirada da situação desportiva e administrativa de cada um deles.

Dezembro

A Académica de Coimbra venceu a Taça de Honra da AFC, depois de derrotar por 4-1 o Eirense no Campo de Santa Cruz.

# 1972

- Janeiro** Teve lugar nas instalações da sede da AFC uma reunião do Grupo de Associações Distritais, constituído pela AFC e pelas suas congéneres de Castelo Branco, Aveiro e Leiria. O objetivo do encontro era decidir quem seria indicado para fazer parte da nova Direção da FPF, cujas eleições se realizavam em breve. A AFC apresentaria candidatura para Membro do Conselho Jurisdicional e para Membro da Comissão de Recurso da FPF.
- Fevereiro** O avançado benfiquista Artur Jorge, antiga figura da Académica de Coimbra, foi eleito primeiro Presidente do então recém homologado Sindicato dos Jogadores de Futebol Portugueses.
- Foi atribuído pela AFC um voto de pesar pelo falecimento do Capitão Constantino da Conceição, que para além de ter desempenhado o cargo de Presidente da Direção da AFC na década de 1920, fez parte dos corpos sociais da AFC, por várias vezes e em diversas funções.
- Março** Depois de eliminar Riopele, Oliveirense e União de Lamas na Taça de Portugal, o União de Coimbra caiu frente ao SL Benfica, por 1-0. Um bom auguro para o que restava de época.
- Abril** A AFC atribuiu um subsídio extraordinário de 5.000\$00 ao Clube de Futebol Ulmeirense, para ajudar a cobrir as despesas de internamento de um atleta que sofreu uma lesão grave.
- Maiο** A Académica desceu à II Divisão Nacional. Em contraponto, o União de Coimbra venceu a Zona Norte da II Divisão e subiu pela primeira vez à I Divisão Nacional.
- O Febres Sport Clube conquistou o título de campeão distrital da I Divisão da AFC. E a Associação Desportiva de Poiares venceu a II Divisão Distrital.
- Junho** Ao bater na final o Montijo por 2-1, o União de Coimbra conquistou o título de Campeão Nacional da II Divisão.

# Competições

1971  
72

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Febres Sport Clube
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Associação Desportiva de Poiares
Taça de Honra - Seniores	Associação Académica de Coimbra
Taça de Encerramento - Seniores (II Divisão Distrital)	Grupo Desportivo das Almas
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Encerramento - Juniores	Grupo Desportivo Sourense
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra



Março de 1972, mês histórico no futebol distrital e nacional. O União de Coimbra cria a secção de futebol feminino.

Época 1972  
73

## AFC, 50 anos

A AFC comemorou o cinquentenário em outubro de 1972. Um aniversário digno e de reconhecimento ao seu papel histórico na promoção e desenvolvimento do futebol distrital. Recebeu honras de Estado e elogios de todo o país futebolístico. Uma temporada que assinalou também o arranque pioneiro do futebol feminino em Coimbra.

**D**omínio avassalador do SL Benfica no Campeonato Nacional. Venceu a prova com mais 13 pontos que o segundo classificado, o Belenenses. E com um score impressionante de 101 golos marcados e somente 13 sofridos. Somente na Taça de Portugal foi possível surpreender os “encarnados”, com o Leixões a afastá-los nos oitavos de final. Mas seria o outro “grande” lisboeta a conquistar este trofeu, vencendo na final o Vitória FC de Setúbal por 3-2.

Recordemos que nesta altura o domínio geográfico da faixa litoral e dos grandes centros urbanos era avassalador no futebol português, em especial no escalão principal. Entre 1972-73 e 1976-77 verificou-se, porém, um aumento do número de clubes da II Divisão localizados no interior do País. Mas somente quatro concelhos (dos 305) – Guimarães, Lisboa, Porto e Setúbal – mantiveram equipas permanentemente na I Divisão entre 1970 e 1981. E neste período, unicamente 18 concelhos (dos tais 305) – todos na faixa litoral – tiveram sempre, pelo menos, um clube na I ou II Divisão. Coimbra começou, assim, a situar-se numa segunda hierarquia do futebol português, apesar de continuar a ser um dos seus polos de referência.

Nesta temporada, a Associação Académica de Coimbra e o União de Coimbra mudaram novamente de papéis em relação a 1971-72. A primeira subiu da II Divisão e o segundo desceu da I Divisão. E na Taça de Portugal, trajetória imaculada da Académica até se cruzar com o Barreirense nos oitavos de final, onde perdeu por 3-1, e o União foi afastado na ronda anterior pelo Vitória SC de Guimarães, por 3-0.

## Cinquentenário, 1922-1972

A AFC comemorou no início da época desportiva o seu 50.º aniversário. A celebração capitalizou, como não poderia deixar de ser, toda a atenção dos órgãos sociais da instituição e foi preparada com distinção e alguma solenidade. No dia 6 de outubro de 1972, a Direção da AFC reuniu a imprensa, de onde se destacavam, com direito a menção na Ata da instituição de dia 11, os jornais *A Voz Desportiva*, *A Bola*, *Mundo Desportivo* e *O Século*, periódicos de grande tiragem regional ou nacional. Nesta ocasião, o Presidente da AFC apresentou o breve, mas impactante, programa comemorativo do cinquentenário da AFC. As principais atividades teriam lugar no fim de semana de 21 e 22 de outubro de 1972, data do aniversário.

De entre as mais importantes, destacaremos algumas delas. Em primeiro lugar realizou-se uma missa por alma dos fundadores da AFC, que contou com uma apreciada homilia proferida pelo Padre Nunes Pereira e que representou o ato cerimonioso de foro espiritual e invocativo das celebrações. Seguiu-se, como um dos pontos fortes das comemorações, na noite de 21 para 22 de outubro, no Salão Nobre da União de Grémios de Lojistas de Coimbra (especialmente decorado para o efeito), a Sessão Solene das Bodas de Ouro da AFC. O evento contou com a presença do Ministro da Educação Nacional, Prof. Dr. Veiga Simão, que agraciou a AFC com a “Medalha de Bons Serviços” e proferiu um eloquente discurso de congratulações, reconhecimento e encorajamento aos dirigentes desportivos. Igualmente dignos de

destaque foram os discursos do Presidente da FPF, Dr. Leite de Faria, que na alocação oficial teceu rasgados elogios à AFC e destacou a importância histórica, estratégica e participativa desta instituição coimbrã no desenvolvimento do futebol nacional. E o comovente discurso do Dr. Rui Sarmiento, histórico nome da AFC e um dos seus pioneiros, que visivelmente emocionado, falou em nome dos fundadores da Associação, destacando os nomes de Manuel Camões e Mário Machado “como os grandes obreiros do que é hoje a A. Futebol de Coimbra”.

O presidente da Direção da AFC, Dr. Guilherme de Oliveira, também fez uso da palavra, recordando os nomes dos fundadores da Associação, citando primeiro os já desaparecidos e depois os ainda vivos e presentes (Capitão Júlio Ribeiro da Costa, Dr. Mário Machado, Capitão Aníbal Roque dos Reis, Justino Nunes, Pedro da Assunção, Eurico Ferreira e Dr. Rui Sarmiento), abordando depois o trajeto da Associação e os seus principais desafios.

O momento alto da cerimónia terá sido, contudo, a entrega da medalha comemorativa dos 50 anos da AFC que a Direção mandou cunhar para perpetuar a memória da efeméride. Das 300 medalhas executadas pelo artista Vasco Berardo, cerca de uma centena foram oferecidas na Sessão Solene a várias individualidades, instituições, dirigentes, sócios de mérito, familiares dos fundadores, representantes dos clubes, das associações regionais, das comissões Central e Distrital de Árbitros, entre outros. Este ato seria marcado, pela simbologia a ele associado, por momentos de grande emoção. As restantes 200 medalhas cunhadas seriam vendidas ao preço de 300\$00 e poderiam ser adquiridas na secretaria da

AFC e nos estabelecimentos comerciais associados, por todos os interessados em registar e guardar aquele momento-objeto histórico.

Na sede da AFC, nos dias subsequentes, foram recebidos várias dezenas de ofícios de felicitações e saudações sobre a comemoração da efeméride, dirigidos a esta Associação por parte das mais variadas instâncias, não só ligadas ao meio desportivo, como ao social, político, académico ou recreativo. “Parabéns” era a palavra mais repetida nas cartas recebidas pela AFC.

## **Futebol feminino, uma nova realidade**

Em março de 1972 começou a génese do futebol feminino em Coimbra, pela “mão” do União de Coimbra e de um pequeno conjunto de dirigentes e de “pioneiras” da modalidade na cidade. Eram ainda muito poucos os clubes, a nível nacional, a contar com secções de futebol feminino. No Sul do País, o clube de referência era o Atlético e no Norte era o Boavista. No caso de Coimbra, e como seria recordado no Jornal do União, numa edição especial de 1982, as origens da secção de futebol feminino no União relacionaram-se com uma “sugestão” que uma entusiasta da modalidade, Maria de Lurdes, fez a um diretor do clube, José Manuel Portugal. Essa sugestão era precisamente “formar uma equipa de futebol feminino”. Em reunião de Direção, o clube aceitou a ideia, a qual lhes pareceu de “louvar e acarinhar”. E as razões

foram simples. Era “mais uma secção nova criada, um motivo novo para que o próprio associado visse no União mais uma atividade, e essa feminina, que mostrava as camisolas e emblema por todo o País”, como explicaria José Manuel Portugal na edição do referido jornal em 1982. E além disso, era importante promover em 1972 “a emancipação da mulher num desporto tido como «duro» mas que provou assim que pode ser praticado à sua maneira” por mulheres e “no União de Coimbra praticado da melhor maneira”, sublinharia o dirigente.

E para todo esse sucesso, nos anos 70, muito viria a contribuir outro dirigente, César Sobral, mentor da secção. E em termos de jogadoras pioneiras seriam determinantes nomes como Júlia, “jogadora do União desde a primeira hora” e uma das fundadoras da secção, juntamente com Maria de Lurdes.

Nesta primeira temporada de atividade, a equipa feminina de futebol do União faria o seu primeiro encontro em 8 de novembro de 1972, no Porto, contra a equipa do Boavista, outro dos clubes pioneiros do futebol feminino português. Vitória portuense por 2-1, repetindo-se o mesmo resultado dias depois, a 12 de novembro, em Coimbra, mas para o lado do União. Em dezembro de 1972, ambas equipas fariam novos jogos, em Espinho e Anadia, com uma vitória para cada lado – mas o mais importante não era o resultado, mas sim a promoção do futebol entre a mulher portuguesa. O ano de 1972 saldou-se, assim, com quatro encontros entre União e Boavista, com igualdade de vitórias e um score de 5-4 para as unionistas. Na primeira metade de 1973,

além do Boavista, a equipa feminina do União de Coimbra viria a jogar também com o Atlético e a Oliveirense, realizando partidas em Lisboa, Ovar, Aveiro, Oliveira de Azeméis e Covilhã, além de Coimbra. Seis encontros entre fevereiro e maio de 1973, que tinham mais de simbólico do que de desportivo, pelo impacto que representavam dentro do contexto conservador do futebol português (ainda profundamente machista e dominado por homens).

### **Sabia que...** Receitas com a TV.

A simples autorização para a transmissão na RTP do jogo entre o União de Coimbra e o Vitória Sport Clube, a contar para a I Divisão, gerou uma receita extraordinária para a AFC no valor de 2.000\$00.

### **Coimbra volta a vencer a II Divisão Nacional**

Desde a criação da I Liga (1935) e do Campeonato Nacional da I Divisão (1939), a AFC apenas não contou com um representante na prova máxima nacional em 1948-49, temporada em que a Associação Académica de Coimbra disputou a II Divisão Nacional, depois de ter descido na época

anterior. Em 1972-73, pela primeira vez na história, o representante da AFC no escalão máximo do futebol português não era a Académica, mas sim o eterno rival CF União de Coimbra.

Como a Briosa era apontada como um dos principais (se não o principal) candidato ao título da II Divisão Nacional desta época, terá nascido nos corpos dirigentes da AFC a esperança de que, a confirmar-se, seria absolutamente inédita: a presença de dois filiados seus na I Divisão Nacional, em 1973-74.

A Académica viria a cumprir as expectativas, com elevada distinção, dominando por completo, do início ao fim, a Zona Norte da II Divisão. A superioridade dos “estudantes” foi tamanha que no final do Campeonato a Académica teria o melhor ataque, a melhor defesa, o melhor goal-average e uma impressionante vantagem de 13 pontos (cada vitória ainda valia dois pontos) para o segundo classificado, o Varzim SC. Com a subida garantida, a Académica disputou a final da prova com o igualmente histórico Olhanense, vencendo por 1-0, com um golo de Manuel António. A Briosa voltava a obter um título nacional e regressava ao lugar que lhe pertencia, no escalão máximo do futebol português. A AFC, por seu turno, via, pelo segundo ano consecutivo, um filiado seu sagrar-se campeão da II Divisão Nacional.

Para o sonho da dupla representação em 1973-74 se tornar realidade, faltava à AFC que o União de Coimbra conseguisse a manutenção na I Divisão, algo que não se viria a confirmar. Os unionistas terminaram a sua primeira, e única, presença na I Divisão Nacional, no 14.º e antepenúltimo lugar, com

17 pontos, apenas à frente do Atlético CP e do União de Tomar (que terminaram com os mesmos pontos) e a longínquos seis pontos da desejada manutenção. Para a história do popular clube conimbricense ficaria, ainda assim, uma honrosa participação, com destaque para a prestação na condição de visitado, onde obteve cinco vitórias e quatro empates no Estádio Municipal de Coimbra, que utilizou toda a época por não reunir as condições necessárias ao Campo Eng. Arantes e Oliveira (sua “casa” habitual). Fora de Coimbra, infelizmente para os unionistas, nenhuma vitória foi conquistada, saldando-se com três empates e 12 derrotas. Pior ataque do Campeonato (somente 22 golos em 30 jornadas) e uma das piores defesas (54 tentos sofridos). Ao ficar na antepenúltima posição da I Divisão Nacional, o União ainda tentou a salvação via “liguilha”, mas a mesma seria ganha pelo Oriental, que assim subiu à I Divisão, juntamente com a Académica.

Com estes resultados, a AFC perdeu a oportunidade única de ter dois filiados na I Divisão Nacional, mas, pelo menos, garantiu a continuidade da representatividade em ambas as provas.

### **Nova III Divisão Distrital**

No ano do seu cinquentenário, a AFC voltou a assistir a um acréscimo do número de clubes filiados e, como resposta à inscrição massiva de equipas no escalão de seniores, decidiu reformular as competições oficiais e criar uma III Divisão Distrital. Assim, na I Divisão Distrital de 1972-73 participariam 16 equipas, onde se incluía o

Clube Desportivo Lousanense, que arrebatou o título e subiu à III Divisão Nacional. A II Divisão Distrital seria disputada por 13 clubes, com o União Desportiva da Tocha a sagrar-se campeão e a obter a subida, conjuntamente com o Brasfemes (2.º classificado).

Mas a novidade seria mesmo a nova III Divisão Distrital. Inscreveram-se um total de sete equipas, todas elas recém filiadas na AFC, que no sistema de *poule* (todos contra todos, a duas mãos), realizaram cada uma delas 12 desafios na sua época de estreia nas competições oficiais. O primeiro campeão da III Divisão da AFC seria o União Futebol Clube. Os restantes competidores seriam, pela ordem classificativa final, os seguintes: Clube Operário Jardim do Alva, Grupo Desportivo Ferreirense, Grupo Desportivo Argus, Juventude Desportiva e Recreativa de Arzila, União Desportiva Vilanovense e Sanjoanense Atlético Clube. Apesar de algumas dificuldades sentidas na implementação desta nova prova, a experiência tinha sido satisfatória para a AFC.

## Indisciplina preocupa

O antigo e irreversível problema da indisciplina continuava a imperar nos campos de futebol do Distrito e a ser a maior das preocupações da AFC. Nem na época festiva do cinquentenário a situação se alterou substancialmente. A Direção da AFC, o Conselho Técnico, a Comissão Distrital de Árbitros e o Conselho Jurisdicional passaram a maior parte do seu tempo a discutir, decidir ou debater questões

relacionadas (de forma direta ou indireta) com atos de indisciplina ou de incumprimento das premissas e condutas estabelecidas nos Estatutos e no Regulamento Geral de Provas.

Para termos uma ideia da dimensão do problema, basta referir que apenas nesta época desportiva foram aplicados mais de uma centena de castigos a clubes, jogadores, dirigentes ou árbitros. Foram instaurados, pela gravidade de factos ocorridos, dez processos de inquérito que resultaram na irradiação da prática do futebol de cinco jogadores e do dirigente de um clube (um vice-presidente, por sinal). Houve distúrbios, agressões ou más condutas por parte de adeptos em diversos campos que resultaram em pesadas multas para os clubes infratores e, inclusive, na interdição temporária de um campo. Foram ainda apresentados, por parte dos clubes, oito protestos, quatro dos quais considerados como improcedentes e um infundado. Dos três processos procedentes, um deles foi alvo de recurso pela parte contrária.

As multas resultantes de toda esta vasta panóplia de atos de indisciplina constituíam uma das principais fontes de receita da AFC, facto que nada orgulhava a Direção, bem pelo contrário. Esta preocupação ficaria explanada na documentação oficial, comprometendo-se a Direção em aplicar penas pesadas a quem continuasse a infringir e tudo iria fazer para mitigar esta situação lamentável. Para atingir esse objetivo, a AFC contava com a colaboração indispensável de clubes, dirigentes, jogadores, árbitros, imprensa e de todos os restantes agentes desportivos. A disciplina e a ideal desportivo deveriam imperar, defendia a AFC.



Momento oficial das comemorações do cinquentenário da AFC em 22 de outubro de 1972. O ministro Veiga Simão (a discursar ao centro) preside à sessão.



As comemorações do cinquentenário da AFC foram muito agregadoras de clubes, dirigentes e jornalistas, que reconheceram o trabalho feito pela instituição ao longo de cinco décadas.

## Cronologia

1972  
73

256

### 1972

#### Setembro

A AFC teve mão pesada pela desistência de um dos seus filiados na disputa da Taça de Honra. Além de uma multa de 3.000\$00, aplicou uma coima de 500\$00 por cada jogo que efetuasse na condição de visitante nesta prova e rejeitou as solicitações de jogos particulares, enquanto a competição decorresse. O objetivo da Direção era, não só penalizar o infrator, como inibir este tipo de conduta nas épocas seguintes.

#### Outubro

A AFC completou 50 anos de existência. As Bodas de Ouro da instituição foram comemoradas com pompa e circunstância.

#### Novembro

Estreia no dia 8 da equipa de futebol feminino do União de Coimbra.

A AFC informou os clubes de que a Comissão Regional de Árbitros se encontrava a recrutar novos elementos para fazer formação de arbitragem.

## 1972

### Dezembro

A AFC concedeu autorização ao CF União de Coimbra para a transmissão televisiva do jogo entre este filiado e o Vitória Sport Clube a contar para a I Divisão Nacional.

A Direção Geral dos Desportos atribuiu a Medalha de Bons Serviços a várias associações de futebol.

## 1973

### Janeiro

A AFC enviou um ofício à GNR onde solicitava ao reforço do contingente destacado para alguns jogos do Campeonato Distrital, por considerar, que nalguns casos, a sua exígua presença tinha sido insuficiente para garantir a segurança dos intervenientes.

Teve início o primeiro Campeonato Distrital da III Divisão, com sete equipas.

### Fevereiro

Por haver necessidade de organizar e gerir os serviços de justiça e de contencioso, a Direção da AFC indigitou um dos seus vogais para orientar os serviços deste departamento.

### Março

A AFC deliberou fazer-se representar pelo seu Presidente, Dr. Guilherme de Oliveira, na cerimónia de inauguração da nova sede da sua congénere do Porto.

### Abril

Atendendo a uma solicitação do SL Benfica, a Direção da AFC decidiu oferecer uma taça para ser atribuída a um dos participantes no IV Torneio Internacional de Juniores.

### Maiο

O Clube Desportivo Lousanense conquistou o Campeonato Distrital da I Divisão. Na II Divisão Distrital venceu a União Desportiva da Tocha e na III Divisão da AFC o União Futebol Clube.

O União de Coimbra desceu da I Divisão Nacional.

### Junho

Depois de ter assegurado a subida à I Divisão Nacional no mês anterior, a Associação Académica de Coimbra sagrou-se campeã nacional da II Divisão.

# Competições

1972  
73

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Clube Desportivo Lousanense
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	União Desportiva da Tocha
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	União Futebol Clube
Taça de Honra - Seniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Taça de Encerramento - Seniores (II e III Divisão Distrital)	Grupo Desportivo Argus
Campeonato Distrital - Júniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Encerramento - Júniores	Grupo Desportivo Tabuense
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra



Entre 1972 e 1973 assistiu-se ao nascimento do futebol feminino em Coimbra, pela equipa do União. Disputou e conquistou alguns títulos (amigáveis).

Época 1973  
74

## A “grande alegria” da Revolução

Poucas vezes o futebol foi superado em popularidade pela política. Mas aconteceu em 1974, com a Revolução que pôs fim a quase 50 anos de fascismo em Portugal. A AFC congratulou-se e os efeitos no futebol distrital seriam quase imediatos, com a Académica a transformar-se em Académico. Um novo tempo surgia no futebol português.

**A** Revolução democrática chegou, pondo termo a uma ditadura que durava desde 1926. No futebol muita coisa iria mudar nos anos seguintes. O que não mudou nesta época foi a hegemonia dos “dois grandes” lisboetas, com SL Benfica e Sporting CP a decidirem as duas maiores provas do calendário nacional. Em ambos casos os “leões” foram superiores.

No Campeonato Nacional da I Divisão, o Sporting CP venceu com 49 pontos, mais dois que os rivais “encarnados”. E na Taça de Portugal, os “verdes e brancos” venceram por 2-1 na final do Jamor.

Quanto à principal equipa de Coimbra, a Académica, o regresso ao convívio dos “grandes” saldou-se com um modesto 10º lugar, salvando-se da despromoção graças aos jogos em “casa”, onde venceu por sete vezes, denotando fragilidades quando jogava fora, perdendo em 11 ocasiões e só obtendo uma única vitória fora de Coimbra. Modesta também seria a participação do União de

Coimbra no Campeonato Nacional da II Divisão, na Zona Norte, onde acabou em 3.º lugar. Na Taça de Portugal, ambas equipas coimbrãs seriam afastadas prematuramente, com a Académica a ser apeada da prova na primeira ronda em que participou, frente ao Salgueiros (3-2), e o União caiu perante o Espinho (4-3). Mas nesta temporada, mais importante que o futebol seria, claramente, a Revolução do 25 de abril, que abria caminho ao processo democrático em Portugal.

### **AFC felicita Junta de Salvação Nacional**

No dia 24 de abril de 1974, a Direção da AFC, recentemente empossada para um novo exercício e liderada pelo Dr. Guilherme de Oliveira, teve a sua reunião ordinária semanal, longe de saber que os acontecimentos despoletados poucas horas depois iriam pôr fim ao Estado Novo e dar início a uma

**Sabia que...** Amnistia do 25 de abril... Apesar da indisciplina e incumprimentos continuarem a fazer parte do quotidiano do futebol distrital, o montante resultante das multas pagas pelos clubes à AFC foi substancialmente inferior esta época. A razão principal foi a amnistia atribuída, depois do 25 de abril de 1974, a todos os clubes com coimas por pagar.

nova realidade política e social no País, com efeitos no futebol. Na sessão diretiva seguinte, marcada para dia 30 de abril, a Direção fez questão de registar a Revolução e a mudança de regime através da redação de um telegrama dirigido ao Presidente da Junta da Salvação Nacional, cujo teor transcrevemos, pelo seu simbolismo:

“A Direcção eleita Associação de Futebol Coimbra sempre aproveitou oportunidade de posse liberdade direitos tem grande alegria viver momento histórico vida nacional. Cumprimentos V. Exa. Ilustre militar homem pensamento colegas distintos junta Comando Forças Armadas todos elementos tiveram possível ressurreição espírito Portugal”.

Os efeitos da Revolução trespassariam toda a sociedade portuguesa e o próprio futebol, incluindo Coimbra. Em junho de 1974, depois do encerramento de mais uma época desportiva na I Divisão Nacional, e numa altura em que o plantel sénior se encontrava numa digressão de encerramento de temporada em Espanha, a Associação Académica de Coimbra viveria um dos períodos mais agitados da sua história desportiva. No dia 20, uma Assembleia Magna de “estudantes” da Associação Académica de Coimbra decidiu, de uma forma polémica e totalmente inesperada, extinguir a secção de futebol, alegando que esta funcionava “à revelia dos princípios amadores que norteariam as restantes secções” (Santana & Mesquita, 2007, p. 244-249). Este facto gerou enorme apreensão, não só entre adeptos, como entre os conimbricenses.

E a própria AFC via-se na iminência de perder o seu único representante no escalão maior do futebol português.

A nível interno, no seio da Académica, os sócios da secção de futebol não tardaram a responder a esta afronta, recusando-se, de todo, a aceitar a decisão de extinção da sua principal equipa de futebol. Em plenário, os mesmos sócios, liderados por Júlio Couceiro, decidiram propor a constituição do Clube Académico de Coimbra (CAC), que desta forma assumiria os direitos desportivos (futebolísticos, entenda-se) da Associação Académica de Coimbra. Mais de 500 sócios terão votado favoravelmente.

Desde a primeira hora, a Direção da AFC colocou-se ao lado do seu filiado e reconheceu, na sua plenitude, o CAC como sucessor legítimo e legal da secção de futebol da Associação Académica de Coimbra, tal como fez questão de explicar numa das suas Atas diretivas. Com a Associação Distrital do seu lado, os signatários enviaram a proposta de imediato para a FPF que, no entanto, e em primeira instância, a indeferiu. Mas a interferência direta da AFC, exercida sobretudo através do seu Presidente, Dr. Guilherme de Oliveira, e após a apresentação cabal de provas e de indícios legais que confirmavam essa legitimidade, a FPF permitiria, por fim, que o Clube Académico de Coimbra assumisse os direitos desportivos da secção de futebol da Associação Académica de Coimbra. Assim permaneceria até 1984, altura em que o CAC foi extinto e reintegrado na Associação Académica de Coimbra.

## Nova aposta na formação

A AFC voltou a fazer uma grande aposta no futebol de formação, sobretudo no que diz respeito aos incentivos financeiros e à subsídio de filiados que apresentassem equipas nestes escalões. Em relação à época transata, as despesas no escalão de juvenis aumentaram dos 31.801\$50 para mais de 70.428\$00 (um acréscimo de 38.627\$50) e na categoria de juniores de 216.510\$00 para 242.523\$70 (mais 26.013\$70). Este investimento na formação distribuiu-se, essencialmente, em três áreas: 1.º ajudas de custo para as deslocações; 2.º despesas de arbitragem; e 3.º policiamento de jogos.

As despesas com as deslocações continuavam a ser o grande problema financeiro dos escalões de formação e a principal razão que levava a maior parte dos clubes a optar por não se inscrever nas provas oficiais. Para contrariar esta tendência, a Direção da AFC decidiu aumentar consideravelmente as participações com deslocações e apostar numa melhor distribuição geográfica das séries, de forma a evitar deslocações dispendiosas aos clubes intervenientes.

No escalão de juniores, os clubes foram divididos em duas séries de dez, uma constituída pelos clubes dos concelhos de Arganil, Coimbra, Lousã, Miranda do Corvo e Tábua, e outra com os clubes dos concelhos de Soure, Mira, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho. Os primeiros classificados de cada grupo, na circunstância a Associação Académica de Coimbra (Série A) e o Touring Clube de Mira (Série B), garantiam de imediato o apuramento para a disputa da Taça Nacional de

Juniores. Os dois clubes acabaram igualmente por disputar a final da prova distrital da categoria, em Cantanhede, da qual sairia vencedora a Académica por 6-1. E por seu turno, o União e a Naval 1.º de Maio, segundos classificados das suas séries, discutiriam a passagem como terceiro representante da AFC ao Nacional de Juniores – numa eliminatória a duas mãos, marcada pelo equilíbrio, seriam os unionistas a passar, depois de derrotarem os figueirenses nas grandes penalidades. No Nacional de Juniores, a Académica foi o filiado da AFC que chegou mais longe, sendo derrotada, nos quartos de final da prova, pelo Sporting CP, que haveria de se sagrar campeão nacional.

O Campeonato Distrital de Juvenis foi disputado por nove clubes, sendo que dois deles (Académica e União) apresentavam duas equipas cada um. Seriam precisamente os dois rivais de Coimbra a conseguirem as quatro primeiras posições na classificação final, registando o campeão, a Académica A, um total de 16 vitórias em igual número de jogos e um recorde de 146 golos, que atesta bem a diferença esmagadora entre concorrentes.

Para além da participação com deslocações, as despesas de arbitragem nestes escalões de formação passaram a ser quase da responsabilidade da AFC, que atribuiu um subsídio total de cerca de 100.000\$00, aliviando os clubes participantes de mais este encargo. Por último, também a verba reservada ao policiamento dos jogos nestes escalões aumentou em relação à época passada, ultrapassando os 70.000\$00. Porém, apesar de todo este esforço financeiro por parte da AFC, os torneios

de encerramento, de inscrição livre, seriam pouco concorridos: sete equipas no escalão de juniores (com vitória do Grupo Desportivo Tabuense) e zero inscrições no escalão de juvenis (a prova não se realizou).

### **Esperança Atlético Clube, campeão sem derrotas**

Fundado em 1962 em São Martinho do Bispo, o Esperança Atlético Clube sagrou-se pela primeira vez na sua história como campeão distrital da I Divisão da AFC, juntando assim esta conquista à de campeão distrital da II Divisão de 1967-68 e ao Torneio de Encerramento de 1968-69. Depois de ter obtido três segundos lugares nas últimas quatro épocas nesta mesma prova, a equipa do Esperança realizou neste ano um campeonato absolutamente brilhante, terminando a prova sem qualquer derrota, um feito notável e raramente alcançado na história da AFC.

Num Campeonato que contou com a presença de 16 clubes, o Esperança Atlético Clube, no final das 30 jornadas da prova, somava um total de 23 vitórias e 7 empates, não conhecendo, como dissemos anteriormente, nem por uma única vez o “sabor amargo da derrota”. As oito vitórias consecutivas que conquistou nas derradeiras jornadas da prova, os 93 golos alcançados e o facto do segundo classificado ter ficado a 13 pontos de distância, são provas mais do que suficientes para atestar a enorme supremacia que o clube teve para com os restantes

contendores. Na temporada seguinte, o concelho de Coimbra teria assim mais um competidor nas provas nacionais de futebol.

### **Solidariedade com os filiados**

Esta temporada ficou ainda marcada por diversos acidentes que vitimaram jovens pertencentes aos quadros de clubes filiados na AFC. E sempre que se deparou com estas situações, a Direção da AFC demonstrou de imediato toda a sua solidariedade para com os clubes e famílias envolvidas. A mais chocante das situações relatadas foi, pela dimensão da tragédia, a morte num acidente rodoviário de cinco jogadores do Grupo Desportivo Tabuense, que à data era um dos representantes da AFC na III Divisão Nacional de futebol. A dor e a consternação terão tomado conta dos dirigentes da AFC que num gesto de grande sentimento e solidariedade com o seu filiado e com as famílias das vítimas, decretaram um minuto de silêncio em todos os jogos oficiais das competições da AFC dos dias 26 e 27 de janeiro de 1974. Todos os clubes, sem exceção, também eles solidários e chocados com a dimensão desta tragédia, cumpriram escrupulosamente esta determinação e a sentida homenagem póstuma à memória dos jovens falecidos. O futebol da AFC ficou de luto.

Na mesma época, mais um jogador acabaria por falecer, neste caso pertencente aos quadros do Grupo Desportivo das Almas. O atleta encontrava-se no serviço militar na Guiné, onde morreria em combate, sendo mais uma vítima da Guerra Colonial. Por esse

motivo, e tal como os regulamentos ordenavam naquela altura, o Grupo Desportivo das Almas solicitou autorização à AFC para poder “guardar” um minuto de silêncio no seu próximo jogo em “casa” e para, na mesma ocasião, os seus jogadores poderem entrar em campo com uma braçadeira negra, em sinal de luto. A AFC solidarizou-se uma vez mais com este triste desfecho. E para além de apresentar as suas condolências ao clube e família enlutada, não só consentiu as autorizações pedidas pelo seu filiado como estendeu a utilização das braçadeiras por dois desafios.

A Guerra do Ultramar foi, aliás, um tema muito em voga e quase incontornável na primeira metade

desta época. Muitos clubes viram atletas ou ex-atletas serem destacados nos vários contingentes que seguiram para as Colónias. Alguns deles, apesar de não terem falecido em combate, regressavam do conflito com patologias diversas e/ou deficiências físicas que os acompanhariam para o resto das suas vidas. Solidarizando-se com estes militares e respetivas famílias, o Sporting Clube Ribeirense iniciou um movimento de apoio a favor dos soldados que regressavam a Portugal com deficiências físicas. Rapidamente, e tal como muitos outros filiados, a AFC se associou a esta nobre iniciativa e fez questão de a lavrar, para memória futura, na sua documentação oficial.

A 1 de abril de 1974, Marcelo Caetano, máximo representante do regime fascista (havia substituído Salazar), viveu o seu último ato público relevante, perante milhares de pessoas no Estádio de Alvalade. Dias depois (a 25 de abril) o futebol saudou a chegada da democracia.



## Cronologia

1973  
74

266

1973

Agosto

No dia 8 iniciou-se a época do futebol feminino, com o União a enfrentar o Soutocico, vencendo por 5-0. Nesta temporada, o União realizaria encontros amigáveis com equipas femininas do Atlético, Boavista, Feirense e a Seleção de Espanha, num total de 16 partidas.

Setembro

O número de novas inscrições de clubes filiados na AFC continuou a crescer. Neste mês filiaram-se dois novos clubes: a Associação Desportiva Nogueirense e o Ateneu Alhadense, que iam disputar a III Divisão Distrital.

Outubro

A AFC decidiu premiar com um subsídio extraordinário os dois clubes que subiram na temporada anterior de Divisão. A Académica de Coimbra, que subiu à I Divisão Nacional, foi contemplada com 25.000\$00, e o Lousanense, que ascendeu à III Divisão, recebeu 10.000\$00.

Novembro

O Grupo Desportivo das Almas foi autorizado pela AFC a guardar um minuto de silêncio no seu próximo jogo e poder usar a braçadeira “negra” (em sinal de luto) por dois jogos, na sequência do falecimento, em combate, de um antigo atleta destacado na Guiné.

## 1973

Dezembro

A FPF enviou à AFC um ofício com uma proposta de projeto de integração dos profissionais de futebol na Caixa de Previdência. A AFC, antes de tomar qualquer deliberação, enviou a exposição aos filiados para estes se pronunciarem.

## 1974

Janeiro

A AFC é uma das associações contempladas com a oferta, por parte da FPF, de uma medalha comemorativa do 60.º aniversário da fundação daquele organismo.

Fevereiro

A Direção da AFC enviou o projeto do novo estatuto aos restantes órgãos sociais, para que estes o pudessem apreciar e emitir os respetivos pareceres.

Despacho governamental: os jogos da I Divisão passam a ser obrigatoriamente disputados em campos relvados.

Abril

Na sequência da Revolução do 25 de abril, a Direção da AFC enviou um telegrama de congratulações ao presidente da Junta de Salvação Nacional.

Maio

O Esperança Atlético Clube conquistou o Campeonato Distrital da I Divisão da AFC e subiu à III Divisão Nacional. O Clube Desportivo Ferreirense conseguiu o título da II Divisão Distrital.

Junho

No ano de estreia como filiado da AFC, a Associação Desportiva Nogueirense conquistou o título da III Divisão Distrital e subiu de escalão.

Uma Assembleia Magna de "estudantes" decidiu extinguir a secção de futebol da Associação Académica de Coimbra. Como resposta, um conjunto de sócios fundou o Clube Académico de Coimbra (CAC).

Realizou-se em Lisboa o I Encontro Nacional de Iniciados (e.g. Torneio Nacional Interassociações Sub-15), com participação de três associações de futebol. No ano seguinte organizou-se na Guarda, alargando-se a 14 associações.

Julho

No Estádio Municipal de Coimbra, o Sporting CP venceu o FC Porto por 2-1 e conquistou o Campeonato Nacional de Juniores.

# Competições

1973  
74

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Esperança Atlético Clube
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Ferreirense
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Associação Desportiva Nogueirense
Taça de Honra - Seniores	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Júniores	Associação Académica de Coimbra
Taça Encerramento - Júniores	Grupo Desportivo Tabuense
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Académica de Coimbra



Em 1974 outra revolução estava em curso, mais silenciosa que a Revolução dos Cravos. Era o da mudança de mentalidade no futebol português, com os primórdios do futebol feminino. Coimbra e o União tiveram papel determinante.

Época 1974  
75

## Pioneiros do futebol feminino

Era um novo tempo, em que política e futebol se cruzavam, mas desta vez em democracia. O predomínio de Lisboa manteve-se, mas seria por pouco tempo. Em Coimbra vivia-se uma “novidade”, a do futebol feminino. Enfrentava o conservadorismo da sociedade e o predomínio da masculinização da modalidade, mas os tempos eram de mudança. E o pioneirismo do futebol feminino do União seria um exemplo.

**N**ovo regime político, nada de novo na I Divisão. O SL Benfica venceu mais uma vez (sete títulos em oito possíveis), terminando a prova com 49 pontos, mais cinco que o FC Porto e mais seis que o Sporting CP, vencedor da edição anterior. O Boavista, treinado por José Maria Pedroto, seria a surpresa, ficando no quarto lugar e vencendo a Taça de Portugal. Mas este foi um dos poucos períodos em que a política se superiorizou ao futebol nas conversas populares. E a modalidade seria acusada de ser uma espécie de “ópio do povo”, com o regime fascista a utilizar-se dela para fazer esquecer os portugueses dos verdadeiros problemas do País. Nascia igualmente a famosa narrativa dos “3 f’s”, caracterizadores da dimensão popular e propagandística do regime fascista, através do Fado, Futebol e Fátima. Apesar destas narrativas negativas à volta do futebol, a modalidade continuava a ser muito popular e crescia a nível feminino, como Coimbra estava a demonstrar nos últimos anos.

### **Fomento do futebol feminino**

Desde 1972 que o futebol feminino crescia no distrito pela mão do União de Coimbra. Recordamos que em 1973 já os jornais faziam menção a este desenvolvimento do futebol feminino em Coimbra, como fez o *Centro Desportivo* na edição de 6 de março, em que referiu precisamente que “isto não é a brincar...”, o “futebol feminino na Cidade-Mondego progride a olhos vistos, impulsionado pelo popular União de Coimbra”.

O então treinador e dirigente da equipa feminina, Aurélio Camiseiro, recordava que o União não tinha sido o primeiro clube português a praticar futebol feminino, apontando o Cruzeirense de Lisboa como o precursor. Mas apesar disso, o União estava a ser pioneiro em Coimbra e na região centro, estando o clube empenhado “em dar à prática do futebol feminino incremento”, contando com “a valiosa colaboração das pequenas” (as jogadoras), que treinavam com “um entusiasmo grande e com muito gosto de aprender”. E a disponibilidade era total em deslocar a equipa “a todo o lado onde haja viabilidade de comparecer e atuar para propagandear e fomentar esta modalidade desportiva que também pode e deve ser feminina”, referiu o técnico.

Entre as jogadoras, o sentimento era também comum, adoravam praticar futebol, considerando a modalidade “atrativa e interessante”. A médio-centro Rosa só lamentava o facto de não haver mais “moças” em Coimbra a praticar futebol, “a fim de podermos na cidade ou arredores ter um torneio futebolístico o que tornaria menos monótona a modalidade”, já que tinham de jogar frequentemente com as mesmas equipas e mesmo isso nem sempre era fácil porque eram de longe de Coimbra.

Em 1974, a secção de futebol feminino do União comemorou o seu segundo aniversário, contando (até março desse ano) com 21 jogos realizados, enfrentando Boavista (por 12 vezes), Atlético (3 vezes), Soutocico (3), Feirense (2) e Oliveirense (1). Nos 21 encontros foram utilizadas 28 atletas, destacando-se as presenças de Laura (21 jogos), Alzira (21), Lurdes (20), Adélia (20) e Bérita (20).

E dos 53 golos marcados pela equipa, as máximas realizadoras tinham sido a avançada Júlia (27 golos), Cidália (9), Bélita (7) e Minga (7). Expressivo, geograficamente, eram os locais onde tinham atuado, promovendo a modalidade: Coimbra, Lisboa, Porto, Aveiro, Espinho, Leiria, Lamego, Oliveira de Azeméis, Vila da Feira, Ovar, Anadia, Taveiro, S. Martinho do Bispo, Covilhã, S. Pedro da Cova, Águeda e Barcelos. Nota ainda para um oficioso Portugal-Espanha entre seleções femininas, com dois jogos em 14 e 15 de outubro de 1973, que acabaram empatados 1-1, com um deles a realizar-se em Leiria e outro em Coimbra. Pelo União foram selecionadas várias jogadoras, destacando-se Júlia que marcou os dois tentos portugueses. Na temporada de 1974-75, a equipa feminina do União faria mais oito encontros, enfrentando o Feirense, a seleção de Espanha (oficioso), o Atlético, o Sertanense, Os Vilanovenses e o Boavista. Quase sempre os embates se saldaram com vitórias do

União e com muitas goleadas, em especial contra o Sertanense (11-0 e 12-0, por exemplo). O desnível competitivo era ainda grande entre algumas equipas.

### **Mais clubes na I Divisão Nacional? Não, obrigado**

O Congresso da FPF da temporada de 1974-75, realizado em agosto, teve como ponto principal da Ordem de Trabalhos a discussão do alargamento da I Divisão de 16 para 20 clubes. No entanto, antes do início da sessão, o presidente da Direção da AFC, Dr. Guilherme de Oliveira, liderando as congéneres que não estavam de acordo com essa possibilidade, terá exibido a todos os presentes um requerimento onde apresentava as desvantagens desse alargamento. O documento era composto por um total de 14 pontos, dos quais, a título de exemplo, citaremos os oito que poderemos considerar mais importantes:

**Sabia que...** Lutas de poder no pós-25 de abril... em maio de 1975 o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol decidiu interromper as negociações com vista à regulamentação do futebol português, devido à intransigência dos clubes em abolir o “direito de opção” (que permitia aos clubes reter os jogadores), anunciando uma greve dos futebolistas, aprovada pela maioria dos jogadores da I Divisão. A negociação reiniciou pouco depois, chegando-se a um consenso entre as partes que evitou a paralisação nacional.

*“que concretamente o nível técnico, financeiro e social da maioria dos clubes que disputam o Campeonato Nacional da I Divisão é tão baixo que nem justifica a presença dos 16 agora concorrentes.”*

*“o interesse do público do Campeonato se tem polarizado na dúvida de qual dos dois clubes, sempre os mesmos, o irá ganhar”.*

*“que dos 14 restantes, também sempre os mesmos três têm desempenhado o papel de animadores do Campeonato”.*

*“que dos 11 clubes que sobram da monotonia da competição e da animação para o 1.º lugar tomam parte apenas no concurso da fuga aos quatro últimos lugares”.*

*“que estes factos contribuem, definitivamente, para o insucesso financeiro da prova, que seria agravado, em proporções imprevisas, pela aceitação das alterações propostas”.*

*“que para além desta pobreza, não há árbitros qualificados em número suficiente, não há campos relvados que bastem, não há jogadores de capacidade técnica adequada à categoria da prova, e não há, sobretudo, aquilo que em conjunto com estes elementos constitui, aquilo que se domina como infraestruturas”.*

*“que, fora de tudo isto, cuja inegabilidade se impõe pela justeza, é fastidioso e inexemplar se tenha guardado o hábito de todos os anos, neste tempo e neste lugar, sobre forma pressionaria, se apresentarem propostas cujo sentido único se presta a interpretações desagradáveis sobre a sinceridade dos proponentes”.*

*“que, de facto, estas propostas não podem, em último termo, ser tidas se não como meio de repescagens de clubes, que por carência de valor desportivo ou de nível social adequados, não conseguem satisfazer as suas ambições de manutenção ou de acesso, no lugar onde se perde ou se ganha orgulhosamente”.*

Depois da entrega e apresentação do documento, a AFC exigiu que fosse de imediato discutida e votada a retirada dessa proposta da Ordem de Trabalhos, para que houvesse mais tempo para ponderar os efeitos daquela pretensão. E assim sucedeu, graças à posição dos dirigentes da AFC. O tema merecia ser amplamente debatido por todos os intervenientes. O mesmo só teria o seu fim com a intervenção do próprio Secretário de Estado dos Desportos e Ação Social Escolar, Avelãs Nunes, que fez cair, definitivamente, a proposta de alargamento para 20 clubes, mantendo-se em 16.

### **Falta de árbitros e apoios**

A carestia de árbitros qualificados em atividade e, sobretudo, de novos elementos que estivessem interessados em iniciar uma carreira na arbitragem, fizeram soar os alarmes no início da temporada de 1974-75. O problema, apesar de não ser novo, era cada vez mais proeminente e começava a atingir proporções bastante preocupantes. Em última instância, se nada fosse feito em tempo útil, a realização das competições oficiais da AFC poderia estar em risco. Atendendo a um pedido expresso da Comissão Regional de Árbitros, a Direção

da AFC decidiu, dentro das suas possibilidades orçamentais e logísticas, conceder algumas regalias extraordinárias aos árbitros, com o intuito de tentar demover os existentes de abandonarem o futebol e motivar os mais novos a ingressar na atividade.

Uma das primeiras medidas adotadas, tomada em meados de novembro de 1974, consistiu na atribuição, por parte da AFC, de um subsídio excecional de 25.000\$00 (pago em cinco prestações) à Comissão Regional de Árbitros, com a obrigação do mesmo montante ser aplicado, na sua totalidade, em novos cursos de formação de equipas de arbitragem. A Comissão Regional de Árbitros acolheu com agrado o subsídio e aplicou-o de imediato. Os cursos realizar-se-iam a partir de dezembro de 1974 e teriam lugar, na sua componente teórica, numa sala cedida graciosamente pela AFC.

Para além da aposta formativa, a AFC aumentou ainda, de forma substancial, o valor de algumas ajudas de custo associadas às despesas de deslocação das equipas de arbitragem. O pagamento de meia diária, nas deslocações mais longas, seria uma das medidas mais apreciadas pelos árbitros. Entre estes e outros pequenos subsídios e regalias, a AFC atribuiria nesta época mais de 40.000\$00 extraordinários à Comissão Regional de Árbitros, tendo retirado essa quantia, não contemplada no orçamento inicial, do fundo proveniente do Totobola.

Como não eram apenas as questões financeiras que motivavam os árbitros a abandonar a atividade, mas, igualmente, questões de natureza física (fraca preparação) e disciplinar (muito vulneráveis a injúrias e agressões constantes), a Direção da AFC decidiu reunir com árbitros e clubes filiados, para

tentar uma aproximação e fazer aumentar os índices de respeito, cooperação e relacionamento entre todos os agentes desportivos envolvidos. O futebol sairia a ganhar com esta medida e a pacificação do ambiente à volta dos árbitros.

## Distribuir para melhor gerir

A cada vez mais exigente missão dos dirigentes desportivos obrigava-os a uma gestão criteriosa e eficiente. A Direção da AFC não era exceção e nesta época desportiva passou a fazer, de uma forma clara e inequívoca, uma distribuição dos cargos (ou “pelouros”), tendo em vista uma melhor e mais adequada capacidade de resposta às necessidades da instituição. Foi neste contexto que, em janeiro de 1975, numa reunião ordinária da Direção, se realizou a distribuição por todos os elementos dos sete “pelouros” a repartir: Despacho; Escolas; Árbitros; Disciplina; Campos; Pessoal; e Finanças. Todos os elementos da Direção ficaram, pelo menos, com três responsabilidades (sempre repartidas com mais alguém), sendo que, nalguns casos, como as Escolas ou a Disciplina, pela sua enorme exigência, tinham quatro elementos da Direção afetos.

Esta nova organização estender-se-ia, em breve, aos serviços administrativos, também eles, com necessidade urgente de reformulação e de redistribuição de funções para fazer face ao imenso trabalho de expediente e de gestão corrente a que estavam sujeitos. O futebol tornava-se cada vez mais exigente em termos administrativos e organizacionais.



Desde 1972 que o futebol feminino crescia no distrito pela mão do União de Coimbra. Eram regulares os jogos amigáveis com as grandes rivais do Boavista.

## Naval quase de II e União de III

Os representantes da AFC nas competições nacionais conheceram sortes diferentes nesta temporada. Na I Divisão Nacional, o então designado Clube Académico de Coimbra (popularizado como CAC) terminaria o Campeonato na 14.<sup>a</sup> posição, lugar que, apesar de o salvar da descida direta, obrigava o clube a disputar a sempre penosa liguilha de acesso com o 13.<sup>o</sup> classificado da I Divisão (Oriental) e com os segundos classificados das zonas Norte e Sul da II Divisão (Beira-Mar e Barreirense, respetivamente). Numa liguilha muito equilibrada, o CAC acabaria por conseguir a manutenção, depois de concluir a prova na segunda posição com seis pontos. No final das contas, o Beira-Mar (1.<sup>o</sup> da liguilha, com 7 pontos) subiria; o representante da AFC permaneceria na I Divisão; o Oriental desceria à II Divisão; e o Barreirense manter-se-ia na II Divisão.

Na II Divisão Nacional, o representante da AFC, União de Coimbra, teria uma época muito difícil e desgastante. Num campeonato igualmente muito equilibrado, terminaria a fase regular da Zona Norte com um total de 33 pontos (em 38 jornadas), na 17.<sup>a</sup> posição entre 20 clubes. Apesar do lugar ocupado na classificação final, que lhe valeria a disputa da liguilha de acesso à competição na próxima época, o União teria uma excelente performance ofensiva, apontando 50 golos, mais três, por exemplo, do que o SC Braga, vencedor da Zona Norte, que obteve a subida à I Divisão Nacional. Este registo goleador contrastava com o dos golos sofridos, onde a carreira do União esteve longe de ser a desejável: sofreu 60 golos e foi a terceira pior defesa da prova.

No Torneio de Competência da II Divisão Nacional, que serviria para definir os quatro últimos clubes com direito desportivo a participar na prova na época seguinte, o União de Coimbra foi integrado na Zona Norte, conjuntamente com as formações do Vilanovense (18.<sup>o</sup> classificado na II Divisão, Norte), do União de Lamas (2.<sup>o</sup> classificado da Série A da III Divisão) e da Naval 1.<sup>o</sup> de Maio (2.<sup>o</sup> classificado da Série B da III Divisão). No final da competição, as duas vagas em disputa seriam ocupadas por Vilanovense e União de Lamas, descendo o União de Coimbra à III Divisão Nacional. A Naval, por sua vez, que nunca tinha estado tão perto da subida à II Divisão Nacional e que tinha feito uma temporada a todos os títulos notável, acabaria por ficar no 4.<sup>o</sup> e último lugar do torneio. Ainda não seria desta que a Naval subiria ao segundo escalão do futebol nacional, que na próxima época voltava a não ter clubes filiados na AFC.

Na III Divisão Nacional, para além da Naval, que conseguiu um excelente 2.<sup>o</sup> lugar na Série B, participaram ainda, na qualidade de representantes da AFC, Marialvas (4.<sup>o</sup> classificado), Lousanense (8.<sup>o</sup>), Febres (13.<sup>o</sup>), Ala-Arriba (14.<sup>o</sup>) e o Esperança Atlético Clube que, ao ficar na 17.<sup>a</sup> posição, desceu e regressou às provas distritais. No ano seguinte, com a descida do União e com a subida do campeão distrital, Tabuense, seriam oito os representantes da AFC na III Divisão Nacional.

Modesta seria igualmente a prestação dos clubes de Coimbra na Taça de Portugal. O Académico de Coimbra (CAC) saiu na primeira ronda em que participou, frente ao Sporting CP, numa derrota em “casa” por 4-1. O União, por seu turno, passou

o Gouveia e Feirense, caindo frente ao SC Braga por 3-0. A final seria disputada por Boavista e SL Benfica, vencendo os boavisteiros de Pedroto por 2-1. O encontro teve como cenário o Estádio de Alvalade, com o Estádio Nacional (habitual palco

da final) a ser conotado com o Estado Novo e o período fascista, sendo por isso preterido. O mesmo sucederia nos anos seguintes, em que o Estádio das Antas acolheu a final da competição. Somente em 1978 retomaria ao Jamor.



Um pouco por todo o distrito, o futebol feminino foi ganhando expressão popular.

## Cronologia

1974  
75

### 1974

#### Setembro

A AFC deliberou passar a pagar aos árbitros, para ajudas de custo nas suas deslocações em veículo próprio, a quantia de 2\$50 por quilómetro, em vez de 1\$50.

#### Outubro

A Direção da AFC aceitou a inscrição de um novo filiado, o Grupo Desportivo "Os Águias", de Montemor-o-Velho. O Esperança Atlético Clube, como já começava a ser tradição, recebeu 10.000\$00 por parte da AFC, por ter ascendido à III Divisão Nacional.

#### Novembro

Foi atribuído pela AFC um subsídio extraordinário à Comissão Distrital de Árbitros, no valor de 25.000\$00 para a realização de cursos de habilitação de árbitros.

#### Dezembro

Foi autorizado pela AFC a realização de um jogo amigável na Figueira da Foz, entre a Naval 1.º de Maio e o Leixões, cuja receita reverteria para a família dum pescador figueirense recentemente falecido. Para além de conceder a autorização, a AFC recusou receber qualquer taxa aplicada neste tipo de encontros.

## 1975

- Janeiro** Foi feita uma atualização dos salários dos funcionários da secretaria da AFC, com exceção para o contabilista que tinha um horário reduzido.
- Março** O Grupo Desportivo Tabuense conquistou, pela primeira vez na sua história, o Campeonato Distrital de Juniores.
- Abril** Após obter um brilhante segundo lugar na Zona B da III Divisão Nacional, a Naval conseguiu um apuramento histórico para a liguilha de acesso à II Divisão.
- Maiο** O Grupo Desportivo Tabuense venceu a I Divisão Distrital. A II Divisão Distrital, por sua vez, foi conquistada pelo Clube Operário Jardim do Alva. E a III Divisão Distrital, também decidida neste mês, foi vencida pela Associação Desportiva de Souselas.
- Junho** Integrados na liguilha de acesso à II Divisão Nacional de 1975-76, União de Coimbra e Naval ficam na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> posições, respetivamente. No ano seguinte estariam na III Divisão.

# Competições

1974  
75

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Tabuense
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Clube Operário Jardim do Alva
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Grupo Desportivo de Souselas
Taça de Honra - Seniores	Associação Naval 1.º de Maio
Taça Encerramento - Seniores	Associação Atlético Cruzense
Campeonato Distrital - Juniores	Grupo Desportivo Tabuense
Taça Encerramento - Juniores	Quiaios Clube
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube Académico de Coimbra



Nos meses seguintes à Revolução, a AFC saudou o novo regime democrático e acolheu as novas diretrizes desportivas emanadas da FPF.

Época 1975  
76

## A barreira dos 50

Nunca tantos clubes se tinham filiado na AFC, um total de 54, ultrapassando uma barreira (a dos 50 clubes) que parecia intransponível. Mais equipas geraram mais jogos, maior competitividade e um calendário futebolístico mais extenso. Coimbra manteve o seu representante na I Divisão Nacional e conquistou novo lugar na II Divisão.

**A**s vitórias do SL Benfica tornaram-se um hábito. Mais um Campeonato “encarnado”, o 22.º título nacional e o seu técnico, Mário Wilson, era o primeiro treinador português a ser coroado com êxito no clube “mais português” (apenas permitia jogadores nacionais nas suas fileiras) de Portugal. A grande revelação seria o Boavista, treinado por Pedroto, que alcançou o segundo lugar no Campeonato (a somente dois pontos do campeão) e venceu a Taça de Portugal. O representante de Coimbra na prova máxima, o Clube Académico de Coimbra (CAC), evitaria a liguilha da descida de Divisão, mas só na última jornada, terminando o Campeonato na 11.ª posição, com 23 pontos, conquistados sobretudo em casa, onde fez seis vitórias e três empates, contando fora somente com uma vitória e seis empates. Na Taça de Portugal, os “estudantes” foram eliminados logo na primeira ronda em que participaram, pelo Belenenses (2-0). O mesmo destino teve o União, que na sua primeira eliminatória da Taça foi afastado pelo Lusitano FC.

### **Coimbra de volta à II Divisão Nacional**

Em termos de provas nacionais, a Série B da III Divisão Nacional contava em 1975-76 com um grande contingente de representantes da AFC, na circunstância sete. A lista era encabeçada pelo CF União de Coimbra que partia com legítimas ambições no regresso à II Divisão Nacional. Seguiam-se Naval e Marialvas, de quem se esperava

um campeonato “tranquilo”, sem aspirações de subida, mas também longe dos lugares de descida. Todos os restantes filiados da AFC lutariam, com todos os seus recursos, para evitar a despromoção para o Distrital.

Numa caminhada absolutamente triunfal, o União de Coimbra venceu a Série B com dez pontos de avanço sobre o segundo classificado, o também “histórico” Académico de Viseu. Os unionistas, que também teriam o melhor ataque da competição (com 78 golos), conseguiriam assim a subida à II Divisão Nacional e a passagem à fase final da prova, onde disputariam com os vencedores das restantes três séries o título de campeão Nacional da III Divisão. Nas meias-finais da prova, o União eliminou o Tirsense, perdendo apenas na final com o Portalegrense (0-4). O União sagrou-se, assim, vice-campeão nacional da III Divisão.

Igualmente soberbo seria o percurso de Marialvas e de Naval 1.º de Maio que terminariam, respetivamente, nos 3.º e 4.º lugares, com os mesmos 50 pontos e a apenas um do segundo classificado. A equipa de Cantanhede, com somente 26 golos sofridos, seria mesmo a defesa menos batida na prova.

No que diz respeito à representação da AFC na prova, seguiu-se na classificação final o Lousanense que no 10.º lugar, bastante longe da zona perigosa de descida, faria um campeonato bastante tranquilo. Bem mais próximo dos indesejáveis lugares de descida, mas ainda assim distante o suficiente para garantir a manutenção a três jornadas do fim, ficaria o Febres Sport Clube, 15.º classificado. Menos sorte teriam os restantes dois filiados da AFC, o Ala-Arriba e o Tabuense, que ao quedarem-se pelos

antepenúltimo e último lugares, ficariam em lugares de descida. Apesar destes desfechos diferenciados, no fim, todos os filiados da AFC na III Divisão Nacional da corrente época teriam motivos para sorrir.

O União, e consequentemente a AFC, voltavam a ser de II Divisão Nacional na temporada seguinte. Depois de um excelente desempenho, Marialvas e Naval poderiam sonhar por voos mais altos na próxima edição da prova. Lousanense e Febres cumpriram com os objetivos e Ala-Arriba e Tabuense, que pareciam condenados à descida, conseguiriam manter-se na III Divisão Nacional devido a um alargamento da prova que permitiria a sua repescagem. Só boas notícias para a AFC e os seus clubes.

E se o futebol masculino crescia no distrito, o mesmo sucedia com o feminino, que manteve os jogos regulares. O grande representante era a equipa do União de Coimbra, que nesta época realizou 15 encontros, entre agosto de 1975 e julho de 1976. E o leque de equipas foi variado, efetuando partidas com o Boavista, AR Ventosa, Bolho, Cesareense, Sepins, CD Antes, Febres e uma Seleção da Bairrada. E todos os embates se saldaram com vitórias unionistas e algumas goleadas pesadas, como os 9-0 ao Bolho em 14 de dezembro de 1975. O ano de 1976 seria verdadeiramente impressionante para o União, marcando em 11 partidas um total de 37 golos, sofrendo somente 3 tentos. Pior seria o ano de 1977, em que não haveria atividade nenhuma desta secção do União, somente retomando os encontros femininos em maio de 1978 – ainda era uma realidade, a do futebol feminino, muito instável no contexto local, regional e nacional.

## Ultrapassada a barreira dos... 50 filiados

Na época em que completou 53 anos de vida, a AFC ultrapassou pela primeira vez a barreira da meia centena de clubes filiados. Começava agora a dar resultados, de forma inequívoca, a aposta sistemática na denominada “promoção do futebol”, levada a cabo pelas sucessivas Direções da Associação na década de 1970.

A constituição da III Divisão Distrital, na época de 1972-73, havia funcionado como o passo decisivo para sustentar este crescimento acentuado e para motivar pequenos clubes (alguns deles de criação recente) a enveredar pelo caminho da filiação. Para além disso, algumas localidades de menor dimensão, que apenas haviam participado nos antigos campeonatos da FNAT, viam agora nesta competição o cenário ideal para poderem prosseguir o seu desenvolvimento. O futebol era cada vez mais de todos e para todos, seguindo o ideário democrático da altura.

A “promoção do futebol”, incentivado pelas Direções da AFC, não se restringiria apenas à III Divisão Distrital, mas também aos escalões de formação, que se tornariam cada vez mais numa aposta dos clubes. A proliferação das equipas seniores levaria muitos jovens, outrora apenas assistentes entusiastas nas bancadas, a procurarem a prática do futebol federado nas suas localidades. A ambição e o incentivo de chegarem um dia aos planceis principais e de serem eles próprios os alvos centrais daquelas emoções, motivava-os a inscreverem-se nos clubes e nos diferentes escalões.

Este crescimento não estaria ainda alheio ao aumento dos incentivos por parte da AFC que foi, de uma forma progressiva, investindo cada vez mais dinheiro (quase todo proveniente das verbas do Totobola) na organização e manutenção destas provas. Os clubes, que durante décadas invocavam razões de ordem financeira para não se inscreverem nestes escalões, viam agora neles, através da múltipla subsídio da AFC, uma oportunidade sem precedentes. Nesta época desportiva mais de 30 clubes filiados inscreveriam jogadores nos escalões de iniciados, juvenis e/ou juniores. Naturalmente que nem todos os clubes, apesar de terem atletas inscritos, o tiveram em número suficiente para constituir uma equipa, mas era uma questão de tempo para se colher frutos da formação num futuro próximo.

Em parte, fomentada por esta promoção e popularização do futebol, a época desportiva de 1975-76 contaria com um total de 54 clubes filiados na AFC, número jamais atingido até então. Mais clubes inscritos gerariam um aumento significativo do número de jogos disputados em cada competição

### **Sabia que...** Campo sem linhas...

O jogo entre o Seixo e o Verride, a contar para a terceira eliminatória do Torneio de Encerramento de Iniciados da AFC, não se realizou devido à falta de marcações no campo.

e conseqüentemente um alargamento do período competitivo global. A época foi tão longa que algumas competições oficiais apenas terminaram em pleno mês de julho de 1976.

## **Novo escalão de iniciados**

Nesta temporada realizar-se-iam, pela primeira vez na história da AFC, provas oficiais no escalão de iniciados masculinos. Como os jovens procuravam principiar, cada vez mais cedo, a prática do futebol, a FPF decidiu introduzir o escalão de iniciados, que passaria a constituir a base da formação. Paulatinamente, já desde a temporada de 1973-74, as associações regionais passaram a receber instruções da Federação sobre esta nova realidade e sobre a necessidade, a bem do futebol, da promoção deste novo escalão junto dos filiados. O incentivo final, por parte do organismo federativo, seria a criação de uma Taça Nacional de Iniciados (para clubes) e de um Encontro Nacional de Iniciados (para seleções distritais). Foi neste contexto, e para responder a esta emergente necessidade, que a AFC realizou nesta época as suas duas primeiras provas oficiais no escalão de iniciados.

O Campeonato Distrital, que apurava o representante da AFC para a Taça Nacional, seria disputado por apenas três equipas: o União de Coimbra e o Clube Académico de Coimbra “A” e “B”. A final (em jogo único) seria disputada no Estádio Municipal de Coimbra, com os

unionistas a vencerem o CAC “A” por 2-1, tornando-se desta forma, oficialmente, no primeiro campeão distrital de Iniciados da AFC.

Entre o final de maio e o início de julho de 1976, a AFC realizaria um torneio aberto de iniciados, concebido especialmente para facilitar a tarefa de constituição de uma seleção distrital. Contou com a presença de um surpreendente número de 12 equipas inscritas. Claramente a promoção do novo escalão começava a surtir efeito e a conhecer resultados práticos. A maior parte das equipas eram dos concelhos de Montemor-o-Velho e de Coimbra, numa prova que seria disputada em três eliminatórias (em regime de concentração) e que seria ganha, uma vez mais, pelo União de Coimbra, que na final, a duas mãos, venceu o Clube Académico de Coimbra “A” por 2-1 e 0-0. Para a história do escalão ficam o nome dos restantes dez contendores: Atlético Clube Montemorense, Centro de Recreio Popular de Formoselha, Seixo Futebol Clube, Casa do Povo de Verride, Clube Desportivo Carapinhense, Grupo Desportivo Eireirense, Academia Arazedense, Gatões Futebol Clube e

Clube Desportivo da Alta. Depois do sucesso desta prova, devido ao número de inscrições, a AFC terá tentado inclusivamente organizar em Coimbra o III Encontro Nacional de Iniciados. Porém, por ter sido uma candidatura tardia e desfasada no tempo, a FPF optou por manter o torneio na cidade de Beja, no Alentejo.

A Seleção de Iniciados da AFC participou em meados de julho no Encontro Nacional da categoria, sendo acompanhada por um elemento da Direção. Este dirigente, ao ser auscultado posteriormente pela Federação sobre a forma como havia decorrido o torneio, acabaria por referir, tal como a maioria dos representantes de outras associações congéneres, de que o mesmo tido muitas lacunas organizacionais, essencialmente a nível logístico. No futuro havia muitos aspetos a melhorar. Contudo, e apesar desse facto, o mais positivo foi o convívio entre os jovens. No final da temporada, e contas feitas, o valor da despesa da AFC com o escalão de iniciados ultrapassaria os 57.000\$00, quantia bastante significativa se tivermos em atenção o facto da época ter começado tardiamente, em março de 1976.



O dirigismo desportivo da década de 1970 foi muito intenso, com a AFC a ultrapassar a barreira dos 50 filiados.

## Cronologia

1975  
76

288

### 1975

- Setembro** O Clube Desportivo Pedrulhense e a União Desportiva e Recreativa de Cernache inscrevem-se na AFC.
- Outubro** Foi contratado um novo funcionário para a Secretaria da AFC.
- Novembro** A AFC decidiu ajudar o filiado Ala-Arriba, que atravessava dificuldades financeiras, adquirindo uma caderneta de 50 bilhetes, no valor de 500\$00, para um sorteio a realizar pelo clube.
- Dezembro** Início do Campeonato Distrital da III Divisão, pela primeira vez com a participação de 11 clubes.

## 1975

Dezembro

Diferendo entre a RTP e a FPF por causa das transmissões televisivas de dois jogos da Seleção Nacional. A FPF autorizou a transmissão televisiva de forma condicionada: no jogo de Alvalade, a RTP não emitiu para Lisboa; no jogo das Antas, não emitiu para o Porto. Tentava, assim, salvaguardar as assistências nos estádios.

## 1976

Fevereiro

A Direção da AFC volta, por via das crescentes necessidades, a remodelar o serviço de Secretaria. Foi estabelecido um contrato com o 3.º secretário, que passou a desempenhar funções a tempo inteiro, com um horário de 40 horas semanais.

Março

Termina, com a vitória do União de Coimbra, o primeiro Campeonato Distrital de Iniciados.

Abril

A AFC acabou por pagar, mediante a prévia apresentação de um recibo, a reparação do automóvel de um árbitro que havia sido apedrejado pelos adeptos.

Maiο

O Ançã Futebol Clube conquistou o Campeonato Distrital da I Divisão. Na II Divisão, o vencedor seria o Grupo Desportivo Buarcos.

Junho

Atendendo ao calor que se fazia sentir, a Direção da AFC deliberou que a partir de meados do mês os jogos oficiais deviam ser disputados a partir das 17h.

Julho

O Atlético Clube Montemorense conquistou o título de Campeão Distrital da III Divisão da AFC. A AFC, para além de felicitar este campeão, explanou numa Ata o seu jubilo pelos títulos conquistados pelo Ançã (I Divisão Distrital), Buarcos (II Divisão Distrital) e pela subida à II Divisão Nacional do União de Coimbra.

# Competições

1975  
76

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Ançã Futebol Clube
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo de Buarcos
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Atlético Clube Montemorense
Campeonato Distrital - Juniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Taça Encerramento - Juniores	Clube Académico de Coimbra
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube Académico de Coimbra
Campeonato Distrital - Iniciados	Clube de Futebol União de Coimbra
Torneio de Iniciados - Iniciados	Clube de Futebol União de Coimbra



# RELATÓRIO E CONTAS

DA

DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE COIMBRA

E

PARECER DO CONSELHO FISCAL

ÉPOCAS DE 1974-75 E 1975-76

NOVEMBRO – 1976

Os relatórios e contas da AFC nesta altura apresentavam o resumo de duas épocas desportivas.

Época 1976  
77

## Formação em alta

Forte aposta na formação. Apoios financeiros e material desportivo por parte da AFC, num claro incentivo a mais clubes criarem escalões de formação. Uma estratégia de sucesso nos juniores, juvenis e iniciados, com a AFC a gastar mais de 700 contos com formação, quase o dobro da época anterior e cinco vezes mais que na década anterior.

**N**o futebol português manteve-se a hegemonia benfiquista. Recordemos que entre 1960 e 1977, os encarnados venceram 14 títulos nacionais em 18 possíveis, ficando os restantes quatro para o rival Sporting CP. Assim, somente clubes de Lisboa foram campeões nacionais neste período, o que demonstrava o enorme fosso competitivo existente entre os dois principais clubes lisboetas e os restantes clubes e regiões. Nesta época, o SL Benfica repetiria um novo “tri” no Campeonato Nacional da I Divisão. Mas esta temporada, de certa forma, também viria a representar o fim de um ciclo, precisamente o da hegemonia benfiquista e de Lisboa na principal competição nacional. O grande rival viria a ser o FC Porto, treinado por José Maria Pedroto, que venceu a Taça de Portugal, alcançando finalmente um título para os portistas – já não venciam nenhuma competição desde 1968 (altura em que conquistaram a Taça de Portugal, também sob a liderança técnica de Pedroto).

O SL Benfica terminou o Campeonato da I Divisão de 1976-77 com 51 pontos, mais nove que o Sporting CP, segundo classificado, e mais dez que o FC Porto. Entre as equipas ditas “pequenas”, o Boavista ficou em quarto lugar, com os mesmos pontos (34) que o Clube Académico de Coimbra (CAC). O representante da AFC falhou, por pouco, uma presença europeia, na Taça UEFA. Ao contrário de outras épocas, a equipa coimbrã conseguiu

manter um bom registo nos jogos fora de Coimbra, obtendo cinco vitórias e dois empates, embora sofresse oito derrotas. Melhor seria a prestação em casa, onde venceu por nove vezes e empatou quatro, padecendo somente duas derrotas.

Fora do eixo Lisboa e Porto, que dominou os primeiros quatro lugares da I Divisão, surgia de seguida Coimbra, o que representava a força e popularidade da modalidade em todo o distrito. O CAC era o seu máximo representante a nível nacional, apresentando um excelente futebol.

**Sabia que...** Para incentivar os escalões de iniciados, a AFC propôs-se oferecer equipamentos completos a todos os filiados que se inscrevessem no Campeonato Distrital da categoria. A promessa foi cumprida e onze equipamentos foram distribuídos pelos dez clubes participantes.

Mas se na I Divisão as coisas correram muito bem, menos positiva seria a prestação na Taça de Portugal, com os academistas a serem eliminados prematuramente pelo Olhanense. Igualmente precoce seria a eliminação do União de Coimbra na prova, afastado pelo SC Leiria e Marrazes na primeira ronda.

Os unionistas, a militar na II Divisão, ficaram num modesto 11.º lugar, com 28 pontos, tendo

sofrido uma “pena” pesada do Conselho Superior de Justiça da FPF, que aplicou ao clube derrotas em quatro encontros (através da aplicação do Acórdão do CSJ da FPF n.º 53 de 13 de maio de 1977).

Nesta temporada sentiram-se também os efeitos da Revolução democrática de 1974. A dinâmica associativa era cada vez mais latente, um pouco por todo o País, com mais clubes a surgirem e a filiarem-se nas associações distritais de futebol. Coimbra seria um excelente exemplo desse movimento associativo e futebolístico, com os efeitos a nível interno (AFC) e em toda a região.

## **18 de agosto, uma Assembleia para a história**

Com o número de clubes filiados em constante crescimento, a Direção da AFC decidiu levar à Assembleia Geral, para discussão e votação, uma proposta de alargamento da II Divisão Distrital e outra que visava o aumento das taxas de filiação dos clubes, de forma aumentar as receitas da instituição e compensar as crescentes despesas. A Assembleia Geral Extraordinária da AFC teria lugar a 18 de agosto de 1976 e seria razoavelmente concorrida, facto que garantiria a priori um elevado grau de legitimação às decisões que dela saíssem.

O presidente da AG, Dr. José Manuel Cardoso da Costa, colocou à discussão o primeiro ponto da Ordem de Trabalhos, que consistia na proposta da Direção em alargar o Campeonato da II Divisão Distrital para 16 clubes, número que correspondia

melhor às solicitações dos clubes, que estavam em crescimento no distrito. A proposta seria votada e aprovada por maioria absoluta, com 72 votos a favor e 64 abstenções (denotando algum ceticismo dos clubes).

Quanto ao segundo ponto (mais polémico, uma vez que envolvia questões orçamentais), relativo à proposta da Direção em aumentar as taxas de inscrição e de filiação de novos clubes na AFC, seria votado contra pela maioria dos presentes, obtendo apenas oito votos a favor. A Direção viu-se assim obrigada a encontrar outro género de receitas, de forma compensar as crescentes despesas da AFC com as competições distritais, que tinham crescido graças à presença de cada vez mais equipas e escalões.

## **Nova organização das competições seniores**

Em consequência da aprovação do alargamento do Campeonato da II Divisão Distrital, de 14 para 16 clubes, a AFC procedeu a uma redefinição orgânica das competições internas, cujas alterações se sentiram, sobretudo, ao nível das subidas e descidas de Divisões.

A I Divisão Distrital manteve o número de participantes (16), tendo-se procedido apenas a alguns reajustes na ocupação das vagas, motivados pelas repescagens do Ala-Arriba e Tabuense que, apesar de desportivamente terem ficado em lugares de descida no Nacional da III Divisão da época

anterior, se mantiveram na prova em virtude de uma reformulação da competição. Sem a confirmação dessas descidas e com as subidas às competições nacionais dos dois primeiros classificados do campeão distrital de 1975-76 (Ançã e Esperança Atlético), transitavam para a presente época 12 primodivisionários. Se a eles juntarmos os dois clubes que subiram do segundo escalão distrital (Buarcos e Nogueirense), o número situava-se em 14 – restavam duas vagas por preencher. E as opções da Direção da AFC para esse duplo preenchimento eram apenas duas: manter os dois clubes que no final da época passada haviam ficado em lugares de descida na I Divisão Distrital (15.º e 16.º) ou subir o 3.º classificado da anterior II Divisão e fazer descer o último classificado da I Divisão. Optou-se pela segunda hipótese, confirmando-se a descida do Vigor (16.º da I Divisão, em 1975-76), a repescagem do Brasfemes (15.º da I Divisão, em 1975-76) e a subida do Fala (3.º da II Divisão, em 1975-76).

A II Divisão Distrital desta época contaria, pela primeira vez, como já referimos, com um total de 16 equipas. O critério adotado para a escolha dos clubes foi precisamente aquele que foi decidido na Assembleia Geral de 18 de agosto de 1975. Transitaram dez equipas da época transata (os classificados entre o 4.º e o 13.º lugares), aos quais se juntaram o Vigor da Juventude (que desceu da I Divisão) e os cinco primeiros classificados da III Divisão de 1975-76, a saber: Montemorense, “Os Águias”, Pedrulhense, São Silvestre e Santana.

Por fim, o Campeonato da III Divisão Distrital teria um total de 19 equipas, o que constituiu

um recorde absoluto (mais oito do que na época anterior). Ficaram divididas em duas séries, a primeira com nove clubes e a segunda com dez clubes, num campeonato disputado em duas fases. A primeira fase serviria para apurar os dois primeiros de cada grupo para a fase final, de onde, por sua vez, se determinaria o vencedor e a outra equipa que ascenderia à II Divisão Distrital.

Em resumo, a reestruturação nos campeonatos internos da AFC permitiu atividade regular a um total de 51 filiados, algo nunca visto na história da Associação. Mas independentemente do número de inscritos nas provas oficiais, o objetivo primordial da Direção da AFC era o de conceder diferentes níveis de exigência em cada um dos escalões e garantir que apenas os melhores subiam ao patamar superior. Na I Divisão Distrital, os dois primeiros subiam à III Divisão Nacional e os dois últimos desciam à II Divisão Distrital. Na II Divisão Distrital, o mesmo cenário, os dois primeiros subiam, os dois últimos desciam à III Divisão Distrital. A III Divisão Distrital, que seria uma prova “aberta”, de número variável conforme a quantidade de inscritos, apenas ascenderiam dois clubes ao escalão superior.

Este sistema era, supostamente, mais exigente. Garantia unicamente a subida de Divisão a dois concorrentes, o que era, na perspetiva dos dirigentes da AFC, o ideal. Em provas longas, com muitas jornadas, as equipas que ficassem nos primeiros lugares das classificações demonstravam assim estar preparadas para os desafios do nível acima, sem se correr o risco da perda de competitividade dos campeonatos. Obviamente que os níveis de exigência eram bastante distintos. A III Divisão Distrital, na

qualidade de prova aberta, receberia antes de mais os novos filiados a quem, naturalmente, não poderiam ser imputadas as mesmas responsabilidades que aos clubes da II Divisão Distrital, que se encontravam num plano intermédio. As maiores obrigações competitivas recaiam nos clubes da I Divisão Distrital, que lutavam para serem representantes da AFC nas provas nacionais.

Feitas as contas, no final da época subiriam à III Divisão Nacional o Grupo Desportivo Carapinheirense (campeão da I Divisão Distrital) e a Associação Desportiva da Tocha (2.º classificado). Subiram à I Divisão Distrital o Clube Desportivo Pedrulhense (campeão da II Divisão Distrital) e o Grupo de Instrução e Recreio Quianense (2.º classificado). E ascenderam à II Divisão Distrital o Gatões Futebol Clube (campeão da III Divisão) e o Grupo Académico do Paço (2.º classificado).

## Mais formação

O número de inscrições nas competições oficiais dos escalões de formação conheceu um acréscimo exponencial nesta época. Na categoria de juniores (última etapa da formação) inscreveram-se no Campeonato Distrital um total de 28 equipas, mais nove do que na temporada anterior. Na primeira fase, as equipas seriam distribuídas por três grupos, um com oito equipas e duas com dez, apurando-se os dois primeiros de cada grupo para uma fase final. Nessa fase decisiva, o título de campeão iria recair sobre o Esperança Atlético Clube que, juntamente com o Grupo Desportivo Sourense, seguiriam para

a prova nacional da categoria, na qualidade de representantes da AFC.

No Distrital de juvenis, o incremento de equipas inscritas foi mais modesto, passando-se de seis (da época anterior) para oito nesta temporada. O Clube Académico de Coimbra e o União de Coimbra dominaram por completo a competição e terminaram com as suas equipas A e B nas quatro primeiras posições, avançando com as suas formações principais para a Taça Nacional.

No escalão de iniciados participaram onze equipas no Distrital de Coimbra, mais oito do que na época transata. A AFC distribuiu os seus filiados em três séries, apurando-se os primeiros classificados de cada série e o melhor segundo de todos os grupos para uma fase final, onde o União de Coimbra viria a bater a concorrência, renovando o título. Seria assim, uma vez mais, o representante da AFC na Taça Nacional da categoria.

As categorias de iniciados e de juniores da AFC terminariam ainda, no que diz respeito às provas organizadas em Coimbra, com a disputa dos respetivos Torneios de Encerramento. Este seriam conquistados pelo Clube Académico de Coimbra (juniores) e Grupo Desportivo da Eireira (iniciados).

No final da temporada, e demonstrando cada vez mais a aposta na formação, a AFC despendeu (entre isenções de taxas, pagamentos de arbitragem, despesas de policiamento, ofertas de equipamentos e subsídios pontuais), só com os escalões de formação, a exorbitância de 739.098\$50. Representava quase o dobro de despesa que na temporada anterior (417.723\$00) e cinco vezes mais do que há uma década.

## Taças FPF

Nesta época desportiva, e pela primeira e única vez na história das competições nacionais, foi disputada a Taça FPF. Esta competição foi instituída pelo organismo federativo com o objetivo de encerrar a época desportiva, mesmo depois da Taça de Portugal, algo inédito até então e que não se voltaria a verificar. A Taça FPF, que na prática eram três troféus com a mesma denominação, seria disputada entre clubes da mesma Divisão e contaria com a presença de quatro representantes da AFC: Clube Académico de Coimbra (Taça FPF, I Divisão); União de Coimbra (Taça FPF, II Divisão); Associação Naval 1.º de Maio (Taça FPF, III Divisão) e Clube de Futebol “Os Marialvas” (Taça FPF, III Divisão).

Na Taça FPF da I Divisão, os 16 clubes do máximo escalão nacional seriam divididos em quatro grupos de quatro equipas, no sistema de todos contra todos a duas voltas, apurando-se o primeiro classificado de cada grupo para as meias-finais da prova. O Clube Académico de Coimbra ficou no segundo lugar do Grupo B, atrás do FC Porto (apurado) e à frente de Beira-Mar e Boavista. Foi assim eliminado da prova de uma forma digna, numa época em que teve um excelente desempenho e terminou no 5.º lugar da I Divisão Nacional, muito perto da qualificação para as competições europeias.

Na Taça FPF da II Divisão, para a qual foram apurados os classificados entre o 3.º e o 10.º lugares

de cada uma das três séries da II Divisão Nacional (os vencedores e os 2.º classificados não participaram na Taça por se encontrarem a disputar a subida à I Divisão), contaria com a presença de 24 clubes, entre os quais o União de Coimbra, 9.º classificado da Zona Centro. O União ficaria colocado num grupo onde o equilíbrio foi a nota dominante, quedando-se pelo último lugar com cinco pontos, a apenas dois do Portalegrense, vencedor do grupo, e a apenas um ponto de distância dos outros dois oponentes, o Peniche e o União de Santarém.

Na Taça FPF da III Divisão participaram igualmente 24 clubes (os classificados entre os 2.º e 5.º lugares de cada uma das seis séries), contando-se entre eles dois representantes da AFC: a Naval 1.º de Maio e o Marialvas, respetivamente 4.º e 5.º colocados na Série C da mesma III Divisão Nacional. Os dois clubes acabaram por ser eliminados da prova, logo na primeira fase, ao terminarem nas duas últimas posições de um grupo dominado pelo Águeda (que seguiu em frente) e do qual fazia ainda parte o Oliveira do Bairro.

Em resumo, esta nova prova da FPF, que encerrava o calendário desportivo nacional no final de junho de 1977, seria conquistada pelo Sporting Clube de Braga (I Divisão), Barreirense (II Divisão) e Bragança (III Divisão). A competição constituiu uma novidade federativa que não voltaria a repetir-se, sobretudo devido ao prolongamento da atividade futebolística em pleno verão.

## Cronologia

1976  
77

298

### 1976

Setembro

Novas filiações na AFC, representativas da dinâmica dos clubes a nível regional, com a vinculação oficial do Clube Académico do Paço, União Desportiva Vilafranquense, Clube de Desportos, Associação Recreativa e Desportiva do Ameal e Recreativo Vasco da Gama. Pouco depois seria a vez do Grupo Desportivo da Ereira e do Botafogo Futebol Clube.

Outubro

A AFC de luto. Nota de profundo pesar pelo falecimento do Dr. Mário Machado, sócio fundador da instituição.

Novembro

Campanha e ofícios da AFC para todos os filiados, tentando motivá-los a inscreverem equipas de iniciados nas provas regionais. O apelo era claro à formação de jovens futebolistas (ainda exclusivo ao setor masculino).

## 1976

### Dezembro

O Clube Académico de Coimbra (CAC) solicitou à AFC, para fazer face às enormes despesas na I Divisão Nacional, um empréstimo de 500.000\$00. Em reunião extraordinária de Direção do organismo, e depois do aval da FPF, a AFC atribuiu esse empréstimo ao seu filiado, através do quinhão a que tinha direito no Totobola. O pagamento do empréstimo seria pago por meio da retenção de 20 por cento do montante líquido resultante dos jogos do CAC.

## 1977

### Janeiro

A Direção da AFC deliberou atribuir um subsídio extraordinário de 5.000\$00 a todos os filiados que inscrevessem equipas no escalão de iniciados.

### Março

Reunião das associações distritais de futebol na sede da FPF, com a AFC a fazer-se representar por vários membros da Direção.

### Abril

Apoio à arbitragem. A AFC atribuiu um subsídio extraordinário de 20.000\$00 à Comissão Regional de Árbitros.

### Maiο

O Clube Desportivo Carapinheirense sagrou-se campeão Distrital da I Divisão, conquistando desta forma a subida à III Divisão Nacional na época seguinte. A Associação Desportiva de Tocha, 2.º classificado, conseguiu igualmente a promoção.

### Junho

O Clube Desportivo Pedrulhense venceu a II Divisão Distrital e o Gatões Futebol Clube a III Distrital. A AFC entregou a Taça de Campeão Distrital de Juniores ao Esperança Atlético Clube, num jogo de homenagem realizado para o efeito.

### Julho

O Tocha contava com uma equipa de futebol feminino (mais não era que a equipa do União de Coimbra), tendo realizado dez encontros entre maio e julho de 1977. Enfrentou clubes como o Boavista, Fafe, Sandim, Feirense, Oliveira do Douro, Arcozelo e Penafiel. A superioridade da equipa coimbrã foi evidente, vencendo sete encontros, empatando dois e perdendo somente uma vez (1-0 frente ao Penafiel).

# Competições

1976  
77

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Carapinheirense
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Pedrulhense
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Gatões Futebol Clube
Campeonato Distrital - Júniores	Esperança Atlético Clube
Taça Encerramento - Júniores	Clube Académico de Coimbra
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube Académico de Coimbra

Mais clubes, mais competições, exigiram mais e melhores árbitros.  
Uma aposta constante da AFC nesta década.



Época 1977  
78

## Menos dívidas, mais Associação

Esforço coletivo para a redução das dívidas dos clubes à AFC. Numa temporada reduziu-se mais de metade da dívida global, que se acumulava época após época. Menos dívidas permitiram maior apoio aos clubes e ao futebol distrital, em especial aos escalões de formação, de onde surgiam novas seleções distritais e novas competições distritais e nacionais.

**O**s efeitos da Revolução do 25 de abril de 1974 continuavam a fazer-se sentir. O processo de descolonização levou, em grande medida, ao fim da relação próxima entre os ditos clubes da Metrópole e os clubes ultramarinos (designações do período fascista), em especial de Angola e Moçambique. Um dos efeitos seria o fim do SL Benfica “só com jogadores portugueses”. Mas não foi uma decisão unânime, sendo precisas três assembleias gerais dos “encarnados” para terminar com essa tradição, extinta a 1 de julho de 1978. Outra tradição, mais recente, seria igualmente rompida em 1977-78, com o FC Porto a sagrar-se campeão nacional após 19 anos de espera. Uma conquista que iria abrir caminho a uma senda de sucessos portistas nas décadas seguintes, assim como a um reequilíbrio de hegemonias no futebol português, com o Porto a conseguir finalmente rivalizar com Lisboa. Uma rivalidade que assumiria a designação de “guerra norte-sul” no futebol português, avivada a norte pelas figuras (portistas) de José Maria Pedroto e Jorge Nuno Pinto da Costa, tendo como principal objetivo rivalizar com o poderio avassalador do SL Benfica nas últimas décadas. Uma “guerra” que teve frutos nesta época, com o FC Porto a sagrar-se campeão nacional, numa luta que durou até à última jornada, terminando “dragões” e “águias” com os mesmos 51 pontos, beneficiando os portistas do melhor goal average.

“Tranquilo” (Santana & Mesquita, 2007, p. 262) seria o trajeto do Clube Académico de Coimbra (CAC) na I Divisão Nacional, terminando num honroso oitavo lugar, a meio da tabela. Mais uma vez tinha valido à equipa coimbrã as prestações em casa, onde obteve nove vitórias e dois empates (com quatro derrotas), denotando muitas fragilidades a jogar fora, sofrendo 11 derrotas e obtendo somente dois empates e duas vitórias. A nível de representatividade e hegemonia regional, Lisboa e Porto continuaram a dominar a competição, mas

**Sabia que...** Totobola e máquinas de lavar roupa... A AFC aproveitou grande parte do dinheiro proveniente do fundo do Totobola para adquirir uma vasta quantidade de sistemas de aquecimento de águas (esquentadores) e máquinas de lavar roupa, para apetrechar os balneários dos clubes.

Braga começava a ganhar expressão, com SC Braga e Vitória SC de Guimarães a ficarem em quarto e sexto lugares, respetivamente. A surpresa da temporada foi claramente o SC Braga, que além do excelente campeonato (4.º lugar) conseguiu atingir as meias-finais da Taça de Portugal, eliminado somente pelo FC Porto, que viria a claudicar na final perante o Sporting CP, vencedor da Taça após duas finais (2-1 na finalíssima de 24 de junho de 1978, com a

primeira final a terminar com um empate 1-1, após o prolongamento – ainda não se aplicava o desempate por penáltis).

Mais modesta seria a prestação das equipas de Coimbra na Taça de Portugal, com a generalidade dos clubes a cair nas primeiras rondas, como o CAC que foi afastado na 2.<sup>a</sup> fase pelo CD Aves. Salvou-se o percurso do União de Coimbra na Taça, que eliminou Lousanense e 1.<sup>o</sup> Maio Sarilhense, caindo na 3.<sup>a</sup> eliminatória frente ao poderoso Sporting CP por 3-0 em Lisboa. Quanto ao Campeonato Nacional da II Divisão, o União ficaria num humilde 12.<sup>o</sup> lugar na Zona Centro, com 29 pontos. Mas apesar deste modestos resultados desportivos, CAC e União continuavam a ser os referentes futebolísticos do distrito.

## Seleção de Iniciados e a formação

A promoção do futebol de formação continuou a ser uma das preocupações prioritárias da AFC. Nesse sentido, e para além de gerir, organizar e diligenciar todas as atividades e competições oficiais das categorias de base, a AFC passou a atribuir uma importância crescente às suas seleções distritais nesses escalões. Nesse sentido, e logo no início da época (final de setembro de 1977), a Direção da AFC recebeu na sua sede o selecionador-coordenador da Seleção de Iniciados, Couceiro Figueira, bem como os colaboradores que o coadjuvavam na tarefa. Naquela ocasião, o selecionador começou por referir-se ao sucesso de dois torneios internacionais realizados no distrito de Coimbra (Praia

da Claridade e Portugal dos Pequenitos), que decorreram dentro das expectativas e foram um importante veículo de promoção e divulgação do futebol de formação. Aludiu ainda para o facto de, nesses torneios, terem sido distribuídos pelas seleções participantes os troféus, medalhas e galardões oferecidos pela AFC, tal como as placas evocativas que se mandaram fazer para os elementos da seleção de Coimbra. Couceiro Figueira apresentou também um plano de trabalho para a presente época desportiva, onde se incluía a participação em torneios nacionais e internacionais da Seleção de Iniciados, a organização de um torneio de seleções concelhias de juvenis ou a participação de uma seleção distrital de juvenis num torneio a realizar na Páscoa.

Pouco tempo depois desta intervenção, mais precisamente em novembro de 1977, e por iniciativa do Atlético Clube Montemorense, realizou-se em Montemor-o-Velho o II Encontro Regional de Iniciados, onde participaram uma apreciável quantidade de clubes de diversas proveniências. A AFC, como não podia deixar de ser, associou-se e patrocinou diretamente a iniciativa, não apenas através de um avultado apoio financeiro, como também na aquisição de troféus e lembranças para os participantes. Concedeu um prémio suplementar (6.000\$00) a todos os clubes participantes que fossem filiados na AFC e se viessem a inscrever no Campeonato Distrital da categoria.

A partir de março de 1978, a Seleção de Iniciados da AFC, que representava inequivocamente a maior expressão deste investimento na promoção do futebol de formação, começaria a sua preparação

para o V Encontro Nacional de Iniciados, a disputar, entre finais de abril e inícios de maio de 1978, em Viana do Castelo. Os treinos da seleção decorreram com a regularidade possível e foram inicialmente agendados pela equipa técnica para as 21H00. Porém, por intervenção e solicitação do Conselho Técnico da AFC, os mesmos acabariam por ser antecipados para as 18h00, de forma a permitir que os jovens atletas regressassem a horas condignas às suas localidades. Graças à boa preparação realizada, a Seleção de Iniciados da AFC conseguiu uma participação meritória nesse torneio, no entanto, mais importante do que a classificação obtida, seria a experiência adquirida pelos jogadores e o convívio e confraternização que os mesmos tiveram com os seus pares, oriundos de diversas proveniências.

Ainda nesta época desportiva, e por solicitação da Delegação de Coimbra da Direção Geral dos Desportos, a AFC e o seu Conselho Técnico estudaram a criação de uma Comissão Técnico-Pedagógica, com competências suficientes para promover, alargar e organizar torneios de futebol jovem e incentivar a formação de árbitros, jogadores, dirigentes, treinadores e monitores. O único entrave que se colocava era a debilidade em que se encontravam a maior parte das instalações desportivas do distrito, o que poderia colocar em causa o trabalho desenvolvido pela Comissão Técnico-Pedagógica. A Direção da AFC, na tentativa de ultrapassar essa debilidade, procurou, dentro das suas limitadas possibilidades, auxiliar os clubes com formação de base, através da oferta de alguns equipamentos de aquecimento de águas e máquinas de lavar roupa. Solicitaria ainda, com

moderado sucesso, a oferta de equipamentos (botas, camisolas, calções, etc.) por parte da Direção Geral dos Desportos.

## Audiências da AFC

Apesar de ser uma prática de anos anteriores, a Direção da AFC passou a responder com maior regularidade às solicitações de audiências dos agentes desportivos. No decurso da época foram mais de uma dezena as audiências concedidas pela Direção da AFC, para debater os mais variados temas do futebol distrital. A audiência era, salvo raras exceções, a última via utilizada por quem as solicitava, depois de se esgotarem, sem sucesso ou sem o devido esclarecimento, outras possibilidades, como a troca de correspondência ou o contacto telefónico.

As audiências tinham lugar, quase sempre, no início ou no final das reuniões ordinárias de Direção, onde, aproveitando a presença de todos os membros decisores, os suplicantes apresentavam os seus argumentos sobre os assuntos que os moviam ou sobre os problemas que os atormentavam e pretendiam ver resolvidos. Nesta temporada, particularmente marcada por vários pedidos de audiência, dominaram, em número e espécie, as chamadas de atenção por parte de clubes sobre as suas precárias situações financeiras e a impossibilidade de cumprirem algumas das suas obrigações. Um dos exemplos foi o Brasfemes, a atravessar uma grave crise financeira. Este clube foi, por isso, um dos mais proeminentes neste tipo de pedidos, efetuando três

ao longo da época. Seguir-se-iam a este género de pedidos as solicitações de audiência para questões relacionadas com decisões de arbitragem e/ou multas e sanções aplicadas.

A Direção, no pleno exercício das suas funções e no absoluto respeito ao determinado nos Estatutos e Regulamentos Gerais da AFC, procurou sempre esclarecer os proponentes da melhor forma, não se coibindo, quando sentiu essa necessidade, de recorrer ao parecer dos órgãos especializados (Conselho Técnico, Comissão Regional de Arbitragem, etc.). As audiências (alturas em que a Direção dava “voz” aos seus filiados e agentes desportivos) viriam para ficar e tornar-se-iam bastante recorrentes nas temporadas seguintes.

## Redução de dívidas

Um dos grandes prolemas de liquidez da AFC estava, há vários anos, relacionado com a crescente dívida dos seus filiados. Esta situação preocupava, de sobremaneira, as sucessivas Direções da AFC que, apesar das inúmeras solicitações de cumprimento das obrigações estabelecidas, continuava a ver os clubes a acumular débitos.

Para mitigar o problema, no início desta temporada, a Direção da AFC apelou ao bom senso de todos os filiados, aconselhando-os a liquidar, parcialmente ou definitivamente, as suas dívidas para com a AFC, de forma a evitar-se a redução ou a suspensão dos subsídios e outras regalias aos clubes por falta de verba disponível. Se os clubes devedores não fizessem um esforço para regularizar a situação

(ou pelo menos para negociar o pagamento faseado da dívida), a Direção da AFC seria obrigada a “reter” dinheiro proveniente do fundo do Totobola e de outros apoios similares, que a confirmar-se, seria bastante penalizador para os clubes. O alerta foi bem acolhido pela maior parte dos clubes filiados que, demonstrando um elevado sentido de responsabilidade e de solidariedade, acabaram por acudir ao pedido da Direção e saldar grande parte das dívidas que tinham com a Associação. No final da época, o pagamento de débitos situou-se em cerca de 310.000\$00, que permitiram reduzir em mais de metade o valor devido nesta rúbrica.

Este encaixe financeiro extraordinário beneficiou não só a AFC, como todos os seus filiados (devido ao aumento do fundo de maneio). Como sinal de reconhecimento e apreço por este esforço coletivo, a Direção da AFC faria questão de registar esta tomada de posição por parte dos seus filiados no Relatório e Contas desta época desportiva. Afinal de contas, estavam todos de parabéns e todos saíam a lucrar.

## Intensa atividade do Conselho Técnico

Este órgão desempenhava uma função de vital importância na estrutura da AFC. Composto por cinco elementos, o Conselho Técnico era responsável, por exemplo, pela vistoria aos campos de jogo do distrito. Esta fiscalização, de extrema importância, era realizada em conjunto com elementos dos corpos gerentes da AFC. Segundo o relatório apresentado nesta época, a maior parte dos

campos de futebol encontravam-se em condições precárias e careciam, para poderem cumprir o regimentado nos Estatutos e Regulamentos de Provas, de intervenções urgentes de construção, reabilitação, reutilização e/ou adaptação de espaços. Apenas uma pequena minoria de campos cumpria as normas de segurança regulamentares, recintos esses que pertenciam aos clubes de maior nomeada, os únicos que conseguiam, fruto das suas receitas (ainda que diminutas), fazer a manutenção e melhoria dos respetivos campos.

Outra função do Conselho Técnico era o de emitir um parecer sobre os protestos apresentados pelos clubes nas competições oficiais da AFC. Entre maio de 1977 e julho de 1978, este órgão analisou 16 protestos, que representaria, em média, mais de uma incidência por mês. Na verdade, a distribuição mensal não era equitativa, bem pelo contrário, existindo uma altura onde o número de protestos subia desmesuradamente. Falamos dos meses de maio e junho, no encerramento da época, onde, por ser o período de todas as decisões das provas, o número de protestos subia consideravelmente.

A esmagadora maioria dos protestos analisados tinha uma resolução simples: ou não eram con-

siderados (por serem infundados ou claramente injustificados) ou eram julgados improcedentes. Os poucos protestos considerados procedentes prendiam-se, quase sempre, com a utilização indevida de jogadores – ou por estarem a cumprir castigo ou por não se encontrarem devidamente inscritos.

Para além desta atividade, que podemos considerar como ordinária, o Conselho Técnico era ainda chamado, várias vezes por época, para emitir pareceres técnicos sobre vários assuntos. Nestes casos, e sempre que a Direção considerava necessário recorrer àquele organismo, remetia-lhes a informação e esperava que o Conselho analisasse, ponderasse e emitisse um parecer (favorável ou não) sobre o mesmo. Foi exatamente isso que aconteceu nesta temporada em relação ao programa de preparação a adotar para o V Encontro Nacional de Iniciados e sobre a viabilidade de constituição de uma Comissão Técnica-Pedagógica juvenil.

Em ambos os casos, depois de uma análise ponderada e de um relatório exaustivo, o parecer do Conselho Técnico foi positivo. A Direção, como quase sempre nestes casos, seguiu as orientações indicadas nos pareceres.

## Cronologia

1977  
78

308

### 1977

Setembro

A Seleção de Iniciados da AFC, depois de devidamente autorizada pela Direção, marcou presença no Torneio Internacional da Praia da Claridade, na Figueira da Foz.

Outubro

Foi estabelecido o montante mínimo de 200\$00 a aplicar aos atletas, treinadores, dirigentes e clubes que recebessem multas na sequência de ocorrências registadas em provas oficiais da AFC.

Novembro

Organizou-se o II Encontro de Seleções Regionais de Iniciados, em Montemor-o-Velho.

Dezembro

Voto de pesar da AFC pelo falecimento do Dr. Amadeu Rodrigues, um dos grandes difusores do desporto e do futebol conimbricense, ao longo de décadas. O antigo diretor do jornal *A Voz Desportiva* deixava saudades.

## 1978

- Janeiro** Alargamento do horário de funcionamento da secretaria da AFC. Passava a estar aberta também aos sábados.
- Fevereiro** Ofício da FPF onde é formalizado um convite à AFC para a apresentação da sua Seleção de Iniciados no Encontro Nacional da categoria desse ano, a realizar em Viana do Castelo. O mesmo ofício questionou a AFC sobre a disponibilidade em receber um dos jogos particulares a realizar pelo Seleção Nacional de Juniores, na preparação para o Europeu da categoria. A AFC demonstrou interesse em ambas solicitações.
- Março** A AFC passou a fazer a assinatura dos jornais *A Bola* e *Mundo Desportivo*, para se manter informada sobre a atualidade desportiva nacional.
- Abril** A Seleção de Iniciados da AFC participou no V Encontro Nacional de Iniciados, em Viana do Castelo.
- A AFC emitiu um parecer sobre a possibilidade de organização da segunda edição da Taça FPF, considerando-a como inexecutável por não ter qualquer utilidade desportiva. Acabou por ser extinta.
- Maiο** O Quaios Clube venceu do Campeonato Distrital da I Divisão da AFC, ascendendo à III Divisão Nacional. O Clube Atlético do Paço conquistou o título da II Divisão Distrital.
- Junho** O Sanjoanense Atlético Clube sagrou-se campeão Distrital da III Divisão da AFC.

# Competições

1977  
78

310

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Quiaios Clube
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Clube Académico do Paço
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Sanjoanense Atlético Clube
Taça de Honra - Seniores	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Juniores	Clube Futebol "Os Marialvas"
Taça Encerramento - Juniores	Grupo Desportivo de Buarcos
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça Encerramento - Juvenis	Atlético Clube Montemorense
Taça Encerramento - Iniciados	Associação Desportiva Souselas



Após um arranque promissor em 1972, o futebol feminino estagnou em 1977, com o União a não realizar qualquer encontro. Retomou atividade em maio de 1978, com novo fulgor.

Época 1978  
79

## Festa na Figueira, lágrimas em Coimbra

Época de novo recorde de filiados da AFC e aquela em que Coimbra deixaria de ter um representante na I Divisão Nacional, para enorme tristeza da cidade e região. A festa fez-se na Figueira da Foz, com a subida da Naval à II Divisão Nacional. Controverso seria o processo de transferência de poderes e de autonomia da arbitragem, numa transição polémica para a alçada das associações distritais e da Federação.

**C**omeçava-se a confirmar uma tendência que se fazia sentir desde meados da década de 1970, com o acentuar do papel dos clubes do norte do País na principal prova nacional. Eram cada vez mais os clubes da região norte a militar na I Divisão Nacional e os resultados desportivos eram cada vez melhores. A Grande Lisboa, tradicionalmente a região dominadora do futebol português, começava a perder gradualmente essa hegemonia.

O FC Porto assumia-se como o máximo representante da região norte, bisando na prova com a conquista do título nacional em 1978-79, superando o SL Benfica em mais um ponto (50 dos portistas contra 49 dos benfiquistas). Seguiu-se na tabela classificativa o terceiro “grande”, o Sporting CP, com 42 pontos. E nos lugares seguintes, três equipas nortenhas: SC Braga (4.º), Varzim (5.º) e Vitória SC de Guimarães (6.º). A isto há que juntar a conquista da Taça de Portugal por um clube do norte, o portuense Boavista, que viria igualmente a vencer a edição inaugural (oficiosa) da Supertaça. Do ponto de vista da geografia do futebol português, recordemos que no fundo da tabela classificativa da I Divisão ficaram os representantes de Viseu (Académico, último classificado) e Coimbra (CAC,

penúltimo lugar), que denotaram claramente incapacidade para militar no escalão maior do futebol nacional.

### **Alegria na Figueira, tristeza em Coimbra**

A performance dos representantes da AFC nas competições nacionais desta época seria bastante díspar. Na I Divisão Nacional, o Clube Académico de Coimbra (CAC), depois de um campeonato bastante abaixo das expetativas, ficaria no 15.º e penúltimo lugar da classificação (com 18 pontos), sendo despromovido à II Divisão Nacional. Em 30 jornadas da prova, o CAC não foi além de cinco vitórias (todas em casa), oito empates e 17 derrotas (só o último classificado, o Académico de Viseu, sofreu mais derrotas, 24), obtendo um goal average de 20 golos marcados e 41 sofridos. O CAC descia de Divisão, após cinco anos com esta nova nomenclatura. Em parte, este insucesso deveu-se à saída de vários jogadores influentes, cobiçados por clubes maiores do futebol português, e às várias lesões que foram afetando os melhores futebolistas da equipa ao longo da temporada.

**Sabia que...** Disciplina para Coimbra. A Seleção de Iniciados de Coimbra, apesar de não ter terminado nos lugares cimeiros do Torneio Dia Olímpico, realizado para promover os ideais olímpicos em Portugal, conquistou, pela sua dignidade e exemplar correção, a Taça Disciplina.

Quanto ao outro clube histórico de Coimbra, o União, faria um percurso tranquilo na II Divisão Nacional, obtendo um modesto 8.º lugar na Zona Centro, garantindo assim, sem grandes sobressaltos, a manutenção. Mas a descida de Divisão do CAC ensombrou o futebol na cidade e em todo o distrito – só se salvou a participação na Taça de Portugal, em que o CAC atingiu os quartos de final, onde foi afastado pelo Boavista que acabaria por vencer a prova (bateu na finalíssima o Sporting CP por 1-0, após empate na primeira final a uma bola).

Relativamente à III Divisão Nacional, quatro clubes da AFC estavam integrados na Série C, onde Ançã (7.º), Febres (10.º) e UD Tocha (11.º) garantiram a manutenção e onde o Quiaios (16.º) seria despromovido ao Distrital. Porém, o grande destaque iria para a sensacional caminhada da Associação Naval 1.º de Maio, que apenas terminaria na promoção à II Divisão Nacional. Os figueirenses, que apenas seriam suplantados na classificação pelo GD Mangualde (que terminou com os mesmos 41 pontos, mas com vantagem no confronto direto), conseguiriam um brilhante segundo lugar, suficiente para fazer a festa na Figueira da Foz e garantir a tão desejada subida à II Divisão Nacional.

Com estes desfechos, na temporada seguinte, a AFC ficaria sem representantes no máximo escalão nacional, mas, em contrapartida, teria uma representação reforçada na II Divisão Nacional, com a presença de três filiados. CAC, União de Coimbra e Naval 1.º de Maio, rivais de longa data e aqueles que provavelmente mais gente moviam à sua volta no distrito, voltariam a digladiar-se entre si e a representar ao mais alto nível a AFC

nas competições nacionais. Mas Coimbra deixava de ter um representante no escalão maior do futebol português, o que só esporadicamente havia sucedido desde a criação da prova, em meados dos anos 1930.

## **Novo recorde de filiados**

Mais uma época, mais um recorde de filiados. O número de clubes inscritos na AFC não parava de crescer, atingindo os 77. Este aumento abrupto do número de clubes gerou uma preocupação permanente na Direção da AFC, sobretudo no que diz respeito ao serviço de secretaria e ao pessoal administrativo a ela afeto. Os recursos humanos eram cada vez mais escassos para fazer face ao enorme expediente e às necessidades de uma Associação em franco desenvolvimento. No decorrer da época houve necessidade de voltar a reforçar os quadros de secretaria, fazer reajustamentos no número de horas de trabalho dos funcionários, reforçar os serviços de contabilidade, ou seja, uma atualização constante, numa secretaria sempre movimentada.

A nível competitivo, o destaque foi para a incrível inscrição de 70 equipas nas provas oficiais de seniores da AFC. Como a I Divisão e a II Divisão Distritais estavam restringidas a 16 concorrentes cada, a III Divisão Distrital, na qualidade de prova aberta, acabaria por ser disputada por um total de 38 clubes, número verdadeiramente impressionante. A I Divisão de seniores da AFC adotaria o modelo das últimas épocas: os dois primeiros subiam à III Divisão Nacional e os dois últimos desciam à

II Divisão Distrital. O histórico Marialvas sagrou-se campeão e voltaria às provas nacionais (de onde descera na temporada anterior), sendo acompanhado pelo surpreendente Clube Desportivo Carapinheirense, que terminou na segunda posição. Quianense e Sourense, os dois últimos classificados, desceriam para a II Divisão Distrital.

Iriam subir um total de três equipas à II Divisão Distrital, na circunstância o Touring Club da Praia de Mira (campeão), o União Futebol Clube (2.º classificado) e o Clube Atlético Pereirense, que ascendeu na qualidade de repescado, em virtude de apenas um representante da AFC ter descido da III Divisão Nacional nesta época (o Quiaios). Para a III Divisão Distrital da próxima época iriam descer o Vila Pouca e a Associação Desportiva da Fala.

A Direção da AFC, depois de consultar o Conselho Técnico, decidiu no início da época de 1978-79 dividir a III Divisão Distrital em quatro séries, com três séries de dez equipas e uma série de oito, conciliando assim a presença de 38 clubes na prova. Os primeiros classificados de cada série disputariam posteriormente a subida à II Divisão Distrital. No final da fase regular, os vencedores das quatro séries seriam: a União Desportiva Lorvanense (A); o Juventude D.R. de Arzila (B); o Grupo Desportivo Ferreirense (C); e o Clube Recreativo da Praia da Leirosa (D). Quando começou a fase final da prova já se sabia que seriam três os clubes promovidos à II Divisão Distrital (devido à subida de três equipas da II para a I Divisão Distrital) e que apenas uma das quatro equipas em disputa nesse minicampeonato ficaria de fora. No final das contas, o Clube Recreativo da Praia da Leirosa

sagrar-se-ia campeão do mais concorrido campeonato da III Divisão da AFC até então realizado e, no polo oposto, a equipa de Arzila seria a única a não conseguir a promoção ao segundo escalão distrital na época seguinte.

Se às 70 equipas que estiveram presentes em todas as provas distritais juntarmos as sete que participaram nas provas nacionais da presente temporada (I Divisão, com CAC; II Divisão, União de Coimbra; e III Divisão, Naval, Ançã, Febres, Tocha e Quiaios), verificamos que um total de 77 clubes filiados na AFC participaram em competições oficiais de seniores numa única época. Estes números são ainda mais impressionantes se tivermos em atenção que no espaço de apenas uma década o número de filiados nestas condições passou de 30 (1968-69) para 77 em 1978-79.

## Arbitragem em polémica

As questões organizativas da arbitragem portuguesa estiveram em destaque nesta temporada. A polémica portaria 17/79 de 12 de janeiro de 1979 visava a integração das antigas Comissões Regionais de Árbitros na Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e nas associações distritais. Assim, no caso específico de Coimbra, a Comissão Regional de Arbitragem deveria transitar, ao abrigo dessa portaria, para a posse da AFC. Para dar resposta a esta imposição, a Direção da AFC convocou de imediato uma reunião extraordinária para o dia 23 de janeiro de 1979, para a qual foram convidados os membros que iriam constituir a Comissão de

Gestão-Provisória do Conselho de Arbitragem da AFC. Dessa reunião saíram três importantes deliberações: 1.<sup>a</sup> a passagem do arrendamento da Casa dos Árbitros e de todo o recheio da mesma para a responsabilidade da AFC; 2.<sup>a</sup> o pagamento por parte da AFC de 25.000\$00 que se encontravam em atraso à Comissão Regional de Arbitragem (CRA); 3.<sup>a</sup> o agendamento da destituição oficial da CRA. Relativamente a este último ponto, o mesmo viria a efetivar-se a 2 de fevereiro de 1979, altura em que na Casa dos Árbitros da AFC foi destituída oficialmente a Comissão Regional de Arbitragem e feita a transferência de poderes para a Direção da AFC, conjuntamente com todos os seus bens móveis, contas, instalações e a gestão da arbitragem. Entraria ainda, neste mesmo dia, legalmente em funções, a Comissão Provisória de Gestão de Árbitros da AFC que se faria representar nessa ocasião pelos membros Marcos Antunes Castro Franco, José Cardoso Póvoa e Artur Simões da Costa. Na Assembleia Geral da AFC de 9 de fevereiro de 1979 seria aprovada a revisão dos Estatutos da AFC, que passaram a integrar o Conselho de Arbitragem como órgão da Associação.

Mas a transferência não foi tão pacífica quanto se projetava e a Comissão do Conselho de Arbitragem da AFC, como passou a designar-se, começou a solicitar várias audiências à Direção, onde foram apresentadas diversas reivindicações dos árbitros. Uma das audiências mais impactantes seria a 21 de fevereiro de 1979, onde a referida Comissão solicitou à Direção que patrocinasse na integra os cursos de árbitros que se planeavam realizar brevemente em Arganil, Cantanhede e Figueira

da Foz. Pediu-se ainda à Direção que intercedesse junto da FPF para possibilitar que os árbitros sem atividade pudessem assistir aos jogos que se realizassem no Estádio Municipal de Coimbra e se pudessem sentar na bancada central e não numa das bancadas periféricas, como até aí acontecia. E sugeriu, por último, que a Direção mudasse os jogos da III Divisão Distrital para os sábados ou domingos de manhã, por ser impossível acudir a todas as solicitações ao mesmo tempo, por falta de recursos humanos (árbitros) qualificados. Nem todos os pedidos seriam deferidos pela Direção que, ainda assim, na medida do possível, foi tentando satisfazer algumas das pretensões dos árbitros. No mês de março, para ser possível atender a todas as necessidades correntes, a AFC contrataria um secretário-estagiário para exercer funções, em regime de exclusividade, no Conselho de Arbitragem da AFC.

Mas a insatisfação dos árbitros com a ausência de autonomia era latente a nível nacional e regional. Levaria mesmo a Comissão de Gestão do Conselho de Arbitragem da FPF a apresentar, junto daquele organismo, um pedido de demissão em bloco. Na sequência, a Comissão de Arbitragem de Coimbra terá solicitado uma audiência à Direção da AFC, onde demonstrou total solidariedade com a sua homóloga demissionária e onde apresentou igualmente a demissão. No entanto, devido às excelentes relações e à máxima estima que tinham pela Direção da AFC, comprometeram-se a continuar em funções até à nomeação de uma nova comissão ou até ser encontrada uma solução parcimoniosa para esta questão.

A instabilidade que se vivia a nível nacional com estas mudanças, que segundo os árbitros tinham sido bastante negativas e pouco proveitosas para a classe, levaria à criação de uma Associação Portuguesa de Árbitros (APA) que englobava, não só os árbitros de futebol, como de outras modalidades desportivas. Entre os dias 11 e 12 de maio de 1979, com a presença de 75 árbitros, realizar-se-ia a Assembleia Constituinte da APA e a 22 de junho confirmada a posse dos primeiros corpos gerentes da mesma. Apesar deste facto, em julho de 1979, no final da época desportiva em curso, e apesar da demissão de mais um elemento do Conselho de Arbitragem da AFC (que alegou a sua ligação ao União de Coimbra como fator que motivou essa recusa), o Conselho manteve-se em funções e projetou a criação de uma nova Comissão de Gestão para 1979-80.

### **Futebol feminino, um balanço**

Anualmente, a 23 de março, a secção de futebol feminino do União de Coimbra comemorava o seu aniversário. Em 1979 fazia sete anos de existência, tendo sido criada em 1972. A 29 de março de 1979, o *Diário de Coimbra* publicou uma extensa entrevista com César Sobral, responsável da secção, que fez um balanço da temporada ao jornalista António Alberto. A época, segundo o dirigente unionista, foi “francamente positiva”, tendo “valido a pena” à

equipa do União ter entrado no I Encontro Nacional de Futebol Feminino. Nos 14 jogos realizados na competição, nas Zonas Centro e Norte, as jogadoras do União venceram por 11 vezes, sofrendo unicamente três derrotas, tendo marcado 42 golos. Mais forte que as unionistas somente o Boavista, que conquistou “muito merecidamente o 1.º lugar” da prova. Segundo César Sobral, “se até à época de 1976 a equipa do União era a melhor, na época finda a superioridade do Boavista era incontestável”.

O dirigente esclareceu que durante a época chegou a contar com 21 jogadoras, mas saíram seis, tendo entrado três novos elementos. A dificuldade prendia-se, claramente, com as dificuldades de “recrutamento de novos reforços”. Sobral chegou mesmo a fazer um apelo no jornal: “Aproveito até o ensejo para pedir às moças que queiram praticar futebol, que se dirijam ao campo da Arregaça ou à sede do clube”.

Entre agosto de 1978 e agosto de 1979, a equipa feminina do União realizou um total de 27 encontros, sofrendo somente três derrotas, contra Boavista (duas) e Oliveira do Douro, e um empate, frente ao Boavista (4-4). Goleadas foram várias, com as unionistas a baterem facilmente equipas como o Cernache (10-0), Souselas (12-0), Santa Comba (12-1 ou 15-0) ou o Nelas (12-0). Realmente a única equipa que conseguia rivalizar com o União era o Boavista, com resultados sempre muito apertados, independentemente do local dos encontros.

## Cronologia

1978  
79

318

### 1978

Setembro

Devido ao enorme número de protestos de jogos nas épocas anteriores, a maior parte deles improcedentes ou injustificados, a AFC decidiu aumentar o valor da caução aos requerentes. Os valores passaram a situar-se entre os 2.000\$00 (juniores) e os 5.000\$00 (I Divisão Distrital). Se o processo fosse indeferido, o valor da caução ficaria na posse da AFC.

Outubro

A AFC atribuiu um subsídio extraordinário de 10.000\$00 à Naval 1.º de Maio para ajudas de custo e de organização do Torneio Internacional da Praia da Claridade.

Novembro

Apoio de 10.000\$00 da AFC à Associação Desportiva de Poiares, destinado à compra de lâmpadas para iluminação do seu campo de futebol.

Dezembro

No rescaldo de uma reunião entre as associações distritais e a FPF, o representante da AFC informou os demais membros da Direção que se decidiu integrar os árbitros, assim que possível, na FPF e nas associações distritais.

## 1979

- Janeiro** O União de Coimbra havia iniciado a construção de uma garagem para guardar o autocarro do clube. No entanto, o valor orçado para conclusão das obras não estava disponível nos seus cofres. Solicitou à AFC, para a terminar a empreitada, um empréstimo de 100.000\$00, que seria pago em dez prestações de 10.000\$00. A Direção da AFC concedeu o empréstimo.
- Fevereiro** Os bens móveis, as contas, as instalações e a gestão da arbitragem foi oficialmente entregue pela Comissão Regional de Arbitragem à AFC, que criou para o efeito uma Comissão de Gestão do Conselho de Arbitragem.
- Abril** A arbitragem e a respetiva Comissão Regional deixaram a AFC e passaram para o domínio da FPF.
- Maiο** O Marialvas sagrou-se campeão da I Divisão Distrital de Coimbra e garantiu o regresso às competições nacionais. O Touring Clube da Praia de Mira conquistou o título da II Divisão Distrital.
- Junho** A Naval 1.º de Maio venceu a Série C da III Divisão Nacional e conquistou a subida à II Divisão Nacional.
- O Clube Académico de Coimbra, depois de uma excelente carreira na prova, foi eliminado nos quartos de final da Taça de Portugal pelo Boavista. Os boavisteiros seriam os futuros vencedores da competição.
- O Clube Recreativo da Praia da Leirosa sagrou-se campeão da III Divisão Distrital.
- Agosto** Disputou-se no dia 17, no Estádio das Antas, da edição (oficiosa) inaugural da Supertaça, com o Boavista (vencedor da Taça) a bater o FC Porto (campeão nacional) por 2-1.

# Competições

1978  
79

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Clube Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Touring Clube da Praia de Mira
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Clube Recreativo da Praia da Leirosa
Campeonato Distrital - Júniores	União Desportiva e Recreativa de Cernache
Taça Encerramento - Júniores	Clube Académico de Coimbra
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça Encerramento - Juvenis	Associação Naval 1.º de Maio



Em março de 1979, a secção de futebol feminino do União de Coimbra comemorou o 7.º aniversário. Discursou a capitã de equipa, Maria de Lurdes Fernandes.

Época 1979  
80

## Coimbra no feminino

Poucas foram as vezes que Coimbra não teve representante na I Divisão. Mas contou com três clubes na II Divisão, o que era um dado histórico. Um deles, o CAC, conseguiu voltar a subir ao escalão maior do futebol português. A modalidade continuou a crescer no distrito, assim como as despesas da AFC e o seu investimento na melhoria das condições dos clubes e campos. E Coimbra assumia-se na vanguarda do futebol feminino, através do União.

**E**sta foi uma das poucas épocas em que Coimbra não esteve representada na I Divisão Nacional. Dominou a prova o eixo geográfico (e clássico) formado por Lisboa e Porto, com o Sporting CP a sagrar-se campeão nacional com 52 pontos, mais dois do que o FC Porto (.2º), ficando o SL Benfica em 3.º (45 pontos), Boavista em 4.º (37) e Belenenses em 5.º (34). Cinco clubes originários, precisamente, do eixo Lisboa-Porto. O mesmo sucederia na Taça de Portugal, cuja final seria disputada entre SL Benfica e FC Porto, com vitória “encarnada” por 1-0. Mas esta última competição, devido ao formato a eliminar a um só jogo, permitiu que outros clubes, “pequenos” e de outras regiões, conseguissem rivalizar com os “grandes” de Lisboa e Porto, como foram os casos do Varzim e Marítimo, presentes nas meias-finais, ou do Beira-Mar e Bragança, por exemplo, presentes nos quartos de final.

Coimbra teria uma prestação muito modesta na Taça de Portugal, com o União a ser afastado na primeira eliminatória da segunda fase (pelo Alba, 3-0) e o CAC foi eliminado na segunda eliminatória da segunda fase, frente ao Varzim, no jogo de desempate (1-0, após empate 0-0 no primeiro encontro). Melhor estaria o Marialvas, que chegou aos oitavos de final, onde caiu perante o primodivisionário Marítimo (2-0) – pelo caminho tinha afastado o Sp. Ideal (Açores), Alba, Cova da Piedade e Campomaiorense.

## Entre o céu e o inferno da II Divisão

Pela primeira vez na sua história, a AFC teve três representantes na II Divisão Nacional: o Clube Académico de Coimbra (CAC), o Clube de Futebol União de Coimbra e a Associação Naval 1.º de Maio. Integrados na Zona Centro da competição (existiam mais duas zonas, Norte e Sul), os filiados da AFC teriam, contudo, trajetos muito diferentes.

O CAC (designação oficial que, tal como explicámos anteriormente, então se dava à antiga Associação Académica de Coimbra) faria uma prova regularíssima, mantendo-se na primeira posição e sem qualquer derrota averbada até à 24.ª jornada, altura em que perdeu em casa com o Académico de Viseu. Daí até final, o campeonato seria relançado e a Zona Centro assistiria a uma verdadeira disputa a dois, entre os “académicos” de Coimbra e os de Viseu, para a ambicionada subida à I Divisão Nacional. No final da prova, os conimbricenses, que

**Sabia que...** O futebol feminino ainda não era federado em 1980. A equipa feminina do União de Coimbra treinava uma vez por semana e como prémio tinha um lanche. Mas o apoio da massa associativa era constante, acarinhando a secção e a sua equipa, que habitualmente contava com cerca de 15 a 20 jogadoras no plantel.

nunca cederam à pressão, acabaram por conquistar o primeiro lugar, com 47 pontos, mais um que o Académico de Viseu, garantindo desta forma a promoção ao primeiro escalão e a disputa do título de campeão da segunda categoria. Na fase final da prova, para apurar campeão e já com o regresso à I Divisão assegurado, o CAC acabaria por ficar na segunda posição, à frente do Penafiel (vencedor da Zona Norte) e atrás do Amora (vencedor da Zona Sul), que se sagrou campeão da II Divisão Nacional nesta época. O CAC era vice-campeão. Coimbra e a AFC passavam novamente a contar com uma equipa na principal prova nacional, com o regresso do CAC à I Divisão em 1980-81.

No lado diametralmente oposto, União de Coimbra e Naval 1.º de Maio teriam um campeonato da II Divisão bastante sofrível que terminaria com a descida de ambos à III Divisão Nacional. Os unionistas estiveram o campeonato praticamente todo ligeiramente abaixo da “linha de água”, entre a 13.ª e a 14.ª posições, a pouca distância do desejado lugar de manutenção (12.º). À partida para a última jornada, o União encontrava-se no 13.º lugar com menos dois pontos do que o União de Santarém, adversário direto na luta pela permanência. Foi nesta situação aflitiva, mas que acalentava ainda algumas esperanças de permanência, que o União se deslocou às Caldas da Rainha, onde só a vitória interessava. No final, o empate 1-1 que se registou, acabou por ditar o amargo desfecho da descida para o filiado da AFC. O clube viria também a ser punido pela FPF com três jogos de interdição do Estádio Municipal de Coimbra, devido a uma invasão de campo no encontro contra o CAC.

Por seu turno, a Naval 1.º de Maio terminou no último lugar da II Divisão Nacional, posição que ocupou ao longo de toda a competição. O baixo orçamento dos figueirenses e a consequente aposta na juventude e em jogadores locais acabaram por ditar este desfecho anunciado. As quatro vitórias caseiras consecutivas no final do campeonato acabaram por servir, apenas, como um prémio de consolação para a equipa da Figueira da Foz.

Em resumo, depois de uma época empolgante na II Divisão Nacional, em que teve três filiados, a AFC ficaria assim sem qualquer representante nesta competição na temporada seguinte. CAC estaria na I Divisão Nacional enquanto União e Naval desciam à III Divisão.

## **Mil contos para despesas com pessoal**

As despesas administrativas da AFC atingiram uma dimensão extraordinária e quase insustentável. Nesta época, só em remunerações, gratificações, subsídios, encargos sociais e seguros de acidentes de trabalho foram despendidos pela AFC mais de 1.000.000\$00 (mil contos) com os funcionários administrativos, uma verdadeira exorbitância. Se a estes juntarmos os cerca de 66.735\$00 gastos com colaboradores eventuais, que vieram reforçar provisoriamente os serviços de secretaria a partir de janeiro de 1980, a quantia despendida torna-se ainda mais significativa.

Aos encargos com pessoal havia ainda que juntar todo o material de escritório adquirido, assim

como a água, a renda, as despesas com material de higiene e com o conforto ou reparação e conservação do edifício da sede e, ainda, as despesas de comunicação (telefone, cartas, selos, etc.), num total de mais de 1.650.000\$00. Deste modo, o crescimento exponencial deste tipo de despesas começava a preocupar seriamente a Direção da AFC, cada vez mais apreensiva em relação à sua sustentabilidade financeira.

Se por um lado, o aumento destas despesas estava diretamente relacionado com a resposta ao crescente, e salutar, número de novas filiações (que provocavam um consequente aumento das necessidades de secretaria e administração), por outro colocavam seriamente em perigo o equilíbrio financeiro da própria Associação. Por esse motivo, a Direção, que chegou a equacionar a contratação de um contabilista a tempo inteiro, acabou por recuar nessa intenção e manteve em funções um contabilista tarefeiro, por falta de verbas para o efeito. Decidiu ainda, depois de considerar como insustentável a contratação de mais recursos humanos, que o futuro próximo teria de passar pela aposta na informatização dos serviços de secretaria e contabilidade. A compra de material informático de apoio a estes serviços seria dispendiosa, mas esperava-se que fosse altamente compensadora a curto prazo, por apetrechar aqueles espaços de novos instrumentos de trabalho, que muito facilitariam a tarefa dos funcionários. O crescimento e popularidade do futebol distrital ditavam novos desafios à Associação, quer do ponto de vista financeiro quer logístico e administrativo.

## Melhoramentos nos campos

Consciente das grandes lacunas existentes ao nível das infraestruturas desportivas, bem como das enormes dificuldades financeiras que atravessavam a maior parte dos seus filiados, a AFC concedeu, como nunca até então, sucessivos apoios para melhorias dos campos de futebol no distrito. Uma das primeiras medidas foi a aquisição de 16 esquentadores para apetrecharem os balneários de outros tantos clubes filiados. Esta ajuda resultou num avultado investimento por parte da AFC, ao todo foram mais de 128.000\$00 escudos despendidos com a aquisição destes equipamentos e respetivas instalações. A maior parte da verba alocada a este melhoramento, que havia tido a sua primeira fase na época transata, foi proveniente do fundo do Totobola.

Seguiram-se novos subsídios extraordinários para melhoramentos nos campos, na eletrificação e nas reparações de balneários e de infraestruturas de apoio à prática desportiva. Contas feitas, foram mais de 50.000\$00 gastos nesta rúbrica, com destaque para os apoios concedidos pela AFC aos filiados Ulmeirense, Oliveira do Hospital e Gatões Futebol Clube. Houve ainda necessidade de auxiliar alguns filiados em necessidades diferenciadas, como o União de Coimbra (aquisição de uma máquina de secar roupa para a lavandaria) ou a Naval 1.º de Maio (aparelho de ultrassons para equipar o posto médico do clube). Foram ainda concedidos subsídios extraordinários a filiados que fizeram obras gerais de beneficiação nos seus recintos, tais

como o Touring Clube da Praia de Mira, o Quiaios Clube ou o Clube Académico do Paço.

Em tergos gerais, estes apoios ultrapassaram os 427.793\$00 escudos, quantia bastante considerável para uma Associação cada vez mais limitada nas suas operações orçamentais. Com o aumento exponencial do número de clubes filiados e as constantes necessidades de reforço do quadro de pessoal (o que fez aumentar, e muito, as despesas correntes da instituição) foi de salutar este gesto altruísta por parte da Direção em auxiliar os clubes nestas importantes rúbricas, promovendo uma melhoria dos campos, quer para os clubes e jogadores, quer para o público. O futebol entrava num claro processo de modernização, embora a ritmo lento, dadas as limitações financeiras da AFC e clubes.

## **Futebol feminino, na vanguarda**

Inspirada pelo assinalável percurso de promoção do futebol feminino, desenvolvido ao longo desta década (desde a criação da secção em 1972) pelo filiado União de Coimbra, a Direção da AFC decidiu, dentro das suas possibilidades, associar-se à causa, ajudando a divulgar e disseminar a sua prática entre as jovens do distrito e entre os clubes. Empenhada nesta missão, a Direção da AFC comprometeu-se em promover esta prática junto dos filiados e em organizar a breve trecho aquele que seria o primeiro Campeonato Distrital de futebol feminino em Portugal.

Para além disso, e na tentativa de lançar este importante debate para a esfera nacional, a Direção

da AFC teve ainda o mérito de levar o tema da promoção do futebol feminino ao Congresso da FPF. Nessa ocasião, também pela primeira vez, seriam apresentadas pela AFC as bases para a realização de um futuro Campeonato Nacional de Futebol Feminino, ou em alternativa, para a disputa de uma prova experimental com os moldes da Taça de Portugal masculina. A AFC posicionava-se, claramente, na vanguarda da promoção do futebol feminino em Portugal, o que se devia em grande medida ao trabalho pioneiro realizado no União de Coimbra desde março de 1972.

Ao longo da temporada sucederam-se os encontros entre o União de Coimbra e equipas femininas de outras localidades e regiões, promovendo encontros em locais como Arganil, Fátima, Soure, Aveiro, Nelas, Marinha Grande, Avanca ou Mira, entre outros. Em inícios de setembro de 1979, a abrir a nova temporada, o União enfrentou a equipa de Pombal, em Vila Nova de Anços, goleando por 5-1. Seguiram-se novas goleadas, destacando-se os 12-0 ao Amieirinha e os 17-1 ao Nelas. A primeira derrota, uma das poucas da época, seria a 30 de setembro, em Mogofores, contra o forte Boavista, que bateu o União por 1-0. O ano de 1979 encerraria com um total de 30 jogos do União e um goal average impressionante de 219 golos marcados e somente 15 sofridos. O ano seguinte, em 1980, a equipa feminina do União faria 17 encontros, apresentando novamente números impressionantes: 149 golos marcados e 10 sofridos. Somente o Boavista conseguia enfrentar a poderosa equipa feminina do União, que se assumiu nesta década como uma referência nacional no futebol

feminino. E nesta temporada teve ao seu encargo a organização do II Encontro Nacional de Futebol Feminino, envolvendo o União de Coimbra e Nelas na Zona Centro e o Boavista e Coelima na Zona Norte. Era então consensual que as equipas do Norte eram mais competitivas, treinando diariamente e contando com boas condições de trabalho. O União, embora muito competitivo, treinava uma vez por

semana e como prémio tinha um lanche e o apoio da massa associativa do clube, que muito acarinhava a secção de futebol feminino. Numa altura em que o futebol feminino ainda não estava federado em Portugal, o União contava em 1980 com cerca de 16 a 20 jogadoras no seu plantel, o que era escasso para os jogos e competitividade da equipa.



O Sporting CP dominou o campeonato nacional, fazendo a festa no fim. Coimbra não teve nenhum representante na prova máxima do futebol português.

## Cronologia

1979  
80

328

1979

Setembro

Por não ter sido possível fazê-lo atempadamente, a AFC entregou no final deste mês ao Touring Clube da Praia de Mira o troféu de campeão da II Divisão Distrital da temporada anterior.

Outubro

Em estrita colaboração com a Federação, a AFC organizou o jogo de seleções de esperanças, entre Portugal e a Noruega, no Estádio Municipal de Coimbra, no dia 31. Encontro de apuramento para o Campeonato da Europa de Esperanças, a Seleção Nacional perdeu por 2-1, vindo a ficar afastada da fase final da prova.

Novembro

Luís Carlos Lopes da Silva, vice-presidente da AFC, aceitou o convite para integrar a Direção da FPF.

Dezembro

A AFC atribuiu a quantia de 500\$00 escudos a cada funcionário seu que tivesse filhos menores de 12 anos, para a compra de uma lembrança de Natal. Também os árbitros tiveram uma generosa oferta da AFC, no valor de 10.000\$00, para a sua festa de Natal.

## 1980

### Janeiro

Tomou posse o novo Conselho Distrital de Arbitragem.

A AFC decidiu contratualizar três novos seguros, visando o pessoal de secretaria, o mobiliário da sede e o mobiliário do Conselho de Arbitragem.

### Fevereiro

A AFC adquiriu 16 esquentadores, com fundos provenientes da verba do Totobola, para distribuir pelos filiados.

### Março

A Direção da AFC decidiu integrar no pessoal afeto às diligências do Conselho de Arbitragem um dos elementos que estava à experiência no serviço de Secretaria.

### Maio

O Esperança Atlético Clube conquistou o Campeonato Distrital da I Divisão da AFC. Na II Divisão Distrital, o título foi para o Clube Desportivo Tabuense.

### Junho

O CAC venceu a Zona Centro da II Divisão Nacional e garantiu a promoção à I Divisão. O União de Coimbra e a Naval 1.º de Maio desceram à III Divisão Nacional.

O Sombras Negras Atlético Clube sagrou-se campeão da III Divisão Distrital.

# Competições

1979  
80

330

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Esperança Atlético Clube
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Tabuense
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Sombras Negras Atlético Clube
Campeonato Distrital - Juniores	Grupo Desportivo Ferreirense
Taça Encerramento - Juniores	Grupo Desportivo Argus
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça Encerramento - Juvenis	Clube Atlético de Santana
Campeonato Distrital - Iniciados	Clube Atlético de Coimbra
Taça Encerramento - Iniciados	Associação Naval 1.º de Maio



No final da década de 1970, Coimbra mantinha-se na vanguarda do futebol feminino, alicerçado no mérito do União de Coimbra.

O futebol português continuou a sua popularização, associada à mediatização e modernização. Melhores campos, mais relvados, melhores infraestruturas, mais público, mais profissionalismo e maior internacionalização. Mas também mais casos polémicos, amplificados pelo mediatismo. Coimbra perdeu influência e tentou a adaptar-se a um novo tempo no futebol.

# Modernização

1981-1990



O campo da Arregaça recebeu, no dia 27 de outubro de 1981, "mais uma grande festa do futebol feminino", para comemorar a conquista do I Campeonato Distrital de Futebol Feminino pelo União de Coimbra. Entregaram-se as faixas às campeãs e disputou-se um jogo amigável entre o União e uma Seleção do Centro, formada por jogadoras do Cernache, Arzila e Vila Pouca.

Foi uma década de mudança e adaptação a uma realidade recente, a democracia. Num contexto internacional em transformação, os anos 80 do século XX seriam caracterizados pela prosperidade económica do mundo ocidental, materializada na geração *yuppie* e no individualismo, culminando na queda do Muro de Berlim e do modelo soviético. Portugal, tradicionalmente fechado na Península Ibérica, a recuperar do atraso estrutural imposto por quase quatro décadas de ditadura e longe dos centros de decisão, abriu-se à Europa e passou a integrar a Comunidade Económica Europeia (CEE, atual União Europeia), através do Tratado de Lisboa de 12 de junho de 1985.

Para recuperar do atraso económico (extensivo a quase todas as áreas sociais, como a educação e a cultura), começaram a chegar a Portugal as ajudas europeias e os créditos internacionais, que visavam a renovação dos setores produtivos e o apoio às reformas estruturais, que permitissem a necessária modernização do País (nos diferentes setores) e a preparação de Portugal para a abertura plena do mercado europeu. As lógicas de “mercado”, associadas à integração europeia, passariam a reger a economia portuguesa, com reflexos nos outros setores da sociedade. Para isso muito contribuiu a estabilidade política da segunda metade dos anos 80, com a imagem de Portugal a mudar gradualmente, no sentido de uma clara europeização, caracterizada pelos processos evidentes de modernização, organização e competitividade.

Também o futebol português sentiu a mudança. Foram anos de transição (ainda) entre o tradicional

modelo amador, preconizado pela ditadura, e um novo modelo, assente no profissionalismo. Renovam-se os campos (dos pelados para os relvados), as bancadas e os balneários (maior conforto), criam-se mais estruturas de formação, concedem-se mais apoios aos escalões jovens e ao futebol feminino, organizam-se mais competições para o futebol juvenil, nascem mais escolas de futebol. O mesmo sucede em termos de formação de treinadores, massagistas, dirigentes e árbitros, com mais cursos. E os exemplos vinham do escalão primodivisionário, com a chegada de treinadores de prestígio, como o sueco Eriksson ao SL Benfica, trazendo consigo novos métodos de treino e mais profissionalismo. As estruturas dos clubes também se modernizavam, com o FC Porto e o ambicioso projeto preconizado pelo treinador José Maria Pedroto e pelo dirigente Pinto da Costa a alvitrar grandes resultados a nível nacional e internacional. Seria o polo SL Benfica-FC Porto, que representava o eixo hegemónico Lisboa-Porto, a dominar o futebol português neste período. Retomou-se a saga internacional dos clubes portugueses e da Seleção Nacional, voltando às finais das grandes provas europeias de clubes e às fases finais das principais competições de Seleções, com a participação no Euro-84 e no Mundial-86.

A década de 1980 iniciou, em termos nacionais, um novo ciclo no panorama futebolístico. Depois dos anos 40 e 50 terem sido de hegemonia do Sporting CP (tempo dos “cinco violinos”) e os anos 60 e 70 de grande domínio do SL Benfica (com Eusébio e companhia), pode-se afirmar que a segunda metade dos anos 80 ditaria o início do ciclo hegemónico do

FC Porto, que se estenderia até final do século XX. Estes períodos de transição eram marcados por uma intensa rivalidade e conflitualidade, como sucederia nesta fase, sucedendo-se casos polémicos e o acentuar da denominada “guerra norte-sul” (que mais não era que a tradicional luta de poder entre Lisboa e Porto), envolvendo o mundo do futebol, as instituições e a sociedade civil. Coimbra estaria envolvida num desses episódios, no famigerado caso N’Dinga.

O eixo Lisboa-Porto dominou exclusivamente os títulos nacionais da I Divisão, com os “três grandes” a repartirem todos os campeonatos desta década. O mesmo viria a suceder na Taça de Portugal, com domínio das equipas lisboetas, que conquistaram oito dos dez trofeus disputados. As outras duas edições da Taça rumaram ao Porto. Coimbra teria prestações modestas na Taça de Portugal e ao nível da I Divisão teve um único representante, a Académica, que acabou por cair para o segundo escalão no final da década.

Os “estudantes”, novamente rebatizados de Associação Académica de Coimbra, continuaram a ser o clube de referência do distrito, juntamente com outros dois históricos, o União de Coimbra (campeão da III Divisão Nacional em 1980-81, o primeiro de um clube filiado na AFC) e a Associação Naval 1.º de Maio (regressou à II Divisão Nacional). Mas outros clubes foram ganhando relevância, como o Marialvas ou o Lousanense, beneficiando dos apoios camarários e da disseminação do futebol nas suas localidades.

A popularização da modalidade em todo o distrito de Coimbra manteve-se na primeira metade

da década de 80, acolhendo inclusivamente jogos da Seleção Nacional masculina e feminina. Porém, começou-se a sentir um certo decair de popularidade na segunda metade da década, sobretudo nos concelhos com menor poder económico e com menos apoios autárquicos aos clubes. O próprio concelho de Coimbra seria um destes casos, mantendo-se uma relação difícil entre AFC e Câmara Municipal, embora o futebol fosse a modalidade com maior expressão no concelho e distrito. Sentia-se que Coimbra estava a perder algum interesse pelo futebol, o que influía na competitividade dos seus principais clubes e na própria influência que o distrito sempre teve no contexto nacional. O papel da AFC disso se ressentiu.

Apesar deste cenário, o processo de modernização do futebol em Coimbra era irreversível. Fazia-se a transição dos pelados para os relvados e dos balneários sem condições para os banhos de água quente. Apoiava-se o futebol jovem, com mais competições e seleções distritais. Organizavam-se mais ações de formação para treinadores e massagistas. E a nível interno, a AFC tentou modernizar-se, reforçando a secretaria e adquirindo novos equipamentos. Melhorou os horários de atendimento, organizou sessões de esclarecimento nos clubes. Introduziu novidades nas provas e nos escalões de formação. Tentou manter-se na vanguarda do futebol feminino, embora este se tivesse retraído. Continuou a apostar na formação de árbitros. O futebol modernizava-se, num distrito que se afastava ligeiramente do futebol, pela primeira vez na sua história.

Época 1980  
81

336

## Escolas de jogadores: realidade no masculino, sonho no feminino

As escolas de jogadores foram um dos grandes desígnios de Coimbra. Pedia-se a colaboração de autarquias, meio escolar, clubes e comunidades locais no desenvolvimento destas escolas, de forma a promover a formação de jovens futebolistas. Uma ambição de Coimbra que passou a escala distrital para se estender a todo o País. E até o futebol feminino pedia a criação das suas próprias escolas, para promover a modalidade entre as mulheres.

**E**sta época continuou assinalável ao nível do futebol feminino em Coimbra, em grande medida graças ao fulgor do União de Coimbra. A sua equipa feminina realizou um total de 29 encontros na temporada, enfrentando uma série de equipas distritais e nacionais, como o Pocariça, CD Monte Real, Arzila, Montemorense, Leixões, Cernache, Pereirense, Ereirense, Vila Pouca do Campo e uma Seleção do Centro. E contou todos os jogos com vitórias, excetuando a deslocação a Matosinhos, a 18 de janeiro de 1981, onde perdeu com o Leixões por 4-0.

O União apresentou ao longo da temporada um nível muito superior às adversárias, aplicando diversas goleadas, como os 23-0 ao Arzila, os 18-0 e 16-0 ao Vila Pouca do Campo ou os 15-0 ao Montemorense e Arzila. Mesmo a Seleção do Centro, que integrava as melhores jogadoras de vários clubes, não conseguiu rivalizar com as unionistas, que venceram os dois encontros realizados, por 2-1 e 5-1. Foi, por isso, com naturalidade que o União venceu o seu Torneio de Futebol Feminino (apoiado pela AFC), que envolvia também as equipas femininas do Arzila, Cernache, Ereirense e Pereirense. O União terminou a competição em primeiro lugar, invicto, com 8 vitórias em 8 jornadas disputadas, e 74 golos marcados e nenhum sofrido. A avançada Júlia, do União, foi a melhor marcadora, com 28 golos, seguida da avançada Margarida, do Cernache, com 12 tentos.

A avançada Júlia (Dr.<sup>a</sup> Maria Júlia Carvalho Fernandes, médica de profissão) seria homenageada precisamente esta temporada, pelo União de

Coimbra, devido ao seu pioneirismo na modalidade e aos 12 anos de dedicação ao futebol feminino.

Em entrevista ao *Diário de Coimbra* de 2 de novembro de 1980 (dia da homenagem), no artigo com o título “Dr.<sup>a</sup> Júlia na hora da consagração”, a avançada unionista e médica afirmou que “as alegrias e amizades compensaram todo o esforço” nos longos anos de prática do futebol. Reconheceu que nem tudo correu bem na implementação da secção de futebol feminino no União (numa altura teve mesmo de se mudar para outro clube, o Tocha), mas agora (1980-81) tudo era “mais fácil”, uma vez que “as estruturas estão montadas e há apenas que trabalhar para não deixar morrer aquilo que tanto custou a erguer.” O jornal reconhecia que Júlia pertencia “ao lote das pessoas que pode dizer-se implantou o futebol feminino em Portugal” e que estava a ter “grande desenvolvimento” nesta altura. Mas não era um crescimento uniforme, com a região Norte a estar “muito mais desenvolvida”, com as equipas a treinarem diariamente, dispondo de “boas condições de trabalho”, ao contrário da generalidade das equipas femininas do Centro e Sul de Portugal.

Marcante nesta temporada seria igualmente a entrevista de outra enorme figura e pioneira do futebol feminino em Coimbra e no União, a capitã de equipa Lurdes (Maria de Lurdes Fernandes). Frequentava o 5.<sup>o</sup> ano de Direito na Universidade de Coimbra e concedeu uma extensa entrevista a *O Norte Desportivo* de 29 de janeiro de 1981, que teria como título “Aceitação do futebol feminino é uma questão de mentalidade”. Pelo seu valor histórico, aqui ficam algumas das suas reflexões:

*“Gosto de futebol e encaro-o como outra modalidade desportiva qualquer. Acho-a entusiástica e mesmo no futebol feminino pode considerar-se «o desporto-rei», o desporto que atrai”.*

*“Não há muito mais interessadas (em jogar futebol), o que se justifica por ainda não se terem criado escolas de futebol feminino”.*

*“Eu julgo que isso (a aceitação social do futebol feminino) ainda é uma questão da mentalidade do nosso povo, porque há países que até já têm futebol feminino profissional. A Alemanha, por exemplo, já possui tantas equipas de futebol federado para senhoras, como nós possuímos em Portugal para homens. Houve mais cedo uma mentalização e uma predisposição para a prática do futebol feminino”.*

*“O futebol feminino não faz uma afronta ao futebol masculino, mas se praticamos este desporto é porque gostamos dele. É errado ir ver um jogo de futebol feminino e tentar ver ali um craque como Eusébio ou um Humberto Coelho. A modalidade em cada sexo tem o seu lugar”.*

O *Diário de Coimbra* destaca o futebol feminino e o torneio do União na edição de 16 de abril de 1981.

A concluir a entrevista, Lurdes lembrou que há nove anos que jogava no União de Coimbra, sendo uma das fundadoras da modalidade.

E sublinhou que os treinos e os jogos nunca lhe tinham prejudicado os estudos. Recordou ainda que tinha realizado 110 jogos, dos quais quatro pela Seleção Nacional, em Faro e no Estádio da Luz, em Lisboa. E fez um último apelo: “Gostaria que a Imprensa dispensasse um pouco mais de atenção e tempo ao futebol feminino e talvez isso fosse um bom incentivo para as moças.”

## Futebol Feminino

### UNIÃO O GRANDE VENCEDOR DO SEU TORNEIO

Como se esperava o União de Coimbra venceu, de forma conclusiva, o Torneio por si organizado, com a curiosidade de não ter sofrido nenhum golo e obtido 74.

Vejam os resultados da derradeira jornada:

União-Ereira ..... 9-0  
Cernache-Pereirense ..... 8-0

lhor goleadora. As cinco melhores foram:

Júlia (União) ..... 28  
Margarida (Cernache) ..... 12  
Aurora (União) ..... 11  
Graça (União) ..... 10  
Adelaide (União) ..... 9

— 0 —

#### CLASSIFICAÇÃO FINAL

União	8	8	0	0	74-0	24
Cernache ..	8	5	1	2	25-15	19
Ereira	8	3	2	3	8-20	16
Arzila	8	0	3	5	3-40	11
Pereirense ..	8	0	2	6	5-41	10

#### JÚLIA — A GOLEADORA

Sem constituir novidade, Júlia não deixou os seus créditos por

#### FESTIVAL NO SÁBADO

No próximo sábado haverá um festival de encerramento do Torneio com a realização de um jogo entre as campeãs e uma selecção das restantes equipas, que se iniciará às 15,30 horas. Participará e fanfarras dos Bombeiros Voluntários de Coimbra e serão entregues taças às equipas participantes.

## Escolas de Jogadores

Um dos temas que marcou também esta época foi a discussão em torno da criação das escolas de jogadores (masculinos) que, na perspetiva da Direção da AFC, a concretizarem-se, iriam constituir um enorme benefício para o desenvolvimento do futebol distrital, tanto a curto como a médio prazo. Logo em setembro de 1980, a Direção reuniu pela primeira vez para debater o tema e para definir um plano de atuação que tinha como objetivo primordial a elaboração de uma proposta formal a ser apresentada à FPF, num próximo congresso da instituição. Pouco depois, em janeiro de 1981, numa clara tentativa de mobilizar e diversificar o número de apoios, a Direção da AFC pediu ajuda ao seu Conselho de Arbitragem, órgão que de imediato se mostrou disponível a colaborar.

No mês de março de 1981, findos o projeto e o regulamento da futura Escola de Jogadores de Futebol Juvenil da AFC, o presidente da Direção, Dr. Guilherme de Oliveira, nomeou um dos seus coadjutores para entregar um exemplar à FPF e a todas as associações congéneres, com o intuito destes analisarem atempadamente o mesmo, antes da realização do Congresso da FPF, onde seria apresentado e discutido. Entretanto, alguns concelhos do distrito de Coimbra, pese embora a inexistência de uma aprovação oficial por parte do organismo máximo que tutelava o futebol português (FPF), começaram a testar, na prática, as suas próprias escolas de jogadores. Um dos exemplos mais notáveis, que mereceu inclusive uma distinção em ata por parte da AFC, foi Montemor-o-Velho,

conhecido pelos seus torneios de futebol juvenil e onde a autarquia concedeu um apoio substancial para o pleno funcionamento da escola.

Mais do que os clubes, cujos poucos meios financeiros não permitam, por si só, a criação e manutenção de escolas de jogadores, seriam as autarquias aquelas que, na perspetiva da AFC, poderiam (e deveriam) abraçar estes projetos, apoiando o desenvolvimento do desporto local. Nesse sentido, em maio de 1981, a Direção da AFC convocou uma reunião na sua sede com os presidentes das câmaras municipais do distrito, com a finalidade de, em conjunto, tornarem exequíveis os vários projetos propostos. Coimbra, Penela, Miranda do Corvo, Arganil e Lousã acudiram à chamada e far-se-iam representar na reunião. Nela se estabeleceu uma série de pressupostos sobre o funcionamento das escolas, o papel das autarquias, dos clubes, os horários de funcionamento e os recintos que deveriam ser utilizados para o efeito.

### Sabia que...

Na caminhada triunfal da III Divisão Nacional, que terminou na conquista do troféu, o União de Coimbra fez o pleno de vitórias em casa: 16 jogos com 16 vitórias. Impressionante registo.

Temas tão importantes como a coordenação com os estabelecimentos de ensino ou de medicina desportiva foram igualmente e proficuamente debatidos entre todos. No final da reunião deliberou-se, por unanimidade, que todas as autarquias que pretendessem abrir uma escola de jogadores juvenis, nas suas áreas de jurisdição, deveriam de imediato fazer um levantamento exaustivo de necessidades, tanto materiais e financeiras, como morais e logísticas no envolvimento com os clubes e as comunidades. Este encontro entre AFC e autarquias seria rotulado de sucesso e as suas resoluções seriam partilhadas com as restantes autarquias que se não se fizeram representar neste ato e com a comunicação social, através da divulgação de um comunicado oficial amplamente difundido na imprensa local e regional. Pouco tempo depois, a AFC apresentou no Congresso da FPF o projeto e regulamento de base das Escolas de Jogadores Juvenis. Recebeu a aceitação e aprovação da maioria dos seus pares, dando mais uma vez mostra da sua capacidade, vitalidade e proatividade, não só no desenvolvimento do futebol jovem como na relação com o poder político (autarquias) e com as comunidades locais (clubes, escolas, clínicas de medicina desportiva, entre outros).

### Um depoimento para a história

No dia 6 de novembro de 1980, o histórico presidente da AFC, Dr. Guilherme de Oliveira, concedeu uma extensa entrevista ao *Diário de Coimbra* que, devido à sua extraordinária pertinência, rigor, riqueza e qualidade das informações



Dr. Guilherme de Oliveira

recolhidas, levaria o jornalista a atribuir-lhe o título de “Um depoimento para a História do Futebol Português”. De facto, o Dr. Guilherme de Oliveira conseguiu, em pouco mais de duas páginas, apresentar (de uma forma clara e concisa) valiosas reflexões sobre o panorama futebolístico distrital e nacional, tecendo comentários sobre diversos setores e sobre a evolução e as conquistas do futebol português, mas também sobre os seus problemas e preocupações. Recuperamos em seguida algumas das frases mais notáveis proferidas pelo responsável máximo da AFC nessa entrevista:

## Arbitragem

*“Eu bati-me sempre contra a integração dos árbitros na Federação por considerar que a mesma não estava preparada para gerir a arbitragem portuguesa”.*

*“Penso que, apesar da Arbitragem estar integrada na Federação, ainda são os árbitros a dirigirem-se a si próprios”.*

*“Os árbitros, para além de intervenientes na prática desportiva, devem ser os representantes da cultura desportiva dentro dos campos de futebol... têm que respeitar princípios éticos, estéticos e até políticos”.*

## Indisciplina

*“Uma das coisas que mais prejudica a boa disciplina no futebol pode ter a certeza que é a ignorância das leis por parte dos dirigentes”.*

*“O desporto é como que o espelho da educação cívica de uma sociedade”.*

*“Se os dirigentes souberem as leis, e as quiserem cumprir, naturalmente que logo os jogadores as saberão por sua influência direta, dos árbitros e ainda dos técnicos”.*

*“Por isso mesmo é que eu considero importante este movimento cultural que a AFC quer implementar em Portugal (no combate à indisciplina)”.*

## Profissionalismo vs. amadorismo

*“A Federação só cuida de saber do que se passa nos clubes de futebol profissional”.*

*“Enquanto não houver o desenvolvimento do amadorismo em Portugal – o que só se pode fazer através da Federação por alterações profundas na orgânica – nós não passamos de assistir a desafios de futebol que são espetáculos públicos. Espetáculos que a Federação gere, apenas e só...”.*

*“Há o interesse do hegemonismo (no futebol), porque é característica do Homem querer dominar os outros”.*

## Número de clubes

*“Não é a AFC que cria os clubes, há um ordenamento legal para o aparecimento de clubes e a AFC não pode negar a filiação”.*

*“Não podemos exigir a um clube que se filie que apresente um campo de primeira qualidade”.*

*“A AFC não pode ser um carrasco, tem de ser um juiz sereno e equânime (referindo-se à proliferação de clubes inscritos na instituição)”.*

Nesta entrevista eram evidentes as preocupações de um dos dirigentes mais respeitados a nível distrital e nacional. Estes quatro tópicos (arbitragem, indisciplina, profissionalismo-amadorismo e o aumento do número de clubes) eram claras

inquietações do presidente da Direção da AFC, assim como o (dúbio) posicionamento da FPF em vários destes contextos.

## Coimbra conquista III Divisão

Um CF União de Coimbra de altíssimo nível dominou, de início ao fim, a sua série da III Divisão Nacional, com uma superioridade inequívoca e acima da média. Num campeonato quase imaculado, os unionistas tiveram uma arrancada fulgurante na prova com dez vitórias nas dez rondas iniciais, abrindo desde logo um fosso para a concorrência. Daí até final apenas três clubes lograram tirar pontos ao União, na circunstância AD Guarda (derrota por 1-0), Vildemoinhos (empate 0-0) e Anadia (empate 1-1). De resto, só vitórias, a maior parte delas por goleada. Os conimbricenses foram demasiado fortes para a concorrência. Contas feitas no final da Série C da III Divisão Nacional, a formação do União ficou em primeiro lugar destacado, com o impressionante registo de 27 vitórias, dois empates e uma derrota, com 85 golos marcados e apenas oito sofridos, num total de 30 jornadas. O segundo classificado, AD Guarda, ficou a dez pontos de distância. Os outros filiados na AFC ficaram respetivamente no 4.º lugar (Naval), 5.º (Febres), 7.º (Marialvas), 10.º (Esperança) e 13.º (Lousanense).

Seguiu-se a fase final da prova, que reunia os vencedores das seis séries, divididos agora em dois grupos de três equipas. O União de Coimbra voltou a ser superior aos adversários, terminando em primeiro lugar com 10 pontos (três vitórias e

um empate), mais seis do que o Leça e oito que o Valdevez. Apurou-se, assim, para a final, contra o vencedor do outro grupo. O encontro decisivo foi realizado em Lisboa, no Estádio da Tapadinha, com o União a comprovar novamente a sua superioridade, vencendo por 3-1 ao CAD Elvas e conquistando desta forma o título de campeão da III Divisão, numa época quase perfeita. Regressava com todo o mérito à II Divisão. E Coimbra conquistava o primeiro título de campeão da III Divisão Nacional, o primeiro a ser ganho por um clube filiado na AFC.

No rescaldo das provas nacionais desta época, lamentar-se-ia a descida do Clube Académico de Coimbra (CAC), último classificado da I Divisão Nacional. Voltava novamente a cair de Divisão, após a descida em 1979 e o regresso nesta temporada ao escalão maior do futebol português. Um desfecho algo esperado, dado tratar-se de uma equipa em renovação, com mais de metade dos titulares a serem estreantes na I Divisão. O início da prova foi titubeante, com quatro empates seguidos e três derrotas. A primeira vitória só à 8.ª jornada, altura em que regressou Mário Wilson ao clube e à equipa, esperando-se que a sua chegada desse novo impulso. Mas o CAC terminou a primeira volta da competição no penúltimo lugar e a segunda volta arrancaria com nova derrota, em casa, contra o Belenenses. Seguiram-se mais uma série de desaires, com os académicos a finalizarem a competição na última posição, com somente 14 pontos (o penúltimo classificado, Marítimo, terminou com 23 pontos), apresentando um registo negativo de 20 derrotas em 30 jornadas, obtendo unicamente seis empates

e quatro vitórias, todas em Coimbra. Uma vez mais, na temporada seguinte, os arquirrivais de Coimbra (União e CAC) iriam encontrar-se no mesmo escalão, a II Divisão Nacional.

Quanto à Taça de Portugal, o CAC não faria muito melhor do que no campeonato, afastado pela

União de Leiria na terceira eliminatória da prova. Recordamos que as duas principais competições nacionais, o Campeonato Nacional da I Divisão e a Taça de Portugal, seriam ganhas pelo SL Benfica, claro dominador da época, a nível nacional, com a conquista da "dobradinha".



ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS AMERICANAS REAGAN É O 40.º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS - CARTER SOFREU ESTRONDOSA DERROTA

Reagan, que a partir de 1981 se tornará o primeiro presidente republicano em mais de 30 anos. Na política americana, a vitória de Reagan, que se tornou o primeiro republicano em mais de 30 anos, é considerada uma reviravolta histórica. Reagan venceu Carter por uma margem de 52 por cento dos votos.

Reagan venceu Carter por uma margem de 52 por cento dos votos. A vitória de Reagan é considerada uma reviravolta histórica. Reagan venceu Carter por uma margem de 52 por cento dos votos.

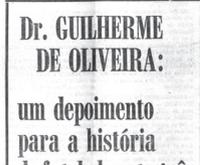


Reagan venceu Carter por uma margem de 52 por cento dos votos. A vitória de Reagan é considerada uma reviravolta histórica.



Quarta-feira Europeia BENFICA O ÚNICO SOBREVIVENTE

Dr. GUILHERME DE OLIVEIRA: um depoimento para a história do futebol português



Dr. Guilherme de Oliveira é um médico e escritor português. O seu livro 'Benfica o único sobrevivente' é uma obra importante sobre a história do clube.

Esta bela entrevista, em quatro fascículos e bem feita, é a primeira de uma série de entrevistas com Dr. Guilherme de Oliveira sobre a história do futebol português.

desportos DR. GUILHERME DE OLIVEIRA: um depoimento para a história do futebol português (I) ESTAMOS A PREPARAR EM COIMBRA UMA AUTÉNTICA REVOLUÇÃO DO DESPORTO O PRESIDENTE DA A.F.C. DESTACA A IMPORTÂNCIA DA CULTURA SÓCIO-DESPORTIVA E ABORDA PORMENORIZADAMENTE O PROJECTO DAS ESCOLAS DO FUTEBOL

Figura bem conhecida no mundo desportivo, Dr. Guilherme de Oliveira, presidente da Associação de Futebol de Coimbra, aborda neste artigo o projecto de uma revolução no futebol português.

Estados de Miguel Martins Foto de Miguel Vinas. O futebol português precisa de uma revolução. Esta revolução deve passar pela criação de escolas de futebol para todas as idades.

## Cronologia

1980  
81

344

1980

Setembro

A AFC emitiu um parecer positivo ao CF União de Coimbra para efeitos de instrução do processo de pedido de declaração daquele clube como Instituição de Utilidade Pública.

Outubro

A Direção da AFC convidou o Esperança Atlético Clube para uma reunião na sua sede, onde foi formalizada a proposta de criação da primeira Escola de Jogadores, em São Martinho do Bispo.

Novembro

A AFC atribuiu um subsídio extraordinário de 25.000\$00 ao seu Conselho de Arbitragem. Esse montante deveria ser aplicado exclusivamente no curso de arbitragem, a começar em breve.

Dezembro

A AFC continuou a responder às necessidades mais prementes dos filiados. A oferta de esquentadores para os balneários era uma das práticas mais regulares.

## 1981

- Janeiro** Em consequência da tabela de prémios oficializada pela FPF, a AFC elaborou a sua própria tabela de prémios (apoios financeiros) destinados à arbitragem.
- Fevereiro** Apoio de 30.000\$00 da AFC ao II Torneio Internacional de Juniores, organizado pelo CAC. Na qualidade de patrocinador da prova, a AFC ofereceu um trofeu para ser entregue no evento.
- Março** A partir deste mês, e em consonância com outras associações distritais, a AFC decidiu passar a pagar às equipas de arbitragem, pelas deslocações, um valor de 10\$00 por quilómetro.
- Maio** Por ter conhecimento que as Associações de Futebol do Porto e de Leiria atribuíam um subsídio extraordinários aos clubes que contribuíam para a promoção do futebol feminino, a AFC decidiu atribuir o valor de 10.000\$00 para ser aplicado nessa finalidade.
- No dia 8 saiu o Despacho de Atribuição de Instituição de Utilidade Pública ao União de Coimbra.

## Competições

1980  
81

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Quiaios Clube
Campeonato Distrital Feminino - Seniores	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo "Os Águias"
Taça Encerramento - Iniciados	Clube Atlético Pereirense



O futebol feminino, através do União de Coimbra, estava em processo de consolidação no distrito, acolhendo diversos jogos amigáveis e torneios.

Época 1981  
82

## Futebol feminino em debate

Comemorou-se o 10.º aniversário do futebol feminino em Coimbra, pela mão do União, numa altura que somente cinco distritos tinham praticantes femininas. Eram 545 mulheres federadas no futebol de onze português, frente aos 61871 praticantes masculinos. O futebol era um espaço dominado por homens, com o próprio presidente da FPF a admitir que nunca tinha assistido a um encontro feminino.

**E**sta época, observando as competições organizadas pela FPF, teve claro domínio do eixo Lisboa-Porto, com o Sporting Clube de Portugal a vencer o campeonato nacional e a Taça de Portugal. O FC Porto dominaria no Campeonato Nacional de Juniores e na Taça Nacional de Juvenis, cabendo a Taça Nacional de Iniciados ao SL Benfica. Fora deste eixo ficaria a II Divisão Nacional, ganha pelo CS Marítimo, e a III Divisão, conquistada pelo FC Vizela. Lembramos que o Campeonato Nacional da I Divisão não contou com nenhuma equipa de Coimbra, estando somente representados os distritos de Lisboa, Porto, Braga, Faro, Setúbal, Viseu e Leiria.

Sem representantes no escalão máximo, Coimbra contava com duas possibilidades na luta pela subida à I Divisão, através do Clube Académico de Coimbra (CAC) e o União de Coimbra, ambos enquadrados na Zona Centro da II Divisão Nacional – havia mais duas zonas, Norte e Sul. O CAC, um dos favoritos a vencer a sua zona e a subir automaticamente à I Divisão, acabaria por terminar empatado pontualmente com o GC Alcobaça, com este a ganhar na forma de desempate. Ambas equipas terminaram a competição com 46 pontos, numa zona que contou com 16 clubes envolvidos, em que o União de Coimbra acabou na 10.<sup>a</sup> posição, com 27 pontos. Subiram automaticamente os três vencedores das respetivas zonas (Varzim SC, GC Alcobaça e CS Marítimo – as três equipas disputaram a segunda fase da prova, com os insulares a sagrarem-se campeões da II Divisão), com os segundos classificados a jogarem entre si uma liguilha, juntamente com o FC Penafiel, 13.<sup>o</sup> classificado da I Divisão.

No denominado Torneio de Competência das I/II Divisões, o SC Salgueiros impôs-se, obtendo sete pontos, mais um que FC Penafiel e CAC (a fórmula de desempate determinou que os academistas ficassem em terceiros), ficando no quarto lugar o SC Farense. Coimbra falhava o acesso à I Divisão, apurando-se os salgueiristas. Também nenhum clube de Coimbra (dos seis que participaram) conseguiu acesso à II Divisão Nacional, fazendo modestas participações no Campeonato Nacional da III Divisão. Modestas seriam igualmente as participações dos clubes de Coimbra na Taça de Portugal, arredados prematuramente da prova.

## **Uma brilhante Taça Nacional de Iniciados**

Mais brilhante e esperançosa seria a prestação dos clubes da AFC na Taça Nacional de Iniciados, que por pouco não foi verdadeiramente memorável. O CF União de Coimbra, campeão distrital da AFC, e a Associação Naval 1.<sup>o</sup> de Maio, vice-campeão, seriam, por direito próprio, os representantes da AFC no Nacional de Iniciados da presente época. A competição arrancou e unionistas e navalistas foram demonstrando a sua qualidade, jogo após jogo, e paulatinamente ultrapassaram com distinção os adversários que se atravessaram no caminho. Chegados à derradeira fase da prova, onde estavam as oito equipas que lutariam pelo título, o sorteio ditou a separação dos clubes filiados na AFC: o União ficou na Zona Norte e a Naval na Zona Sul.

Na Zona Norte, o União encetaria uma campanha fantástica, chegando à última ronda sem derrotas, com três vitórias (duas contra o Vitória SC e uma contra o Sport Benfica e Castelo Branco) e dois empates contra o FC Porto, com quem partilhava a liderança. A Naval 1.º de Maio, na Zona Sul, também faria um percurso absolutamente notável, chegando à última jornada na segunda posição, com seis pontos (com duas vitórias contra o Belenenses, dois empates contra o Torralta e uma derrota contra o SL Benfica, em Lisboa). Ambos representantes da AFC chegavam à jornada decisiva com verdadeiras hipóteses de acesso à final, derradeiro passo para a conquista do título nacional neste escalão.

Na última jornada, o União de Coimbra, que estava empatado com o FC Porto em todos os critérios de desempate (mesmo número de pontos, mesmo número de golos marcados e sofridos, 11-3, mesmo goal average e o mesmo resultado no confronto direto), ia a Castelo Branco defrontar o Sport Benfica local, último classificado do grupo. E o FC Porto, por sua vez, recebia os vimaranenses do Vitória, nas Antas. Com uma escassa vitória por 1-0, num jogo em que segundo as crónicas dos jornais, os unionistas desperdiçaram inúmeras oportunidades de golo, a formação conimbricense cumpria ainda assim a sua parte. Porém, não seria suficiente. Isto porque as notícias vindas da Cidade Invicta, num jogo marcado por alguma polémica, não eram boas para as cores unionistas. O FC Porto impôs-se por 4-0, garantindo o acesso à final da prova. O União, sem derrotas, ficava de fora.

Por seu turno, na Zona Sul, na sexta e última jornada, a Naval 1.º de Maio recebeu num estádio

municipal da Figueira da Foz que contou com uma extraordinária moldura humana, o SL Benfica. Um jogo em que os figueirenses, caso vencessem por dois golos de diferença, garantiam o acesso à final. Contudo, também aqui o sonho se iria dissipar, porque os benfiquistas impuseram o seu favoritismo, vencendo por 3-1, deixando desta forma os navalistas fora da ambicionada final.

Terminou assim, de forma dramática, o incrível percurso dos dois clubes da AFC na Taça Nacional de Iniciados. Por muito pouco não conseguiram atingir uma final que seria inédita e que garantidamente encheria de orgulho, não só os clubes intervenientes, como as suas cidades (Coimbra e Figueira da Foz), a instituição (AFC) e todo o futebol distrital.

Pouco tempo depois da derradeira jornada, o União de Coimbra, sentindo-se prejudicado, decidiu solicitar a impugnação do campeonato, por considerar que os regulamentos não foram cumpridos na última ronda. Alegou o facto do FC Porto ter jogado num horário diferente – o quadro normativo determinava que os encontros decisivos fossem todos no mesmo horário. O pedido não seria atendido e a FPF confirmaria a final entre FC Porto e SL Benfica (que os lisboetas venceram por 1-0), confirmando a eliminação da equipa de Coimbra.

O União nunca se conformaria com esta decisão, que considerava injusta. E sentiu-se ainda mais lesado e vítima de uma atitude algo persecutória por parte da FPF, quando poucos dias volvidos viu a sua equipa de juvenis (igualmente com um fantástico percurso na Taça Nacional respetiva), ser eliminada nas meias-finais da prova, depois

da Federação ter marcado o jogo para uma quarta-feira (7 de junho), numa altura em que a maior parte dos seus jogadores se encontrava na fase decisiva do calendário escolar. Os portistas venceram por 3-1, atingindo a final, onde venceram o SL Benfica por 1-0.

Não obstante este descontentamento, o facto digno de maior destaque foi mesmo a excepcional chegada ao top 4 dos dois representantes (União e Naval) da AFC na Taça Nacional de Iniciados, assim como a chegada às meias-finais do União de Coimbra na Taça Nacional de Juvenis. Era o reconhecimento do excelente trabalho que se estava a fazer em Coimbra ao nível dos escalões de formação. Menos empolgante foi a trajetória no Campeonato Nacional de Juniores. O União de Coimbra venceu a Série C da Zona Centro, que envolveu mais dez equipas. Mas na segunda fase, enquadrados na Zona Norte, os unionistas não foram além do 5.º lugar, com o vencedor desta zona, o FC Porto, a ser depois o grande vencedor da competição.

### **A importância (ainda) do Totobola**

Com a constante filiação de clubes, as novas exigências das competições internas e externas, o aumento gradual das despesas com o pessoal e muitos outros custos associados, as finanças da AFC enfrentavam cada vez mais dificuldades. Assim, mais do que nunca, a gestão das receitas, e a sua conseqüente aplicação prática, eram uma preocupação constante por parte dos dirigentes da AFC. A verba proveniente do Totobola, que

desde a sua criação era a principal fonte de receita da Associação, ganhava nesta conjuntura uma importância ainda mais significativa. Numa fase de carência, colocava-se a questão de definir em que rubricas aplicar esse montante. É aquilo que tentaremos descrever neste capítulo.

**Sabia que...** Coimbra era o distrito com mais escolas de jogadores em Portugal, um total de 31. Lisboa tinha apenas 16. E mais nenhum distrito contava com estruturas de formação deste género. A AFC era o exemplo a seguir a este nível da formação.

No seguimento das gestões anteriores, e numa missão cada vez mais clara de aposta no desenvolvimento do futebol juvenil, cerca de 50 por cento do montante total dos fundos provenientes do Totobola (2.173.891\$50) foram direcionados para os escalões de formação. Para as provas regionais, campeonatos distritais e taças de encerramento dos vários escalões, foram aplicados mais de 1.300.00\$00, um valor muito superior ao ano antecedente, em grande parte originado pela inscrição de 16 novas equipas no escalão de infantis que faria aumentar significativamente as verbas

atribuídas aos clubes (deslocação, equipamentos e material desportivo), aos árbitros e às despesas administrativas inerentes.

Os torneios de futebol jovem foram igualmente uma das aplicações mais importantes das verbas do Totobola, tanto através da manutenção em atividade das seleções de iniciados e juvenis da AFC, como através da participação direta nos três grandes torneios realizados no distrito: Torneio Cândido de Oliveira (juniores), Torneio Dr. Guilherme de Oliveira (infantis) e Mundialito (infantis).

Depois do futebol de formação, a segunda rúbrica onde mais se utilizaram os montantes do Totobola foram os serviços administrativos, cada vez mais onerosos e logisticamente exigentes. Um total de 839.500\$00 foram aqui aplicados, para fazer face a esta enorme despesa, que crescia para acompanhar as tarefas inerentes ao aumento do número de clubes e competições. Outro montante bastante relevante, cerca de 418.000\$00, foi utilizado para minorar os enormes prejuízos que a AFC tinha com a arbitragem nas denominadas provas “clássicas”.

O total do montante pago em subsídios para o futebol feminino, sobretudo utilizados para financiar as deslocações e as despesas nos jogos dos filiados, cifrou-se nos 80.000\$00, uma verba um pouco inferior à temporada transata, mas, ainda assim, significativa para a sua promoção e desenvolvimento naquela altura. Refira-se que existiram outros subsídios atribuídos pela AFC para o futebol feminino, para além das verbas do Totobola.

A todas estas aplicações do dinheiro do Totobola, juntar-se-iam ainda as tradicionais despesas com manutenção e melhoramentos das infraestruturas

dos clubes, verba sempre importante e necessária à modernização das suas estruturas e campos de futebol. Deste modo, apesar de determinante para garantir o funcionamento da Associação, o dinheiro proveniente do Totobola continuava a ser insuficiente para fazer face ao enorme número de despesas que a AFC tinha neste momento. E como as restantes receitas não eram tão significativas, os resultados de gerência apresentariam um saldo deficitário (pelo segundo ano consecutivo) de 142.000\$00.

## Masculino vs. feminino

Em 1981-82, os movimentos de inscrições no futebol português, nos diferentes escalões, eram verdadeiramente ilustrativos da diferença existente entre o setor masculino e o feminino. O Relatório e Contas da FPF indicava que o futebol feminino federado estava restringido, ainda, a cinco distritos (Coimbra, Leiria, Lisboa, Porto e Setúbal), num total de 545 atletas, todas amadoras (ver Quadro 1).

Estes valores eram muito reduzidos quando comparados com o setor masculino, onde o total de atletas inscritos no futebol de onze era de 61871, envolvendo as 22 associações distritais. Em termos globais, Lisboa (11620) e Porto (9460) eram os distritos com mais inscritos. Coimbra apresentava um número total de inscrições (3594) que estava num patamar intermédio, ao nível de Aveiro, Leiria e Setúbal. Porém, havia dois parâmetros em que Coimbra se destacava claramente. Ao nível de infantis, era o segundo melhor distrito, com 248

**Quadro 1.** Movimento de inscrições do futebol de onze feminino na época de 1981-82

<b>Distrito</b>	<b>Seniores amadores</b>	<b>Juniores amadores</b>	<b>Juvenis</b>	<b>Total</b>
Coimbra	53	25	1	79
Leiria	63	21	4	88
Lisboa	93	25	2	120
Porto	132	31	11	174
Setúbal	56	28	-	84
<b>Total</b>	<b>397</b>	<b>130</b>	<b>18</b>	<b>545</b>

Fonte: Relatório e Contas FPF 1981-82, p. 44.

inscritos, somente superada pelo Porto (340). E nas escolas de jogadores, Coimbra era o melhor distrito a nível nacional, com 31 escolas, seguindo-se Lisboa com 16. Mais nenhum distrito contava com escolas de jogadores. Coimbra estava, assim, na vanguarda a este nível.

A própria FPF demonstrava pouca sensibilidade com o setor feminino, quando comparado com o masculino. Verificando os dois departamentos em 1981-82, a nível sénior, a FPF apresentava uma receita de 31.001 contos e despesas de 26.988 contos com o setor masculino, enquanto o feminino mostrava somente a despesa de 1545 contos. E sem indicação de movimentos nas temporadas anteriores. O Relatório e Contas da FPF esclarecia que “pela primeira vez foi efetuado um encontro, embora de carácter amigável, entre Seleções Femininas, que serviu de observação para a nossa participação, na época de 1982/83, no

Campeonato da Europa da categoria” feminina – o relatório referia-se ao encontro amigável de Portugal e França, em Le Mans, a 24 de outubro de 1981, com um empate sem golos. Curiosamente nenhuma menção seria feita no Relatório e Contas da FPF, na rubrica da “campanha internacional” das seleções, apenas se abordando a categoria masculina (Equipa A, Equipa B, Esperanças, Juniores, Juvenis e Iniciados). O Departamento Feminino da FPF apresentava, assim, um saldo negativo de 1545 contos, fruto sobretudo dos custos com alojamento e transporte para França, e das diárias correspondentes. Mas não se pense que o encontro esteve ausente de polémicas, com o União de Coimbra a lamentar que as suas melhores jogadoras não tivessem integrado esta primeira seleção feminina, que contou unicamente com atletas do Norte: oito do Boavista, cinco do Coelima, duas do Leixões e uma do Foz.

## Futebol feminino em reflexão

Nesta temporada foram vários os fóruns em que se debateu o futebol feminino em Portugal. A sede do União de Coimbra acolheu uma dessas sessões, em 22 de novembro de 1981, contando com a presença de Romão Martins, presidente da FPF, de César Grácio, secretário-geral da Federação, e outros dirigentes, incluindo da AFC. Em nome do União falou César Sobral, “alma-mater” da secção de futebol feminino do clube, que sublinhou a atividade pioneira dos unionistas ao longo de uma década (desde março de 1972) e o exemplo de figuras como as atletas Júlia e Lurdes, “símbolos mais evidentes dessa política de valorização” do futebol feminino e do papel da mulher neste desporto. Pela Federação falou César Grácio, que referiu uma reunião no âmbito da UEFA “tendo em vista a dinamização do futebol feminino e a sua uniformização, salientando que ainda persistem dúvidas quanto ao tamanho da bola e escalões etários.” Seriam citados vários casos de sucesso internacional no futebol feminino, como a RFA (República Federal de Alemanha) com as suas 380 mil praticantes e França com cerca de 500 mil futebolistas, enquanto em Portugal “apenas existem cerca de quatrocentas”.

Quem admitiu desconhecer totalmente o futebol feminino foi o presidente da FPF, Romão Martins, “pois só assistira a um desafio entre artistas de teatro e cinema, há uns anos”. Sublinhou, por isso, “que o debate serviu não só para conhecer um clube que trabalha denodadamente, como ainda para melhor avaliar a posição da modalidade”. Lamentou a possibilidade do “profissionalismo” no futebol feminino, quando se abordou um caso de uma atleta do União que “se transferira para outro clube (Boavista), alegando que lhe davam melhores condições”.

Após o debate e o almoço que se seguiu, realizou-se na Arregaça um encontro de futebol feminino entre as equipas do União de Coimbra e do Amora, que as anfitriãs venceram por 5-0. Este encontro foi um dos 29 jogos que a equipa feminina do União disputou no ano de 1981, tendo perdido somente por duas vezes (frente a Leixões e Boavista) e vencido as outras 27 partidas, marcando um total de 211 golos e sofrendo unicamente 11 tentos. O início de 1982 seria semelhante, com o União a realizar sete encontros até março de 1982 (registando seis vitórias e um empate, com um goal average de 42-1), altura em que comemorou (a 23 de março) os dez anos de existência da secção de futebol feminino no clube.

**4.ª FEIRA**

**23**

**JUNHO 1982**



**FUTEBOL**

Campeonato Nac. da 2.ª Divisão

Apuramento do Campeão

**DIA DO CLUBE**

**18.30 Horas**

**ACADÉMICO**

**VARZIM**

**ESTÁDIO MUNICIPAL**

PREÇOS — Menores 40\$00  
 Geral . 100\$00 Sup. . . 150\$00  
 Lateral 200\$00 Central 250\$00  
 Coberto

(Incluído o Seguro Social)

**QUOTA 5**

Se por qualquer motivo de força maior este encontro tiver de ser interrompido depois de iniciado, não se é obrigado a resgatar a importância dos bilhetes

PARA MAIORES DE 6 ANOS

Organização da Associação de Futebol de Coimbra  
 Instituição de Utilidade Pública

Impressão de Coimbra, Limitada — Telef. 24797 — 6-682 — 40 ex.

Cartaz do jogo Académico-Varzim, da fase final da II Divisão Nacional.

## Cronologia

1981  
82

356

### 1981

#### Setembro

O departamento de futebol feminino do União de Coimbra decidiu exarar no Relatório e Contas da secção um voto de louvor e de agradecimento à AFC, pelo extraordinário contributo dado na época finda.

#### Outubro

Foi concedido ao Marialvas o galardão de Sócio de Mérito da AFC.

A Direção da AFC decidiu adquirir o primeiro computador para a secretaria.

O campo da Arregaça recebeu, no dia 27, "mais uma grande festa do futebol feminino", para comemorar a conquista do I Campeonato Distrital de Futebol Feminino pelo União de Coimbra. Entregaram-se as faixas às campeãs e disputou-se um jogo amigável entre o União e uma Seleção do Centro, formada por jogadoras do Cernache, Arzila e Vila Pouca.

#### Novembro

No dia 22 realizou-se, na sede do União de Coimbra, um debate sobre o futebol feminino em Portugal, com presença de vários dirigentes da FPF e da AFC.

## 1981

Dezembro

A AFC aprovou o Regulamento que estabelecia as normas para a utilização de publicidade nas camisolas dos clubes filiados.

## 1982

Janeiro

Foi feito um seguro especial para os atletas que compunham as seleções da AFC nos escalões de iniciados e juvenis.

Fevereiro

A AFC patrocinou com um total de 65.000\$00 dois torneios promovidos por clubes filiados: o Torneio Internacional de Juniores Cândido de Oliveira (CAC) e o Torneio-Convívio Dr. Guilherme de Oliveira (Montemorensense).

No dia 9 acabaram as inscrições de equipas femininas para a disputa do campeonato nacional de futebol feminino. Só podia incluir equipas filiadas nas respetivas associações distritais, como definido pela FPF. Nenhuma equipa do Sul se inscreveu, prevendo-se uma prova disputada somente por clubes do Norte (sobretudo do Porto) e Centro. A prova estava a ser preparada unicamente por dirigentes masculinos, não envolvendo qualquer mulher.

Março

Os árbitros da AFC ameaçaram, em primeira instância e depois chegaram mesmo a fazer, uma greve nas competições internas, por considerarem que os jogadores não entendiam ou reclamavam a maior parte as infrações assinaladas. Uma situação que começava, na perspetiva da arbitragem, a tornar-se insustentável.

No dia 23, a secção de futebol feminino do União de Coimbra comemorou o 10.º aniversário.

Maio

A AD Poiães sagra-se campeão distrital da I Divisão e o CR Praia da Leirosa vence a II Distrital.

Junho

União de Coimbra e Naval 1.º de Maio fazem uma brilhante Taça Nacional de Iniciados.

# Competições

1981  
82

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Associação Desportiva de Poiares
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Clube Recreativo da Praia da Leirosa
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Iniciados	Clube de Futebol União de Coimbra



O União de Coimbra foi o dominador do futebol feminino em Coimbra. A capitã Lurdes recebe mais um troféu.

Época 1982  
83

## Coimbra perde influência

Com o profissionalismo a crescer e a Liga de Clube a surgir, as associações distritais sentiram-se a perder poder no futebol português. Coimbra enfrentava também fortes constrangimentos financeiros, devido às dívidas dos filiados. E aliava-se a perda de influência do interior Norte e Centro nas principais provas do futebol português, a favor do eixo hegemónico de Lisboa e Porto.

**N**as primeiras épocas futebolísticas da década de 1980 assistiu-se a uma certa tendência para se acentuar o peso das áreas urbano-industriais do Norte Litoral, particularmente dos distritos do Porto e Braga, enquanto se reduzia a importância do interior Norte e Centro (onde se incluía Coimbra). Depois de um período (pós-25 de abril de 1974) em que surgiram clubes de áreas geográficas menos desenvolvidas, como o interior Norte e Centro, bem como o Alentejo, tudo voltou a uma certa normalidade nos anos 1980, com a hegemonia das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto. As áreas industriais também perdiam influência (como CUF, Barreirense ou Montijo, que sucessivamente foram descendo de Divisão), em detrimento de áreas de intenso ritmo de construção civil (Estoril e Amora). A construção civil, juntamente com o sector imobiliário, começava a desempenhar um papel decisivo na gestão dos clubes de futebol.

Na região do Porto afirmavam-se clubes com ligações a pequenos núcleos urbanos, com predomínio do têxtil, como Vila do Conde, Famalicão, Santo Tirso e Penafiel. Os meios operários continuaram a ser propícios ao estímulo da prática do futebol, o que se devia à (quase) inexistência de outras alternativas de lazer e desportivas, e ao facto do futebol surgir como um meio de ascensão económica e social. Começou neste período a acentuar-se a dimensão do futebol-espetáculo, com um controlo cada vez maior dos clubes-empresa por parte de grupos de interesse, que pouco ou nada tinham a ver com a génese do futebol, cuja origem e desenvolvimento se deveu às

coletividades (cf. Jorge Gaspar, in *Transformações recentes na geografia do futebol em Portugal*). Era notório, neste período, uma transição entre um modelo clássico do futebol português, assente na ideia de coletividade e amadorismo, e um novo paradigma saído do processo democrático e da abertura à Europa, virado para a modernização e o profissionalismo.

Foi, por isso, natural o arranque em 1983 do processo de criação da Liga Portuguesa de Futebol Profissional, cujas origens se remetiam a finais dos anos 1970. O surgimento da instituição seria muito controverso entre as associações de futebol distrital, incluindo Coimbra, que temiam uma perda de poder no seio da FPF e de receitas, com a saída dos principais clubes para integrar este organismo. Claramente a Liga nascia da necessidade sentida, por diversos dirigentes dos principais clubes, de se agruparem num organismo de cariz associativo, que os representasse e salvaguardasse os seus interesses desportivos e financeiros. Os primeiros estatutos, exarados neste período, definiram como objetivos da Liga a promoção e defesa dos interesses dos seus membros, assim como a gestão dos assuntos inerentes à organização e prática do futebol profissional, e a definição de todos os regimes para o futebol profissional. O caminho do profissionalismo no futebol português era a bandeira da Liga, que teria definitiva institucionalização em 1988, apresentando-se como uma associação de direito privado, que passava a exercer as suas competências como órgão autónomo da FPF. As associações distritais juntaram-se muitas vezes para se oporem às pretensões da Liga, numa luta Liga-Associações

Distritais que durou vários anos, com a AFC a ser uma das instituições que integrou essa contenda, ao lado das suas congéneres, com ambos lados a defenderem os seus membros e interesses.

Para além das preocupações com a Liga, a AFC enfrentou nesta temporada uma crise financeira. Em grande parte, as dificuldades de tesouraria derivavam das dívidas dos clubes à Associação, que resultaram num saldo negativo de mais de 1.500.000\$00 escudos na conta dos filiados, situação preocupante e que mereceria, no final da época, uma chamada de atenção aos clubes por parte do Conselho Fiscal da AFC. Num período em que os clubes apresentavam, em geral, grandes dificuldades económicas e financeiras para manter a atividade, a AFC acabaria por ser uma das prejudicadas com esta nefasta situação, observando, ano após ano, o aumento das dívidas nesta rubrica. Dos 105 clubes filiados na AFC em junho de 1983, apenas 15 tinham as contas em ordem, numa prova inequívoca da existência de um problema grave de cumprimento das obrigações dos clubes para com a sua Associação distrital.

### **Naval de regresso à II Divisão e Académica quase de primeira**

Depois do título do União de Coimbra na época transata, desta vez seria a Associação Naval 1.º de Maio a fazer um percurso assinalável na III Divisão Nacional. Integrada, tal como os outros filiados na AFC, na Série C da III Divisão Nacional (num total de 16 clubes), a Naval acabou por terminar

a prova no 2.º lugar, com 40 pontos (17 vitórias, 6 empates e 7 derrotas, com 44 golos marcados e 29 sofridos), menos quatro pontos que a AD Guarda (1.º classificado) e mais três pontos do que o 3.º classificado, Sport Viseu e Benfica. Na mesma série, a AD Poiares terminou num honroso 6º lugar e as formações do Quiaios Clube e do Esperança AC alcançariam as duas últimas posições e desceriam ao Distrital. Com estas duas despromoções e com a subida da Naval, na temporada seguinte a AFC contaria apenas com três filiados na III Divisão Nacional (Poiares, Marialvas e Sourense). Quanto à competição, na sua fase final seria dominada pela AD Guarda e CF Esperança de Lagos, que venceram respetivamente as zonas Norte e Sul da 2.ª Fase. Na final, os algarvios impuseram-se aos egitanenses nos penáltis por 5-3, após um empate 2-2 no tempo regulamentar e no prolongamento.

No Campeonato Nacional da II Divisão, destaque para a carreira bastante positiva do União de Coimbra que, no ano do seu regresso ao segundo escalão, conseguiu um meritório 4.º lugar na Zona Centro. Melhor faria o Clube Académico de Coimbra (CAC) que, ao obter a segunda posição, a apenas um ponto do RD Águeda, ficou apurado para a liguilha de subida à I Divisão.

Sublinhe-se que CAC e RD Águeda foram protagonistas de uma luta extraordinária pelo primeiro lugar, que conferia a subida direta à Divisão máxima do escalão nacional. Destacados desde muito cedo dos restantes competidores, as duas equipas nunca conseguiram descolar uma da outra até à derradeira ronda. Se no final da primeira volta, a Briosa encabeçava a classificação com mais

um ponto que o rival, à 16.<sup>a</sup> jornada a turma de Águeda passaria para a frente (aproveitando um deslize do Académico em casa, contra a UD Leiria), para nunca mais abandonar essa posição. Até final, por diversas vezes, as duas equipas estiveram empatadas no topo da classificação (com vantagem no confronto direto para a equipa da AF Aveiro) e na última jornada, com uma confortável vitória por 5-2 em Peniche, os aguedenses garantiram a subida. Depois de uma época bastante desgastante, onde, para além do campeonato, a turma de Coimbra passaria seis eliminatórias na Taça de Portugal (até chegar às meias-finais, onde foi copiosamente derrotada por 9-1 com o FC Porto), o CAC haveria de quedar-se pela última posição da liguilha (denominada Torneio de Competência das I/II Divisões), atrás de Lusitano GC de Évora (3.<sup>o</sup>), FC Vizela (2.<sup>o</sup>) e Sporting Clube de Espinho (1.<sup>o</sup>) – este último garantiu assim a permanência no escalão maior do futebol português na época seguinte. Recordemos que a prestação do CAC foi paupérrima neste Torneio, não obtendo qualquer vitória e

somente dois empates, sofrendo quatro derrotas, num total de quatro golos marcados e nove sofridos (conseguiu unicamente dois pontos). Na fase de apuramento do vencedor da II Divisão Nacional acabou por dominar o SC Farense, que se impôs ao RD Águeda e FC Penafiel.

Importa salientar que Faro, através desta vitória do SC Farense na II Divisão Nacional e do CF Esperança de Lagos na III Divisão Nacional, foi o único distrito a tirar títulos nacionais a Lisboa, cujos clubes dominaram em todas as outras competições. O SL Benfica venceu a I Divisão Nacional, a Taça de Portugal e a Taça Nacional de Juvenis, enquanto o Sporting CP conquistou o Campeonato Nacional de Júniores e a Taça Nacional de Iniciados. Coimbra, como referimos, teve modestas participações na II e III Divisões Nacionais, destacando-se sobretudo na Taça de Portugal, com o CAC a atingir as meias-finais, onde caiu nas Antas frente ao FC Porto, a 8 de maio de 1983. Os portistas já haviam eliminado outra equipa de Coimbra, o União, por 4-0, na 3.<sup>a</sup> eliminatória da prova, a 11 de dezembro de 1982.

**Sabia que...** O grande Brasil do Mundial de 1982 jogou no ano seguinte em Coimbra. Milhares de espetadores acorreram ao Estádio Municipal para ver os craques brasileiros enfrentarem Portugal, a 8 de junho, num recital de Sócrates, Careca e companhia. O *escrete* canarinho brindou a numerosa assistência com quatro golos sem resposta.

## Escalões jovens, prestações humildes

Quanto às outras competições nacionais (escalões jovens), as prestações dos clubes de Coimbra seriam, novamente, modestas. No Campeonato Nacional de Juniores, o CF União de Coimbra até venceu destacado a Série C da Zona Centro, mas na 2.ª fase não foi além de um 5.º lugar na Zona Norte, não se apurando para a terceira e decisiva fase, que seria ganha pelo Sporting CP, sagrando-se deste modo campeão nacional de juniores.

Na Taça Nacional de Juvenis, o União de Coimbra e a Associação Naval 1.º de Maio venceram respetivamente a 6.ª e 7.ª Séries, mas não conseguiram repetir o feito na 2.ª fase da prova, ficando em 2.º e 3.º lugares na Zona B, ganha pelo CD Feirense. A final da prova seria disputada por SL Benfica e Vitória SC (que nas meias-finais bateu o Feirense), com vitória dos benfiquistas por 1-0, sagrando-se campeão nacional de juvenis.

Finalmente, quanto à Taça Nacional de Iniciados, as prestações dos clubes filiados na AFC foram ainda mais paupérrimas, não vencendo nenhuma das séries na 1.ª Fase, com a melhor classificação a ser o 2.º lugar do União de Coimbra na Série C, logo atrás do FC Porto. Os portistas chegariam mesmo à final, onde foram batidos após a marcação de grandes penalidades (5-2) pelo Sporting CP.

## Húngaros e brasileiros por Coimbra

Entre abril e junho de 1983, Coimbra acolheu dois jogos internacionais da Seleção Nacional, de

cariz particular. O cenário foi o Estádio Municipal, que encheu em ambas ocasiões, gerando enorme expectativa entre o público conimbricense e a própria AFC. A Associação colaborou intensamente com a FPF na preparação dos dois encontros, gerando também alguma receita para os cofres deficitários da AFC. O primeiro desses encontros foi a 13 de abril, naquele que era o 236.º jogo internacional de Portugal, o sexto frente à Hungria. Era um teste à equipa das quinas antes de enfrentar a URSS no apuramento para o Euro-1984. Mas seria um fraco ensaio, com empate a zero, embora com oportunidades para ambos lados – no jogo seguinte, Portugal teria um dia negro, perdendo com a URSS por 5-0 e pondo em causa o acesso ao Europeu, onde acabaria por estar e fazer uma grande prova, atingindo as meias-finais.

Menos exigente, já que se tratava de um particular, seria o encontro que se seguiu (o segundo seguido na cidade), no Estádio Municipal de Coimbra, desta feita contra o Brasil. Apesar de ser uma quarta-feira, dia 8 de junho, milhares de adeptos preencheram as bancadas, curiosos para ver o grande Brasil que havia brilhado no Mundial de Espanha do ano anterior. FPF e AFC colaboraram afinadamente para dar as melhores condições possíveis ao público e às seleções. E o encontro não defraudou, com o Brasil a dar um *show* de bola, perante uma jovem seleção portuguesa, que estreou cinco novos jogadores. Careca e Sócrates fizeram as delícias do público, marcando três dos quatro golos (o outro foi da autoria de Pedrinha) com que o escrete brasileiro bateu Portugal, numa tarde inesquecível para os adeptos de futebol em Coimbra.

## Seleção Nacional feminina em Coimbra

O futebol feminino continuava o seu processo de crescimento e consolidação na sociedade portuguesa. No caso de Coimbra, anualmente recordava-se o aniversário da criação da secção de futebol feminino no União de Coimbra, que datava de março de 1972. Em 1983 não foi distinto, embora gradualmente a secção fosse perdendo influência devido ao afastamento de alguns dirigentes históricos e de jogadoras emblemáticas, cada vez mais veteranas. A imprensa regional, em especial o *Diário de Coimbra*, publicava nesta altura do aniversário resenhas históricas sobre o futebol feminino em Coimbra, relembrando esse momento. Os primórdios remetiam para o dia 23 de março de 1972, quando Maria de Lurdes, atual capitã de equipa, se apresentou na sede do União. Tinha-se deslocado ali com o firme propósito de formar uma equipa de futebol feminino no clube.

Durante os primeiros dois meses contaria somente com seis jogadoras, alargando-se depois a mais atletas, graças à ação das denominadas “pioneiras” (Lurdes, Júlia, Laura, Lina, Margarida, Ivone, Rosa, Minga, Zé, Alzira e Alexandrina), que recrutaram gradualmente mais potenciais jogadoras. Aliado a isso esteve um dirigente, César Sobral, que acolheu a ideia de Maria de Lurdes, apoiando a equipa feminina ao longo dos anos. Mas não foi um processo fácil, com poucos adeptos do União a assistirem aos encontros femininos. A equipa era, muitas vezes, mais reconhecida e apoiada quando jogava fora de Coimbra.

Entre 1972 e 1983, o União consolidou-se a nível nacional como uma referência do futebol feminino, tendo por isso visto várias jogadoras convocadas para a Seleção Nacional feminina que participou em 1982-83 no apuramento para o Campeonato da Europa de Futebol Feminino. O União faria um reconhecimento a essas atletas internacionais: Maria de Lurdes, Cristina Viseu, Adelaide Almeida, Graça Maria, Elsa Cláudia, Maria Idalina, Paula Correia e a avançada Júlia.

A saga da Seleção Nacional feminina começou a 10 de outubro de 1982, no Estádio de Solothurn, na Suíça, onde perdeu por 2-0 contra as helvéticas, naquele que foi o segundo encontro da sua história. Seguiu-se a Itália, em Génova, com nova derrota, por 3-0. Finalmente na estreia em casa, no Estádio da Tapadinha, a 2 de dezembro de 1982, Portugal obteve o seu primeiro resultado positivo, um empate 0-0 frente à França. Seguiu-se a 12 de fevereiro de 1983 uma derrota (2-0) em França.

O sexto jogo internacional de Portugal, segundo contra a Suíça, seria realizado em Coimbra, precisamente no Estádio Municipal, a 3 de abril de 1983. E tal como sucedia com a seleção masculina, a FPF e AFC conjugaram esforços para promover o encontro, que teve assistência assinalável. Acabou com um empate a uma bola, com o golo português a ser marcado por Alfredina aos 60 minutos. Foi o primeiro golo da Seleção Nacional feminina na sua história. Coimbra, pela sua tradição no futebol feminino, acolheu deste modo o segundo encontro de Portugal em solo nacional, depois de Lisboa. Seguiu-se o Porto, com o Estádio do Bessa a receber o jogo Portugal-Itália, a 26 de junho de 1983, que as italianas venceram por 2-0.

A participação portuguesa encerrava com mais uma derrota, salvando-se os dois empates obtidos – mas o mais importante estava feito, a criação e (aparente) consolidação de uma Seleção Nacional feminina. E Coimbra tinha dado um forte contributo para este processo. Nesta época, continuava a ser um dos cinco distritos a ter inscrições de jogadoras

(84), juntamente com Leiria (42), Lisboa (121), Porto (237) e Setúbal (110), num total nacional de 574 atletas (divididas entre seniores, 451; juniores, 109; e juvenis, 14). Um valor exíguo quando comparado com o total nacional de futebolistas masculinos de futebol de onze: 61960 jogadores em todos os escalões.

**FUTEBOL** Campeonato da Europa

**DOMINGO**  
**3**  
**ABRIL-1983**

**PORTUGAL**  **SUIÇA**  
**(FEMININO)**

Às **16** Horas

PREÇOS  
Geral 80\$00 – Superior 150\$00  
Banc. Central (coberta) 200\$00  
(Incluído o Seguro Social)

Se por qualquer motivo de força maior este encontro tiver de ser interrompido depois de iniciado, não se é obrigado a restituir a importância dos bilhetes

**ISENTO DE SELO**  
**VERBA III DO CAPITULO**  
**(Outras isenções de Tabela**  
 **Geral do Imposto do Selo)**

Instituição de Utilidade Pública

PARA MAIORES DE 6 ANOS Organização da Associação de Futebol de Coimbra

**ESTÁDIO MUNICIPAL**

Imprensa de Coimbra, Limitada – Telef. 24787 – 3-983 – 40 ex.

Coimbra recebe a Seleção Nacional Feminina.



Sócrates e Careca brilharam no Municipal de Coimbra em 1983.  
Marcaram três dos quatro golos com que o Brasil bateu Portugal.

## Cronologia

1982  
83

368

### 1982

- Agosto** O União de Coimbra participou com a equipa de juniores no Torneio Internacional de Limoges, em França. A AFC atribuiu-lhe 30.000\$00 para auxiliar nas despesas.
- Setembro** O Dr. Guilherme de Oliveira completou o 30.º aniversário como presidente da AFC. As associações distritais enviaram uma petição à FPF para que lhe atribuir um galardão, por todos os serviços prestados ao futebol.
- Outubro** Foi aprovado o regulamento da Taça Armando Sampaio, competição da AFC que se disputaria pela primeira vez.
- Novembro** Devido à nova legislação, decidiu-se reduzir o número de efetivos no policiamento aos jogos das categorias inferiores, passando a três agentes para a maioria dos encontros.
- Dezembro** A UD Cernache, alegando falta de apoios e patrocínios, informou a AFC da sua desistência do Campeonato Distrital de futebol feminino.

## 1983

### Fevereiro

Para a aquisição de um computador, a AFC pediu um adiantamento à FPF de 1.000.000\$00, proveniente da sua parte do Totobola.

### Abril

A nova Direção da AFC propôs a nomeação do Dr. Guilherme de Oliveira para Sócio Honorário.

### Maiο

As Taças de Encerramento da II e III Divisões da AFC foram canceladas devido ao diminuto número de inscrições.

Em pleno Estádio das Antas, no dia 8, o CAC foi batido por 9-1 pelo FC Porto, nas meias-finais da Taça de Portugal. Os académicos haviam superado clubes como o Valdevez, Vitória SC de Guimarães ou Rio Ave.

### Junho

Entre maio e junho realizaram-se em Coimbra, no Estádio Municipal, jogos da Seleção Nacional masculina e feminina.

A AFC contou nesta temporada com nove escolas de jogadores de futebol, deixando de ser o distrito com mais estruturas do género. Lideravam Lisboa (45) e o Porto (33).

# Competições

1982  
83

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	União Desportiva e Recreativa de Cernache
Taça AFC - Seniores	União Desportiva e Recreativa de Cernache



**FUTEBOL**  
Final da Taça A.F.C.

**DOMINGO**  
**8**  
**MAIO - 1983**

**CERNACHE**  
**SOUSELAS**

**ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO**

Às **16** Horas

PREÇOS — Menores 20Soz  
Geral 60Soz - Bancada 100Soz

Preços em Escudos Novecentos

Se por qualquer motivo de força maior não puder assistir ao jogo, o bilhete poderá ser trocado, desde que solicitado, até ao dia antecedente ao realizado a responsabilidade dos bilhetes

**PARA MAIORES DE 4 ANOS**

**PRETO DE SELO**  
VERBA DE SOU CAPITALIZADO  
(Estabelecimento de Trabalho  
Geral do Trabalho do Salto)

Organizado e Assinado no nome do Clube  
Realizado no Estádio Universitário

Impressão e Distribuição: (Lisboa) - Tel. 2007 - 4188 - 40 22

Cartaz da final da Taça AFC, entre Cernache e Souselas.

Época 1983  
84

## A (boa) novidade dos congressos distritais

A AFC decidiu conversar com os clubes fora de portas, criando encontros (a que chamou congressos distritais) para ouvir as principais reivindicações dos filiados, cuja participação era escassa nas assembleias gerais. Organizou também a primeira edição do curso de monitores de futebol, outra (boa) novidade da época, tal como seria a subida do CAC à I Divisão.

**D**epois do feito do Mundial de 1966, em que Portugal atingiu as meias-finais e conquistou o terceiro lugar – na sua primeira participação num Campeonato do Mundo de Futebol –, novamente o futebol português surpreendia o mundo da bola. Em junho de 1984, a Seleção Nacional fez uma fantástica carreira na primeira participação num Europeu de futebol, em França, chegando às meias-finais, onde seria eliminada pela equipa da casa, num jogo emocionante que terminou 3-2 a favor dos gauleses. A nível interno, o SL Benfica, treinado pelo sueco Eriksson, voltou a ser o grande dominador do campeonato nacional, vencendo a prova com 52 pontos, mais três que o FC Porto de José Maria Pedroto. Curioso o registo de ambas as equipas. Por um lado, um SL Benfica altamente realizador, com 86 golos em 30 jornadas (sofreu 22), e do outro lado um FC Porto com a melhor defesa, sofrendo somente 9 golos (marcou 65). Fechou o pódio da prova o Sporting CP, com 42 pontos, mais cinco que o SC Braga (4.º classificado). Isto numa edição da I Divisão que voltou a não contar com nenhuma equipa de Coimbra, o que já sucedia há três temporadas.

Os filiados da AFC estiveram remetidos à II Divisão, disputando a Zona Centro, onde estiveram envolvidos o Clube Académico de Coimbra (CAC), o União de Coimbra e a Associação Naval 1.º de Maio. O favorito entre os clubes de Coimbra era o CAC. Mas depois de duas tentativas falhadas nas edições anteriores da prova, as expetativas eram moderadas, agravadas pela crise financeira que atravessava. Arrefecer as expetativas de subida à

I Divisão, aparentemente, foi a melhor estratégia que adotou o seu treinador, Vasco Gervásio (cf. Santana & Mesquita, 2007, p. 286). Apesar do baixo orçamento, o discurso de humildade do treinador acabou por resultar.

O CAC fez uma excelente primeira volta, acabando-a isolado na frente da Zona Centro da II Divisão – o primeiro lugar garantia acesso direto à I Divisão. E os resultados continuaram a ser bons durante a segunda metade da prova, assegurando a subida de Divisão a faltar uma jornada para o fim da competição. Nessa ronda, a penúltima, o CAC venceu fora, no dérbi com o União, por 3-2, e beneficiou da inesperada derrota caseira do Peniche contra o Torrense. Os “estudantes” puderam assim festejar antecipadamente. A festa foi rija em Coimbra, que voltava a ter uma equipa no principal escalão do futebol português, na época seguinte. O CAC ainda disputou a fase final para apurar o campeão da II Divisão, mas o Belenenses (outro histórico que voltava à I Divisão) foi o mais forte, batendo a Briososa e o FC Vizela.

A restante participação dos clubes de Coimbra na II Divisão seria mais modesta. O União ficaria na 6.ª posição, com 33 pontos, garantindo a manutenção na época seguinte. Pior cenário seria o da Associação Naval 1.º de Maio. Tal como sucedera na sua última participação na prova, voltaria a descer de Divisão, ficando no 14.º lugar (entre 16 equipas) com 18 pontos em 30 jornadas, obtendo 4 vitórias (valiam dois pontos), 10 empates e 16 derrotas.

Igualmente modesta seria a participação dos clubes da AFC na III Divisão Nacional (I Fase, Série C), ficando em lugares de meio da tabela.

O mesmo sucederia na Taça de Portugal, em que os representantes de Coimbra foram afastados prematuramente.

## Congressos de futebol distrital

Nesta época desportiva, a AFC quis dinamizar encontros com dirigentes dos clubes filiados, de uma forma mais descentralizada e fora da sua sede. As famosas audiências, onde a Direção da AFC recebia no final da ordem de trabalhos os clubes, para ouvir e auscultar as suas preocupações, não terminaram. Porém, assistiu-se ao surgimento de um novo fenómeno que tinha o intuito de levar os principais temas de debate para as sedes dos clubes.

Foi neste contexto que na presente época se realizaram diversas reuniões ou congressos temáticos, um pouco por todo o distrito. Um dos mais populares terá sido aquele que foi realizado em Cheira (Penacova), mais precisamente na sede do Mocidade Futebol, no mês de março de 1984. Além dos dirigentes do clube anfitrião e da AFC, contou com a presença dos representantes de diversos filiados do “alto distrito”, como o São Mamede, o União Futebol Clube, o Lorvanense ou o Chelo Futebol Clube. Presidiu ao encontro o Dr. Azougado da Mata, o grande dinamizador do futebol naquela área geográfica do distrito que, na abertura dos trabalhos, congratulou a AFC e todos os presentes pela promoção destes importantes debates, considerados como fundamentais para a evolução do futebol distrital. Seguiu-se, no uso da palavra, o Dr. Pinto Gomes, que na qualidade

de presidente da AFC justificou as razões fundamentais que levaram aquele organismo a organizar, em parceria com os clubes, estes congressos distritais. Um dos motivos principais invocados pelo dirigente foi precisamente o facto da maior parte dos pequenos clubes não se fazerem habitualmente representar nas Assembleias Gerais da AFC. Se por falta de meios estes não o faziam, então fosse a Associação a ir ao seu encontro, exclamou o presidente da AFC. Decorreu posteriormente um debate dos pontos constantes na ordem de trabalhos, relacionados com o policiamento, as faltas de condições nalguns campos, a arbitragem e as taxas aplicadas. No final, houve ainda tempo para os clubes manifestarem outras preocupações sobre variados assuntos.

**Sabia que...** Segundo dados da AFC existiam cerca de três mil clubes em Portugal, com a instituição a ter 109 clubes filiados, sendo a 5.<sup>a</sup> ou 6.<sup>a</sup> maior associação distrital de futebol. Mas sem clubes na I Divisão, apenas dispunha de “uns míseros 13 votos” na Assembleia Geral da FPF.

O debate era quase sempre aberto, no qual, ordeiramente, poderiam e deveriam participar ativamente todos os intervenientes. Foi assim que decorreu esta sessão em Cheira, onde, por exemplo, se debateu a necessidade urgente de se alterarem os estatutos da própria AFC (datados de 1938). Levantou-se também a hipótese de os castigos aos clubes deixarem de basear-se exclusivamente nos relatórios dos árbitros, devido aos mesmos, por vezes, não traduzirem fielmente os acontecimentos ocorridos dentro de campo. E ouviu-se também a pretensão do Dr. Pinto Gomes em realizar, para além destes pequenos encontros, um grande Congresso de Futebol Distrital, onde todos os clubes se fizessem representar.

Estes debates e encontros tiveram o condão de aproximar os clubes filiados, especialmente os mais pequenos, e a AFC, em convívios salutareos e bastante profícuos para todas as partes. Além do debate de ideias e de questões técnicas e disciplinares relacionadas com o futebol distrital, fazia com os dirigentes desportivos se sentissem incluídos e envolvidos no processo de decisão da AFC, mesmo os dirigentes dos ditos “clubes pequenos” do distrito e mais afastados geograficamente do concelho de Coimbra, onde estava a sede da instituição.

## De Sócio de Mérito a Honorário

Um dos atos mais simbólicos da Direção da AFC nesta temporada ocorreu em 27 de janeiro de 1984, quando dirigiu uma carta ao presidente da Assembleia Geral da AFC e aos delegados dos

clubes. Nessa missiva, a Direção da Associação, presidida pelo Dr. Alberto Pinto Gomes, lembrava que a 12 de abril de 1983, logo na sua primeira reunião ordinária, havia deliberado por unanimidade nomear o Dr. Guilherme de Oliveira como Sócio de Mérito da AFC. Mas era seu desejo conceder-lhe “o galardão máximo estatutariamente previsto – a categoria de Sócio Honorário”. Para isso, a proposta precisava de ir à Assembleia Geral da AFC. E era nesse sentido que ia esta carta.

A Direção justificava a pretensão com o facto do Dr. Guilherme de Oliveira, o mais longo presidente da AFC, ter sido ao longo de 30 anos “um exemplo de dedicação à causa do futebol, quer como dirigente quer como doutrinador”. Destacavam a sua obra em prol da “criação das Escolas de jogadores destinadas a jovens dos 12 aos 17 anos com a finalidade primeira e última de promover e favorecer ‘o desenvolvimento das qualidades morais e físicas dos jovens a par do ensino da técnica e das regras do jogo da bola’”. Mas se o futebol juvenil havia sido uma “preocupação constante” do Dr. Guilherme de Oliveira, a sua atenção também se tinha virado “para o desporto em geral e para um dos setores mais sensíveis do fenómeno do futebol – a arbitragem.” Deixou, por isso, vasta obra escrita sobre estes temas, como “A Moral e o Desporto”, “Desporto e Civilização”, “Sociedade Nova, Desumanização, Desporto”, “Dualidade da Vida, Educação, Desporto” ou “Desporto como Sistema Regulador do Comportamento Social”. Estes textos eram reveladores, segundo a Direção da AFC, da sua “inteligência vivíssima, uma cultura geral notável”, na “defesa do Desporto, em geral, e do

Futebol em particular, como expressão de cultura e como melhor mensageiro na aproximação dos homens.” E recordava-se uma famosa frase sua:

“É através das práticas desportivas que o homem aprende a reconhecer e a respeitar a alternidade – o outro é seu irmão e amigo”.

Assentes neste argumentos, a Direção da AFC, “consciente do respeito que a sua figura ímpar merece pelos relevantes serviços prestados ao futebol”, propunha que a Assembleia Geral da AFC proclamasse o Dr. Guilherme de Oliveira como Sócio Honorário da instituição. Nesse mesmo dia, 27 de janeiro de 1984, pelas 21h30, na sede da AFC, realizou-se uma Assembleia Geral Extraordinária que viria a votar a proposta, sendo a mesma aprovada por unanimidade e aclamação.

### **Curso de Monitores de Futebol, outra novidade**

Em maio de 1984, a Direção da AFC decidiu avançar com o 1.º Curso para Monitores de Futebol Distrital, sob a alçada do recém-criado Gabinete Técnico da AFC, que tinha como programa “promover ações de formação para monitores, massagistas e dirigentes”. A Direção da instituição considerava que, como organismo desportivo, a AFC devia “preocupar-se com a organização e estruturação dos seus quadros regionais”, como referiu no Manual do curso, distribuído nessa altura aos instruendos.

O curso, na visão dos dirigentes da AFC, constituía “um elemento de apoio pedagógico a todos aqueles que já treinam equipas e especialmente à Estrutura Técnica Regional em Formação”. A iniciativa contava com o apoio do Gabinete Técnico da FPF, da Direção Geral dos Desportos e da Câmara Municipal de Coimbra, entre outros. A formação seria “avaliada num sentido formal”, sem estabelecer “qualquer grau hierárquico”, e seria reconhecida pela AFC, integrando-se “numa futura política de formação de Técnicos da FPF”.

O Manual distribuído contava com materiais de apoio, para as leituras dos instruendos, nas áreas da Psicologia Desportiva (lecionada por Joseph Wilson), Estrutura do Jogo, Evolução dos Sistemas Táticos do Futebol, Técnica do Futebol, Tática (lecionadas por Francisco Andrade), Futebol Juvenil (por Raúl Jorge Gomes de Pinho), Massagens (Guilherme Luís), Desenvolvimento das Qualidades Físicas (Prof. Simões de Oliveira), Evolução das Qualidades Físicas (Prof. Vítor Santos e Rodrigo Mano), Leis do Jogo (Augusto Marques Bom), Organização do Futebol Regional (João Lopes), O Desporto, O Homem, A Qualidade de Vida (Braga da Cruz).

A 18 de julho de 1984, através da Circular n.º 161, a Direção da AFC fez um Comunicado Oficial dirigido aos clubes filiados e jornais, em que confirmava ter terminado o I Curso para Monitores de Futebol Distrital, que se tinha realizado entre 5 e 19 de maio. As avaliações finais (teóricas e práticas) decorreram como previsto, sendo publicada a lista de candidatos aprovados, no total de 63 monitores (treinadores), que obtiveram avaliação de “Apto” ou “Apto/Bom”.

## TOCHA, 1 - MIRANDENSE, 0 (Após prolongamento)

# UMA TAÇA PARA A TERRA DO LEITE!



Esta a equipa de Tocha que ontem se sagrou campeã da 4.ª Divisão Distrital da Associação de Futebol de Coimbra, a Taça de Honra de Mirandense. Na foto: António, Vasco, Paulo, Sérgio, o AFC, e os outros jogadores.

o difícil arranque de facto deu-lhe o equilíbrio, mesmo quando frente ao goleador da Tocha, Sérgio, se apresentou com um bom disparo. Foi então que se deu o lance que deu a vitória, pois, após 44 minutos, o AFC acabou por marcar o gol que deu a vitória. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**MUITAS OPORTUNIDADES NENHUMA CONCRETIZAÇÃO**

Não foi, uma grande oportunidade, mas foi suficiente para vencer a Taça de Honra de Mirandense. A Taça de Honra de Mirandense é uma competição que se disputa entre as equipas da 4.ª Divisão Distrital da Associação de Futebol de Coimbra. Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo.

**NAS CABINAS A PALAVRA AOS TREINADORES**

António, o treinador do AFC, afirmou que o jogo foi muito difícil, mas que a equipa conseguiu vencer graças ao equilíbrio e ao trabalho realizado durante a semana. Vasco, o treinador do Mirandense, afirmou que a equipa não conseguiu marcar gol devido a uma defesa muito sólida.



Como pode ver-se na foto, a equipa do Mirandense também atacou o AFC que não concretizou. Esta foi uma foto de costas para o atacante de Mirandense e a Taça veio logo de costas para o jogador de qualquer maneira.

**CITO MINUTOS E FICOU A TAÇA GANHA**

Como dizem os jogadores, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**A PALAVRA AO HOMÉM DO ARTO**

João Coimbra, o jogador do AFC, afirmou que o jogo foi muito difícil, mas que a equipa conseguiu vencer graças ao equilíbrio e ao trabalho realizado durante a semana. Vasco, o treinador do Mirandense, afirmou que a equipa não conseguiu marcar gol devido a uma defesa muito sólida.

**SE DE PESONA SÃO 'PRENDAS' PARA BREVE MAS HÁ MAIS MELHORAMENTOS EM PERSPECTIVA**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**A FALTA DE ARBITROS E RELÀÇÃO MARRAS DO JOGO. GRAN MUITAS DIFICULDADES**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**AS EQUIPAS MAIS DIFÍCEIS FORAM AS DO CASASNE, RIBEIRENSE E ARGUS**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.



O presidente da equipa de Tocha, se bem que não tenha feito muitas saudades, afirmou que se não estivesse no seu nível não teria sido possível vencer a Taça de Honra de Mirandense.

## APESAR DAS DIFICULDADES O MIRANDENSE ACREDITA NUM FUTURO OPTIMISTA

### — pensamento do seu Presidente Valdemar Simões

**ENTREVISTA DE RICARDO PIFFRITO**

O Mirandense, actividade desportiva fundada em 14 de Setembro de 1947 na vila de Vila de Aguiar do Comoro, conseguiu regressar à Divisão Distrital de Honra com o 1.º lugar. Este regresso é o resultado de um trabalho muito árduo e de uma equipa muito motivada.

**FALTA DE ESTRUTURAS**

Apesar do sucesso desportivo, o clube enfrenta dificuldades estruturais, nomeadamente a falta de instalações adequadas para o treino e para a realização de jogos. O presidente do clube, Valdemar Simões, afirmou que a falta de estruturas é um dos maiores problemas do clube.

**A PALAVRA AO HOMÉM DO ARTO**

João Coimbra, o jogador do AFC, afirmou que o jogo foi muito difícil, mas que a equipa conseguiu vencer graças ao equilíbrio e ao trabalho realizado durante a semana. Vasco, o treinador do Mirandense, afirmou que a equipa não conseguiu marcar gol devido a uma defesa muito sólida.

**SE DE PESONA SÃO 'PRENDAS' PARA BREVE MAS HÁ MAIS MELHORAMENTOS EM PERSPECTIVA**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**A FALTA DE ARBITROS E RELÀÇÃO MARRAS DO JOGO. GRAN MUITAS DIFICULDADES**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**AS EQUIPAS MAIS DIFÍCEIS FORAM AS DO CASASNE, RIBEIRENSE E ARGUS**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.



Guarda-Redes: Gama, China e Bolaia; Defesas: Barro, Camilo, Paulo, Simões, Ze Maria, Vitor, Vitor, Fátima e Gilvane; Meio-fundo: Casanova, Ze Santos, Pedro Casanova, Abreu e Capelas; Atacantes: Lourenço, Jorge, Natália, Rita, Vitor e António. Treinador: António.

**EUQUIPA DO MIRANDENSE**

Guarda-Redes: Gama, China e Bolaia; Defesas: Barro, Camilo, Paulo, Simões, Ze Maria, Vitor, Vitor, Fátima e Gilvane; Meio-fundo: Casanova, Ze Santos, Pedro Casanova, Abreu e Capelas; Atacantes: Lourenço, Jorge, Natália, Rita, Vitor e António. Treinador: António.



Estes são os principais responsáveis pelo regresso do Mirandense à Divisão Distrital da AFC.

**DESPORTO**

Apesar das dificuldades, o Mirandense acredita num futuro optimista. O presidente do clube, Valdemar Simões, afirmou que a equipa está muito motivada e que o clube tem um futuro muito promissor.

Nem só dos "grandes" se faziam notícias e manchetes de jornais. Os vencedores das provas regionais ganhavam cada vez mais destaque nos periódicos coimbricenses.

## FUTEBOL FEMININO DO UNIÃO DE COIMBRA COMEMOROU DOZE ANOS DE VITÓRIAS

A Federação Portuguesa de Futebol continua a manter o seu compromisso com o futebol feminino, não só através da organização de provas em Campeonatos, mas também através da criação de equipas locais. A União de Coimbra comemorou doze anos de vitórias no futebol feminino.



Esta é a equipa feminina do União de Coimbra que muito prestígio tem conquistado para o clube e para a cidade. Na foto: Maria Júlia, a Maria (I), a Maria (II), a Maria (III), a Maria (IV), a Maria (V), a Maria (VI), a Maria (VII), a Maria (VIII), a Maria (IX), a Maria (X), a Maria (XI), a Maria (XII).

**A TARGE NOVO FUTEBOL 12 AOS CANAS DE SENHORIM**

Este ano, a Taça de Honra de Mirandense foi vencida pelo AFC, com o gol marcado por António, aos 44 minutos do jogo. Este resultado deu ao AFC o título de campeão da Taça de Honra de Mirandense.

**REPORTAGEM DE DANIEL COSTA**

Apesar das dificuldades, o Mirandense acredita num futuro optimista. O presidente do clube, Valdemar Simões, afirmou que a equipa está muito motivada e que o clube tem um futuro muito promissor.

## Cronologia

1983  
84

378

### 1983

#### Setembro

A FPF concedeu autorização para uma Seleção de Juniores da AFC participar num torneio em Salamanca, em Espanha.

#### Outubro

O Conselho de Arbitragem decidiu suspender a sua atividade por tempo indeterminado, facto que levou a AFC a criar uma comissão para tutelar a arbitragem até que a situação fosse normalizada.

#### Novembro

Foi aprovado o regulamento de um novo troféu, a Taça Jorge Neves.

A cidade de Coimbra acolheu a reunião de início de época das Associações Distritais de futebol.

## 1984

- Janeiro** No dia 27, a Direção da AFC dirigiu uma carta aos filiados a pedir que fosse atribuído o título de Sócio Honorário ao Dr. Guilherme de Oliveira. O título seria concedido numa Assembleia Geral Extraordinária, por unanimidade e aclamação.  
Foi aprovado um aumento de 2.000\$00 para o pessoal afeto à Secretaria da AFC.
- Março** Foi apresentada à AFC uma proposta para a realização de um torneio internacional juvenil em Coimbra, que contasse com a seleção de Coimbra, das cidades geminadas de Poitiers (França) e Salamanca (Espanha), e com o Sporting CP ou o SL Benfica.
- Abril** Foi agendado um duplo confronto entre as seleções distritais de futebol feminino da AFC e da AF Setúbal. Pretendia-se promover a competitividade entre atletas e o futebol feminino.
- Maio** Iniciou-se o 1.º Curso para Monitores de Futebol Distrital, organizado pela AFC.
- Junho** Entrou em vigor uma nova tabela de taxas para a filiação e inscrições de clubes na AFC nas várias categorias.
- Julho** Na noite de dia 27 foi assinado o protocolo que extinguiu o Clube Académico de Coimbra (CAC), passando a Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol (cf. Santana & Mesquita, 2007, pp. 290-293).

# Competições

1983  
84

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Clube Desportivo Lousanense
Campeonato Distrital Feminino - Seniores	União Desportiva e Recreativa de Cernache
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	União Desportiva da Tocha
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Clube de Futebol Ulmeirense
Campeonato Distrital - Juvenis	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Iniciados	Clube de Futebol União de Coimbra

**DOMINGO**  
**7**  
**OUTUBRO-1984**



**FUTEBOL**

Campeonato Nacional  
da Primeira Divisão

Às **15** Horas

PREÇOS: Geral 250\$00  
Superior . . . 400\$00  
Bancada Lateral 550\$00  
> Central 950\$00  
(Coberta)

(Incluído o Saorror Social)

Se por qualquer motivo de força maior este encontro tiver de ser interrompido depois de iniciado, não se é obrigado a restituir a importância dos bilhetes

**QUOTA 9**

Organização da Associação de Futebol de Coimbra  
Instituição de Utilidade Pública

**ISENTO DE SELO  
VERBA III DO CAPITULO  
(Outras isenções de Tabela  
Geral do Imposto do Selo)**

**P A R A  
MAIORES  
DE 6 ANOS**

**ACADÉMICA - O.A.F.**  
**F. C. PORTO**  
**ESTÁDIO MUNICIPAL**

Imprensa de Coimbra, Lda - Tel. 24787 - 10-84 - 40 ex

Cartaz do jogo Académica-FC Porto, a contar para a I Divisão Nacional.

Época 1984  
85

## Coimbra brilha em França

Coimbra afirmou-se novamente esta época como um dos distritos de referência do futebol português. Era a sexta associação distrital em número de jogadores inscritos, com a Académica a afirmar-se na I Divisão, uma vez mais. E as suas equipas jovens exibiram-se a grande nível em França, demonstrando o enorme esforço que os clubes e AFC realizavam na sua consolidação e promoção do futebol jovem. Em declínio estava o futebol feminino.

**A** temporada seria dominada pelo FC Porto, ao nível do campeonato nacional, e pelo SL Benfica, na Taça de Portugal. Mas ficaria assinalada pelo desaparecimento de uma das figuras mais marcantes do futebol português neste período, o carismático técnico (o “Mestre”) José Maria Pedroto, então ligado aos portistas. Uma morte que ensombrou a modalidade, com os “azuis e brancos” a fazerem tudo para lhe oferecer simbolicamente o título nacional, o que veio a suceder no final da época, sob o comando técnico de Artur Jorge. Assente num futebol coletivo, o desempenho portista na prova foi quase perfeito, perdendo apenas cinco pontos em 60 possíveis, sofrendo unicamente uma derrota e três empates. Desde que o Nacional da I Divisão começou a ser disputado por 16 equipas

**Sabia que...** Os jogadores da Académica prometeram não cortar a barba enquanto a equipa não saísse dos lugares de descida da I Divisão Nacional, onde esteve durante parte da primeira volta. A meio da época, as coisas melhoraram e os resultados surgiram. E finalmente os jogadores puderam fazer a barba.

(a partir de 1971), apenas o SL Benfica de 1972-73 havia conseguido melhor (dois pontos perdidos, correspondendo a dois empates em 30 jogos). Nesta temporada, o FC Porto de Artur Jorge seria o melhor ataque (com 78 golos) e a melhor defesa (13 tentos sofridos). E Paulo Futre e Fernando Gomes, as duas grandes estrelas na frente de ataque.

Coimbra, através da Associação Académica de Coimbra-Organismo Autónomo de Futebol (OAF), regressou ao convívio dos “grandes”, acabando num meritório 7.º lugar, com 29 pontos. Mas o caminho não foi fácil, com os “estudantes” a chegarem a estar em últimos na tabela classificativa, após seis derrotas consecutivas na primeira metade da prova. Seguiu-se a “habitual” troca de treinadores, com a saída de Jesualdo Ferreira (promissor técnico que se revelara no Torreense) e a chegada de Vítor Manuel. A partir daí, a equipa melhorou gradualmente e foi ascendendo na tabela, até terminar na sétima posição. Recordamos que nesta temporada o Clube Académico de Coimbra (CAC) voltou à designação de Associação Académica de Coimbra, acrescentando a designação de Organismo Autónomo de Futebol, como decidido na noite de 27 de julho de 1984. Essa foi a data (o local seria o auditório da Associação Académica de Coimbra) em que o presidente da maior associação de “estudantes” do País, Ricardo Roque, e o presidente do CAC, Jorge Alinho, assinaram o protocolo que consagrava a extinção desta última entidade e “a sua reintegração na casa de onde saíra dez anos antes, agora com o estatuto de organismo autónomo” (Santana & Mesquita, 2007, pp. 290-293). E a definição das suas atividades foi clara: o

futebol federado e o desenvolvimento desportivo, social e cultural dos seus associados.

A boa prestação da Académica na I Divisão em 1984-85 consolidou Coimbra como o terceiro distrito futebolístico mais relevante do País, ao nível da I Divisão, depois de Porto, Lisboa e Faro (as seis primeiras posições da prova foram ocupadas por clubes destas regiões). Sublinhe-se também que em termos de provas organizadas pela FPF houve um claro predomínio de Lisboa e Porto, sendo a exceção Santarém. Para o Porto foram os títulos da I Divisão (FC Porto), II Divisão (GD Aves) e Taça Nacional de Iniciados (FC Porto), enquanto Lisboa conquistou a Taça de Portugal, o Campeonato Nacional de Juvenis e a Taça Nacional de Juniores, através do SL Benfica. Somente a III Divisão escapou ao eixo Lisboa-Porto, sendo ganha pela União Desportiva de Santarém.

No caso dos filiados da AFC, a prestação na II Divisão seria modesta, contando com um único representante, o União de Coimbra. Enquadrado na Zona Centro, acabou a prova em 4.º lugar entre 16 equipas, numa tabela que seria liderada pelo Sporting Clube da Covilhã, em representação da AF Castelo Branco. A competição, na sua fase final, seria ganha pelo CD Aves, campeão da II Divisão. E o Torneio de Competência das I/II Divisões seria ganho pelo GD Chaves, que tinha terminado em 2.º lugar na Zona Norte da II Divisão. Assim, através do acesso via II Divisão e do Torneio de Competência, os distritos de Castelo Branco e Vila Real passavam a contar com um representante no escalão maior do futebol português – alargava-se deste modo a representatividade geográfica da mais importante competição nacional de clubes.

Relativamente à III Divisão, Coimbra contou com mais equipas do que na II Divisão, num total de quatro (AD Poiares, Associação Naval 1.º de Maio, CD Lousanense e CF Marialvas). Teriam prestações de meio da tabela na competição, enquadradas nas Séries C e D, salvando-se da descida aos escalões distritais, mas sem conseguirem atingir os lugares de luta pelo acesso à II Divisão. O campeão nacional da III Divisão seria a União Desportiva de Santarém. Quanto à Taça de Portugal, arrancou com a 1.º eliminatória (1.ª fase) a 11 de novembro de 1984, com as equipas de Coimbra a atuarem no quadro da zona Centro. Gradualmente os filiados da AFC foram sendo afastados, sendo a melhor prestação a da Académica que atingiu os oitavos de final, onde foi afastada pelo Varzim por 2-1. Modestas seriam igualmente as prestações das equipas de Coimbra no Campeonato Nacional de Juniores (o União venceu a Série C da Zona Centro, mas não passou a 2.ª fase da Zona Norte), na Taça Nacional de Juvenis (a Académica ficou-se pela 2.ª fase) e na Taça Nacional de Iniciados (sem nenhuma equipa do distrito na 2.ª fase).

## **Jovens talentos de Coimbra em solo francês**

Apesar dos poucos resultados obtidos nas competições nacionais, ao nível dos escalões de formação, Coimbra contava com uma boa estrutura a este nível. Em termos de futebol de onze masculino, a AFC apresentou nesta temporada um número expressivo de inscritos: 496 jogadores juniores, 393

juvenis, 244 iniciados e 118 infantis. E dispunha de sete escolas de futebol. Assim, era uma associação distrital com bom dinamismo neste domínio da formação. Foi, por isso, com naturalidade que em maio de 1985, no final das respetivas épocas desportivas, as equipas de infantis da Académica e do União, e a equipa de juniores da Académica, foram convidadas a participar em torneios de futebol em França. A AFC apoiou e patrocinou largamente esta tripla representação internacional que, tanto a nível desportivo como social, seria rotulada de enorme sucesso.

O torneio de infantis, denominado “Bijouterries du Médoc”, realizou-se nos arredores de Bordéus, no sul de França, e contou com a participação de mais 13 equipas, para além dos dois representantes de Coimbra. Desde cedo se percebeu que, devido à sua inequívoca qualidade, os dois filiados na AFC poderiam chegar longe na prova. Debaixo de uma grande animação e de um salutar convívio entre os jovens e dirigentes de várias nacionalidades, a competição foi prosseguindo e a Académica e o União assumindo-se como potenciais vencedores da competição. Chegados à fase decisiva da prova, os unionistas, apesar da boa equipa que apresentaram, ficaram fora das grandes decisões, classificando-se em sétimo lugar, não obstante o facto da maior parte dos seus adversários terem considerado este representante da AFC como uma das melhores equipas do torneio. A Académica, por sua vez, que contou com Mário Campos (antigo internacional português) na sua comitiva, marcaria presença na final, onde haveria de defrontar o Lormont, equipa da casa. Num jogo pautado pelo equilíbrio, e perante

milhares de pessoas nas bancadas, a Académica, depois de empatar 2-2 no tempo regulamentar, venceu brilhantemente o seu adversário nas grandes penalidades e conquistou este torneio internacional. Das bancadas ouvia-se um curioso grito de felicitações ao vencedor do torneio: “AAC, c’est le champion, le rest c’est le bidon” (AAC é o campeão, o resto não vale nada), vindo de uma falange de apoio improvisada por jovens franceses que ficaram maravilhados com a qualidade futebolística dos infantis da Briosa.

A algumas centenas de quilómetros de distância, ainda por terras gaulesas, a equipa de juniores da Académica participaria no prestigiado Torneio das 8 Nações, em Estrasburgo, onde estavam representadas algumas das melhores escolas de formação da Europa. O clube representante da AFC revelou-se como a grande sensação da prova, obtendo um sensacional 5.º lugar na classificação final. O lugar ocupado pelos jovens “estudantes” só não foi melhor porque acabaram por perder na fase de grupos por 1-0, já no tempo de compensação, com o poderoso Anderlecht, que acabaria por conquistar o torneio sem qualquer derrota. Apesar daquela derrota, a Académica venceu a equipa do Bale (Suíça) e garantiu a disputa do 5.º e 6.º lugares, onde defrontou os espanhóis do Mirandés. Neste jogo, a Académica, que integrava na comitiva fadistas de Coimbra (que atuaram numa das noites do evento), venceria os espanhóis nas grandes penalidades e, consequentemente, arrebataria o 5.º lugar.

Em resumo, tanto desportivamente, como socialmente, a participação dos representantes da AFC nestes torneios franceses seria imensamente

positiva, contribuindo de forma indelével para o prestígio dos mesmos e do futebol conimbricense. A AFC plasmaria estas questões nos seus livros de atas, reconhecendo o valor destas digressões para o desenvolvimento desportivo e social dos jovens envolvidos.

### **Homenagem ao Dr. Guilherme de Oliveira**

Em meados de julho de 1985, mais precisamente no dia 13, realizou-se uma grande homenagem a uma das figuras maiores da história da AFC, ao antigo presidente da Direção (à data já Sócio Honorário da instituição), Dr. Guilherme de Oliveira. Nesta sentida homenagem, realizada no salão nobre da Câmara Municipal de Coimbra, participaram algumas das principais figuras do futebol distrital e nacional, assim como da vida social e política de Coimbra, que não quiseram deixar de prestar presencialmente o seu agradecimento e reconhecimento público, para com uma das principais figuras que marcaram o futebol português nas últimas décadas. Era igualmente a figura mais marcante da história da AFC desde os anos 1950.

Durante a homenagem foram feitas diversas intervenções, sempre no sentido do reconhecimento do seu trabalho enquanto dirigente desportivo e pensador do futebol português. O próprio Dr. Guilherme de Oliveira fez uma emotiva intervenção, tecendo alguns comentários sobre o seu percurso à frente dos destinos da AFC e no futebol português. Chegou a afirmar que “se sentia como o noivo que



Dr. Guilherme de Oliveira, a discursar.

nada diz na noite em que pede a mão à sua noiva”, devido a todo o carinho e palavras elogiosas que tinha ouvido nessa noite.

O homenageado esteve sentado ao centro da mesa, sendo ladeado pelo Dr. Silva Resende (presidente da FPF), o Eng. Barata Portugal, o Dr. Mendes Silva (presidente da Câmara Municipal de Coimbra), o Eng. Jorge Anjinho (presidente da Direção da Associação Académica de Coimbra) e o Dr. Pinto Gomes (presidente e seu sucessor na Direção da AFC). Todos eles reconheceram o trabalho excecional realizado pelo antigo dirigente, figura ímpar no contexto coimbrão. Para além das homenagens e votos de louvor e reconhecimento, o Dr. Guilherme de Oliveira seria ainda agraciado, essa noite, com a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra, pelos seus altos serviços à cidade e distrito. Muito graças à sua ação ao longo de várias décadas, Coimbra era a sexta maior associação distrital do País, em número de atletas. Contava em 1984-85, em termos de inscrições no futebol de onze masculino, com um total de 3422 atletas, somente atrás de Lisboa (10866), Porto (10332), Aveiro (5173), Braga (4818) e Setúbal (3751). No global nacional, o futebol português apresentava 65007 jogadores, em todos os seus escalões masculinos.

Menos expressivos eram os números do futebol feminino, tornando-se preocupante no caso de Coimbra, que tinha estado na vanguarda da modalidade desde 1972. O Relatório e Contas da FPF de 1984-85 revelava que este distrito tinha deixado de ter inscrições de futebol de onze feminino nesta temporada. Porém, o União continuou a contar com a sua equipa de futebol feminino, que nesta época participou em dois torneios internacionais (em Royan, na França, e em Coimbra, vencendo ambas competições), realizando também uma digressão internacional à Jugoslávia, efetuando cinco jogos, com duas vitórias, dois empates e uma derrota. Mas segundo os dados da FPF, a AFC não apresentava filiações de jogadoras femininas. Somente seis distritos tinham tido inscrições: Lisboa continuava a ser o distrito com mais jogadoras (222), seguida de Leiria (164), Porto (144), Setúbal (72), Aveiro (68) e Vila Real (47). O total nacional era de 717 jogadoras, todas amadoras (597 seniores, 106 juniores e 14 juvenis), o que contrastava fortemente com os 65 mil jogadores masculinos. Muito ainda havia para fazer para colmatar estas sinergias de género no futebol português, quer a nível dos clubes, quer das associações distritais e da própria Federação.

## Cronologia

1984  
85

388

### 1984

#### Julho

Chegam ao fim as comemorações do 65.º aniversário do União de Coimbra, iniciadas em março. O clube recebeu a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra, concedida pela Câmara Municipal.

#### Agosto

O tradicional campo da Arregaça, em Coimbra, iniciava a nova época com melhores condições, beneficiando de novos balneários, posto clínico, lavandaria, garagem e um novo sistema de aquecimento de águas.

#### Setembro

Foi atribuído pela AFC o apoio de 30.000\$00 ao União de Coimbra para auxiliar a equipa de futebol feminino numa digressão que esta fez, durante cerca de um mês, à Jugoslávia.

## 1984

Outubro

Procedeu-se à aquisição de diverso mobiliário para a instalação de um novo posto de trabalho na secretaria da AFC. Foi contratado um novo funcionário.

Novembro

Para cobrir uma parte substancial das despesas de deslocação à Ilha do Faial, a AFC atribuiu 30.000\$00 ao FC Oliveira do Hospital, que ali realizaria um jogo da Taça de Portugal.

## 1985

Fevereiro

A AFC informou a Direção Geral dos Desportos que iria participar ativamente na Comissão de Futebol Infantil, que aquele organismo pretendia instalar em Coimbra.

Março

A AFC solicitou e viu aprovado, pela FPF, um adiantamento de verbas correspondentes ao seu quinhão do Totobola. Objetivo era o de pagar as emergentes despesas de gestão corrente. A AFC acabou o exercício com uma dívida de 752.004\$00 à FPF.

Abril

O Conselho de Arbitragem da AFC iniciou um novo curso de formação de árbitros. Os livros de regras e leis de jogo, a serem ministrados na formação, seriam oferecidos pela FPF.

Julho

O Relatório e Contas da FPF de 1984-85 revelou que Coimbra deixou de ter inscrições de futebol de onze feminino nesta temporada.

# Competições

1984  
85

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Futebol Clube Oliveira do Hospital
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Argus
Taça AFC - Seniores	Touring Clube Praia Mira
Campeonato Distrital - Juniores	União Desportiva da Tocha
Campeonato Distrital - Iniciados	Associação Académica de Coimbra
Taça Dr. Armando Sampaio - Seniores	Clube de Futebol União de Coimbra



O Dr. Guilherme de Oliveira (ao centro) foi uma das figuras mais ilustres da AFC e do futebol distrital, sendo amplamente reconhecido pelos seus pares.

Época 1985  
86

## Pódio feminino

Finalmente organizou-se uma competição nacional e oficial de futebol feminino. Coimbra, região pioneira da modalidade entre as mulheres, participou com três clubes e o União acabou num honroso terceiro lugar. Continuou a aposta na formação e nas camadas jovens, mas as contas da AFC continuavam a sofrer com as dívidas dos clubes, que se acumulavam.

**A**no especial para o futebol português. Pela segunda vez na sua história participava num Mundial de Futebol, no México-86. Mas a participação lusa ficaria ensombrada pelo caso “Saltinho” (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 584), caracterizado pela “revolta” dos jogadores portugueses durante o estágio efetuado nessa cidade mexicana, na preparação para o Campeonato do Mundo. Os jogadores exigiram melhores condições para representar a Seleção, incluindo o aumento dos prémios de presença e de jogo. E a Direção da FPF, presidida por Silva Resende, acusou os jogadores de fazerem exigências milionárias, longe da realidade do futebol português. As situações extremaram-se de tal forma que os jogadores ameaçaram com uma greve, faltando mesmo a um treino de conjunto. O caso levou inclusivamente à intervenção do Presidente da República, Mário Soares, que mediou o conflito, pedindo calma e ponderação aos jogadores e à Federação. Foi envolvida nesta polémica que a participação mundialista de Portugal se saldou num afastamento, logo na primeira fase do México-86, com efeitos muito negativos nos meses e anos seguintes. A ausência do Euro-88 seria disso exemplo.

O ambiente do futebol português, nesta altura, estava igualmente marcado pelo antagonismo entre os “três grandes” e as lutas de poder entre Lisboa (SL Benfica e Sporting CP) e Porto (FC Porto). A denominada “guerra norte-sul” mantinha-se, envolvendo clubes, comunicação social, entidades públicas e poderes políticos. Em termos meramente desportivos, o FC Porto dominou o Campeonato

Nacional da I Divisão, vencendo a prova com 49 pontos, mais dois que o SL Benfica e mais três que o Sporting CP. A Académica de Coimbra, única representante da AFC na máxima competição nacional, ficou num confortável 10.º lugar, com 25 pontos. Alicerçou essa posição graças aos jogos em casa, em que conquistou sete vitórias e quatro empates, cedendo somente quatro derrotas. Nos embates fora de Coimbra teve mais dificuldades, sofrendo dez derrotas, obtendo unicamente três empates e duas vitórias (sobre Belenenses e SC Covilhã).

## Norte domina

A região norte de Portugal acabaria por dominar os três escalões principais do futebol português, ao nível sénior e no formato *poule*. Como já vimos, o FC Porto conquistou a I Divisão, cabendo ao Rio Ave FC vencer a II Divisão e ao GD Bragança a III Divisão. E em termos globais, das provas organizadas pela FPF, somente numa competição (das nove realizadas) venceu um clube fora da região nortenha: o SL Benfica, na Taça de Portugal.

Coimbra teria participação modesta nas diferentes provas. A Académica manteve-se na I Divisão, como já referimos. E na II Divisão, o União de Coimbra foi o único representante da AFC, ficando num humilde 6.º lugar na Zona Centro. Igualmente modestas seriam as participações dos clubes da AFC na III Divisão, com nenhum dos cinco filiados a ter sucesso nas séries C e D em que ficaram enquadrados. AD

Poiares, Associação Naval 1.º de Maio, Marialvas e FC Oliveira Hospital ficaram aquém das expectativas na Série C, ganha pelo CD Estarreja, e o mesmo sucedeu com o CD Lousanense na Série D, conquistada pelo UR Mirense. Este cenário manteve-se na Taça de Portugal, com somente a Académica a chegar a patamares mais altos, eliminada nos quartos-de-final pelo Penafiel (1-0).

Nos escalões de formação, o modesto panorama competitivo de Coimbra manteve-se. No Campeonato Nacional de Juniores, a Série C da Zona Centro seria conquistada pela Académica de Coimbra, que viu igualmente o CF União de Coimbra apurar-se para a fase seguinte, graças ao 2.º lugar na Série D da mesma zona. Porém, na 2.ª fase, ambas equipas teriam resultados longe das expectativas geradas na fase anterior, não se apurando para a fase final (ganha pelo FC Porto). Foi igualmente fraca a prestação dos filiados da AFC no Campeonato Nacional de Juniores B (Juvenis), tal como na Taça Nacional de Iniciados, com ambas provas a serem dominadas pelo FC Porto.

**Sabia que...** Na primeira edição da Taça Nacional de Futebol Feminino, o União de Coimbra conseguiu fazer uma fase de grupos imaculada, com nove vitórias e somente um empate. E o impressionante registo de 59 golos marcados e nenhum sofrido.

## Estreia de bronze na Taça Nacional de Futebol Feminino

Muito mais honrosa seria a presença dos filiados da AFC na edição inaugural da Taça Nacional de Futebol Feminino. Alguns anos depois da Direção da AFC ter idealizado a realização nacional de uma competição oficial de futebol feminino, finalmente esse desígnio (ambicionado por associações regionais e Federação) se concretizou. Foram 18 equipas femininas que entraram neste torneio (subdivididas em três zonas, com seis clubes cada), entre as quais três filiados da AFC: CF União de Coimbra, CPR Pocariça e Juventude DR Arzila. Os filiados de Coimbra foram integrados na Zona Centro, conjuntamente com três representantes da AF Aveiro, na circunstância: Oliveirense, Pinheiros e Paivense.

Este grupo, que apurava uma equipa para a fase final da competição, seria totalmente dominado pela fortíssima equipa do União de Coimbra. A formação unionista terminou a competição com nove vitórias e apenas um empate, e com um

impressionante registo de 59 golos marcados e, pasme-se, nenhum tento sofrido. No segundo lugar ficaria, também de forma destacada, a equipa do CPR Pocariça, igualmente filiada na AFC. Esta equipa, do concelho de Cantanhede, foi somente derrotada pelo União de Coimbra, marcando um total de 27 golos e sofrendo apenas três. O outro representante da AFC, o Juventude DR Arzila, teve prestação mais modesta entre os filiados do distrito de Coimbra, quedando-se pela 5.ª posição do Grupo.

A fase final da prova, que apurava o primeiro campeão nacional da categoria, seria disputada no sistema de *poule* (todos contra todos), a duas voltas, envolvendo os vencedores das três zonas: Boavista FC (Norte), União de Coimbra (Centro) e Académico de Alvalade (Sul). O Boavista acabou por ser superior, vencendo todos os jogos, sagrando-se assim primeiro campeão nacional de futebol feminino. O facto não terá surpreendido todos aqueles que acompanhavam o futebol feminino e que, de uma forma quase unanime, consideravam a formação do Bessa como a mais forte e clara favorita ao título.

Nesta *poule* final, o União de Coimbra venceu uma das quatro partidas que disputou, sofrendo três derrotas nos outros encontros. Igual resultado obteve o Académico de Alvalade, com ambas equipas a terminarem com dois pontos – o Boavista acabou líder destacado com oito pontos. Face às regras de desempate, o União acabou por terminar na terceira posição, com dois golos marcados e oito sofridos, sendo a equipa menos realizadora (as boavisteiras marcaram 14 tentos em quatro jogos e as lisboetas fizeram cinco tentos). Apesar das jogadoras Unionistas não terem conseguido oferecer maior réplica às adversárias do Norte, no global foram uma das melhores equipas em prova, obtendo um meritório terceiro lugar.

Em termos gerais, pese as enormes diferenças registadas entre os 16 clubes inscritos, as equipas de Coimbra acabaram por ter um comportamento bastante positivo na época de estreia da Taça Nacional de Futebol Feminino, organizada pela FPF, com total apoio da AFC. O União de Coimbra,

pioneiro do futebol feminino em Portugal e, indubitavelmente, uma das mais fortes formações nacionais da altura, acabou por honrar os seus pergaminhos e ficar no top 3 da classificação final. O CPR Pocariça, a única equipa que conseguiu competir com as unionistas a nível regional, teria uma brilhante prestação na Zona Centro, onde conquistou o 2.º lugar e foi a segunda melhor defesa da Zona Centro e a terceira entre os 16 concorrentes (sofreu apenas três golos). Por último, mas também com uma honrosa participação, o Juventude Arzila, que apesar de algumas dificuldades encontradas ao longo da prova, conseguiu ainda assim obter duas vitórias caseiras nos cinco jogos realizados na condição de visitado – ficou em 5.º lugar entre as seis equipas que disputaram a Zona Centro.

## Masculino vs. feminino

Deste modo, no geral, foi uma prestação louvável de Coimbra na principal prova feminina nacional. E mais assinalável ainda quando, nesta época, Coimbra era a associação de futebol distrital com menor número de jogadoras filiadas a nível sénior (40), entre as sete que apresentavam movimento de inscrições a nível sénior no futebol de onze feminino. Lisboa (com 103 jogadoras) e Porto (100) eram claras dominadoras, seguindo-se Leiria (85), Aveiro (84), Setúbal (62) e Braga (58). No âmbito masculino, os números eram bem distintos, espelhando a realidade do próprio País. O futebol de onze masculino contava com um total nacional de 66516 inscritos em todos os escalões (face aos 623

do setor feminino), contando Coimbra com um total de 3478 jogadores em todos os escalões (face aos 42 no setor feminino).

Coimbra era a sétima maior associação distrital em número de jogadores filiados em todos os escalões, com Lisboa (10706) e Porto (10676) a dominarem esta faceta, que era representativa da expansão da modalidade a nível geográfico em Portugal. Menos relevante era a presença de Coimbra ao nível da arbitragem, contando unicamente com um árbitro de 1.<sup>a</sup> categoria nos Quadros Nacionais do Conselho de Arbitragem da FPF: Manuel Miranda Dias (não era internacional). E na 2.<sup>a</sup> categoria tinha somente três representantes.

## Totobola apoia camadas jovens

Durante a temporada, a AFC aumentou ligeiramente as receitas com as taxas e percentagens dos jogos, “proveniente de uma melhoria nas provas distritais”, uma vez que “nas nacionais, a melhoria foi diminuta”, como referia o Relatório e Contas da AFC de 1985-86. E do lado das despesas, o problema principal adveio dos “efeitos da inflação”, que provocou um aumento significativo nas contas da instituição. E sem esquecer as dívidas dos clubes à Associação, que se acumulavam de época para época.

Mas o destaque da Direção da AFC, em termos financeiros e de opção estratégica, foi para as verbas do Totobola, que a Associação aplicou “no fomento do futebol, com maior incidência nas camadas jovens”, como sublinhava o Relatório e Contas. Esta temporada tinha sido despendida a quantia

de 3.613.784\$50 com a organização de provas jovens, valor relativamente semelhante ao ano anterior. Os apoios tinham visado, sobretudo, o II Torneio Internacional de Futebol Juvenil Cidade de Coimbra, o Torneio Internacional Juvenil da Figueira da Foz, o Torneio de Carnaval de Infantis, o Torneio de Futebol Juvenil e os Torneios Bola de Trapos. E um apoio ao futebol feminino, nomeadamente às secções do CF União de Coimbra e do Juventude DR Arzila.

Em termos globais, como referimos, as despesas com as provas de infantis, iniciados, juvenis e juniores, organizadas pela AFC, orçou em 1985-86 um total de 3.613.784\$50, destacando-se as despesas com infantis (que tinha crescido muito em duas épocas, passando de 227 mil contos em 1984-85 para mais de 884 mil contos em 1985-86) e juniores (mais de 1.507 contos em 1985-86). As despesas com “pessoal” também aumentaram substancialmente em duas épocas, passando de 4.665.453\$50 em 1984-85 para 5.310.004\$50 em 1985-86. O mesmo sucedeu com as despesas de “fornecimentos e serviços de terceiros”, que passaram de 1.692.315\$20 em 1984-85 para 1.989.518\$00 em 1985-86.

Porém, o grande problema financeiro da AFC advinha de uma questão antiga: as dívidas dos clubes filiados. Acumulavam-se de ano para ano, com as sucessivas Direções a não conseguirem regularizar a situação, apesar dos sucessivos esforços. A lista de “devedores” era enorme, destacando-se (pela negativa) as dívidas da Associação Académica de Coimbra/OAF com 205.407\$70, o CD Costa de Lavos (189.802\$80), o CF União de Coimbra (111.413\$20), o GD Sangianense (90.112\$50) e o UD Vais (81.250\$00). O saldo devedor

dos clubes ascendia a 1.245.425\$80, o que equivalia praticamente a uma temporada completa de receitas das provas clássicas da AFC, que ascenderam nesta época a 1.664.000\$00: Campeonato Distrital da I Divisão com 574.500\$00; Campeonato Distrital da II Divisão com 447.000\$00; e Campeonato Distrital da III Divisão com 642.500\$00. Era precisamente esta terceira competição a que gerava maiores receitas

à instituição, entre as provas regionais clássicas. Somente as receitas com taxas e percentagens de jogos para a AFC, advindas do Campeonato Nacional da I Divisão (em que participava a Académica), superavam o valor da III Divisão Distrital, apresentando em 1985-86 uma receita global de 1.612.950\$00 – a maior receita entre as 11 competições que geravam lucros para a AFC.

**II Torneio Internacional de FUTEBOL Juvenil**  
**CIDADE DE COIMBRA**  
 (Integrado nas Festas da Cidade)

**dia 4 de Julho** 1986 **dia 5 de Julho**  
 1.º Jogo às 9,30 horas • 2.º Jogo às 11,15 horas  
 1.º Jogo às 9 horas • 2.º Jogo – FINAL às 10,45 horas

Com a participação das equipas

- **Seleção de Salamanca**
- **Seleção de Leiria**
- **Seleção de Santarém**
- **Seleção de Coimbra**

Organização da Associação de Futebol de Coimbra  
 Com a colaboração da Federação Portuguesa de Futebol  
 Comissão de Festas, Câmara Municipal de Coimbra  
 e Direcção Geral dos Desportos

**ENTRADA LIVRE**

**Estádio Universitário de Coimbra**

Impressão de Coimbra, Lda - 1986 - 48 rs.

Cartaz oficial do Torneio Internacional de Iniciados realizado em Coimbra

## Cronologia

1985  
86

398

### 1985

#### Setembro

A Taça AFC sofreu alterações regulamentares. Os clubes passaram, numa primeira fase, a ser distribuídos por proximidade geográfica, de forma a minorar os custos com deslocações, tanto para os clubes como para a própria Associação.

#### Outubro

A AFC aprovou mais 30 novos Sócios de Mérito.

#### Novembro

Foi atribuído um subsídio de 25.000\$00 para aquisição de equipamentos para as equipas de iniciados e juvenis.

## 1986

- Janeiro** Teve início um novo curso de formação de treinadores de futebol distrital, com valor de inscrição de 7.500\$00. Decorreu entre os dias 4 e 22, com carga horária de 48 horas. Teve 47 aprovados.
- Começou um curso de massagistas de futebol, promovido pela AFC.
- Fevereiro** Os clubes passaram a estar obrigados a usar placas numéricas para a realização de substituições de jogadores durante os encontros.
- Março** A Câmara Municipal de Coimbra informou a AFC que a sua congénere de Salamanca convidou Coimbra a apresentar uma seleção distrital de juniores, para participar num grande torneio internacional naquela cidade espanhola.
- Abril** O Hospital Distrital de Coimbra solicitou à AFC que incitasse os seus filiados a pagarem as dívidas decorrentes da assistência prestada naquela unidade hospitalar a vários atletas. As dívidas encontravam-se em atraso há algum tempo.
- Maior** As competições da AFC foram terminando, com festas em várias localidades. O Mirandense conquistou o Campeonato Distrital da I Divisão. O Febres ganhou a II Divisão Distrital e o Lorvanense seria o campeão do terceiro escalão.

# Competições

1985  
86

400

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Clube Atlético Mirandense
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Febres Sport Clube
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	União Desportiva Lorvanense
Taça AFC - Seniores	Febres Sport Clube
Campeonato Distrital - Júniores	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Juvenis	Associação Naval 1.º de Maio
Taça Encerramento - Juvenis	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Iniciados	Associação Naval 1.º de Maio
Taça Encerramento - Iniciados	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Infantis	União Desportiva e Recreativa de Cernache



Associação Naval 1.º de Maio, campeões distritais de juvenis.

Época 1986  
87

## Seleções distritais, em intensa atividade

Continuava o “fomento” ao futebol jovem e de formação. Apoiavam-se os clubes, organizavam-se competições regionais, acolhiam-se provas nacionais, promoviam-se programas de futebol escolar. E desenvolviam-se as seleções distritais jovens, com um calendário cada vez mais intenso e competitivo, numa estratégia alinhada com a FPF.

O futebol português continuou dominado pelo eixo norte-sul, mas com uma índole diferente. O máximo representante do futebol nortenho, o FC Porto, sagou-se campeão europeu de clubes, superiorizando-se ao Bayern de Munique na final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, disputada em Viena. E pouco depois juntaria a Supertaça Europeia e a Taça Intercontinental. A nível interno, seria o SL Benfica o grande dominador, fazendo a “dobradinha” com a conquista do Campeonato Nacional e da Taça de Portugal. Ao Sporting CP serviu a consolação (simbólica) do famoso 7-1 aos “encarnados” no início do Campeonato e, sobretudo, a conquista da Supertaça (os “leões” perderam a final da Taça para os benfiquistas, acedendo assim a disputar este último trofeu da época, impedindo a “tripla encarnada” nas provas nacionais).

O único representante de Coimbra na prova máxima do futebol português, a Académica, ficou-se pelo meio da tabela classificativa, num honroso 9.º lugar, com 26 pontos. Mais uma vez foi decisiva a sua performance em casa, onde venceu seis encontros e empatou sete, perdendo somente duas vezes. Muito pior foram os jogos fora de Coimbra, com a Briosa a perder por nove vezes, empatando cinco e ganhando uma única vez.

Igualmente modesta seria a participação do CF União de Coimbra na II Divisão Nacional, embora tivesse assegurado a manutenção. Terminou no 8.º lugar, com 29 pontos, perdendo uma oportunidade única de subir de Divisão, já que o alargamento da I Divisão para 20 clubes (na época seguinte) fez com que subissem quatro clubes da II Divisão de 1986-87

(SC Covilhã, Penafiel, Sporting de Espinho e Vitória FC de Setúbal). Desilusionante seria igualmente a participação na Taça de Portugal, com o União de Coimbra a ser eliminado pelo humilde Torralta (1-0). O mesmo sucedeu à Académica, eliminada pelo Oliveira do Douro (2-1). Ambos casos na segunda eliminatória da prova. Melhor esteve a Associação Naval 1.º de Maio, que chegou à 4.ª ronda, onde foi eliminada pelo Boavista por um contundente 6-0.

A surpresa entre os representantes de Coimbra, nas provas nacionais, viria a ser o CF Os Marialvas. Conhecidos como os “Guerreiros Marialvinos”, o clube de Cantanhede conseguiu o feito de subir ao Campeonato Nacional da II Divisão, graças ao segundo lugar obtido na Zona C. Numa série muito disputada, envolvendo 16 equipas, o Marialvas fez uma excelente campanha, só superada pelo vencedor, o Oliveira do Bairro. Os outros representantes da AFC na prova e zona ficaram-se pelo 4.º (Naval 1.º de Maio) e 12.º lugares (Oliveira do Hospital). Com esta subida, na época seguinte a AFC contaria com duas equipas na II Divisão: União e Marialvas.

## Seleções distritais ao rubro

Uma das facetas em maior desenvolvimento no seio da AFC era o futebol jovem, nos diferentes escalões. E uma das apostas claras era nas seleções representativas dos diferentes escalões, com a Direção da AFC a apresentar despesas totais de 1.276.897\$50 com seleções jovens. Esse valor incluía os apoios recebidos para esse fim pela FPF e pela

Direção Geral dos Desportos. Nota para o facto da AFC continuar a apresentar um saldo bastante devedor por parte dos clubes, que ascendia no total a 1.473.964\$40 de dívida à instituição.

Durante a temporada, as várias seleções distritais da AFC tiveram uma intensa atividade desportiva e competitiva, sobretudo a partir de janeiro de 1987. Em fevereiro desse ano, por exemplo, a Seleção de Sub 15 da AFC fez vários treinos de preparação para o Torneio Nacional de seleções. E logo de seguida participou no Torneio de Carnaval do mesmo escalão, realizado entre 28 de fevereiro e 3 de março, em Santarém. Pouco depois, em abril, a mesma Seleção de Sub 15 fez oito treinos até ao dia 17 de abril, seguindo para Lisboa onde disputou, entre os dias 20 e 26 de abril, o Torneio Interassociações, promovido pela FPF. Em maio voltaria a reunir-se para mais seis treinos e para mais encontros com as congéneres.

Igualmente ativa esteve a Seleção de Sub 13, que participou em várias concentrações e treinos, assim como diversos torneios da categoria, como o que se disputou em abril de 1987, em Leiria. Pouco depois, em junho, esta seleção realizou mais de uma dezena de treinos, tendo em vista a futura participação no Torneio Nacional da categoria, a realizar em Coimbra, Viseu, Guarda, Évora e Porto, no período entre 3 e 5 de julho (fase zonal) e 10 a 12 de julho (fase final, no Porto). Coimbra, através da AFC, viria a organizar a Zona 3 da Fase Nacional dos Torneios Abertos – Torneio Inter Seleções Distritais Sub 13, acolhendo as seleções de Leiria, Aveiro e Santarém, juntamente com Coimbra. As seleções visitantes ficaram hospedadas no Colégio S. Teotónio, em Coimbra, tendo os respetivos encontros inter-

-seleções decorrido no Estádio Universitário de Coimbra. A mesma seleção de Sub 13 de Coimbra, para encerrar a época, faria um encontro com a sua congénere dos Açores, pouco depois da participação no torneio nacional.

Este género de torneios entre seleções distritais era promovido pela FPF, em articulação com as associações distritais. Coimbra foi uma das grandes promotoras destes torneios, que tinham três claros objetivos, como referia a FPF no seu catálogo sobre o Torneio Inter Seleções Distritais Sub 13, publicado em julho de 1987:

“1. Os Torneios Nacionais Inter-Associações têm como objetivo fundamental o fomento e desenvolvimento do futebol nacional.

2. Os Torneios Nacionais Inter-Associações visam, numa primeira análise, objetivar de uma forma descentralizada, racional e criteriosa, o processo de descoberta e seleção de talentos e, em última análise, a formação desses valores para uma prática de futebol de grande qualidade.

3. Os Torneios Nacionais Inter-Associações são provas anuais, considerados como etapa intermédia e complementar, tendo em vista a formação das equipas representativas nacionais em todos os escalões”.

Em articulação com esta aposta na formação estava a própria AFC. No seu Regulamento de Provas Oficiais, que entrou em vigor em 1 de agosto

de 1986, era evidente a aposta em competições de escalões jovens. Das dez “provas clássicas” anuais que pretendia passar a organizar, cinco delas (ou seja, metade) eram destinadas às camadas jovens, abrangendo os campeonatos distritais de Juniores A (juniores), B (juvenis), C (iniciados), D (infantis) e E (escolas). E a estas juntavam-se mais cinco “provas extraordinárias”, como seriam a Taça Encerramento de Juniores A (juniores), B (juvenis), C (iniciados), D (infantis) e E (escolas). Um calendário ambicioso, que incluía ainda nas “provas clássicas”, a organização dos Campeonatos Distritais (I, II, III Divisão e Futebol Feminino) e da Taça AFC. E nas “provas extraordinárias”, a Taça de Reservas e a Taça Encerramento de Seniores.

### **“Fomento” do futebol jovem**

O Relatório e Contas da AFC de 1986-87 evidenciava uma clara aposta da instituição “no fomento do futebol, com maior incidência nas camadas jovens”, tendo despendido uma verba global de 5.736 contos em cinco áreas estratégicas – verba essa advinda das receitas do Totobola. A maior fatia orçamental ia para as “provas da AFC com as camadas jovens”, num total de 3.356 contos, seguindo-se o “desenvolvimento do futebol juvenil” (540 contos) e os “subsídios diversos para o futebol infantil, feminino e deslocações ao estrangeiro de equipas de jovens” (284 contos) – neste último campo englobava-se, por exemplo, o subsídio ao CF União de Coimbra para auxiliar nas despesas de deslocação a França, onde o clube participou no

Torneio Internacional de Poitiers e de Lormont, nos escalões de juniores (1.º lugar) e infantis (6.º lugar), respetivamente.

No âmbito da promoção do futebol infantil, o mesmo Relatório da AFC referia que a instituição, pelo terceiro ano consecutivo, tinha realizado “um programa de atividades de animação do futebol infantil, cuja finalidade teve por base a sensibilização e o estímulo da criança, para a atividade do desporto e da educação física, através do jogo mais atraente e de maior fascínio para o seu gosto, que é o futebol.” Este “programa de atividades de animação do futebol infantil” realizou-se entre maio e junho de 1987, abrangendo escolas primárias de Taveiro, Loreto, Casais e Ribeira de Frades. Englobou 15 turmas e respetivos docentes (professoras), num total de 192 alunos (“95 do sexo masculino e 97 do sexo feminino”, referia o documento). As atividades lúdicas de futebol realizavam-se de segunda a quinta-feira, nos campos-pátios de recreio das escolas ou em locais congêneres, sempre que necessário. E as “áreas de trabalho” eram simples: “recreação e sistematização do treino técnico; exercitação, flexibilização/coordenação e capacidade orgânica”. Assim como os “parâmetros mentais” que se pretendiam atingir: “capacidade criativa da criação; espírito de equipa; capacidade reativa de saber perder e ganhar; espírito de tolerância; e socialização da agressividade”.

Este programa encerrou com um evento de confraternização no relvado principal do Estádio Universitário de Coimbra, envolvendo “um encontro desportivo entre todas as escolas”. O torneio de futebol seria “o momento mais significativo”,

embora tivesse ficado marcado (negativamente) por uma lesão grave de um aluno da Escola de Taveiro, que na disputa de um lance fraturou uma perna. Mas este era um momento único de confraternização entre as crianças das diferentes escolas, à volta do futebol.

## Futebol no Anuário Desportivo

Em 1987, a Câmara Municipal de Coimbra lançou o seu Anuário Desportivo 1986-87, que abordava diversas questões ligadas ao futebol, como eram os capítulos dedicados ao “Estádio Municipal de Coimbra”, a “Homenagem-Associação Académica de Coimbra”, os “Clubes” e “Diversos”. O documento, no que se referia ao futebol, tinha sido feito em articulação com a AFC.

O “Capítulo II – História-Estádio Municipal de Coimbra” contava uma cronologia geral relacionada com o estádio, desde o início das obras (1946), ao primeiro jogo officioso e oficial (1949), bem como a colocação de iluminação (1968), o primeiro jogo oficial internacional (1968), a inauguração da sala de imprensa (1968) ou a colocação de cadeiras individuais na Bancada Central (1987).

O “Capítulo VI – Diversos” evidenciada a hegemonia do futebol em Coimbra, enquanto modalidade com maior número de praticantes (940, no total de todos os escalões),

seguido do atletismo (311) e basquetebol (285). Dois clubes destacavam-se no número de praticantes: a Associação Académica de Coimbra/OAF com 182 futebolistas e o CF União de Coimbra com 177. Seguia-se, a longa distância, a União Desportiva e Recreativa de Cernache, com 65 atletas. As diferenças principais entre Académica e União residiam a dois níveis: no profissionalismo, com a Briosa a apresentar 26 jogadores seniores profissionais e 29 juniores profissionais, enquanto o União contava somente com 8 seniores profissionais; e no escalão feminino (juniores e seniores), em que a Académica não tinha nenhum praticante enquanto o União contava com 21. Em termos de futebol feminino, só dois clubes tinham atletas: o União e a Juventude Desportiva e Recreativa Arzila (16 praticantes). O escalão com mais praticantes era o de sénior amador (masculino), com todos os clubes a contarem

### Sabia que...

A AFC continuou a organizar o Curso de Massagistas de Futebol, que era frequentado quase exclusivamente por homens. Nesta edição, dos 36 inscritos, somente dois eram mulheres. Uma delas sem qualquer conhecimento ligado ao curso e a outra enfermeira. E ambas sem qualquer experiência como massagistas de futebol.

com atletas nesse nível competitivo. Seguiam-se os juniores amadores (masculino), também com um bom nível de praticantes. Inexistentes eram os registos ao nível das escolas de futebol, aparentemente sem praticantes.



O Anuário abordava igualmente os “árbitros de futebol” de Coimbra, que integravam o “Quadro Nacional”. Somente um nome constava na 1.<sup>a</sup> Categoria Nacional: Manuel Miranda Dias. Eram três os nomes na 2.<sup>a</sup> Categoria Nacional: Júlio Silva Bastos, Ramiro Santiago e José Maria Guímaro. E a 3.<sup>a</sup> Categoria Nacional contava com 10 nomes, entre os quais algumas figuras que viriam a integrar a direção do Conselho de Arbitragem da AFC nas décadas seguintes, como Apolino Pereira.

Para além destes dados, o documento produzido pela Câmara Municipal de Coimbra apresentava o calendário de provas para a época desportiva seguinte, nas diferentes modalidades. Apontava, em articulação com a AFC, a organização de 11 competições futebolísticas, com especial destaque para as categorias jovens.

Destaque na imprensa de Coimbra ao final da III Divisão Distrital.

## Cronologia

1986  
87

408

1986

Setembro

Na tentativa de estar mais próxima dos filiados, a AFC faz uma série de reuniões nas sedes dos clubes, nas quais se debateram os principais problemas e se projetou a nova época desportiva.

Outubro

O Sporting Clube Ribeiense pediu autorização para hastear uma bandeira da AFC no seu campo (ao lado da bandeira do clube), sempre que realizasse jogos na condição de visitado. A AFC olhou com agrado para o pedido e promoveu a ideia junto dos filiados, dispondo-se a oferecer uma bandeira a quem o solicitasse.

Novembro

Com a contratação de mais uma funcionária, o serviço de secretaria da AFC voltou a alargar o horário de expediente. Nas segundas, terças, quartas e sextas-feiras passou a estar em funcionamento, ininterruptamente, das 9h00 às 19h00. E às quintas-feiras das 13h00 às 19h00.

## 1986

### Dezembro

A AFC continuou a apoiar as solicitações dos clubes que pretendiam organizar eventos comemorativos de aniversários, sobretudo quando homenageavam antigos jogadores e dirigentes.

A Direção da AFC participou num jantar de homenagem ao fundador do Quiaios Clube, Avelino Nogueira, deliberando-se a oferta de uma medalha comemorativa dos 50 anos da AFC.

## 1987

409

### Janeiro

Todos os órgãos sociais da AFC estiveram reunidos para troca de impressões sobre o projeto de Estatutos a apresentar brevemente em Assembleia Geral.

### Fevereiro

Na tentativa de continuar a apostar no futebol feminino, a AFC aprovou um subsídio extraordinário de 30.000\$00 aos clubes que inscrevessem equipas no escalão de seniores.

### Abril

A AFC concedeu um subsídio ao CF União de Coimbra para auxiliar nas despesas de deslocação a França, onde o clube participaria num torneio internacional jovem.

### Maiο

O Sourense sagrou-se campeão distrital da I Divisão da AFC.

### Junho

Ao terminar no 2.º lugar da Zona C da III Divisão Nacional, apenas atrás do Oliveira do Bairro, o Marialvas conseguiu uma sensacional subida à II Divisão Nacional.

# Competições

1986  
87

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Sourense
Campeonato Distrital - Juniores	Clube de Futebol "Os Marialvas"
Campeonato Distrital - Juvenis	Futebol Clube de Oliveira do Hospital
Campeonato Distrital - Iniciados	Clube de Futebol União de Coimbra

O futebol feminino em Coimbra  
estava praticamente restrito às equipas do União e do Arzila.



Época 1987  
88

## Tempos difíceis

A Académica e o União desceram de Divisão. E Coimbra ficou sem um representante no escalão primodivisionário. O caso N'Dinga dominou os discursos mediáticos, envolvendo a Briosa e a AFC, que defendeu o seu filiado até à última instância. As apostas na formação e nos torneios de futebol juvenil mantiveram-se, com Coimbra a manter um papel-charneira.

**É** poca longa e estranha do futebol português, num ano (1988) em que se comemorava o centenário do surgimento da modalidade em Portugal (outubro de 1888). Essa evocação motivou a organização, por parte da FPF, de um Congresso Nacional do Futebol, sob o lema “Reestruturação no consenso”. Era o quarto congresso do género, após as edições de 1938, 1964 e 1984. E era aquele que viria a reunir mais comunicações, envolvendo cerca de 200 congressistas. Em debate estiveram questões de fundo, ligadas à orgânica do futebol português e às suas competições, à arbitragem, à violência ou ao controlo antidoping.

Do ponto de vista meramente desportivo, a temporada seria de domínio do FC Porto, que voltou às vitórias no Campeonato Nacional, apresentando uma superioridade esmagadora. Tratou-se do primeiro campeonato da I Divisão a disputar-se entre 20 clubes, num total de 38 jornadas. Esta autêntica “maratona” teria dois grandes concorrentes, com o FC Porto a dominar a reta final da prova, impondo-se a um SL Benfica mais

focado na final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, que lamentavelmente para o futebol português viria a perder frente aos holandeses do PSV Eindhoven. Os portistas sagraram-se campeões nacionais com 66 pontos, mais 15 que o segundo classificado, o SL Benfica, e mais 18 que o Belenenses, no terceiro posto, logo seguido do Sporting CP, com 47 pontos. Avassaladores os números dos “dragões”: em 38 jornadas, venceram 29 vezes, empataram oito e perderam uma única vez, marcando 88 golos e sofrendo somente 15 (melhor ataque e defesa da prova).

Curiosamente os encontros entre portistas e “estudantes” foram bastante iguados, com os “azuis e brancos” a imporem-se pela margem mínima de 1-0 nas Antas e também em Coimbra. Este último encontro, em casa, a 2 de junho de 1988, teria mesmo um impacto importante nas contas da Académica, uma vez que a derrota com os portistas colocou a Biosa em lugares de descida. Numa temporada estranha (Santana e Mesquita, 2007, p. 306-308), em que baixavam de Divisão seis equipas,

**Sabia que...** Existia diferença nos valores de inscrição de jogadores profissionais e amadores (masculinos), acentuando-se no caso feminino. Um jogador profissional da I Divisão Nacional inscrevia-se na AFC por 9.500\$00 e um amador por 8.000\$00. O futebol feminino não previa a condição de profissional, existindo só a “categoria sénior”, que custava 1.400\$00 por inscrição.

a Académica seria uma das equipas a descer de escalão, juntamente com Elvas, Varzim, Rio Ave, Salgueiros e SC Covilhã. Os academistas acabaram a prova com 33 pontos, vencendo somente 9 dos 38 encontros, empatando 15 e perdendo 14 vezes (numa altura em que as vitórias valiam dois pontos). Desfecho também negativo seria o União de Coimbra, que acabou no 20.º lugar na Zona Centro do Campeonato Nacional da II Divisão. Conseguiu somente 28 pontos, levando a histórica equipa coimbrã a descer à III Divisão Nacional. Igualmente frágil seria a sua prestação na Taça de Portugal, sendo eliminado na terceira eliminatória pelo Desportivo das Aves (3-0). Na mesma ronda caiu a Académica, frente aos algarvios do Olhanense, com uma goleada de 5-1 – a final da competição seria disputada entre FC Porto e Vitória SC de Guimarães, com os portistas a vencerem a Taça por 1-0.

## Caso N’Dinga

Esta temporada, a vários níveis, seria marcada por várias polémicas e controvérsias, envolvendo uma delas a Académica e a própria AFC, que se solidarizou com o seu filiado. O episódio entraria para a história como o “caso N’Dinga” e seria sempre lembrado em Coimbra como “uma ilegalidade nunca reparada” (Santana & Mesquita, 2007, p. 310), opondo a Académica e o Vitória SC de Guimarães.

Os “estudantes”, respaldados pela AFC, alegavam que um jogador do Vitória, o nigeriano N’Dinga, estava ilegalmente inscrito quando se

realizou o encontro entre ambas equipas (a 15 de maio de 1988), a contar para o Campeonato Nacional da I Divisão, o que determinava a derrota no jogo por parte dos vimaranenses e a retirada de dois pontos. Ambas equipas haviam terminado a prova em igualdade pontual de 33 pontos, mas com desvantagem na fórmula de desempate para a Briosa, determinando a sua descida de Divisão. A ver concedida a sua pretensão, a Académica mantinha-se na I Divisão e o Vitória descia.

Mas em agosto de 1988, o Conselho de Disciplina da FPF deu razão, em definitivo, às pretensões do Vitória (que alegava a legalidade da inscrição), que assim se mantinha na I Divisão. Porém, o caso não se ficou por aqui, havendo novos recursos por parte da Académica nos meses e anos seguintes, chegando a existir um pedido de indemnização à FPF por parte dos “estudantes”, em 1993, fixando o valor de 710 mil contos. E mesmo em 1996, derivado das afirmações do treinador António Oliveira (à época de 1988, treinador da Académica e que tinha passando antes pelo banco do Vitória SC de Guimarães), novas revelações foram feitas sobre o caso N’Dinga, envolvendo carimbos, falsificações e burlas. Meteu também o Ministério Público e inclusivamente o Parlamento, mas tudo terminou com o arquivamento do caso e a negativa judicial a uma indemnização, em julho de 2003.

A AFC, solidária com as pretensões da Académica, abriu um expediente interno para acompanhar o caso, com a designação de “Processo da A.A.C./OAF referente ao jogador do Vitória de Guimarães, N’Dinga Mbote”. Algumas dezenas de documentos

e centenas de páginas seriam anexos a este processo, incluindo circulares da própria instituição, da FPF, da Académica e pareceres jurídicos, assim como correspondência institucional com parceiros internacionais, como a Ligue de Football de Kinshasa ou o FC Ruwenzori National. A Direção da AFC, presidida por Vítor Ferreira, chegaria mesmo, em junho de 1989, a fazer um pedido às restantes associações distritais para a realização de uma Assembleia Geral Extraordinária da FPF, “para debater, discutir e concluir sobre as razões de Direito e Morais” que assistiam à pretensão da Académica de Coimbra/OAF no “caso N’Dinga”. Nessa circular, as associações distritais eram caracterizadas como a “reserva moral do futebol” e deviam ser devidamente esclarecidas sobre “as razões que assistem à A.A.C.” no caso N’Dinga, podendo assim analisar a questão e apoiar a AFC na “luta pela verdade e pela justiça”.

## Mudanças em curso

A necessidade de repensar as competições e o seu modelo, a nível distrital, levou a Direção da AFC a propor diversas alterações ao Regulamento de Provas Oficiais. As propostas foram pensadas durante a temporada e apresentadas no final da mesma, em julho de 1988. A primeira delas envolvia o Campeonato Distrital da I Divisão, cuja realização seria algo controversa durante esta época. Propunha-se que o mesmo fosse disputado pelos 32 clubes apurados da época anterior, a duas voltas e com duas fases, dividindo os 32 clubes em

duas séries (A e B), de 16 clubes cada. E os dois vencedores de cada série disputavam uma final, apurando o campeão distrital e o vice-campeão. Sugeria-se ainda que os seis últimos classificados baixassem automaticamente à II Divisão Distrital. E quanto à competição, passava a ser disputada, “facultativamente, por todos os clubes filiados, não incluídos no Campeonato Distrital da I Divisão”. A primeira fase englobaria todos os clubes inscritos e haveria uma segunda fase, para apuramento do campeão. Ascenderiam à I Divisão Distrital os seis primeiros classificados.

Em termos orgânicos também se pretendia fazer reajustes no seio da própria AFC. Um deles passava pela criação de um “pelouro para a Promoção e Publicidade”, que teria uma dupla função: articular a informação com a Comunicação Social, para que esta passasse a ver “sempre na AFC um interlocutor válido para a promoção e expansão do futebol distrital”; e assegurar “um bom relacionamento com os clubes”, captar apoios financeiros e organizar um arquivo das notícias publicadas sobre a AFC.

Outra estrutura planeada era a criação de um “Gabinete de Futebol Júnior”, para promover o “futebol juvenil” em todo o Distrito. Os objetivos eram claros: desenvolver “ações integradas e dirigidas à iniciação e difusão da prática do futebol”; “deteção e seleção de talentos”; “formação especializada de praticantes”; “formação de técnicos”; estudar e analisar os quadros competitivos distritais e/ou nacionais; e encontrar formas de financiamento para apoiar o futebol júnior.

Esta intervenção da AFC abrangia também uma revisão das quotas aplicáveis aos clubes, no registo de inscrição e licenciamento de jogadores (masculino e feminino). Distinguiam-se a inscrição de “jogadores profissionais” e “jogadores amadores”. Como exemplo, os clubes da I Divisão Nacional teriam de pagar 9.500\$00 por inscrição de um jogador profissional, enquanto se fosse “amador” pagariam 8.000\$00. Aos jogadores juniores era aplicada uma quota de 550\$00, ficando isentos os juvenis, iniciados, infantis e escolas.

Quanto ao futebol feminino, os custos com inscrições eram mais reduzidos, de forma a incentivar as mesmas e o recrutamento de mais jogadoras. Para a “categoria sénior” propunha-se um valor de inscrição de 1.400\$00, com a Categoria Júnior a ser de 550\$00 (tal como nos masculinos), sendo “grátis” para as “outras categorias”.

Custos bem mais elevados apresentavam as “transferências” de jogadores, quer entre “clubes nacionais”, quer (em especial) “de clubes estrangeiros para nacionais”. O valor mais alto era de 182.000\$00, quantia que os clubes tinham de pagar à AFC na transferência de um jogador estrangeiro para uma equipa da I Divisão Nacional que fosse filiada na instituição. Nesta altura, o Anuário Desportivo 1987-88, editado pela Câmara Municipal de Coimbra, apontava para um número total de praticantes de futebol no concelho na ordem dos 1.068, dos quais 33 seniores profissionais e 542 seniores amadores (masculinos). Deste total de mais de mil praticantes, somente 47 eram mulheres, distribuídas por dois clubes: União de Coimbra, com 29 jogadoras, e Juventude DR Arzila, com 18 atletas femininas.

## Futebol juvenil ao rubro

Apesar das reduções sofridas com as verbas do Totobola, a AFC continuou a sua aposta na formação e promoção do futebol juvenil, sob a alçada de um dos seus vice-presidentes, Lopes da Silva. Este dirigente, em abril de 1988, endereçou um conjunto de convites para a realização do II Torneio Aberto Inter-escolas, repetindo a edição do ano anterior, com o objetivo de promover o futebol juvenil. E para incentivar um maior envolvimento da comunidade escolar criou um “Concurso para ‘logotipo’ dos ‘Jogos Interescolas’ do Distrito de Coimbra”. Os convites e a iniciativa do logotipo tinham sido precedidos de reuniões que a AFC tinha feito com os representantes das escolas de Miranda do Corvo, Montemor-o-Velho, Mira, Vila Nova de Poiares, Góis, Oliveira do Hospital e Coimbra, realizadas entre fevereiro e março de 1988. Esses encontros permitiram à AFC gerar um maior envolvimento e entusiasmo por parte das escolas, professores e alunos, na consecução da competição.

Outra iniciativa que constituiu uma “boa propaganda para a modalidade”, como referiu o *Diário de Coimbra* de 6 de julho de 1988 (p. 13), foi a organização, por parte da AFC, do I Torneio Internacional de Futebol Infantil “Rainha Santa” (com as seleções de Aveiro, Coimbra, Santarém, Salamanca e Leiria) e do III Torneio Internacional de Futebol Junior “Cidade de Coimbra” (envolvendo as seleções de Leiria, Salamanca, Santarém, Aveiro e Coimbra). As competições decorreram entre 1 e 4 de julho de 1988, nos campos da Arregaça e Santa

Cruz (pelados) e no Estádio Municipal de Coimbra (relvado), acabando o triunfo em juniores por pertencer à Seleção de Leiria e em infantis à Seleção de Salamanca. Coimbra ficou em segundo lugar em juniores e não conseguiu escapar ao último lugar em infantis. Mas como referiu o *Diário de Coimbra* de 6 de julho, para além do aspeto competitivo, o mais importante tinha sido o “são convívio entre as várias delegações presentes”, latente no jantar de encerramento dos torneios, realizado em Coimbra e promovido pela AFC.

As seleções jovens de Coimbra viriam a disputar diversos torneios durante o primeiro semestre de 1988, nomeadamente os escalões de Sub 13 e Sub 15:

- 14 e 15 de fevereiro – 1.º Torneio de Carnaval, organizado pela AF Aveiro, com participação da Seleção Sub 15 de Coimbra.
- 4 a 10 de abril – Torneio Nacional Inter Associações Sub 15, organizado pela FPF, no Estádio Nacional, em Lisboa, com participação de 20 seleções distritais. Coimbra fez cinco jogos, obtendo quatro vitórias e uma derrota.
- 24 e 25 de abril – Torneio Inter-Associações, organizado pela AF Santarém, com participação da Seleção Sub 13 de Coimbra.
- 23 a 29 de junho – Fase Nacional dos Torneios Abertos do Torneio Inter-Seleções Distritais, organizado pela FPF no Estádio Nacional, em Lisboa, com participação da Seleção Sub 13 de Coimbra.

Com Coimbra na charneira do futebol juvenil – numa aposta de longa data da instituição –, outras associações distritais enveredaram pela organização de competições do género, bem como a própria FPF. Era a consolidação definitiva do futebol de formação e das competições inter-associações, cujo historial remontava ao I Encontro Nacional de Iniciados, organizado em junho de 1974, em Lisboa, em que estiveram envolvidas três seleções distritais, oito equipas de clubes e uma equipa mista. Estes encontros nacionais teriam seis edições, até maio de 1979, transformando-se depois nos I Jogos de Seleções Distritais (juvenis e iniciados), na época 1980-81, que envolveu 13 associações, com as finais a disputarem-se em Lisboa. Em 1981-82 passou a designar-se Torneio Inter-associações e em 1984-85 mudou para Torneio Nacional Inter-associações Sub 15, designação que ainda se mantinha em 1988.

## Cronologia

1987  
88

418

### 1987

Setembro

Homenagem pública ao Fiscal Geral da AFC, que há anos desempenhava o cargo nos campos de futebol do distrito. A AFC associou-se ao evento e fez-se representar no almoço comemorativo, oferecendo um presente de agradecimento por todo o trabalho realizado.

Novembro

A Rádio Universidade passou a ter licença e o respetivo cartão de livre-trânsito para todas as provas organizadas pela AFC.

Dezembro

A Seleção de Coimbra Sub 14 participou no Torneio de Natal da AF Leiria, terminando num honroso 3.º lugar.

## 1988

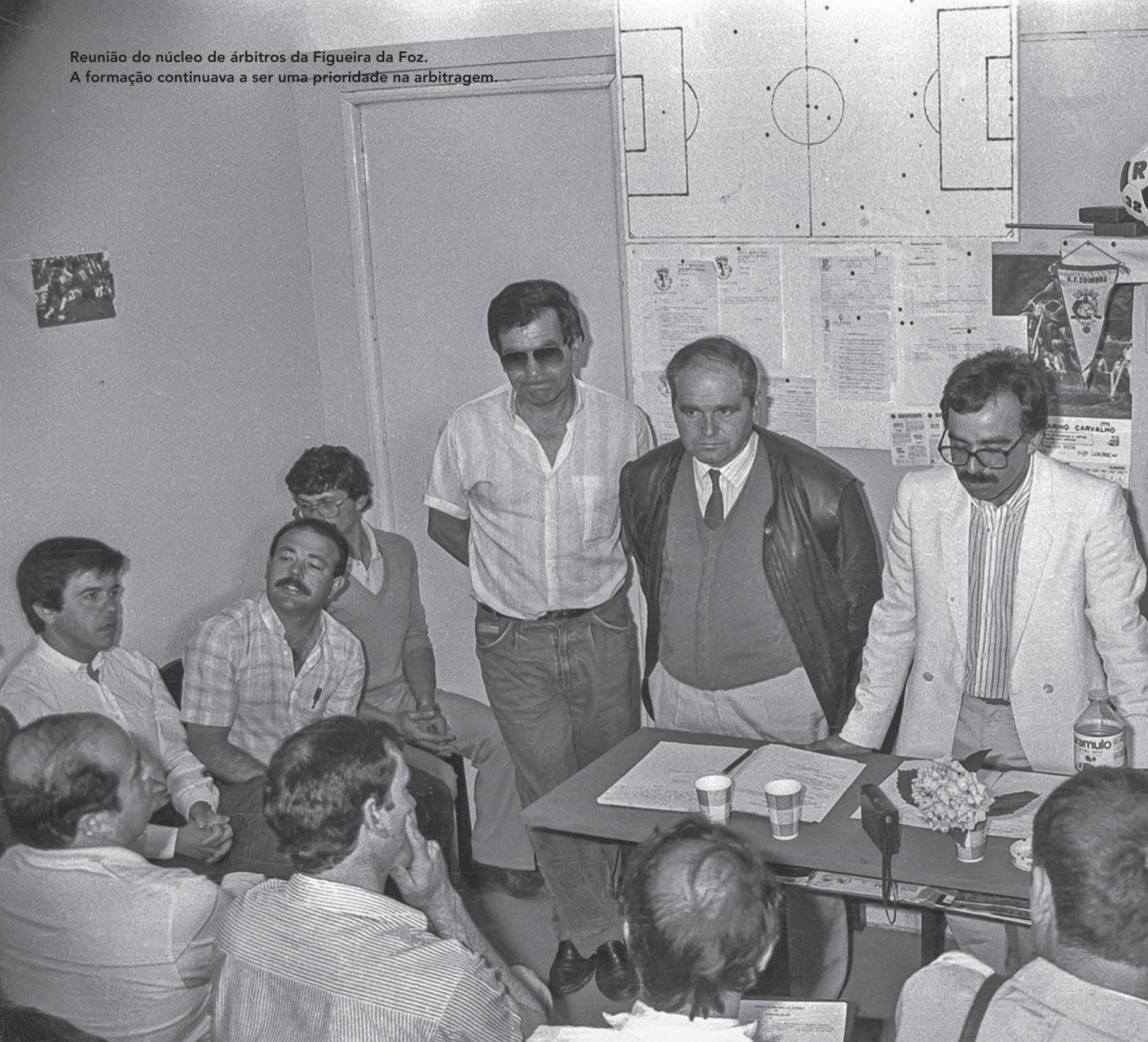
- Janeiro** Foi constituído o Gabinete Técnico da AFC, composto por dois dirigentes, dois treinadores e um massagista.
- Fevereiro** A secretaria da AFC foi apetrechada com dois importantes equipamentos: um telex e um telefone com o sistema Key Master.
- Março** A AFC informou o Conselho de Arbitragem que não teria possibilidades de aumentar a verba anual para aquele organismo, uma vez que as receitas provenientes do Totobola foram reduzidas, com prejuízo para toda a atividade da instituição.
- Maiο** Foram abertas as inscrições para o I Campeonato Distrital de Futebol de 5 da AFC. Foi ainda aprovado um regulamento interno para concessão de ofertas aos clubes filiados.
- Junho** As finais das Taças Nacionais de infantis e iniciados foram disputadas, respetivamente, em Coimbra e na Figueira da Foz. O FC Porto venceu 5-1 o Sporting CP, em infantis, e o Boavista bateu por 1-0 o SL Benfica, em iniciados.
- Junho** Realizaram-se em Coimbra, integrados nas Festas da Cidade (das quais a AFC era coorganizador), dois torneios internacionais de futebol (infantis e juniores).
- A AFC distribuiu uma circular em que “alerta” os clubes para as “condições” dos campos de futebol, esclarecendo dúvidas sobre as dimensões, marcações, balneários, piso do terreno, acessos e iluminação.

# Competições

1987  
88

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Não atribuído
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Buarcos
Campeonato Distrital da III Divisão - Seniores	Associação Desportiva São Mamede
Campeonato Distrital - Escolas	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça AFC - Seniores	União Desportiva Taveirense
Taça de Reservas Dr. Pedro da Rocha Santos - Seniores	Grupo Desportivo Argus

Reunião do núcleo de árbitros da Figueira da Foz.  
A formação continuava a ser uma prioridade na arbitragem.



Época 1988  
88  
89

## Ainda o caso N'Dinga

Foi uma das maiores polémicas do futebol português nos anos 80 do século XX. O caso N'Dinga e tudo o que envolveu entre 1988 e 1989, arrastando-se na década seguinte. Afetou o principal clube do distrito, a Académica, e a própria AFC, que acusou o futebol português de faltar com a “justiça e verdade”, deixando vencer a “mentira e hipocrisia”.

**E**ra um novo Portugal que ia surgindo em finais dos anos 80 do século XX, finalmente integrado (desde 1986) na Europa através da CEE (Comunidade Económica Europeia, atual União Europeia). E as mudanças graduais, operadas no futebol português, começavam a dar frutos internacionais. O trabalho de formação, realizado em todo o País através das associações distritais (com Coimbra a ter uma papel pioneiro desde as décadas de 1960 e 1970), dos clubes e da FPF, atingiria o seu auge nesta temporada, com a conquista do Campeonato do Mundo de Juniores, em março de 1989, na Arábia Saudita. Pouco tempo depois, em maio, seria a vez da Seleção Nacional Sub 16 vencer o Campeonato da Europa, na Dinamarca. Surgia uma “geração de jogadores brilhantes” (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 604), que elevaria o futebol português para outro patamar nas décadas seguintes.

A nível interno, o Campeonato Nacional da I Divisão manteve a sua índole de rotatividade entre Porto e Lisboa, que neste período significava a divisão de títulos nacionais entre FC Porto e SL Benfica. Foram os “encarnados” a assegurar, com superioridade clara, a conquista do título nacional de 1988-89, ficando em primeiro lugar da tabela com 63 pontos, mais sete que o FC Porto (2.º classificado), mais 14 que o Boavista (3.º) e mais 18 que o Sporting CP. Mais uma vez, como na época anterior, um longo campeonato de 38 jornadas, caracterizado por uma média muito baixa de golos por jogo (2,07), a pior da década de 1980 e uma das mais baixas na história do Campeonato Nacional. Uma competição em que nenhum clube de Coimbra esteve presente.

Nem na Taça de Portugal os filiados da AFC conseguiram brilhar, eliminados gradualmente nas primeiras rondas. Somente a Académica conseguiu atingir a 4.ª eliminatória, onde foi afastada em “casa” pelo FC Porto por 1-0. Uma competição que seria ganha por um histórico do futebol português, o Belenenses, que na final bateu o SL Benfica por 2-1.

### **Coimbra confinada à II Divisão**

Ausente da I Divisão Nacional, a Académica era uma das grandes favoritas a regressar ao escalão maior do futebol português nesta temporada. O treinador António Oliveira, no início da época, assegurou à imprensa local que iria ser uma estadia curta na II Divisão e que a Académica nunca não mais voltaria a esse patamar. Infelizmente, os “estudantes” ficariam “a uma simples vitória do regresso à divisão maior” (Santana & Mesquita, 2007, p. 314), classificando-se em 2.º lugar na Zona Centro do Campeonato Nacional da II Divisão, com 52 pontos, menos dois que o vencedor, CD Feirense, que assim assegurou a subida à I Divisão em detrimento da Briosa.

A desilusão academista, por falhar a subida de Divisão, contrastou com a alegria de outro clube filiado na AFC, o CF Os Marialvas, que atingiu a sua melhor classificação de sempre numa prova de teor nacional: o 4.º lugar, precisamente na Zona Centro da II Divisão. O outro representante de Coimbra na prova, o CD Lousanense, ficaria no 12.º lugar, com 31 pontos, longe dos lugares de descida. Quem não conseguiu também subir de patamar foi o União de

Coimbra, que a militar na Série C do Campeonato Nacional da III Divisão ficou-se pelo 3.º lugar na prova, com 39 pontos. Ao União iria juntar-se na temporada seguinte o Grupo Desportivo Tabuense, vencedor da I Divisão Distrital de Coimbra, conseguindo assim subir aos Nacionais – em trajeto inverso estava o Académico do Paço, que desceu aos distritais.

As duas provas nacionais, a II e III Divisões, representavam uma forma de “proveito” para a AFC, através das respetivas quotas pagas pelos clubes e percentagens sobre as receitas dos jogos. Para se ter uma ideia, nesta temporada, a AFC encaixou com ambas competições nacionais as quantias de 557 contos com a II Divisão e 306 contos com a III Divisão. E a Taça de Portugal, por seu turno, gerou uma receita de 347 contos. Mas a maior fatia orçamental de “proveitos” da AFC advinha dos Campeonatos Distritais, através das quotas de arbitragem e das quotas da AFC, num total de 15.370 contos. E as “provas extraordinárias da AFC”, como eram a Taça AFC,

a Taça de Reservas e a Taça de Honra, geravam igualmente uma boa receita, na ordem dos 1.978 contos. Contabilizando todos os “proveitos” com competições, a AFC recebeu nesta temporada um total de 18.565.687\$70.

### Caso N’Dinga e os valores da justiça

Sob a presidência do Dr. Vítor Ferreira, a AFC apresentou o seu Relatório e Contas de 1988-89 a 31 de julho de 1989, onde a Direção da instituição afirmou:

“Teria sido uma época calma na vida da Associação, já que as condições de vida e de trabalho corresponderam ao esperado, se não fosse a mesma marcada pelo sensacionalismo do famigerado e arrastado caso ‘N’Dinga’, que afetou não só a vida da A.A.C./O.A.F., como também, e nos últimos meses da época, a própria Associação”.

**Sabia que...** Cinquentenário simbólico... Em junho de 1989, a AFC convidou os jogadores (ainda vivos) do SL Benfica e da Associação Académica de Coimbra para um jantar comemorativo dos 50 anos da primeira final da Taça de Portugal, disputada entre ambas equipas em 1939 e que os “estudantes” venceram por 4-3. Foram oferecidas placas comemorativas da efeméride.

A Direção da AFC reconhecia que as “incidências” deste caso tinham condicionado, nesta temporada, a “disponibilidade para outras áreas” por parte da instituição, “uma vez que a concentração no estudo e na discussão do problema, em múltiplas reuniões e Assembleias Gerais da F.P.F., mobilizaram durante algum tempo a nossa força de ação.” Mas era evidente que “o assunto, só por si, e nas suas consequências para a Associação, mereciam-no amplamente.” Porém, acabou por ser uma “luta” inglória (o caso seria ajuizado a favor do Vitória SC de Guimarães, acabando com as pretensões da Académica, como vimos na análise à época anterior), embora a Direção da AFC reconhecesse que saiu prestigiada da defesa que fez do seu filiado:

“Quem perdeu foram os valores da Justiça e da Verdade, e o próprio FUTEBOL português, que mais desprestigiado ficou, com a vitória da mentira e da hipocrisia”.

Em relação ao balanço da temporada, a Direção afirmava que a sua ação se tinha desenvolvido “dentro das apertadas fronteiras”, que mais não eram que “grandes dificuldades financeiras, parcas receitas e conseqüente apertar do cinto.” Esta “situação” decorria “dos ‘cortes’ nas Apostas Mútuas Desportivas”, sobretudo nas receitas transferidas para a AFC que provinham do Totobola, o que “chegou mesmo a pôr em causa a realização das provas distritais de futebol juvenil”. Face ao cenário de redução desses apoios, a AFC teve de tomar “medidas pontuais” que permitiram a consecução dessas competições.

A situação financeira da Associação também sofreu com “a diminuição das receitas dos jogos” dos seus filiados, em especial “decorrentes das descidas de Divisão, sobretudo da A.A.C./O.A.F. e União de Coimbra (chegando até a haver um jogo da 3.ª Divisão Nacional em que se venderam apenas 11 bilhetes)”. Este cenário “mais minguou a capacidade e o desejo de criar e ajudar” os clubes filiados, por parte da AFC.

Uma das formas encontradas para “colmatar” as dificuldades económicas foi a organização de jogos particulares, cujo principal objetivo era “obter fundos para o futebol juvenil e para a constituição dum lastro financeiro para a futura sede” da Associação. Nesse sentido, logo no início da época, em agosto de 1988, na Figueira da Foz, organizou-se um jogo amigável entre Boavista e Académica, “com total generosidade e gratuidade dos dois clubes”. Mas a principal iniciativa seria o Torneio Internacional da Cidade de Coimbra, em fevereiro de 1989, disputado pela Académica, FC Porto, Dínamo de Bucareste e Lodz (Polónia). A AFC reconheceu que o torneio foi um “êxito desportivo”, mas ao qual “não correspondeu o êxito financeiro, não tendo a cidade e a região aderido” como a Associação esperava. No entanto, “foi possível ainda conseguir um saldo positivo de algumas centenas de contos”.

Face a este cenário geral de dificuldades económicas, a Direção da AFC reconhecia no seu Relatório e Contas que a sua ação se tinha restringido a ações de teor mais interno, “especialmente para a reorganização interna dos serviços”:

“Pôr a casa em ordem foi o nosso primeiro mote, com a conseqüente modernização e atualização de serviços, cujo investimento orçou os 4.000 contos”.

Em termos de relacionamento com os clubes, a Direção afirmava ter sido “uma casa permanentemente abertas para todos”, com presença constante e diária de um diretor na sede da AFC, “para resposta às solicitações, questões e dúvidas de todos os dirigentes”. Recordava ainda que tinham sido realizadas reuniões regulares com todos os clubes da Associação, de forma a identificar e contribuir para a resolução dos problemas que os afetavam.

426

### **Cantanhede e Lousã elogiadas, Coimbra criticada**

Uma das questões prementes e regulares ao longo das décadas foi a inexistência de uma sede própria da AFC. Nesta altura ainda se encontrava num espaço alugado, na tradicional morada da Rua Ferreira Borges, 155, 2.º andar, no centro da cidade de Coimbra. Esta Direção, tal como as que a antecederam (e as que a viriam a suceder...), tinha um “projeto de construção ou compra” de uma nova sede, de forma a Coimbra se situar “ao nível” das suas congéneres. Porém, mais uma vez, as “inesperadas dificuldades provenientes da grande redução das receitas” levou ao adiamento de “tal desiderato” (a nova sede). Mas a Direção fez uma “cativação” de dois mil contos, “como início

de formação dum lastro financeiro”, que viesse a permitir, no futuro, dar “o passo desejado” para a nova sede.

Outra “luta” da AFC era a colocação de “mais relvados no Distrito e Concelho de Coimbra”. A Direção da Associação elogiou, nesse sentido, “a ação das Câmaras Municipais de Cantanhede e Lousã”, pelo esforço que estavam a realizar nos recintos de Os Marialvas e do Lousanense, que em breve iriam dispor de campos relvados.

Neste âmbito, as principais críticas iam para a Câmara Municipal de Coimbra, cujo presidente tinha prometido, em janeiro de 1988, um novo campo relvado na Quinta das Flores e tudo continuava “reduzido a zero”. Segundo a AFC, as obras continuavam “à espera de arrancar e a promessa adiada, sem se saber até quando.” Mas as críticas à ação camarária de Coimbra estendiam-se a outras infraestruturas e questões, com a Associação a afirmar que continuava a “aguardar que a Câmara Municipal de Coimbra inflita na sua mentalidade de nada fazer de novo na cidade pelo futebol e pelos seus clubes”. A Direção sublinhou:

“O panorama é desolador, pois décadas passaram e os campos da cidade (Coimbra) diminuíram em número e envelheceram inexoravelmente. Espera-se que o novo executivo camarário dê um pontapé na letargia e acorde para a realidade e força do futebol, como acontecimento e maior espetáculo do século XX.”

A Direção da AFC pretendia, face a este “panorama”, um maior envolvimento do poder político e das instituições distritais no desenvolvimento do futebol, num momento em que a própria instituição estava em défice de representatividade na FPF. No Relatório e Contas de 1988-89, a Direção lembrou que face à ausência de um representante de Coimbra na I Divisão Nacional e a presença exígua de filiados na II e III Divisões Nacionais, a AFC estava a perder “força” no “concerto das Assembleias Gerais da F.P.P.”.



## Uma visão geral

O futebol, nesta época desportiva, era largamente a modalidade mais praticada no concelho de Coimbra, com um total de 4.073 filiados. Seguiam-se o basquetebol com 521 praticantes, o atletismo (451), a natação (313) e o rugby (197).

Como se observa no Quadro 1, o futebol feminino continuava a ser muito exíguo (1,28 por cento dos praticantes), confinado a praticamente a duas equipas (União e Arzila). O maior volume de futebolistas (56,86 por cento) era sénior amador masculino, com o profissionalismo a abranger unicamente 1,33 por cento dos praticantes do concelho.

## Manuel Miranda Dias

Grande figura da arbitragem em Coimbra. Foi um dos mais prestigiados árbitros nacionais dos anos 80 do século XX, integrante do quadro principal de árbitros da FPF. O seu prestígio valeu-lhe nesta temporada uma homenagem por parte da AFC, que mandou fazer um retrato seu e expô-lo na sede da Associação, constando a placa: “10-12-88 – Manuel Miranda Dias”. Viria a manter-se ligado à arbitragem, assumindo mais tarde o cargo de presidente do Conselho de Arbitragem da AFC, no período entre 1997 e 2001.

**Quadro 1.** Praticantes de futebol no concelho de Coimbra na época 1988-89

<b>Escalão etário</b>	<b>Masculino</b>	<b>Feminino</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Seniores profissionais	54	0	1,33	52
Seniores amadores	2.264	52	56,86	2.316
Juniores	548	0	13,45	548
Juvenis	535	0	13,14	535
Iniciados	349	0	8,57	349
Infantis	176	0	4,32	176
Escolas	95	0	2,33	95
% Por sexo	98,72	1,28	100	-
<b>Total</b>	<b>4.021</b>	<b>52</b>	<b>-</b>	<b>4.073</b>

Fonte: Anuário Desportivo 1988-89, Ed. CM Coimbra, 1989, p. 19.

Os escalões jovens apresentavam números consentâneos com a evolução dos anos anteriores, com a AFC a indicar no seu Relatório e Contas que se tinha verificado “uma melhoria qualitativa no futebol praticado e no apetrechamento técnico das equipas” jovens, embora “nem todas as equipas” fossem orientadas por “técnicos legalmente habilitados”. A Associação sublinhava que era obrigatório “todas as equipas possuírem responsável técnico diplomado” e não iria admitir exceções ao “cumprimento da obrigação”. O objetivo era claro: aumentar a qualidade do futebol regional, em todos os escalões.

Nesta temporada, tal como vinha sucedendo, as seleções distritais jovens estiveram em grande atividade, disputando dois torneios nacionais e cinco provas regionais, nos escalões de Infantis e Sub 13, 14 e 15. Como melhores classificações destacaram-se as vitórias no Torneio do Carnaval/89 de Sub 15 (em Aveiro, entre 6 e 7 de fevereiro de 1989) e o Torneio Dr. Guilherme de Oliveira, em infantis (em Coimbra, entre 1 e 2 de julho de 1989). Assinalável igualmente a participação da Seleção Sub 13 de Coimbra no Torneio Nacional, realizado em Lisboa entre 21 e 28 de junho de 1989, onde obteve a sua melhor classificação de sempre, um 4.º lugar, perante as 20 seleções distritais prevista no Regulamento da prova da FPF. Meritória, embora mais modesta, foi a participação da Seleção Sub 15

no Torneio Nacional, ficando no 8.º lugar entre 19 seleções distritais presentes.

Para além da formação, a Direção da AFC teve como prioridade o aumento das equipas de arbitragem, que no início da temporada não existiam em número suficiente para cobrirem todos os jogos. Foram organizados vários cursos pelo Conselho de Arbitragem, em Coimbra, na Figueira da Foz e envolvendo as zonas de Montemor-o-Velho, Seixo da Beira e Cantanhede, o que permitiu criar um quadro final de 207 árbitros.

Além dos novos cursos e palestras para árbitros, a AFC promoveu também formação ao nível dos treinadores distritais de futebol (organizou um curso com 69 candidatos), realizou uma ação de reciclagem para treinadores distritais (com 52 participantes), um curso para novos massagistas (28 candidatos), um curso para treinadores nacionais de nível II (a cargo da FPF, com 25 inscritos) e efetuou uma ação de reciclagem para treinadores, com monitores da UEFA.

A novidade nesta época era a preocupação da Direção da AFC com o “futebol de cinco”, que começava a ter “os favores de muitos praticantes” e que permanecia “em completo marasmo, pelo menos a nível do futebol federado”. O objetivo da AFC era dinamizar ações nesta modalidade, promovendo a mesma em todo o distrito e em articulação com os clubes, assim como com outras associações distritais e a FPF.

# Cronologia

1988  
88  
89

430

## 1988

### Setembro

A CM Lousã ofereceu os troféus da Taça de Honra da AFC. As parcerias e colaborações entre os municípios e a AFC eram regulares.

### Outubro

Deliberou-se instituir a Taça Disciplina AFC para a I e II Divisão Distrital.

Início do 3.º Curso de Treinadores, promovido pela AFC.

### Novembro

Em Assembleia Geral Extraordinária da AFC, realizada no dia 25, foram aprovados por unanimidade os novos Estatutos, que viriam ser publicados no Diário da República n.º 191, III Série, de 21 de agosto de 1989.

Ao abrigo do Programa OTL (Ocupação dos Tempos Livres), uma colaboradora integrou a AFC durante três meses. Foi a primeira vez que tal aconteceu.

## 1989

- Janeiro** A Associação Académica de Coimbra perdeu em “casa” com o FC Porto por 1-0, ficando eliminada da Taça de Portugal. A AFC convidou as Direções dos clubes para um jantar convívio.
- Fevereiro** Início do Curso de Massagistas, promovido pela AFC.
- Foram atribuídos subsídios às equipas que se inscreveram nos diferentes campeonatos distritais, sobretudo nos escalões juvenis, como forma de incentivar a sua participação.
- Março** A AFC deixou explanado em Ata e endereçou um “voto de louvor” à Seleção Nacional de Juniores, pela extraordinária conquista do Campeonato Mundial da categoria, disputado em Riade, na Arábia Saudita.
- Maio** Foi adquirido mobiliário novo para a secretaria e uma moderna máquina de escrever eletrónica, entregando-se, para retoma, uma antiga máquina, o que permitiu reduzir a despesa de aquisição de 150.000\$00 para 120.000\$00.
- Foi concedida ao União de Coimbra, pelo Ministro da Educação, a Medalha de Bons Serviços Desportivos.
- Junho** A AFC confirmou a presença no Torneio Internacional de Salamanca, na categoria de juniores, a realizar entre 6 e 11 de setembro de 1989. As despesas de participação orçavam 306 contos.

# Competições

1988  
889

432

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Grupo Desportivo Tabuense
Campeonato Distrital da II Divisão - Seniores	Real Clube de Brasfemes
Campeonato Distrital - Juniores	Associação Naval 1.º de Maio
Campeonato Distrital - Juvenis	Grupo Desportivo Tabuense
Campeonato Distrital - Infantis	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Escolas	Clube de Futebol União de Coimbra

A Direção da AFC fazia-se representar nos diferentes eventos organizados pelos filiados, como sucedeu na festa da Académica de Coimbra, no Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz, em 1989. Contou com a presença do presidente da Direção, Dr. Vítor Ferreira (segundo, na parte direita da imagem).



Época 1989  
90

## Eusébio homenageado

Começava-se a sentir uma certa perda de influência de Coimbra no contexto do futebol português. Sem equipas na I Divisão Nacional e com pouca competitividade nos escalões secundários. E a AFC atravessava dificuldades económicas. Somente o futebol feminino assegurou expressão nacional. Eusébio seria recebido em festa em Coimbra, no mítico Paleão, onde vestiu as cores do Norte e Soure, sendo alvo de uma simbólica homenagem.

A década de 80 do século XX terminou em ambiente de conflitualidade no futebol português, com o Campeonato Nacional da I Divisão – reduzido de 20 para 18 clubes – a refletir esses antagonismos, que eram regionais, mas também (sobretudo) de lutas de poder. A denominada “guerra norte-sul” continuava ao rubro, envolvendo Porto e Lisboa, e os seus principais clubes, instituições (políticas e desportivas) e jornais. Neste ambiente quase bélico (simbolicamente), o FC Porto sairia vencedor do título nacional de 1989-90, superiorizando-se ao SL Benfica (2.º classificado), novamente treinado pelo sueco Eriksson, que conseguiu levar os

“encarnados” a mais uma final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, onde voltaria a perder (1-0), desta feita contra os italianos do AC Milan. O Campeonato Nacional foi uma luta exclusiva entre portistas (59 pontos) e benfiquistas (55 pontos), com o 3.º classificado (46 pontos), o Sporting CP, a ficar longe (nove pontos separaram os “leões” do 2.º lugar). Como se comprova por este pódio do Campeonato Nacional, a luta pelo título esteve confinada aos “grandes” de Lisboa e Porto. E este poderio futebolístico das duas principais cidades e distritos do País seria igualmente extensivo às nove provas organizadas pela FPF em 1989-90, como comprova o Quadro 1.

**Quadro 1** – Vencedores das provas organizadas pela FPF em 1989-90

<b>Designação da prova</b>	<b>Campeão</b>
I Divisão	Futebol Clube do Porto
II Divisão	Sport Comércio e Salgueiros
III Divisão	Clube Desportivo do Montijo
Taça de Portugal	Clube Futebol Estrela da Amadora
Campeonato Nacional de Juniores A	Futebol Clube do Porto
Campeonato Nacional de Juniores B	Sport Lisboa e Benfica
Taça Nacional de Iniciados	Futebol Clube do Porto
Taça Nacional de Infantis	Sport Lisboa e Benfica
Taça Nacional de Futebol Feminino	Boavista Futebol Clube

Fonte: FPF – Relatório e Contas, Época de 1989-90. Ed. FPF.

Como se observa no Quadro 1, somente três associações distritais tiveram clubes vencedores de competições nacionais: Porto (cinco títulos), Lisboa (três) e Setúbal (um). Era evidente a hegemonia do eixo Lisboa-Porto, que se acentuaria nas décadas seguintes.

Quanto a Coimbra, que em determinados períodos do futebol português tinha sido uma das regiões e associações distritais de referência, perdia cada vez mais influência em termos de representatividade (no seio da FPF), títulos nacionais e competitividade dos seus clubes e seleções distritais. Recordamos que, mais uma vez, nenhum clube de Coimbra integrou a divisão maior do futebol português. E mesmo na Taça de Portugal, em que os clubes “pequenos” dominaram (a final foi disputada pelo Estrela da Amadora e o Farense, com vitória amadoreense por 2-0), os filiados da AFC foram afastados prematuramente, com nenhum deles a atingir sequer a quarta eliminatória. A surpresa seria mesmo o trajeto do modesto Touring Clube Praia Mira, que militava na I Divisão Distrital da AFC, ao ultrapassar duas eliminatórias, caindo somente na 3.ª eliminatória, frente ao FC Marco por 3-1.

## Novo formato a chegar

Em termos das três principais Divisões Nacionais (masculinos), os clubes filiados na AFC ficaram remetidos à II e III Divisões, obtendo resultados diversos, mas sem o brilho de outras temporadas. Esta foi a última época em que se disputaram os

antigos formatos da II e III Divisões Nacionais, uma vez que a partir da temporada seguinte tudo seria diferente com o surgimento da II Divisão de Honra e da II Divisão B. Assim, dadas as alterações definidas pela FPF, a II Divisão Nacional de 1989-90 iria apurar as equipas para ambas as provas, revestindo-se por isso de vital importância para todos os competidores. Importa referir que os sete primeiros de cada uma das três zonas da atual II Divisão Nacional garantiriam lugar na nova II Divisão de Honra e os restantes “desceriam” à II Divisão B.

Nesta última edição do Campeonato Nacional da II Divisão, no seu formato tradicional, os clubes de Coimbra ficaram na Zona Centro, estando em prova a Académica, o CD Lousanense e o CF Os Marialvas. Numa série bastante abrangente geograficamente, com clubes do Porto, Coimbra, Castelo Branco, Aveiro ou Guarda, e por isso muito competitiva, o luta pelo primeiro lugar (que garantia a subida à I Divisão) seria a três, envolvendo SC Salgueiros (vencedor com 51 pontos), SC Espinho (2.º com 50 pontos) e União Desportiva de Leiria (3.º com 49 pontos) – dois pontos separaram os três clubes – desta zona sairia mesmo o vencedor da II Divisão Nacional, o SC Salgueiros.

A Académica, crónico candidato à subida de Divisão, terminaria no posto seguinte, em 4.º lugar da Zona Centro, com 43 pontos. Não conseguiu a ambicionada subida, mas assegurou a presença na II Divisão de Honra da época seguinte. Quem não assegurou presença nessa prova foi o CF Os Marialvas e o CD Lousanense, que ficaram no 10.º e 16.º lugares, respetivamente. Essas posições

determinaram a sua “descida” à II Divisão B, gerando bastante consternação em Cantanhede e na Lousã. Deste modo, na época seguinte, a Académica seria o único filiado da AFC na nova Divisão de Honra, ao passo que na II Divisão B, Zona Centro, estariam seis clubes de Coimbra: Marialvas, Lousanense, Naval, Mirandense, Oliveira do Hospital e União de Coimbra.

Em termos de III Divisão Nacional, foram seis os clubes filiados na AFC a participar: Associação Naval 1.º de Maio, CA Mirandense, CF União de Coimbra, FC Oliveira do Hospital, GD Argus e GD Tabuense. Na 1.ª fase da prova, quatro deles ficaram na Série C e dois na Série D, sendo estes últimos os que mais se destacaram, com a Naval 1.º de Maio e o Mirandense a ficarem no 2.º e 3.º lugares da Série D, disputada por 18 equipas. Porém, só o vencedor de cada série se apurava para a fase seguinte. Na outra série (C), os quatro clubes de Coimbra teriam modestas participações, com o melhor deles a ser o FC Oliveira do Hospital, 4.º classificado. A segunda fase da prova não contaria com nenhum clube de Coimbra, mas o distrito viria a acolher a final da III Divisão Nacional, num encontro disputado na Lousã que opôs o vencedor da Zona Norte (AD Lousada) e da Zona Sul (CD Montijo), sagrando-se vencedor este último.

Nas competições juvenis nacionais, os resultados dos clubes de Coimbra não seriam muito diferentes dos seniores, ilustrando alguma falta de competitividade do futebol coimbrão em comparação com outros distritos. No Campeonato Nacional de Juniores, a Académica conseguiu vencer destacada a Série C da 1.ª Fase, mas cairia

na 2.ª Fase, ao ficar em 2.º lugar na Zona 2, atrás do poderoso FC Porto, que esmagou a concorrência (seis jogos, seis vitórias, 36 golos marcados e um sofrido) – os juniores portistas viriam a ser os vencedores da prova.

Algo semelhante sucederia no Campeonato Nacional de Juniores B (juvenis), em que o melhor representante de Coimbra seria a Académica, superando a primeira fase, mas caindo na seguinte, sem chegar à fase final, ganha pelo SL Benfica. Piores resultados teriam os clubes de Coimbra na Taça Nacional de Iniciados, sem representantes na 2.ª Fase. Mas viria a melhorar na Taça Nacional de Infantis, em que CF União de Coimbra venceu a Série D da 1.ª Fase, sucumbindo somente na 2.ª Fase, Zona Norte, ao ficar em 2.º lugar, atrás do FC Porto.

## **Pódio feminino**

O futebol feminino apresentava, ainda, um enorme fosso comparativamente com o masculino, quer em número de equipas quer de praticantes. Nesta temporada, por exemplo, o total nacional de jogadoras inscritas na FPF era de 395, existindo somente os escalões de seniores (350) e juniores (45) amadoras, com dez associações distritais a contarem com futebol de onze feminino. Por seu lado, o futebol de onze masculino apresentava 78.840 inscritos, envolvendo as 22 associações distritais existentes em Portugal e dez escalões distintos, desde seniores profissionais a escolas. E mesmo o futebol de cinco masculino, que dava os primeiros passos, já contava nesta época com 3.039 inscritos,

abrangendo cinco associações (Coimbra ainda não tinha inscritos).

A AFC estava a perder, claramente, representatividade ao nível de praticantes, quer no setor feminino quer no masculino. Outrora uma referência no futebol feminino, apresentava em 1989-90 somente 22 mulheres praticantes de futebol de onze, longe das 89 inscritas por Lisboa. Entre as dez associações distritais com mulheres inscritas no futebol de onze, Coimbra era a oitava em número de praticantes, somente à frente de Braga (20 inscritas) e Portalegre (17). E em termos de futebol de onze masculino, Coimbra estava igualmente em oitavo lugar entre as 22 associações distritais integrantes da FPF, com 3.736 inscritos, estando próxima de Faro (3.639 inscritos) e Viseu (3.634), mas longe de Lisboa (12.220), Porto (12.138), Aveiro (6.014) ou Braga (5.580).

Embora longe do esplendor de outros períodos em termos de futebol feminino, o clássico representante da AFC neste escalão, o União de Coimbra, dominaria a Zona Centro na 1.ª Fase da Taça Nacional de Futebol Feminino (sénior). As unionistas venceram a sua zona com nove vitórias e um empate, em dez jornadas disputadas, marcando 52 golos e sofrendo somente cinco, obtendo 19 pontos, mais três que a segunda classificada, a equipa do União Ferreirense, seguindo-se o Clube Albergaria (10 pontos), o GECD Viseu (8), o ACRD da Murta (7) e o CA Riachense (0). Apurada para a fase final da competição, o União iria enfrentar o vencedor da Zona Norte (e grande favorita), o Boavista FC, e da Zona Sul, o CDC Estoril. Em formato *poule*, todas contra todas, as boavisteiras iriam-se impor,

vencendo todos os encontros, marcando 12 golos e sofrendo somente um. As estorilistas ficariam em 2.º lugar, com o pódio a fechar com as unionistas, que conseguiram unicamente um empate em quatro jogos realizados, marcando um único golo e sofrendo oito. Apesar da parca fase final, o União assegurou o 3.º lugar na principal prova nacional de futebol feminino, demonstrando ainda a sua qualidade futebolística no contexto nacional.

### Norte e Soure “contrata” Eusébio

A figura mais marcante do futebol português nas décadas anteriores tinha sido Eusébio, quer pela sua qualidade futebolística quer pelos feitos alcançados ao serviço do SL Benfica e da Seleção Nacional, imortalizado no Mundial de Inglaterra de 1966 e na conquista da Bola de Ouro de 1965. Era uma personalidade também muito admirada em Coimbra, por onde passou muitas vezes ao serviço do SL Benfica nas décadas de 1960 e 1970.

No final dos anos 1980, já retirado, continuava a ser uma referência nacional, convidado regularmente para eventos públicos, alguns deles de teor social e de apoio ao desporto local e regional. Foi o que sucedeu precisamente quando “Eusébio jogou pelo Norte e Soure”, como sublinhou o *Diário de Coimbra* de 17 de maio de 1990. O “Pantera Negra” aceitou o convite do filiado da AFC e deslocou-se até ao Campo do Paleão, em Soure, onde alinhou num jogo amigável organizado pelo Norte e Soure. Chegou diretamente da Suíça, onde tinha recebido mais uma homenagem e seria também em festa que foi

recebido no mítico recinto do Paleão, com largas centenas de adeptos a aplaudirem a antiga glória do futebol português.

O jogo foi chamado da “amizade” e enfrentou o Norte e Soure (com Eusébio no seu onze) e o União Futebol Clube, de Gavinhos (Penacova), tendo como objetivo “a angariação de fundos para a coletividade do Paleão”, como sublinhou o *Diário de Coimbra*. O encontro terminou empatado a uma bola, seguindo-se um jantar de confraternização, oferecido pela Direção do Norte e Soure. Eusébio foi a figura central e alvo de uma merecida homenagem, que era simbolicamente um reconhecimento público do futebol local e regional à sua pessoa e ao que tinha representado para o futebol português.

## Futebol juvenil em alta

Durante esta temporada mantiveram-se as provas nacionais de referência para os escalões de Sub 15 e Sub 13, organizadas pela FPF, em parceria com as associações distritais. O primeiro a realizar-se seria o Torneio Nacional Inter-associações Sub 15, que decorreu entre 16 e 22 de abril de 1990, contando com a presença de 20 seleções distritais. Dominado por Lisboa e Porto (1.º e 2.º classificados, respetivamente), Coimbra ficaria a meio da tabela, no 9.º lugar.

Idêntica posição seria alcançada pela Seleção de

Coimbra Sub 13, no torneio nacional organizado entre 22 e 27 de junho de 1990, no Complexo Desportivo do Estádio Nacional. Novamente Lisboa imperou (mas desta feita foi Aveiro que ficou em 2.º lugar) entre as 20 seleções distritais presentes, com Coimbra a terminar em 10.º lugar.

As seleções jovens de Coimbra estariam ainda presentes noutras competições, de teor mais regional, como viriam a ser: o III Torneio de Carnaval Inter-seleções Sub 15, organizado pela AF Aveiro entre 24 e 26 de fevereiro de 1990 (envolveu seis seleções); o Torneio Inter-associações de Leiria de Iniciados Sub 13, entre 19 e 20 de maio de 1990, organizado pela AF Leiria e disputado por quatro seleções distritais; e o Torneio Inter-associações de Santarém de Sub 14, de 2 a 3 de junho de 1990, com quatro seleções. E sob a égide da AFC, e em consonância com os anos anteriores, realizaram-se também, integrados no programa das Festas da Rainha Santa, em Coimbra, em julho de 1990, dois Torneios Internacionais de Futebol Juvenil, ao nível de seleções distritais: um na categoria de infantis e outro na de juniores. Envolveu as equipas representativas de Salamanca, Aveiro, Coimbra, Leiria e Santarém.

**Sabia que...** A equipa feminina do União de Coimbra foi a mais realizadora na 1.ª Fase da Taça Nacional de Futebol Feminino, entre as 17 equipas presentes. Marcou 52 golos em 10 encontros, mais três que o Boavista (49 golos).

## Cronologia

# 1989 90

440

### 1989

Setembro

A AFC determina a obrigatoriedade de as equipas terem técnicos habilitados, em todos os escalões. Só assim podiam participar nas provas organizadas pela Associação.

Outubro

O Governo Civil de Coimbra atribuiu um subsídio de 250.000\$00 à AFC, quantia bastante importante, numa altura em que se havia reduzido a verba proveniente do Totobola, atravessando a Associação severas limitações orçamentais.

Novembro

A AFC e vários clubes marcaram presença no jantar de homenagem ao Dr. Rui Costa, antigo Vereador do Pelouro do Desporto da CM Coimbra. Era unanime o reconhecimento do seu trabalho em prol do futebol distrital.

Dezembro

Dificuldades financeiras afetavam a AFC. A instituição solicitou o adiantamento de 4.000.000\$00 do Totobola. Era o montante a aplicar na rubrica "empréstimos aos clubes filiados".

## 1990

- Janeiro** Foi redigido um novo regulamento interno da AFC para o pessoal de campo (de apoio aos jogos). Uma das alterações era a idade de admissão destes funcionários, que passou de 40 anos para 55. Alargava-se o universo de recrutamento.
- Fevereiro** Realizou-se no Estádio Municipal de Coimbra um encontro particular entre a Académica e o CSKA de Sófia (Bulgária), numa partida (empate 1-1) que contou com o apoio da AFC e da FPF.
- Março** O Estádio Municipal de Cantanhede inaugurou o seu campo relvado. O Marialvas passou a jogar em relva, ambição antiga do clube.
- Abril** Os clubes filiados foram incentivados pela AFC a fazerem seguros para as suas instalações, de forma a precaverem casos de sinistro.
- Maiο** Foi definida a nova tabela de apoios aos clubes filiados na AFC que participassem nas provas nacionais: II Divisão, 130.000\$00; III Divisão, 100.000\$00; clubes que subissem de Divisão, 30.000\$00 extra.
- Julho** A arbitragem de Coimbra contou nesta época com um único árbitro na 1.ª categoria, José Maria de Oliveira Guimarães. Tinha três na 2.ª categoria.

# Competições

# 1989 90

442

<b>PROVA</b>	<b>CAMPEÃO</b>
Campeonato Distrital da I Divisão - Seniores	Associação Desportiva Ala-Arriba
Campeonato Distrital - Juniores	Futebol Clube de Oliveira do Hospital
Campeonato Distrital - Infantis	Clube de Futebol União de Coimbra
Campeonato Distrital - Escolas	Clube de Futebol União de Coimbra
Taça de Honra - Seniores	Clube Desportivo Lousanense

Fernando Marques, popularizado como o "formidável", foi uma das figuras mais marcantes da fotografia conimbricense na segunda metade do século XX. Era sobejamente conhecida a sua paixão pelo futebol e amizade com vários jogadores, entre eles Eusébio. Nesta temporada, a 17 de novembro de 1989, a Assembleia Geral da AFC reconheceu-o como Sócio de Mérito. Era o primeiro a receber essa distinção fora do âmbito desportivo. No Livro de Registo de Sócios da AFC iria constar: "258. Fernando Marques (Formidável), Repórter Fotográfico". Nesta imagem, capa de *O Século Ilustrado* de 30 julho de 1966, o "formidável" (à esquerda, carregando várias máquinas fotográficas) deixou o papel de fotografo e consolou Eusébio (juntamente com o selecionador nacional, Manuel da Luz Afonso), após a derrota de Portugal nas meias-finais do Mundial de 1966 contra a Inglaterra. Era comum o "formidável" acompanhar a Seleção Nacional.





## EPÍLOGO

**M**ais uma vez avisamos o leitor que não se trata do fim desta viagem. Apenas uma nova paragem, desta feita em 1990. Como referimos no Volume I, pareceu-nos desde o arranque desta investigação sobre a AFC que era demasiado ambicioso contar 100 anos de história de uma instituição num único volume. Por isso, dividimos esta viagem histórica em três tomos, alargando a mais um tomo do que previmos no epílogo do Volume I. O interesse documental e os dados recolhidos (em quantidade e qualidade) assim o requeriam, justificando-se a opção (na nossa opinião) por três volumes. Um primeiro de perfil mais histórico e centrado no aparecimento da AFC (1922) e nas suas primeiras décadas (até 1950). Um segundo volume (este) a partir da década de 1950 e até ao ano de 1990, num vasto período em que o futebol português transitou do amadorismo para o profissionalismo. E um terceiro e último volume, desde 1991 até ao Centenário.

Neste segundo volume abordamos novamente um conjunto de questões, algumas de continuidade em relação ao período anterior e outras que constituem novidade. Sempre com uma abordagem histórica aberta e transversal, tentando contribuir para uma história do futebol português a partir de uma visão mais regional e institucional. No período em análise continuou-se a perceber a centralidade de Coimbra no eixo geográfico nacional, mantendo-se como pêndulo entre dois poderes, um centralizador (Lisboa) e outro regionalista (Porto). Mas dois poderes que dominaram o futebol português e cuja “luta” ofuscou historicamente as outras regiões.

O distrito de Coimbra, à sua escala, foi criando as suas assimetrias e equilíbrios no futebol. Continuou

a navegar, geograficamente, entre a centralidade de Coimbra (cidade) e a dinâmica da Figueira da Foz, alargando-se e popularizando-se a localidades como Cantanhede, Lousã, Soure, Mira ou Miranda do Corvo, entre outras. Deixou-se de lado (atenuou-se), em certa medida, o contexto de rivalidade de classes, entre a elite e o povo, representados coletivamente pela Académica (clube mais representativo do distrito) e o União de Coimbra. Assistiu-se, isso sim, à modernização do futebol, em diferentes escalas e níveis. Os pelados transformaram-se em relvados. Os bancos de madeira mudaram para bancadas de betão. Os banhos frios deram lugar a balneários com água quente.

O futebol feminino começou a mudar mentalidades, tal como viria a suceder com a chegada da democracia em 1974. O poder hegemónico dos clubes e instituições, pela primeira na história da modalidade, seria posto em causa pelos interesses e direitos dos jogadores e treinadores. O futebol deixava de ser um mero desporto para se transformar num espetáculo, cada vez mais consumido através dos media.

É à luz destes fenómenos e muitos outros que tentámos escrever a história da AFC entre 1951 e 1990. Um processo evolutivo de uma instituição, na sua relação com os clubes, associações congéneres, Federação e organismos públicos e estatais. E tal como no período anterior (mas de forma distinta), numa relação construtiva, em prol da defesa e promoção de um futebol mais popular, mais representativo geográfica e socialmente, e mais inclusivo, construindo uma história do futebol a partir de uma visão regional e institucional. É um segundo olhar de como o futebol pode explicar Coimbra e Portugal.



# BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Maria Manuela (1983), Futebol. Lisboa: Círculo de Leitores.
- ALMEIDA, Joaquim Faria (coord.) (1994), Futebol Clube do Porto: uma História com 100 anos. Porto: Conselho Cultural do Futebol Clube do Porto.
- AZEVEDO, Eduardo de (1967-1970), História e Vida do Sporting Clube de Portugal, Vol. I, II e III. Lisboa: CERC.
- BARROS, Amândio (2000), Boavista Futebol Clube. A primeira história. Porto: Lello.
- BISPO, Raminhos (2003), Sporting Clube Olhanense: 90 anos de História. Tavira: Tipografia Tavirense.
- CAMILO, Viriato (1995), Casa Pia Atlético Clube. Ateneu Casapiano, 1920-1970. Lisboa: Biblioteca-Museu Luz Soriano.
- CARDOSO, Débora; SERRADO, Ricardo (2012), O Estado Novo e o Futebol: [Os Factos Históricos sobre as relações da Ditadura com o Desporto-Rei]. Lisboa: PrimeBooks.
- CASTRO, Manuel Faria de (2005), Associação de Futebol da Horta: 75 anos ao serviço do Futebol: 1930-2005. Horta: Associação de Futebol da Horta.
- CEITIL, José (2009), Belenenses: 90 anos de história. Lisboa: Âncora Editora.
- COELHO, J. N. & Pinheiro, F. (2002). A Paixão do Povo, História do Futebol em Portugal. Porto: Afrontamento.
- COELHO, J. N. & Pinheiro, F. (2004). A Nossa Seleção em 50 Jogos, 1921/2004. Porto: Afrontamento.
- COELHO J. N. (2001). Portugal, a equipa de todos nós. Porto: Afrontamento.
- COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. (2012), República, Desporto e Imprensa: o desporto na I República em 100 primeiras páginas, 1910-1926. Porto: Afrontamento.
- COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. (coord.) (2013), Memórias de Peyroteo: A Autobiografia do maior goleador do futebol português. Porto: Afrontamento.
- CORREIA, Fernando (2010), 100 anos de futebol. Lisboa: Associação de Futebol de Lisboa.
- DELGADO, José Manuel (2002), 100 melhores do futebol português. Lisboa: *Record*.
- DEODATO, Rodrigues (2000), História do Club Sport Marítimo, 1910-2000. Funchal: *Diário de Notícias* da Madeira.
- DIAS, Manuel (2001), O futebol no Porto. Das origens com port wine ao estatuto de força social. Lisboa: Campo das Letras.
- DIAS, Manuel; MAGALHÃES, Álvaro (1993), F.C. Porto: 100 anos de História 1893-1993. Porto: Asa.
- DIAS, Marina Tavares (2000), História do Futebol em Lisboa: de 1888 aos grandes estádios. Lisboa: Quimera.
- DIAS, Marina Tavares (2005), Sporting Clube de Portugal: uma história diferente. Porto: Fubu Editores.
- DOMINGOS, Nuno; NEVES, José (coord.) (2011), Uma História do Desporto em Portugal: Nação, Império e Globalização, Vol. 2. Vila do Conde: Quidnovi.
- FARIA, Fernando (1969), Gooool!: Mini-História do Futebol Português. Lisboa: [s.n.].
- FERREIRA, Diogo; MONTEIRO, Isilda; ROCHA, Ricardo; SOUSA, Fernando de (2017), A Associação de Futebol do Porto. Uma instituição centenária. Santo Tirso: Norprint.
- FIGUEIREDO, José Rosa (1981), 70 anos de vida do Futebol Clube Barreirense. Barreiro. Edição de autor.
- FORTUNA, António Matos (2002), Um Distrito sob o signo do Futebol: 75º aniversário da Associação de Futebol de Setúbal. Setúbal: Associação de Futebol de Setúbal.
- GALEGO, Belmiro Esteves (2001), Leixões Sport Clube – Marcos importantes da sua história. Matosinhos: Editorial Maresia.
- GONÇALVES, João Carlos (2013), “Os Limianos” e a História do Futebol em Ponte de Lima. Ponte de Lima: Câmara Municipal Ponte de Lima.
- GOULÃO, José (2010), Sporting CP – A História Completa 1906-2009. O leão insaciável. Matosinhos: Quidnovi.
- GUEDES, Rui (1987), Futebol Clube do Porto – Fotobiografia. Lisboa: Dom Quixote.
- GUEDES, Rui (1987), Sport Lisboa e Benfica – Fotobiografia. Lisboa: Dom Quixote.
- GUEDES, Rui (1988), Sporting Clube de Portugal – Fotobiografia. Lisboa: Dom Quixote.
- LOPES, João Carlos (2009), Cem anos de futebol em Torres Novas – das origens à década de 50 do século XX. Torres Novas: Gráfica Almodina.
- LOPES, Luís; MIGUÉIS, Alberto (2004), Sport Lisboa e Benfica: 100 gloriosos anos, Vol. 2. Lisboa: Quidnovi.
- LOPES, Manuel de Oliveira (2012), Clube Atlético Riachense. 80 anos de história (1932-2012). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.
- LOUREIRO, João (1983), Sport Lisboa e Benfica – 80 anos de História. Lisboa: Expresso.
- MACHADO, Paula (2012), 90º aniversário da Associação do Futebol de Braga. Braga: Associação de Futebol.

- MÁRCIO, Aurélio; MIRANDA, Carlos; RITA, Joaquim; SERPA, Homero; SERPA, Vítor; SIMÕES, António (dir.) (1995), *História de 50 anos do Desporto Português*. Lisboa: *A Bola*.
- MARTINS, António Bento (2006), *Histórias do futebol*. Estoril: Edição de Autor.
- MARTINS, Jacinto; PADRÃO, Carlos; VINAGRE, Fernando (1999), *Associação de Futebol de Aveiro: 1924-1999, 75 anos*. Aveiro: Associação de Futebol.
- MATOS-CRUZ, José de (2004), *Cascais: Berço do cinema e do futebol*. Cascais: Câmara Municipal.
- MEGA, Francisco Madeira et al. (1964). *50 anos da Federação Portuguesa de Futebol*. Lisboa: FPF.
- MELO, Afonso de (2004), *Cinco escudos azuis: a história da Selecção Nacional de Futebol de 1921 até aos nossos dias*. Lisboa: Temas de hoje.
- MELO, Afonso de (2007), *100 anos 1907-2007, Benfica-Sporting x Sporting-Benfica ... pior do que inimigos, eram irmãos*. Lisboa: PrimeBooks.
- MELO, João Pacheco de (2006), *Associação de Futebol Ponta Delgada*. Açores: Associação de Futebol Ponta Delgada.
- MELO, Victor Andrade de; PINHEIRO, Francisco (coord.) (2013), *A Bola ao ritmo de Fado e Samba: 100 anos de relações luso-brasileiras no futebol, 1913-2013*. Porto: Afrontamento.
- MESQUITA, Diamantino; RAMOS, Júlio; SANTOS, Aurélio (2003), *Coimbra Profunda*. Coimbra: Clube de Futebol União de Coimbra.
- MONTE, Gil do (1986), *Subsídios para a História do Futebol em Évora*. Évora: Gráfica Eborense.
- MONTEIRO, Vladimir Nobre (2003), *Hoje há derby!: Relatos e Estatísticas do Futebol Português*. São João do Estoril: Sopa de Letras.
- Neves, J. & Domingos, N. (Eds.) (2004). *A Época do Futebol, O Jogo Visto pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- NUNES, Ana Bela (1996), *Contribuição para a História do Futebol em Portugal*. Lisboa: ISEG-GHES.
- OLIVEIRA, Mário Fernandes; SILVA, Carlos Rebelo da (1954), *História do Sport Lisboa e Benfica, 1904-1954*. Lisboa: Sport Lisboa e Benfica.
- ORNELAS, Ricardo; REIS, Ribeiro dos; SILVA, Domingos Alberto Tavares (1940-1953), *História dos Desportos em Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Editorial Inquérito.
- PACHECO, Hélder (2011), *Académico Futebol Clube. Um século na vida portuense, ao serviço do desporto*. Porto: Afrontamento.
- PARREIRÃO, Henrique (1989), "As origens do futebol e de outros desportos em Portugal". In REIS, António (1989), *Portugal Contemporâneo*, Vol. 3. Lisboa: Alfa.
- PARREIRÃO, Henrique (1989), *Os anos de diamante, 1914-1989*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- PERDIGÃO, Carlos (2004), *Sport Lisboa e Benfica, 100 gloriosos anos*. Matosinhos: Quidnovi.
- Pinheiro, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Afrontamento.
- RODRIGUES, José (2002), *Belenenses – O Primeiro Campeonato de Portugal (1926-27)*. Lisboa: EstarEditora.
- ROSA, Acácio (1960), *Factos, Nomes e Números da História do Clube de Futebol «Os Belenenses»*. Lisboa: [s.n.].
- S.A. (1973), *Cinquenta anos ao serviço do Futebol Português*. Braga: Associação de Futebol.
- S.A. (1988), *Bodas de Diamante: 1912-1987*. Porto: Associação de Futebol do Porto.
- SANTANA, João; MESQUITA, João (2007), *Académica: História do Futebol*. Lisboa: Almedina.
- SÉRGIO, Manuel (2003), *Algumas teses sobre desporto*. Lisboa: Compendium.
- SERPA, Homero; SERPA, Vítor (2004), *História do Futebol em Portugal*. Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.
- SERRA, Pedro; SERRADO, Ricardo (2014), *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de abril. Uma análise social e cultural*. 2.ª ed. Lisboa: PrimeBooks.
- SERRADO, Ricardo (2009), *O jogo de Salazar – a política e o futebol no Estado Novo*. Lisboa: Casa das Letras.
- SIMÕES, António (2012), *Desporto com Política nos 100 anos da República*. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda.
- SIMÕES, António; FRANCISCO, José do Carmo; SERPA, Homero (coord.) (1995), *Glória e Vida de Três Gigantes*. Lisboa: *A Bola*.
- SIMÕES, Joaquim Santos (1995), *Futebol Vimaranense: das origens aos estádios*. Guimarães: Gráfica Covense.
- SOUSA, Manuel de (1997), *História do Futebol: origens, nomes, números e factos*. Mem Martins: SporPress.
- TEIXEIRA, José (2004), *Uma cidade de futebol*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- TELES, Rodrigues (1954-1955), *História do Futebol Clube do Porto*, Vol. 1-2. Porto: Tipografia Marca.
- TOVAR, Rui Miguel (2012), *Almanaque do Benfica: A História do Clube desde a sua fundação*. Lisboa: Lua de Papel.

- TOVAR, Rui Miguel (2016), *Almanaque do Leão*. Sporting Clube de Portugal 1906-2016. Lisboa: Top Books.
- TOVAR, Rui Miguel (2016), *Restelo – 60 anos/60 jogos*. Lisboa: PrimeBooks.
- TOVAR, Rui Miguel (2018), *Almanaque da Seleção*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.
- VIEIRA, Joaquim (coord.) (2008), *Crónica de Ouro do Futebol Português*, vol. 1-5. Lisboa: Círculo de Leitores.

## PERIÓDICOS

### Generalistas

- A Voz da Justiça*  
*Diário de Coimbra*  
*Diário de Lisboa*  
*Diário de Notícias*  
*Gazeta da Figueira*  
*Gazeta de Coimbra*  
*Jornal de Notícias*  
*Jornal de Coimbra*  
*O Figueirense*  
*O Notícias Ilustrado*  
*O Primeiro de Janeiro*  
*O Século*  
*O Século Ilustrado*  
*Revista ABC*

### Desportivos

- A Bola (Lisboa)*  
*A Voz Desportiva (Coimbra)*  
*Boletim do Sporting Clube de Portugal (Lisboa)*  
*Desportivo das Beiras*  
*O Mundo Desportivo (Lisboa)*  
*O Norte Desportivo (Porto)*  
*Record (Lisboa)*

### **BIBLIOTECAS E ARQUIVOS HISTÓRICOS**

Arquivo Histórico da Educação – Direção Geral de Ensino Superior  
(Arquivo da Direcção-Geral de Educação Física, Desporto e  
Saúde Escolar)

Associação de Futebol de Coimbra

Associação de Futebol de Lisboa

Associação de Futebol do Porto

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Biblioteca Nacional (Lisboa)

Biblioteca Pública Municipal do Porto

Casa Municipal da Cultura de Coimbra

Federação Portuguesa de Futebol

Ginásio Clube Figueirense

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Museu Académico da Universidade de Coimbra

### **ARQUIVOS FOTOGRÁFICOS**

Arquivo Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Associação de Futebol de Coimbra

Biblioteca Nacional de Portugal

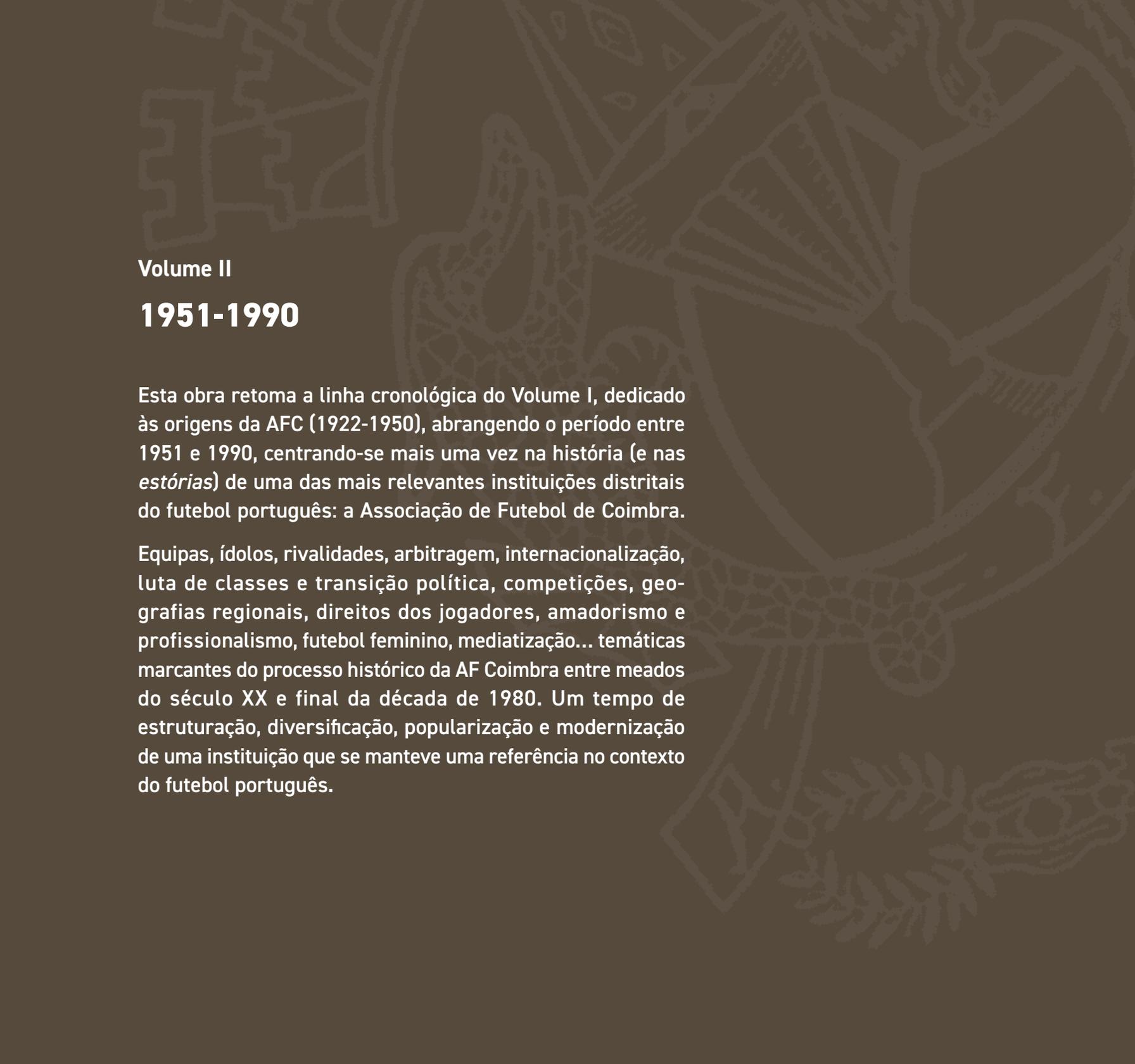
Casa Municipal da Cultura de Coimbra

Ginásio Clube Figueirense

Hemeroteca Municipal de Lisboa







Volume II

## 1951-1990

Esta obra retoma a linha cronológica do Volume I, dedicado às origens da AFC (1922-1950), abrangendo o período entre 1951 e 1990, centrando-se mais uma vez na história (e nas *estórias*) de uma das mais relevantes instituições distritais do futebol português: a Associação de Futebol de Coimbra.

Equipas, ídolos, rivalidades, arbitragem, internacionalização, luta de classes e transição política, competições, geografias regionais, direitos dos jogadores, amadorismo e profissionalismo, futebol feminino, mediatização... temáticas marcantes do processo histórico da AF Coimbra entre meados do século XX e final da década de 1980. Um tempo de estruturação, diversificação, popularização e modernização de uma instituição que se manteve uma referência no contexto do futebol português.